UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

CLÉZIO ROBERTO GONÇALVES

**UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA DO USO DAS
FORMAS VOCÊ, OCÊ E CÊ NO PORTUGUÊS**

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA DO USO DAS FORMAS VOCÊ, OCÊ E CÊ NO PORTUGUÊS

Clézio Roberto Gonçalves

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de
Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de Concentração: Semiótica e Lingüística Geral
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Irenilde Pereira dos Santos

SÃO PAULO
2008

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada devidamente a fonte. Contatos com o autor: clezzio@uai.com.br; clezio@pucminas.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Bibliotecário da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G635a	<p>Gonçalves, Clézio Roberto</p> <p>Uma abordagem sociolingüística do uso das formas você, ocê e cê no português / Clézio Roberto Gonçalves. – São Paulo, 2008.</p> <p>349 f.: il.</p> <p>Orientadora: Prof^a. Dr^a. Irenilde Pereira dos Santos.</p> <p>Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Lingüística Bibliografia.</p> <p>1. Língua portuguesa – Pronomes – Arcos (MG) - Teses. 2. Língua portuguesa – Uso 3. Língua portuguesa – Pronome I. Santos, Irenilde Pereira. II. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. III. Título</p> <p>CDU: 806.90-24</p>
-------	---

Bibliotecário: Fernando A. Dias – CRB6/1084

Tese defendida por **CLÉZIO ROBERTO GONÇALVES**, em 10 de outubro de 2008, e aprovada pela Banca Examinadora, constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^a. Irenilde Pereira dos Santos - USP
ORIENTADORA

Prof. Dr. Aldo Eustáquio Assir Sobral - UFOP

Prof^ª. Dr^a. Nancy dos Santos Casagrande - PUCSP

Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva - USP

Prof^ª. Dr^a. Ângela Cecília de Souza Rodrigues

**“Multa renascentur quae jam cecidere,
cadentque quae nunc sunt in honore
vocabula, se volet usus, quem penes
arbitrium est et ius et norma loquendi”.**

**“Muitas palavras que já morreram
terão um segundo nascimento, e cairão
muitas das que agora gozam das honras,
se assim o quiser o uso, em cujas mãos
estão o arbítrio, o direito e a lei da fala”.**
(Horácio, Ars Poética)

Dedico, com muito carinho, a meus pais, Geraldo e Maria das Dôres; a meus irmãos, Cléver, Cláudia e Cleide; a meus sobrinhos, Rafael e Ana Carolina. Gente de valor... MUITO valor !!!

AGRADECIMENTOS

A minha mais sincera e profunda gratidão

- a **Deus**, em primeiro lugar, que, neste caminho, deu-me força e condições para empreender esta tarefa e finalizá-la;
- à mestre, orientadora, amiga e sempre prestativa, Prof^a. Dr^a. **Irenilde Pereira dos Santos** (especiais agradecimentos), pelas lições teóricas e de vida, pela orientação cuidadosa, precisa e eficiente;
- à co-orientadora estrangeira Prof^a. Dr^a. **Olívia Maria Ferreira Gonçalves Figueiredo** da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Porto, que, dedicadamente, orientou meus passos em Portugal;
- aos membros da Banca do Exame de Qualificação, Prof^a. Dr^a. **Ângela Cecília de Souza Rodrigues** (USP) e Prof. Dr. **Luiz Antônio da Silva** (USP), que muito contribuíram com comentários e sugestões para o aperfeiçoamento deste estudo;
- à Prof^a. Dr^a. **Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos** (PUC-SP), que, muito gentilmente, me abriu os caminhos rumo a Portugal;
- ao Prof. Dr. **Aldo Eustáquio Assir Sobral** (UFOP), pelo estímulo e interesse com que acompanhou o desenvolvimento deste trabalho desde o início;
- à Prof^a. Dr^a. **Sandi Michele de Oliveira** (Universidade de Copenhague, Dinamarca), pela gentileza do envio de seus textos para a complementação desta pesquisa;

- à Prof^a. Dr^a. **Adriana Cristina Cristianini** (UNIBAN), que, com atenção e dedicação, se prontificou a fazer uma leitura cautelosa do texto final;
- à Prof^a. Ms. **Maria da Glória Celestino** (CEFET-Ouro Preto), que, prontamente e com grande gentileza, muito me auxiliou na seleção dos mapas;
- à **Lílian Teixeira** que, soube, pacientemente, me conduzir aos meandros do Programa GoldVarb 2001;
- às colegas Prof^a. Dr^a. **Priscila Campolina de Sá Campello** e Prof^a. Ms. **Daniela Lopes Dias** pela preciosa ajuda, quando mais precisei;
- ao amigo Prof. Ms. **Dimar Silva de Deus**, que tornou menos árdua a realização deste trabalho;
- aos **professores** do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), que compartilharam comigo muito de seus mais específicos conhecimentos;
- aos colegas do Grupo de Pesquisas em Dialectologia e Geolingüística (GPDG/USP) – **Adriana, Márcia, Maria Teresa e Roseli** – que, com apoio e incentivo, compartilharam comigo um projeto acadêmico e um projeto de vida;
- à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** (CAPES), pelo apoio financeiro concedido, por ocasião do Doutorado Sanduíche, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Porto, Portugal;
- à **Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais** (PUC Minas), que, por meio do Programa Permanente de Capacitação Docente (PPCD), me apoiou desde o início nesta jornada;

- ao **Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto** (CEFET – Ouro Preto), que, bem à sua maneira, resolveu proporcionar-me melhores condições de concretizar este ideal;
- ao **Alexis Pereira da Silva**, amigo e companheiro, que de tantas maneiras me possibilitou manter o empenho e o humor, mesmo nos momentos mais difíceis;
- aos **colegas** da PUC Minas e da Coordenadoria da Área de Língua Portuguesa (CODALIP/CEFET-Ouro Preto), que me possibilitaram dispensar um pouco mais de dedicação à elaboração deste trabalho;
- aos **funcionários** do Centro de Lingüística e da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sempre muito atenciosos e prestativos;
- à minha **família** (pais, irmãos, cunhados e sobrinhos) que sempre me respeitaram, me apoiaram e entenderam meu afastamento no período final de redação deste trabalho,
- aos **amigos** mais próximos, que sempre souberam compreender muito bem este meu momento;
- aos **documentadores** (meus alunos da PUC Minas Arcos) e aos informantes arcoenses, indispensáveis colaboradores;
- aos **funcionários** do Departamento de Lingüística da FFLCH/USP, que sempre me atenderam prontamente;
- a **todos** que me incentivaram; em especial, àqueles que de alguma forma contribuíram para este meu momento de superação e contentamento, mas, pelas circunstâncias, não foram citados como mereceriam.

RESUMO

Esta Tese de Doutorado apresenta um estudo da variação das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* no português oral do centro-oeste mineiro, especificamente da cidade de Arcos, adotando-se os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista e da Sociolingüística Interacional. A alternância do uso dessas variantes é influenciada por fatores lingüísticos e sociais. Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico do Programa GoldVarb 2001. O objetivo geral da pesquisa é, a partir dos estudos já realizados sobre o uso da forma *você* e suas variantes, investigar os fatores lingüísticos e sociais, que condicionam a variação e a função interacional do pronome *você*. Foi analisado um total de 510 dados, obtidos em narrativas individuais orais espontâneas com 40 informantes de Arcos (MG), sendo 20 da área urbana e 20 da área rural, de ambos os sexos, agrupados em três faixas etárias (15-30 anos, 31-59 anos, 60 anos ou mais). Os principais resultados encontrados indicam que o perfil da variação é de variação estável e que, segundo a abordagem interacional, a forma *você* se comporta como um pronome de poder e as formas *ocê* e *cê*, como pronomes de solidariedade.

Palavras-chave:

Sociolingüística, Interação, Língua Portuguesa, Pronome de Tratamento, *Você* (*ocê* e *cê*).

ABSTRACT

This Doctorate Dissertation presents a study regarding the variation of the pronominal forms *você* (you), *ocê* and *cê* in oral Portuguese from the Midwest of the Minas Gerais state, specifically the city of Arcos. For such, I have worked with the theoretical-methodological presumptions from Variational Sociolinguistics and Interactional Sociolinguistics. The alternation in use of these variants is influenced by linguistic and social factors. The data were statistically treated with the GoldVarb 2001 Program. The general objective of this research is, from the studies already made on the use of the *você* form and its variants, to investigate the linguistic and social factors, which condition the variation and the interactional function of the pronoun *você*. A total of 510 data, obtained in spontaneous oral individual narratives with 40 informants from Arcos (MG), was analyzed. Twenty of them were from the urban area and the other 20 informants were from the rural area. There were informants from both genders, grouped into three age ranges (15-30 years old, 31-59 years old, 60 years or older). The main results found in this research indicate that the variation profile is stable and that, according to the interactional approach, the *você* form behaves as a pronoun of power and the *ocê* and *cê* forms as solidarity pronouns.

Key words:

Sociolinguistics, Interaction, Portuguese, Treatment Pronoun, *Você* (*ocê* and *cê*).

RESUMÉ

Cette Thèse de Doctorat présente une étude de la variation des formes pronominales *você*, *ocê* et *cê* dans le portugais oral du centre-ouest de Minas Gerais, spécifiquement de la ville d’Arcos, en soutenant le cadrage théorique-méthodologique de la Sociolinguistique Variationniste et de la Sociolinguistique Interactionnel. L’alternance de l’utilisation de ces variantes est influencée par des facteurs linguistiques et sociaux. Les données ont été soumises au traitement statistique du Programme GoldVarb 2001. L’objectif général de la recherche est, à partir des études déjà réalisées sur l’utilisation de la forme *você* et leurs variantes, enquêter sur les facteurs linguistiques et sociaux qui conditionnent la variation et la fonction interactionnelle du pronom *você*. On a analysé un total de 510 formes, obtenues à partir de récits individuels oraux spontanés produits par 40 informateurs de Arcos (MG), dont 20 sont du secteur urbain et 20 du secteur rural, des deux sexes, comprenant trois différentes tranches d’âges (15-30 années, 31-59 années, 60 ans ou plus). Les principaux résultats indiquent que le profil de la variation est du type « variation stable » et que, selon le point de vue interactionnel, la forme *você* se comporte comme un « pronom de pouvoir » et les formes *ocê* et *cê*, comme des « pronoms de solidarité ».

Palavras-chave:

Sociolinguística, Interaction, Língua Portuguesa, Pronome de tratamento, *Você* (*ocê* e *cê*).

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Regiões de Planejamento de Minas Gerais	149
Figura II – Localização Geográfica da Cidade de Arcos (MG)	150

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Alterações sofridas pelo sistema pronominal do PB	82
Quadro II – Distribuição da forma <i>você</i> no Subcorpus de Referência do Português Contemporâneo	138
Quadro III – Situação de comunicação em que ocorre a forma <i>você</i>	139
Quadro IV – Perfil social dos informantes	153
Quadro V – Constituição e caracterização da amostra	158
Quadro VI – Critérios para transcrição	164
Quadro VII – Objeto de análise	169
Quadro VIII – Codificação das variáveis	177
Quadro IX – Pronome de poder e solidariedade	221

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Distribuição das variantes inicialmente consideradas	184
Tabela II – Distribuição das variantes segundo o contexto de interpretação	185
Tabela III – Distribuição das variantes segundo o ambiente fonológico que precede a forma	187
Tabela IV – Distribuição das variantes segundo a função sintática	188
Tabela V – Distribuição das variantes segundo o tipo de frase	190
Tabela VI – Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica	192
Tabela VII – Distribuição de “ <i>você</i> versus <i>ocê/cê</i> ” segundo a procedência geográfica	194
Tabela VIII – Distribuição das variantes segundo a classe social	196
Tabela IX – Distribuição de “ <i>você</i> versus <i>ocê/cê</i> ” segundo a classe social	198
Tabela X – Distribuição das variantes segundo a faixa etária	198
Tabela XI – Distribuição das variantes segundo o gênero	200
Tabela XII – Distribuição de “ <i>você</i> versus <i>ocê/cê</i> ” segundo gênero	201
Tabela XIII – Uso da forma padrão <i>versus</i> uso da forma não-padrão	203

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I – Distribuição das variantes	183
Gráfico II – Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica: área urbana	195
Gráfico III – Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica: área rural	195

LISTA DE ABREVIACÕES E ABREVIATURAS

Aj. – ajudante

ALERS – Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

AMI – Assistência Médica Internacional

CAPE – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET-Ouro Preto – Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto

Cf. – confira

CLUL – Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa

CODALIP – Coordenadoria da Área de Língua Portuguesa

Compl. – complemento

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRPC – *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo

DF – Distrito Federal

ES – Espírito Santo

ETIM – Etimologia

EUA – Estados Unidos da América

FAPEMIG – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

FFLCH/USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

FIP – Fundo de Incentivo à Pesquisa

G1, 2, 3 – Geração 1, 2, 3

GRAM – Gramática

GT – Gramática Tradicional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MA – Estado do Maranhão

MG – Estado de Minas Gerais

OC – Ocorrências

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PE – Português Europeu

Projeto NURC/SP – Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo

pron. trat. – pronome de tratamento

pron. indef. – pronome indefinido

PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PUC Minas Arcos – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – *campus* Arcos

UCLA – Universidade da Califórnia em Los Angeles

UNIBAN – Universidade Bandeirantes

VARISUL – Variação Lingüística da Região Sul do Brasil

VALPB – Variação Lingüística da Paraíba

P1 – primeira pessoa

PIB – Produto Interno Bruto

PR – Peso relativo

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Un. – Universidade

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFSJ – Universidade Federal de São João d’el Rei

SUMÁRIO

Lista de figuras	xiii
Lista de quadros	xiii
Lista de tabelas	xiv
Lista de gráficos	xv
Lista de abreviações e abreviaturas	xvi
 INTRODUÇÃO	 21
 I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	 32
1.1 A Sociolingüística Variacionista	32
1.2 A Sociolingüística Interacional	46
 II AS FORMAS VOCÊ, OCÊ E CÊ	 76
2.1 O Sistema Pronominal no Português Europeu e no Português Brasileiro	77
2.2 A Forma Pronominal <i>Você</i> nos Estudos Portugueses	84
2.3 A Forma Pronominal <i>Você</i> nos Estudos Brasileiros	94
2.3.1 A forma pronominal <i>você</i> sob a perspectiva diacrônica	94
2.3.2 A forma pronominal <i>você</i> sob a perspectiva sincrônica	111
2.4 O Comportamento da Forma Pronominal <i>Você</i> em Portugal	135

III MÉTODO E PROCEDIMENTOS	146
3.1 Panorama Histórico-Geográfico de Arcos (MG)	146
3.2 Perfil dos Informantes	150
3.3 Amostra	155
3.4 Coleta de Dados	159
3.5 Transcrição das Narrativas	161
3.6 Sociolingüística Variacionista	164
3.6.1 Tratamento quantitativo dos dados	165
3.6.2 Variáveis consideradas	169
3.6.2.1 Variável dependente	169
3.6.2.2 Variáveis independentes	170
3.7 Sociolingüística Interacional	178
3.7.1 Quadro, imagem e ritual de tratamento	179
3.7.2 Poder e solidariedade	179
 IV ANÁLISE DOS DADOS	 181
4.1 Sociolingüística Variacionista	182
4.1.1 Comportamento das variantes: fatores lingüísticos	185
4.1.2 Comportamento das variantes: fatores sociais	192
4.1.3 Comportamento da variável: forma padrão <i>versus</i> formas não-padrão	202
4.2 Sociolingüística Interacional	205
4.2.1 Situação interacional: quadro, imagem e ritual de tratamento	206
4.2.2 Poder e solidariedade na interação social	215

V CONCLUSÃO	222
REFERÊNCIAS	236
ANEXOS	276
Termo de Consentimento	277
Ficha Informativa	278
Trechos das Narrativas Orais	279
1 Trechos das narrativas urbanas de 10 informantes masculinos	279
2 Trechos das narrativas urbanas de 10 informantes femininos	297
3 Trechos das narrativas rurais de 10 informantes masculinos	314
4 Trechos das narrativas rurais de 10 informantes masculinos	335
Fotos da Cidade de Arcos (MG)	348
Localização Geográfica: Belo Horizonte/Arcos (MG)	349

INTRODUÇÃO

Este estudo – **Uma abordagem sociolingüística do uso das formas *você, ocê e cê* no português** – considera que a língua é um fato social, cuja existência se fundamenta nas necessidades de comunicação e de interação, de maneira que estuda a língua em seu contexto real de uso, levando-se em consideração as relações entre estrutura lingüística e os aspectos sociais, culturais e interacionais da produção lingüística.

A partir dos estudos já realizados sobre o uso da forma pronominal *você* e suas variantes na fala mineira, como Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006), esta tese tem como **objetivo geral** investigar os fatores lingüísticos e sociais que condicionam a variação e a função interacional das formas pronominais *você* (padrão), *ocê* e *cê* (não-padrão).

Trata-se de uma pesquisa centrada na investigação do comportamento da variação e da função interacional das formas pronominais (*você, ocê* e *cê*) no português mineiro falado na cidade de Arcos e na descrição do pronome *você* no português europeu (PE). A característica deste estudo é o uso de dados reais de língua do português brasileiro (PB) e do PE.

Está-se, pois, perante um tema tão importante quanto interessante. Importante porque é um tema difícil de definir com exatidão e de forma completa, propício a “uma análise incompleta e nem sempre perfeitamente exata – o que é mais uma prova da complexidade da matéria” (CINTRA, 1972, p. 8) e, daí, a necessidade de conseqüentes abordagens, de forma a que se complementem uns estudos com os outros, nos mais diversos aspectos e

épocas. É, igualmente, um tema interessante, na medida em que diz respeito a todos os falantes que pertencem à mesma sociedade ou que a partilham.

A escolha por Arcos (MG), como universo desta pesquisa, não ocorreu de maneira aleatória e, sim, pelas razões seguintes:

- a) a constatação da importância de estudos lingüísticos voltados para a região do centro-oeste mineiro, focalizando também a área rural;
- b) o incentivo e o apoio da PUC Minas Arcos para se fomentar a pesquisa, naquele *campus* do interior mineiro, motivaram todo o corpo docente a criar uma linha de pesquisa e protocolar o projeto junto à Pró-reitoria de Pesquisa e Graduação, por ocasião da construção do *corpus*, seleção dos informantes e gravação das narrativas deste estudo;
- c) o fato de exercer, na ocasião, a função de Coordenador do Núcleo de Estudos da Linguagem e Coordenador do projeto de pesquisa – **Um estudo variacionista do uso da forma *você* no centro-oeste mineiro** –, ser professor da PUC Minas Arcos, lecionando, nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, as disciplinas Introdução aos Estudos da Linguagem e Introdução à Pesquisa em Comunicação Social; e, no Comércio Exterior, a disciplina Português Instrumental. E, ainda, desenvolver com os alunos uma coleta de dados para constituição de um *corpus* – gravações de narrativas orais com informantes da região do centro-oeste mineiro e transcrição de fitas, durante dois anos, com início em fevereiro de 2001;

d) a necessidade de comparação dos resultados desta pesquisa com os obtidos nos estudos sobre o pronome *você* no dialeto mineiro¹, como o trabalho de Ramos (1997), que se propôs a analisar dados das áreas urbanas das cidades de Belo Horizonte e Ouro Preto (MG); o de Coelho (1999), que desenvolveu um trabalho com dados da região sanfranciscana de Minas Gerais e o de Peres (2006), que faz uma análise em tempo aparente e em tempo real, na cidade de Belo Horizonte.

Uma rápida revisão da Lingüística como ciência, reconhecida como tal há pouco mais de um século, evidencia as diferentes abordagens dadas à forma pronominal *você*, quer seja em estudo diacrônico, quer seja em estudo sincrônico, no PE e no PB. A escolha por uma perspectiva teórica que caracterize e explique os processos de variação lingüística entre as três formas pronominais envolve a concepção que se tem do que seja uma língua e do seu funcionamento.

Esta pesquisa utiliza os métodos quantitativos, com auxílio do suporte estatístico do GoldVarb 2001, de uma corrente teórica que concebe a língua como um sistema intimamente ligado à sociedade que a fala e que sistematiza sua inerente heterogeneidade: a Sociolingüística Quantitativa ou Teoria da Variação.

Sabe-se, ainda, que nos estudos sociolingüísticos pouco se fala em constituição do sujeito social pela interação; com isso, as direções desta pesquisa contemplam, também, uma perspectiva de análise interacional para

¹ Entenda-se dialeto mineiro como o falar das cidades do estado de Minas Gerais pesquisadas. A discussão sobre os limites do dialeto mineiro e outras áreas dialetais do Brasil é uma discussão que ultrapassa os limites do presente trabalho. Confira, a propósito, Zágari (1977).

propiciar a interpretação do que os participantes estão fazendo, quando partilham conhecimentos, por meio da fala, fazem escolhas por formas lingüísticas (*você*, *ocê* ou *cê*) e negociam relacionamentos em suas interações, ou seja: a Sociolingüística Interacional.

Esta pesquisa é de natureza empírica. Assim sendo, interessam-nos os dados do PE e os dados do PB, precisamente dados do dialeto mineiro, apenas na medida em que esses dados ilustram/confirmam as generalizações, as hipóteses, as regras e os princípios formulados, a partir de pesquisas (c.f. o item 2.3) e análises fundamentadas em pressupostos fornecidos pelas teorias aqui assumidas.

O presente estudo está pautado em estudos investigativos sobre os fatores lingüísticos, discursivos e sociais das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*, com o propósito de contribuir com a literatura lingüística atestada e publicada por vários estudiosos mencionados no segundo capítulo e nas referências bibliográficas deste trabalho.

Justifica-se, aqui, o propósito deste estudo de se fazer uma análise comparativa com os resultados obtidos por Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006), uma vez que as três pesquisas tratam, também, da alternância entre as três formas pronominais de segunda pessoa indireta na língua falada: *você*, *ocê* e *cê*, no dialeto mineiro. Este propósito visa a contribuir e avançar com os estudos já realizados sobre os itens *você*, *ocê* e *cê*, além de apresentar elementos da zona rural mineira, como Coelho (1999).

O uso das formas pronominais e, também, de tratamento em correlação com as variações lingüísticas pode revelar, numa perspectiva pragmática, os aspectos culturais de uma determinada comunidade de fala. Além disso, ao se estudar *in loco* os fatores sociais do uso de uma forma pronominal, descobre-

se mais sobre o costume, a cultura e a condição sócio-econômica da comunidade de fala, pois as formas de tratamento dizem respeito à relação entre duas pessoas ou mais, na qual o grau de intimidade ou deferência pode revelar o comportamento desses indivíduos, de acordo com as delimitações hierárquicas e políticas.

Escolheu-se o tema para esta pesquisa, a partir de tal pressuposto, uma vez que o sistema pronominal de uma língua sofre mudanças que estão relacionadas às modificações nas relações sociais e nos valores culturais de uma sociedade.

Sabe-se que o estudo das formas *você*, *ocê* e *cê* interessa à lingüística pelas correlações entre as diferentes expressões pronominais e as formas verbais a elas correspondentes. No entanto, essas mudanças lingüísticas devem ser investigadas à luz de condicionamentos internos e externos, a fim de se reconhecer que as mudanças nas relações sociais podem influenciar significativamente, ou mesmo, serem fatores determinantes para as alterações na língua.

Com o propósito de indicar percursos a serem seguidos nesta investigação científica, isto é, orientar a execução desta pesquisa, apresentam-se as seguintes **hipóteses**:

- [1] o uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no PB falado na região arcoense de Minas Gerais constitui uma variável lingüística condicionada por fatores lingüísticos e sociais;
- [2] a função de sujeito é a única que favorece o uso das três variantes;
- [3] o fenômeno de variação entre os itens *você*, *ocê* e *cê*, em estudo, é caracterizado como um caso de mudança em progresso, nos termos de

Labov (1972); com isso, os mais velhos usam mais o item *você* e os mais jovens usam mais as formas inovadoras – *ocê* e *cê*;

[4] a forma *cê* já está implementada na língua, conforme sugere Ramos (1997);

[5] poderá estar havendo certa especialização no uso das variantes, sendo a forma *cê* usada preferencialmente com referência definida e a forma *você* com referência indefinida, nos termos de Ramos (1998);

[6] a forma *você* é reconhecida como própria das pessoas da cidade e a forma *ocê* é reconhecida como própria das pessoas da zona rural;

[7] a forma padrão *você* é a forma mais usada pela classe social mais privilegiada;

[8] a forma padrão *você* e as formas não-padrão *ocê* e *cê* correspondem, respectivamente, a Pronome de Poder e a Pronome de Solidariedade, nos dizeres de Brown e Gilman (1960, 1972).

Em função das hipóteses mencionadas, têm-se os seguintes **objetivos específicos**:

- descrever o comportamento lingüístico e o uso das três formas pronominais em estudo e, a partir daí, fazer uma comparação dos dados desta pesquisa com os resultados obtidos por Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006);

- descrever as estratégias discursivas utilizadas pelo falante ao usar o pronome *você* e suas variantes, no processo de interação não-focalizada²;
- verificar se o uso das formas em estudo *você* (padrão) e *ocê* e *cê* (não-padrão) podem ser consideradas, respectivamente, “pronome de poder” e “pronome de solidariedade”, conforme Brown e Gilman (1960, 1972);
- descrever o uso da forma *você* no português europeu.

Este trabalho, com vistas a atingir o objetivo geral mencionado anteriormente, está organizado da seguinte forma:

Na **Introdução**, apresentam-se, entre outros, os objetivos geral e específicos, as hipóteses levantadas e a justificativa.

O **Capítulo I – Fundamentação Teórica** – apresenta, na primeira seção, o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Variacionista de linha laboviana. Nos termos de Labov (1972), o modelo variacionista tem como proposta explicar e descrever a língua, estabelecendo uma relação entre os contextos sociais e lingüísticos, segundo o qual, à medida que concebe a língua como um fato social, procura verificar de que maneira os fatores lingüísticos (variáveis internas da língua) e os fatores sociais (variáveis relacionadas ao falante) condicionam o fenômeno lingüístico estudado.

Em seguida, na segunda seção, expõe-se um cenário bem amplo dos conceitos teóricos referentes ao processo de interação social. Uma vez que se sabe que nos estudos sociolingüísticos pouco se fala em constituição do sujeito social pela interação. As direções desta pesquisa, conforme já se disse

² De acordo com Goffman (1961, p. 7), pode-se denominar a interação pela simples co-presença, de **não-focalizada**; e a que se inclui a conversação face a face de **focalizada**.

anteriormente na introdução, estão centradas, também, em uma perspectiva de análise interacional, para propiciar a interpretação do que os participantes estão fazendo, quando partilham conhecimentos, através da fala, fazem escolhas por formas lingüísticas (*você, ocê* ou *cê*) e negociam relacionamentos em suas interações, ou seja, esta segunda seção apresenta os pressupostos teóricos da Sociolingüística Interacional.

No **Capítulo II – As Formas “*você, ocê e dê*”** – delineia-se um quadro bem amplo do fenômeno lingüístico em questão no português, apresentando-se estudos gramaticais, filológicos, sociolingüísticos, entre outros. Faz-se uma revisão da literatura lingüística, na primeira seção, sobre o sistema pronominal no português.

As duas seções seguintes enriquecem este estudo com as contribuições de diversos pesquisadores de Portugal e do Brasil sobre a forma pronominal *você* e suas variantes. É preciso, ainda, mencionar o fato de que se deu um destaque especial às dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-graduação em Letras/Língua Portuguesa/Lingüística das universidades brasileiras e portuguesas, com o objetivo de “tirar a poeira” de muita pérola escondida nas frias estantes e arquivos das bibliotecas.

E, por último, na seção 2.4, traçam-se algumas considerações sobre o comportamento da forma pronominal *você* em Portugal. Com o apoio financeiro do Programa da CAPES de Estágio de Doutorando no Exterior (PDÉE), possibilitou-se um estágio de Doutorado Sanduíche, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (Portugal). Fez-se um contato *in loco* com falantes do PE, e, a partir daí, relatam-se algumas observações sobre o desempenho lingüístico do falante português em relação à forma pronominal *você* em situação real de uso.

É preciso deixar bem claro que, em nenhum momento, pretendeu-se, nesta seção, comparar os dados do PB com os do PE. No entanto, há descrições com base em pesquisas realizadas em acervos de Centros Portugueses de Lingüística nas Universidades de Aveiro, Coimbra, Évora, Lisboa e Porto, e, baseadas, também, sobretudo, nas ocorrências do item *você* no subcorpus oral do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL)³.

A pesquisa constitui-se num procedimento racional e sistemático, cujo objetivo é proporcionar respostas às questões propostas. Ao seu desenvolvimento é necessário o uso cuidadoso de métodos, técnicas e procedimentos. Assim sendo, no **Capítulo III – Método e Procedimentos** – a primeira seção, Panorama histórico-geográfico da cidade de Arcos (MG), volta-se para o espaço físico-geográfico, onde se coletaram os dados reais de fala para a pesquisa. Apresentam-se dados histórico-geográficos e socioeconômicos de Arcos, cidade localizada no centro-oeste mineiro. Em seguida, estabelece-se um método de trabalho e se descrevem os procedimentos adotados sobre o perfil dos informantes, a amostra, a coleta de dados e a transcrição das narrativas.

Procura-se descrever, em seguida, os procedimentos metodológicos relacionados à análise na perspectiva da Sociolingüística Variacionista, a saber: o tratamento quantitativo dos dados e as variáveis consideradas (dependente e independentes).

Na última seção deste capítulo, em 3.7, em consonância com o aporte teórico da Sociolingüística Interacional, explicitam-se os elementos

³ **Corpus de Referência do Português Contemporâneo.** Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto-crpc.php> Acesso em: 8 dez. 2007.

constitutivos do método interacional utilizados para se fazer a análise e a interpretação da situação interacional. Partindo-se dos conceitos teóricos propostos por Brown, Ferguson, Levinson, Gilman, Goffman e outros, faz-se uma análise dos atos de linguagem na amostra selecionada, priorizando-se elementos, como: quadro, imagem, ritual de tratamento, relação de poder e solidariedade.

Em seguida, o **Capítulo IV – Análise dos Dados** – parte do pressuposto de que a realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação lingüística e social e sua eventual relação com a mudança lingüística. Além disso, este capítulo demonstra, por meio do uso de métodos estatísticos e do programa computacional GoldVarb 2001, o quanto a variação lingüística convive com interferências de fatores lingüísticos e sociais, como: interpretação definida ou indefinida, ambiente fonológico que precede a forma, função sintática da forma, tipo frasal, procedência geográfica (urbana ou rural), classe social, faixa etária e gênero.

Feita a análise da variação das formas pronominais em estudo, ainda neste capítulo, na segunda seção, parte-se para a análise dos atos de linguagem, a partir das contribuições da Sociolingüística Interacional, nas subseções 4.2.1 e 4.2.2. Estas duas últimas subseções partem do princípio de que o comportamento lingüístico dos interlocutores, durante a interação, é passível de ser analisado e interpretado. Fazem-se, então, a análise e a interpretação, considerando-se ora a interação estabelecida entre o informante e o documentador, ora entre as personagens das narrativas construídas pelo informante.

Um estudo científico não tem seu valor reconhecido se não instigar outras investigações e/ou não levantar questões em aberto para pesquisas

futuras. E esta tese assim o faz, no **Capítulo V – Conclusão**, depois de sintetizar as contribuições deste estudo, sem a pretensão de se esgotar a descrição do uso e do comportamento das formas pronominais *você, ocê e cê* no português.

Em seguida, são apresentadas as **Referências**.

Por último, em **Anexos**, estão o Termo de Consentimento, o modelo de Ficha Informativa dos sujeitos, os trechos das narrativas orais espontâneas do *corpus* utilizado para este estudo sociolingüístico dos itens *você, ocê e cê*, fotos da cidade de Arcos (MG) e a Localização Geográfica de Belo Horizonte e Arcos (MG).

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo se propõe a investigar os fatores lingüísticos, discursivos e sociais que condicionam a variação da forma *você* e sua função interacional, numa perspectiva da Sociolingüística Interacional e com os recursos do aparato teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista. Para tanto, nesta seção, serão apresentados os aportes teóricos que embasarão a análise e que propiciarão a compreensão deste fenômeno lingüístico.

Primeiramente, serão elencados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista, adotados nesta pesquisa, em 1.1. E, em seguida, serão abordados alguns tópicos importantes acerca da Sociolingüística Interacional, na seção 1.2.

1.1 A Sociolingüística Variacionista

Conforme se disse anteriormente, apresentam-se, aqui, os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Lingüística que serão adotados por esta pesquisa. O modelo proposto pela Sociolingüística, em especial a Variacionista, é fundamental neste trabalho, para se estabelecerem os procedimentos metodológicos que servirão como subsídios à análise quantitativa do uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no centro-oeste mineiro.

O termo “Sociolingüística” surgiu, em 1964, como título do trabalho apresentado por Bright - “*Sociolinguistics*” - em um congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), que reuniu lingüistas

interessados nos estudos das relações entre língua e sociedade. Para Bright (1964), a Sociolingüística deve demonstrar a covariação sistemática entre as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade e as diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

A Sociolingüística Variacionista surgiu como uma resposta aos modelos teóricos que consideravam a língua um sistema homogêneo e invariável, e à noção de língua que faz abstração da variação. Concentrando-se nos aspectos sociais da linguagem, ou da linguagem em relação ao contexto social, a Sociolingüística tomou como objeto de estudo a variação lingüística ou a maneira “como os falantes produzem variantes”, de acordo com sua classe social, conhecimento educacional, idade, gênero etc.

Segundo Bright (apud FONSECA & NEVES, 1974):

O termo ‘sociolingüística’ é bastante recente. Da mesma forma que seus co-irmãos mais antigos, ‘etnolingüística’ e ‘psicolingüística’, não é fácil defini-lo com precisão; na verdade, estes três termos tendem a se interseccionar parcialmente quanto a seu objeto e, até certo ponto, a refletir diferenças nos interesses e abordagens dos pesquisadores mais do que no objeto de estudo propriamente dito.

De fato, é correto afirmar que os estudos sociolingüísticos, da mesma forma que os abarcados sobre o nome ‘sociologia da linguagem’, tratam das relações entre língua e sociedade. Mas tal afirmação é excessivamente vaga. Se tentarmos ser mais exatos, observaremos que a sociolingüística difere de algumas preocupações anteriores com as relações língua-sociedade, pelo fato de que, seguindo novas perspectivas da própria lingüística, considera tanto a língua quanto a sociedade como sendo uma estrutura e não uma coleção de itens.

A tarefa da sociolingüística é, portanto, demonstrar covariação sistemática das variações lingüística e social e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção.

Como se vê, o conceito de Bright para a Sociolingüística faz um recorte no quadro geral dos estudos das relações entre língua e sociedade, fixando

como campo específico desse enfoque a chamada Sociolinguística Variacionista. Corroborando esse ponto de vista, Mollica (2003, p. 9) afirma: “A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

A atividade humana da linguagem caracteriza-se por um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias: de um lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade. A conjugação entre essas duas faces tem sido o foco de interesse da Teoria da Variação (ou Sociolinguística Variacionista), que tem como um dos seus principais axiomas o de que as línguas humanas estão em constante mudança, que se propaga de forma gradativa e implica períodos mais ou menos longos de variação em diversos eixos sociais. Tal concepção, ao romper com a estaticidade da clássica dicotomia sincronia/diacronia, pressupõe que um estado de língua é a face sincrônica da mudança linguística, ou seja, é caracterizado pela coexistência de formas representativas de diferentes estágios do sistema. Essa associação entre o sincrônico e o diacrônico lança luzes também sobre as mudanças que ocorreram no passado, na medida em que se pode admitir, com base no Princípio do Uniformitarismo, que as forças e restrições que proporcionam as mudanças em curso numa dada língua no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças já concluídas (LABOV, 1994, pp. 21-23).

A Sociolinguística trabalha tradicionalmente, segundo Chambers (1995), com a noção de estratificação social e com variáveis extralinguísticas clássicas, como idade, gênero, grau de instrução, ocupação, cotação no

mercado, inserção em redes sociais, acesso a bens materiais e culturais e outros.

O significado social da variação lingüística é somente um dos aspectos da disciplina da Sociolingüística. Chambers (1995) focaliza questões atinentes à dialetologia urbana, ao acento ou dialeto como emblema da classe e questões pertinentes às variáveis gênero, idade e etnia. Além disso, o lingüista ainda defende que a Sociolingüística, como o estudo dos usos sociais da linguagem, compreende uma variedade de enfoques possíveis e que, a partir de uma simples conversa, podemos inferir um amplo leque de informação sobre pessoas que não conhecemos. Os tipos de inferências que fazemos tacitamente se enquadram em cinco categorias gerais: pessoal, estilística, social, sócio-cultural e sociológica.

São atributos referentes a características pessoais, impressões sobre a qualidade de voz das pessoas e, assim também, inferências sobre habilidades do falante (por exemplo, fluência, hesitação, vagueza ou articulação discursiva). Essas observações ocorrem espontaneamente, com pouca consciência da nossa parte. São freqüentemente acompanhadas por julgamentos espontâneos e parcialmente motivadas por fatores culturais e vivenciais. Dentre os atributos estilísticos, Chambers (1995) destaca as discriminações espontâneas e quase instantâneas referentes ao grau de familiaridade, idade e hierarquia entre os participantes de uma conversação. Estas diferenças associam-se a correlatos sociais. Por exemplo, o grau de formalidade tende a aumentar em proporção ao número de diferenças sociais entre os participantes.

É Labov (1963), em seu trabalho sobre um fenômeno de mudança fonética, a partir dos dados da fala dos habitantes da ilha de Martha's

Vineyard, e, principalmente, em seus trabalhos sobre a língua falada na Cidade de Nova York, o primeiro lingüista que reúne evidências da variação lingüística e que demonstra que ela é ordenada, padronizada e sistemática. A partir daí, é possível estudar mais profundamente os fatores envolvidos na mudança lingüística. Assim, a Sociolingüística Variacionista firma seu lugar, ao provar que a variação é inerente ao sistema lingüístico.

A forma mais adequada de solucionar os problemas ligados à mudança lingüística se dá por meio da compreensão dos padrões de variação que caracterizam uma comunidade de fala em um dado momento e dos padrões sociais a ela correlacionados. Ao admitir a possibilidade de apreender a mudança na sua graduação, o paradigma sociolingüístico se opõe às posições estruturalistas, que acreditavam ser impossível observar diretamente a mudança lingüística.

No clássico estudo de Fischer (1958), já se delineia a preocupação com a origem da mudança lingüística. Em Weinreich, Labov e Herzog (1968) encontra-se um modelo mais elaborado para o tratamento das questões relativas à mudança. A definição mais clara de hipóteses e procedimentos metodológicos é impulsionada por Labov (1975, 1982) e Cedergren e Sankoff (1974).

Labov (1966) defende que a variação é inerente ao sistema lingüístico e é passível de sistematização, quer dizer, a coexistência de formas numa dada língua é motivada e permite, inclusive, detectar processos de mudanças. Em vista disso, os dados de fala fornecidos pelos usuários de uma determinada língua passam a ser considerados como de fundamental importância para o conhecimento dessa língua.

Dessa maneira, Wenreich, Labov e Herzog (1968) estabelecem relação entre diacronia e sincronia, mostrando que um fato diacrônico tem sua origem em variação sincrônica em uma comunidade específica de fala, ou seja, uma mudança lingüística implica variação; toda mudança é precedida de variação.

O modelo da Teoria da Variação, cujos pressupostos básicos são aqui assumidos, foi proposto por Labov (1972), que insiste na relação entre língua e sociedade e concebe a língua como sistema heterogêneo. Para esse autor, a língua é uma forma de comportamento social, é a manifestação da maneira de conviver de pessoas que vivem numa determinada comunidade, de modo que não há diferença entre lingüística e sociolingüística; ou seja, só podemos conceber a língua dentro de um contexto social. O próprio Labov argumenta que é um equívoco falar em SOCIOLingüística, já que a língua não pode ser concebida fora de seu conteúdo social. Entretanto, é este o nome como fica conhecida essa corrente teórica (PERES, 2006, p. 24).

Ainda segundo Labov (1972), identificar a variação existente na língua de uma determinada comunidade é importante, mas, além disso, é preciso que se identifiquem as condições em que a variação se apresenta, ou seja, os fatores condicionadores da variação, que podem ser de natureza lingüística e de natureza social. Para que os fatores condicionadores de um fenômeno de variação lingüística observado numa determinada comunidade sejam identificados, faz-se necessário analisar quantitativamente dados de fala dessa comunidade. Através dessa análise, observa-se, então, o comportamento das formas variantes, considerando-se frequência (e/ou probabilidade) de uso de cada uma, bem como a atuação, também expressa em termos numéricos, de cada fator hipotetizado como condicionador – ou não – desse uso.

A identificação dos fatores que atuam sobre o comportamento de uma variável lingüística (entendida como um conjunto de variantes) deve ser feita observando-se a comunidade de fala, definida como um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes com relação à língua. Para isso, na realização de estudos lingüísticos numa dada região, é necessário, primeiramente, fazer uma descrição da população a ser estudada e, só a partir disto, selecionar um grupo representativo dessa população.

Labov (1972) diz que o pesquisador, diante de um fenômeno que envolve mudança, precisa identificar a variável dependente (isto é, duas ou mais variantes) e o grupo das possíveis condições para a variação dentro do sistema lingüístico em foco de análise (ou seja, as variáveis independentes). Como uma mudança implica uma variação precedente, num primeiro momento, o falante aprende uma forma alternativa de expressar algo, ficando, assim, dentro duma comunidade duas maneiras de dizer a mesma coisa (a coexistência das duas formas) e, com o tempo, a direção da variação é a favor de uma forma, fortalecendo o seu uso e a outra forma se enfraquece e cede o lugar para a forma vencedora.

Durante o período em que duas (ou mais) formas coexistem, ou seja, em que se verifica um processo da variação, tal processo pode se apresentar, como:

- a) **Uma mudança em progresso** – quando a forma inovadora é mais freqüentemente usada pelos falantes que pertencem à classe média (ou seja, a distribuição da variável apresenta padrão curvilíneo) e pela faixa etária jovem (o que constitui evidência de tempo aparente);

- b) **Uma variável estável** – quando a forma inovadora, se prestigiosa, é mais usada pela classe alta e, se não prestigiosa, é mais usada pela classe baixa (ou seja, a distribuição da variável apresenta padrão não-curvilíneo).

Assumindo tais pressupostos labovianos, Tarallo (1986, p. 06) observa que:

A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é, precisamente, essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação lingüística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?

Como diz Hora (1997):

O principal objeto de descrição dos variacionistas é a fala dos indivíduos como membros de uma comunidade lingüística, ou seja, informantes especificamente escolhidos, através de métodos etnográficos ou sociológicos para representar a comunidade a que pertencem.

Há, por certo, em cada língua, itens lingüísticos que refletem características sociais do falante, do destinatário, ou da relação social entre eles.

No que diz respeito aos falantes, a característica mais comum refletida por itens lingüísticos específicos é o gênero. Há muitos exemplos conhecidos em línguas das Américas e da Ásia (TRUDGILL, 1974). Um exemplo é o apresentado por Pedro (1996, p. 467), em que a lingüista cita as ilhas Caraíbas

da América Central, onde se podem encontrar diferenças significativas em vários aspectos do uso lingüístico por homens e mulheres, nomeadamente o gênero dado aos substantivos abstratos, que são tratados como gramaticalmente masculinos por falantes femininos e gramaticalmente femininos por falantes masculinos.

Embora pareça pouco usual ter itens lingüísticos especificamente reservados ao uso por homens e por mulheres, ou ter diferentes gêneros de acordo com o sexo do falante, a verdade é que, segundo Pedro (1996), há muitas diferenças quantitativas entre falantes masculinos e femininos mesmo em Portugal, onde as mulheres tendem a usar formas mais prestigiadas do que os homens do mesmo grupo social.

Os pressupostos teóricos⁴, sintetizados a seguir, é que deverão orientar, portanto, o desenvolvimento desta pesquisa:

- a) a língua é heterogênea, mas passível de sistematização;
- b) o falante é importante no processo de sistematização de casos de variação;
- c) a relação entre língua e sociedade é relevante e não pode ser desprezada numa análise lingüística;
- d) a compreensão de fatos lingüísticos implica a identificação dos fatores lingüísticos e sociais que condicionam os casos de variação;
- e) os fatores lingüísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística;
- f) a mudança lingüística é transmitida dentro da comunidade como um todo; ela não está confinada a etapas isoladas dentro da família;

⁴ Os quatro últimos itens se baseiam em Tarallo (1990, p. 61).

- g) nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolvem mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade;
- h) a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão.

Nessa mesma direção, Pedro (1996, p. 461) sinaliza que:

A língua não pode dissociar-se do contexto social em que funciona. Em todas as sociedades, as pessoas estão classificadas em categorias e organizadas em grupos. Os indivíduos que formam um grupo têm relações regulares e permanentes entre si, têm direitos e deveres no seu comportamento. Uma família, por exemplo, é um grupo. Os seus membros encontram-se de forma regular, esperam uns dos outros um certo tipo de conduta e são considerados pelo exterior como uma totalidade. Uma categoria não é, portanto, senão um conjunto de indivíduos a que a sociedade atribui algo em comum.

Para a pesquisadora portuguesa, a diversidade lingüística está profundamente ligada à natureza dos grupos e categorias que existem numa dada sociedade. Os dialetos sociais ou socioletos nascem das desigualdades existentes nas sociedades. Os indivíduos que compõem uma sociedade não são iguais. O soldado e o general, a criança superdotada e a criança deficiente, o gordo e o magro não são iguais. Há, por isso, diferenças que se instituem como desigualdade, quer diferenças naturais quer diferenças de posição social. Algumas diferenças baseiam-se na classe social a que o indivíduo pertence, definida quer em termos de posse de bens materiais e/ou culturais, quer em termos psicológicos. Por outro lado, as diferenças de estatuto ou de prestígio

não estão sempre associadas à classe social, pelo menos quando definida em termos materiais e econômicos.

De fato, exemplifica a lingüista, um mecânico pode ganhar bastante mais do que um jovem empregado de um banco e, no entanto, aos olhos da maior parte das pessoas continua a ter uma profissão de menor prestígio social. Nas trocas lingüísticas, o estatuto dos locutores influencia a escolha dos registros, de que já falamos anteriormente. O sujeito social é como um ator que deve representar papéis muito diversos: casado, professor, militante político, pai etc. O seu papel social corresponde ao que se espera dele e o seu repertório verbal é o reflexo desses diferentes papéis. Os papéis sociais são perpetuamente remodelados de acordo com as situações e é nessa atividade simbólica incessante que a língua funciona.

No campo dos estudos da linguagem, a variação lingüística tem sido, através dos tempos, objeto de permanente interesse, dentro da máxima da “unidade na diversidade e diversidade na unidade”, mas é com a Teoria da Variação de base laboviana, tomando corpo no interior de uma teoria da mudança lingüística, no texto célebre de Weinreich, Labov e Herzog (1968) – “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística” –, que os estudos da variação lingüística assumem destaque na literatura lingüística do século XX.

Nos estudos variacionistas, a noção de heterogeneidade (recobrando ampla gama de estilos, dialetos e variantes) é tida como uma característica necessária (imaneente). A língua é concebida como uma estrutura inerentemente variável: a condição normal de uma comunidade de fala é a heterogeneidade. A variação é sistemática e previsível, passível de ser estudada.

O uso real da língua como atividade humana exhibe duas faces aparentemente contraditórias, defendem Mollica (2003, pp. 9-14): de um lado, uma aparência de estabilidade geral e, de outro, o caráter heterogêneo imanente das línguas. O aspecto da estabilidade consiste de um núcleo de estruturas compartilhado por todos os falantes que determina, por exemplo, que o artigo definido será sempre colocado antes do substantivo. Mas há uma vasta área de variação e parte dessa área não se mostra plenamente compartilhada por todos os falantes de uma mesma comunidade de fala. A heterogeneidade pressupõe mudança e variação nas formas lingüísticas empregadas pelos falantes.

A variação no uso das formas alternativas lingüísticas parece caótica à maioria dos estudiosos da escola estruturalista, mesmo que a ocorrência do fenômeno esteja limitada a um contexto bem definido. Assim, segundo Mollica (2003), quando um falante do português produz, às vezes, o [s] em posição final de palavra, como em *casas*, como sibilante e, outras vezes, como *chiente*, como aspiração ou até zero, essa variação parece processar-se sem qualquer regularidade identificável dentro do sistema estrutural. Para o estruturalismo americano, a variação na fala parece aleatória ou ‘livre’, e não admite uma análise rigorosa. O fenômeno, então, é classificado por essa razão como ‘variação livre’, em contra distinção com a noção de que a variante utilizada é condicionada categoricamente pelo contexto. A geração seguinte de lingüistas, de princípios mais abstratos, opta por concentrar a sua atenção no falante/ouvinte ideal que, simplesmente não apresenta o tipo de variação dita ‘livre’ por uma questão de priorização dos objetivos de estudo. Entretanto, a variação categoricamente condicionada é incluída na competência lingüística do falante/ouvinte ideal sob o rótulo de ‘regra optativa’.

Hoje em dia, defende Roncaratti (2007), a partir de Labov (1972), é um princípio aceito por todos que a pressuposta variação livre no uso da língua em verdade, não é livre, mas governada por fatores de natureza estrutural e social. A variação é tida como inerente, regular e, enquanto tal, passível de uma análise lingüística sistemática. Até o momento, a principal fonte da variação tem sido localizada na implementação de mudanças, processo que cria formas alternativas concorrentes até que uma das formas vença a batalha evolutiva. Entretanto, sabe-se que toda mudança provém de uma variação, mas nem toda a variação constitui mudança – também há processos de variação a longo prazo, onde as variantes podem continuar coexistindo durante séculos sem que uma forma vença a outra, isto é variação estável.

Dentre os pressupostos teóricos variacionistas, destacam-se:

- a) A existência de uma correlação entre homogeneidade/estrutura e homogeneidade/sincronia, através da postulação de que a condição normal de uma comunidade de fala é a heterogeneidade e de que essa heterogeneidade é estruturada;
- b) a atuação do princípio do uniformitarismo: as forças lingüísticas que operam hoje para produzir o registro histórico são as mesmas que operaram no passado, e que podem ser hoje encontradas (LABOV, 1975).

A Sociolingüística Variacionista, de metodologia quantitativa, conforme descrito nesta seção, focalizou os estudos empíricos da linguagem de natureza social, por meio de métodos quantitativos. Apesar de esses estudos sociolingüísticos priorizarem a relação entre linguagem e contexto social, e,

ainda, apontar os diferentes níveis de simetria na interação social como elementos constitutivos do desempenho discursivo, pouco se falou em constituição do sujeito social pela interação, tendo a linguagem como uma maneira de ação.

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino de gramática, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Stevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação lingüística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a escola continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras, inclusive daquela que o educando já conhece anteriormente. Dito isso, ele apresenta dois tipos de variedades lingüísticas:

- **Variação dialetal:** as variedades ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores. São elas: variação regional, social, etária e profissional.
- **Variação de registro:** as variedades ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação. São três tipos diferentes: graus de formalismo, modalidade de uso e sintonia.

Na concepção de Silva-Corvalán (2001, p.86),

[...] la sociolingüística trabaja em um constructo teórico básico, la variable lingüística, que se há conceptualizado como dos o más maneras de decir la misma cosa. Estas dos o más maneras o realizaciones de una variable em el habla se denominan variantes de una variable. Por definición, 'las variantes son idénticas em cuanto a su valor referencial o de verdad, pero se oponem em

cuanto a su significado social y/o estilístico' (LABOV, 1972, p. 271)⁵.

Como se vê, a Sociolingüística Variacionista exige que se considere a língua em uso. Fora do dinamismo discursivo, que envolve falante, ouvinte e contexto, a língua se torna mera abstração, impossibilitando análises que levem a resultados capazes de explicar as relações entre ela e seus usos sociais.

Com isso, para se fazer um estudo do pronome *você* e as formas *ocê* e *cê*, num contexto de interação social é necessário destacar alguns conceitos teóricos referentes ao processo de interação. Com este objetivo, a próxima seção, 1. 2, procura descrever a Sociolingüística Interacional, que teve sua origem em estudos iniciados concomitantemente com os estudos sociolingüísticos variacionistas e desenvolveu-se paralelamente a estes sem, contudo, ter havido um ponto de encontro nas primeiras décadas.

1.2 A Sociolingüística Interacional

Falar em formas de tratamento é falar em comunicação e em interação. De acordo com Pedro (1996, pp. 449-475), a interação não ocorre num vazio, implica, sim, um conjunto de componentes que a torna pertinente e adequada. Fala-se com alguém num espaço e num tempo concretos, em determinadas situações, ajustando-se os modos de falar aos interlocutores, às características locais e às situações envolventes.

⁵ [...] a sociolingüística trabalha em um constructo teórico básico, o da variável lingüística, cujo conceito é o de possuir duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. Estas duas ou mais maneiras ou realizações de uma variável na fala são chamadas variantes de uma variável. Por definição, 'as variantes são idênticas no que se refere a seu valor referencial ou de veracidade, mas se opõem quanto a seu significado social e/ou estilístico'. (Tradução minha).

Desde o princípio do século XX que a interação humana tem sido estudada com muito interesse por inúmeros investigadores das diferentes áreas científicas. A importância da análise da interação face a face aumentou, sobretudo, a partir de meados dos anos 50, no âmbito da Psicanálise e da Sociologia norte-americanas, assim como de outras áreas vizinhas. É objeto de investigação da Psiquiatria, da Psicologia, da Sociologia, da Lingüística, da Antropologia, da Etologia, da Engenharia Informática etc.

Dentro da área da Sociologia destaca-se Goffman que, influenciado por Simmel (1939) e por Durkheim, sugeriu que se observasse o comportamento na interação da perspectiva do seu funcionamento no sistema interacional e não da perspectiva de como a interação revela as intenções do indivíduo ou aspectos da sua personalidade. Para Goffman, a interação face a face constitui uma realização de ordem social, governada por um conjunto de normas, que pretende descrever, a partir da análise de conversações face a face do quotidiano. Para estudar a natureza ordenada da interação que se manifesta em todas as circunstâncias de co-presença, Goffman considera não só a fala, mas também o aspecto exterior, os gestos, a posição e a postura dos interactantes e muitos outros aspectos interacionais. Ele contribuiu para o estudo da interação verbal e não-verbal com novos conceitos e perspectivas de observação, que foram adotados por outras orientações teóricas como a Análise do Discurso, a Sociolingüística Interacional, a Lingüística Pragmática, a Análise de Contexto, a Análise da Conversação etc. Goffman (1976) demonstra que na base da conversação está uma unidade interacional que pode ser não-verbal e se apóia em inferências, ou seja, deduções que o falante e o ouvinte podem realizar, a partir do contexto de enunciação e do seu saber comum.

A noção de interação emergiu de numerosos domínios das Ciências Humanas com orientações epistemológicas comuns e uma atitude metodológica convergente na qual “não se trata de compreender e teorizar o funcionamento de um sujeito isolado, mas de considerar este como um elemento mais vasto que inclui a relação com o outro e o contexto; é este sistema que constitui a unidade base de análise” (Marc & Picard, s.d., p. 8). Tendo em conta que a interação é “uma ação recíproca entre dois ou mais corpos”⁶, há três vertentes essenciais a considerar: são elas as noções de ação, de reciprocidade e de presença de dois ou mais sujeitos. Nas palavras de Marc e Picard (s.d., p. 9), existe interação social apenas “[...] na medida em que a percepção do sujeito perceptor é modificada pela expectativa de uma reciprocidade [...]. Da mesma maneira, o fato de o sujeito apercebido se saber como tal, pode levar a modificar a sua aparência, as suas atitudes, palavras, condutas [...]” A esses elementos, Goffman (1974, p. 7) acrescenta a noção de co-presença que permite distinguir interação de relação, uma vez que esta pode estabelecer-se e manter-se mesmo à distância. Já as interações apenas têm lugar quando há uma presença conjunta e, segundo ele, as interações se estabelecem em virtude dessa presença conjunta.

A definição de interação ficaria incompleta se não nos referirmos à interação enquanto processo de comunicação que tem lugar num determinado espaço e tempo. Marc e Picard (s. d., p. 16) atestam que:

a comunicação não é um processo linear entre um emissor e um receptor, mas um processo interativo no qual os interlocutores ocupam alternadamente uma ou outra posição... [ela aparece] como um fenómeno relacional onde os interlocutores, a situação, os

⁶ Dicionário de Língua Portuguesa. 6. ed. Porto: Porto Editora, p. 950.

comportamentos, interagem estreitamente entre si, formando um sistema circular de ações e reações, de estímulos e de respostas.

Desse modo, o fenômeno da interação tem regras próprias que nenhum dos intervenientes controla por completo. Portanto, para compreender a comunicação, não basta observar o comportamento e registrar as palavras dos interlocutores, mas é preciso ir mais além e questioná-los sobre a significação que eles próprios atribuem aos seus atos e palavras.

A noção de interação adquiriu um papel de grande importância em consequência de contributos de vários domínios das Ciências designadamente da Psicologia Social, da Psicologia Genética, da Psicologia Clínica, da Sociologia, da Antropologia Social, da Lingüística Pragmática, da Sociolingüística etc. Numerosos investigadores (MEAD, 1934; BATESON, 1972; GOFFMAN, 1974; BIRDWHISTELL, 1970; GARFINKEL, 1967) foram pioneiros na sua forma original de abordar os fenômenos de relacionamento, tendo como ponto de partida o processo de comunicação enquanto “fenômeno global (que integra) diversos modos de comportamento (a palavra, a mímica, o olhar, os gestos, a distância interpessoal”...

Mead (1963), um dos membros mais prestigiados da Escola de Chicago, apresentou uma nova concepção do “Eu” como estrutura social que resulta das constantes interações com os outros, ou seja,

[...] é comunicando com os outros, utilizando as categorias de uma linguagem comum, que nós organizamos o pensamento, descobrimos quem somos, as categorias sociais a que pertencemos e os papéis que estamos destinados, em parte, a cumprir (MEAD, 1963, apud AMADO, 2001, p. 29).

Mead (1963) acrescenta que, numa interação, cada interveniente interpreta os atos do outro e reage em função dessa interpretação. Por isso, a compreensão de qualquer fenômeno social é impossível sem que se considerem as “interpretações que dele fazem os atores e os intervenientes” (AMADO, 2001, p. 28).

A análise da interação social não se resume a uma abordagem simplista das trocas imediatas entre os interlocutores, mas implica necessariamente o processo de comunicação que se desenrola nessa interação, que engloba aspectos tais como a própria língua e, também, todos os elementos da comunicação não-verbal, como o vestuário, a apresentação, entre outros aspectos: assim como o contexto em que se insere, sendo que este último engloba não apenas o meio envolvente em que a interação decorre, mas também um conjunto de regras que regulamentam as relações entre os interlocutores.

Constata-se, hoje, em numerosos domínios das Ciências Humanas, uma emergência da noção de interação.

Em Psicologia Social, na qual a interação esteve sempre presente de forma mais ou menos explícita, tende a tornar-se num dos pontos de vista dominantes. Em Sociologia, onde a perspectiva macro-social, baseada nos conceitos de sociedade, classe, estrutura etc., foi preponderante até há pouco tempo, observa-se a interação como um “regresso ao ator”, à analogia e a uma abordagem micro-social. Do mesmo modo, ao lado de uma antropologia das culturas, constituiu-se uma “Antropologia Social” que se interessa pelas relações sociais que se podem apreender concretamente através das interações mais banais e mais quotidianas. Na Linguística Pragmática, a Análise da Conversação, tendo por objeto as interações da linguagem, impõe-se pouco a

pouco ao lado da Análise do Discurso. Em Psicologia Genética, é mais a noção de interações precoces do que o conceito de uma evolução linear da criança que presentemente norteia os investigadores. Em Psicologia Clínica, com a difusão das terapias familiares, é a abordagem renovada da doença mental com fator de perturbação da relação que está na ordem do dia. Poder-se-iam multiplicar os exemplos que mostram a atualidade da perspectiva interacionista.

Contudo, ela fundamenta-se numa corrente histórica de que é necessário citar, pelo menos, alguns iniciadores: Simmel que, no princípio do século, lançou as bases da Sociologia; Mead, um dos membros iminentes da “Escola de Chicago” que apresentou o “Eu” como uma estrutura social resultante das interações coletivas. Depois, nos anos cinquenta, Bateson, propôs um conceito novo de comunicação e fundou a abordagem sistemática em Psicologia; Birdwhistell reintroduziu a gestualidade na linguagem, rompendo, assim, com a hegemonia da palavra; Hall lançou as bases de uma Antropologia do espaço; Goffman estabeleceu uma espécie gramática dos ritos de interação que regem as relações sociais da vida quotidiana; Garfinkel reorientou a Sociologia americana para a observação das práticas sociais, e, nomeadamente, das práticas de comunicação.

A maior parte dos pesquisadores, citados acima, decalcou os seus passos da Etnografia e Etologia. Assim, Goffman sublinhou aquilo que estes trabalhos sobre as interações sociais devem aos etólogos, que, para analisar as relações animais, tiveram que elaborar noções e procedimentos originais:

Ainda mais importante, realizaram um trabalho de campo que lhes permitiu estudar o comportamento dos animais de muito perto, controlando as idéias pré-concebidas. Delas tiraram a capacidade

de separar dos seus pontos de articulação o fluxo da atividade animal aparentemente fortuita, e de isolar os esquemas naturais. Basta fazer observar estas seqüências comportamentais por um observador para que a sua visão sobre o assunto se modifique (GOFFMAN, 1973, t. 2, p. 18).

O termo interação social, na sua etimologia, de acordo com Marc e Picard (s.d., p. 8) sugere a idéia de uma ação mútua, em reciprocidade. Reencontra-se esta idéia, aplicada às relações humanas, na definição proposta por Maisonneuve (1968, p. 51): “A interação acontece sempre que uma unidade de ação é produzida pelo sujeito A e vice-versa” (1968, p. 51). A expressão vice-versa remete para a noção de “*feedback*”, saída da Cibernética e designando um processo circular (formado de anéis de retroação) em que a resposta de B se torna, por sua vez, um estímulo para A. Nesta definição, a interação parece próxima da influência. Estes dois termos podem mesmo aparecer como sinônimos; contudo, existe uma diferença entre eles, pois se se pode falar de influência entre dois sujeitos quando os comportamentos ou as cognições de um são modificados em função da presença ou da ação do outro, segundo “é a reciprocidade, é a conduta-resposta, que dá às condutas em relação ao outro o seu caráter de interação” (Montmollin, 1977, p. 21). O autor precisa este ponto dizendo que perceber uma pessoa não é em si mesmo um fato de interação, pelo contrário:

[...] na medida em que a percepção do sujeito perceptor é modificada pela expectativa de uma reciprocidade, há uma interação social. Da mesma maneira, o fato de o sujeito apercebido se saber como tal, pode levar a modificar a sua aparência, as suas atitudes, palavras, condutas, ou seja, os índices que servem de base aos juízos do perceptor, o que transforma a percepção do perceptor, estamos assim em presença de uma interação social (MONTMOLLIN, op. cit.).

Para complementar este raciocínio, Marc e Picard (s.d., p. 9) defendem que convém acrescentar ainda à noção de “*feedback*” a de co-presença ou de face a face. Assim, o “objeto a estudar deixa-se identificar: trata-se daquele tipo de acontecimentos que têm lugar quando uma presença conjunta e em virtude dessa presença conjunta” (GOFFMAN, 1974, p.7). Este critério permite distinguir a noção de interação das noções vizinhas como as de relação ou ligação que não implicam, necessariamente, a co-presença (uma relação, uma ligação podem manter-se e prosseguir mesmo à distância) ou como de correlação que designa uma estrutura de relação entre duas posições sociais (ligadas à estratificação social, ao status, aos papéis, às identidades). Falar-se-á, assim, de relação amigável, profissional, familiar; de correlação patrão/assalariado, professor/aluno, homem/mulher etc. Se a maior parte das vezes a interação implica relação e correlação, a recíproca não se verifica sempre.

Mas a interação não é só um processo de comunicação interpessoal. É também um fenômeno social, firmado num quadro espaço-temporal de natureza cultural, marcado por códigos e rituais sociais. Toda a relação se inscreve numa instituição que traz consigo modelos de comunicação, sistemas de papéis, de valores e de finalidades. Todos estes fatores contribuem fortemente para uma ritualização das relações sociais.

A Sociolinguística Interacional tem origem disciplinar diversa, baseando-se na Antropologia, na Sociologia e na Linguística, campos com os quais compartilha interesses que relacionam cultura, sociedade e linguagem. Este campo de pesquisa se interessa pelo entendimento de significados sociais e linguísticos, inerentes à interação humana, tendo como foco analítico a produção e a interpretação de enunciados socialmente situados.

Constituem os pilares da Sociolingüística Interacional as contribuições do sociólogo canadense Erving Goffman, as reflexões do antropólogo e lingüista John Gumperz e as propostas de Deborah Tannen. Seguindo a seqüência cronológica de aparição, serão apresentadas as contribuições teóricas destes principais autores para este trabalho.

Esses estudiosos têm servido como referência para a fundamentação das análises destinadas a evidenciar as formas de organização e estruturação do diálogo na interação face a face e fornecem, também, sustentações para a observação do significado social da linguagem no engendramento das relações de poder, tendo em vista os aspectos referentes a diferentes níveis de status social gozados por diferentes sujeitos, grupos e comunidades de fala. Nessa perspectiva, entram em cena caracteres como a construção da imagem de um sujeito para outros nas interações sociais, os valores sócio-culturais embutidos nos códigos lingüísticos e dialetos etc.

As contribuições de Goffman voltam-se para a descrição de como a linguagem é situada em circunstâncias particulares da vida social e de que maneira ela acrescenta significados e estrutura a tais circunstâncias. Goffman (1977) reconhece a importância da linguagem para o estudo de questões abordadas prioritariamente pela Sociologia e pela Antropologia, faz um apelo para que os estudiosos da linguagem e cientistas sociais em geral incluam em seus estudos a importância do aspecto social característico da linguagem na interação.

Goffman (1959), ao propor o já clássico estudo da encenação da vida cotidiana, contribui para a compreensão de nós próprios, analisando o comportamento humano em situações sociais, com recurso a metáforas do meio teatral. A perspectiva proposta é a da representação teatral: os princípios

correspondentes são de ordem dramática. Para Goffman, no palco as coisas que se mostram são simuladas; na vida, provavelmente, as coisas que surgem são reais e nem sempre foram bem ensaiadas. Nas palavras do autor:

[...] Mais decisivamente ainda, talvez, intervém a circunstância de no palco o ator se apresentar disfarçado de um personagem diante das personagens de que os outros atores se disfarçam. A platéia constitui uma terceira parte da interação, uma parte que é essencial e que não estaria presente se o desempenho que no palco se desenrola fosse real. Na vida real, as três partes condensam-se em duas: o papel que um indivíduo representa recorta-se segundo os papéis representados pelos outros presentes, sendo que estes outros constituem, ao mesmo tempo, a assistência (op. cit, pp. 9-10).

Para explicar as interações quotidianas, Goffman utilizou uma metáfora dramática: a vida social pode ser comparada a uma cena, onde os atores fazem uma representação e interpretam os papéis de acordo com a situação. Esta metáfora não implica de modo nenhum que a vida social seja fictícia e que os atores estejam necessariamente conscientes de “representar”; pelo contrário, a maior parte das vezes, estão profundamente implicados no seu jogo e sentem-no como espontâneo.

Nesse sentido, Goffman (1974, p. 32) deixa claro que, em qualquer sociedade, cada vez que surgir a possibilidade de uma interação verbal, entra em jogo um sistema de práticas, de convenções e de regras de procedimento que orientam e organizam o fluxo das mensagens emitidas.

Goffman (1967) conceitua face como valor social positivo que uma pessoa reivindica para si, uma imagem delineada em termos de atributos sociais aprovados, localizada no fluxo dos eventos. São os eventos que vão determinar a resposta emocional que a pessoa vai experimentar: ela se sentirá bem, se os eventos estabelecerem uma fase superior ao esperado e se sentirá

mal, se suas expectativas não forem preenchidas. E o sociólogo ainda acrescenta que o termo *face* é “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma, através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (GOFFMAN, 1981, pp. 76-77).

Com isso, o autor nos mostra que o termo pode ser definido como sendo o valor social que uma pessoa assume durante o contato com os outros. Para ele, *face* é a imagem que a sociedade atribui, é uma máscara, que pode ser usada para se proteger ou atacar. Como se os participantes fossem atores sociais, podendo-se interpretar qualquer papel, dependendo da situação em que estejam envolvidos. Por isso, é que Goffman (1967) acredita que a interação entre as pessoas pode modificar a *face*.

O termo *face* pode receber um sentido conotado para expressar dignidade, auto-respeito e prestígio, representando aspectos afetivos e sócio-cognitivos. Essa dupla conotação é explorada por Goffman (1967) ao empregar a terminologia:

- i) *shame faced* = ficar envergonhado ;
- ii) *to save face* = salvar a face, salvar as aparências;
- iii) *to lose face* = perder a face, perder o prestígio, desacreditar-se.

Goffman (1967) estabelece uma distinção entre “salvar a face” (salvar as aparências) e “perder a face” (perder o prestígio). Estas distinções são realizadas, comparando a cultura anglo-americana à cultura oriental. Na cultura anglo-americana, “perder a face” significa estar, mais ou menos, fora da face, estar na face errada, a partir da noção de *face* de Goffman (1967),

estar envergonhado e sentir-se inferior. Nessa cultura, “salvar a face” significa sustentar para os outros a impressão de não tê-la perdido. Já na cultura oriental, “perder a face” denota estar na face errada, estar fora de face. Sob o ponto de vista do autor, estudar o modo como as pessoas salvam suas faces é estudar as regras de trânsito da interação social.

A face social de uma pessoa é o que ela possui de mais pessoal, o centro de sua segurança e prazer, “trata-se de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade: poderá ser retirada, caso não se comporte de modo a merecê-la” (GOFFMAN, 1981). É uma linha que ela segue perante a sociedade.

Portanto, Goffman, ao tratar do termo face e das suas implicações, utiliza uma linguagem teatral. Isto significa dizer que o homem ao interagir socialmente mostra-se extremamente preocupado com a sua imagem, pois o sucesso da interação muitas vezes pode depender da forma como nos mostramos aos outros.

Para assegurar a imagem pública que estabeleceram, as pessoas executam ações, numa orientação defensiva, com o objetivo de salvar a própria face, e, também, numa orientação protetora, com o objetivo de salvar a face dos outros. Esta teoria da “preservação da face”, proposta por Goffman (1967), consiste em processos por meio dos quais os interlocutores se representam uns diante dos outros de determinada maneira, para explicar os processos de constituição e negociação de sentido na conversação e, conseqüentemente, as condutas sociais envolvidas. Ele considera, repito, que todo indivíduo tem uma face externa (positiva) – o modo como deseja ser visto por outros, que gostaria de ver preservada; e uma face interna (negativa) – seu território íntimo, que não gostaria de ver invadido.

Daí, por que, dependendo da situação, os participantes optam por uma ou outra estratégia de preservação da face que pode ser percebida pela mudança de alinhamento na sua relação com seu falante/ouvinte, consigo mesmo e com o tópico em construção. Ou seja, utilizam alguma estratégia para resguardar sua face como também para não ferir a face do interlocutor. Assim sendo, o uso de uma ou outra estratégia de preservação da face depende da situação – pessoal, profissional, social, familiar etc – em que a pessoa se encontra, que a leva a agir de modo diferente. A partir daí, Goffman (1967) estabelece dois tipos de trabalho de elaboração de face: o processo de evitação (evitar atos potencialmente ameaçadores à face) e o processo corretivo (utilizar atos reparadores).

Uma vez constatada a intrínseca relação entre fatores de ordem sócio-cultural e o uso da linguagem nas interações humanas, torna-se necessária a concepção de um outro modelo de comunicação distinto da noção mais comum de que a comunicação se dá através de um emissor e de um receptor de mensagens que compartilham um único sistema pelo qual as mensagens são codificadas e decodificadas. A noção de emissor/receptor foi destituída com base no argumento de que a interação depende de esforços contínuos e não intermitentes, defende Goffman (1981).

A noção de imagem é outro conceito relevante, desenvolvido por Goffman (1971), para o contexto da interação face a face e que é de grande valia na análise da função interacional do pronome *você*. A imagem, segundo o sociólogo, corresponde à idéia de um valor social positivo, às qualidades socialmente aceitas que correspondem à imagem que cada um pretende dar de si próprio e que também reconhece no outro. Numa situação face a face, cada indivíduo recorre a técnicas rituais de tratamento de imagem, como uma

orientação relativamente defensiva à manutenção da própria imagem e uma orientação protetora em relação à imagem do outro (ibidem, pp. 10-53). Dado que a interação representa uma ameaça para a face de cada indivíduo, falante e ouvinte procuram, por um lado, defender a sua face e, por outro, proteger a face do(s) seu(s) parceiro(s).

Goffman (1976) entende que a satisfação dos condicionamentos rituais salvaguarda a imagem dos participantes que, exposta à interação, pode facilmente ser atingida – porque iniciar uma conversação é obrigar o outro participante a cooperar e colocá-lo numa situação de obrigação, caso este aceite interagir. No mesmo sentido, “terminar a conversação ou mudar de tópico pode ser visto como um atentado à face do parceiro de interação” (GOFFMAN, 1976, p. 267). Para evitar que tal aconteça, os interactantes executam um *management of talk*, processo de escolha dos meios de comunicação mais adequados para cada situação particular, ou seja, estratégias de defesa das faces⁷ (GOFFMAN, 1976, p. 268).

A significação dos rituais só é completamente perceptível quando se tomam em linha de conta os objetivos da interação. Cada ator procura, no encontro, dar uma imagem valorizada de si mesmo e vai esforçar-se para organizar uma representação do seu “eu” que responda a isso. Contudo, esta imagem pretende ser reconhecida e confirmada pelos seus parceiros. É o que Goffman designa pela noção de face.

A face é “o valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente através da linha de ação que os outros suponham que ela adotou no decurso de um contato particular” (GOFFMAN 1974, p. 9). Consiste em

⁷ Este aspecto social da interação foi desenvolvido mais tarde na teoria das faces de Brown & Levinson (1978). Segundo os autores, cada indivíduo tem uma face negativa (a necessidade de defender o seu território e de agir livremente) e uma face positiva (a necessidade de ser apreciado).

dar uma imagem de si, cujos traços são os atributos aprovados socialmente. “Manter a face” ou, pelo menos, não a perder é um objetivo importante da interação social. Uma das funções fundamentais do ritual é a de salvaguardar a face dos interactantes. Uma maneira de atingir estes objetivos é deixar a cada um a escolha do que quer manifestar e do que quer manter escondido. Neste sentido, a noção de reserva é particularmente importante; é simultaneamente uma capacidade concreta (e designa o território que cada um reivindica, tal como se viu como “território do eu”) e um valor simbólico (e remete à esfera interior da intimidade que cada um procura preservar).

É, por isso, que os rituais do saber-viver introduzem uma clara barreira entre o que é privado e o que é público. Os comportamentos que podem ser legítimos em um espaço podem não o ser necessariamente em outro. Esse corte projeta-se na imagem do corpo. Ele também apresenta partes públicas que são objeto de uma apresentação cuidada (o exterior do corpo, a “fachada”: o vestuário, a cara, o penteado, a maquiagem etc.) e partes privadas (tudo o que remete para o interior do corpo) que é necessário cuidadosamente fazer ignorar ou dissimular. O corpo ritualizado é um território e uma representação. Encontram-se nele “locais” nobres e locais vulgares, partes privadas e comuns, o palco e os bastidores (PICARD, 1983, pp. 48-53).

A face exprime-se como o comportamento do ator na decência. É a apresentação efetiva do “eu”, através da postura corporal, do vestuário, da maneira de falar e de se apresentar aos outros. A decência “serve para mostrar aos que nos rodeiam que somos uma pessoa dotada de certas qualidades favoráveis ou desfavoráveis” (GOFFMAN, 1974, p. 69).

É preciso deixar bem claro e retomar, numa perspectiva histórica, que a interação social aparece, em primeiro lugar, como um processo de

comunicação. No entanto, a comunicação não é um processo linear entre um emissor e um receptor, mas um processo interativo, no qual os interlocutores ocupam alternadamente uma ou a outra posição. Assim, é um processo no qual não intervém só a palavra: quando duas pessoas estão em situação de co-presença, a percepção que cada uma tem da outra está carregada de significação; apóia-se sobre todo um conjunto de elementos tais como a aparência física, o cuidado, os gestos, a mímica, o olhar, a postura; cada comportamento torna-se uma mensagem implícita e provoca uma reação como resposta.

Nessa perspectiva, a comunicação aparece como um fenômeno relacional em que os interlocutores, a situação, os comportamentos interagem estreitamente entre si, formando um sistema circular de ações e reações, de estímulos e de respostas. Esse sistema tem a sua dinâmica própria e as suas regras específicas das quais nenhum dos interlocutores tem o domínio completo.

Para Marc e Picard (s.d.), a análise da interação social como processo de comunicação mostra-nos que não a poderemos abordar numa espécie de clausura que a reduza à relação e às trocas imediatas entre os interlocutores. Faz intervir o contexto no qual se inscreve. O contexto não é somente o meio envolvente da interação, o conjunto das circunstâncias nas quais se insere. É mais fundamentalmente um campo social, ou seja, um conjunto de sistemas simbólicos, de estruturas e de práticas.

Este campo social implica, em primeiro lugar, códigos indispensáveis à comunicação. É claro que se trata da língua, mas também de outros sistemas semióticos, como a simbólica do espaço, o vestuário, a apresentação pessoal e, de modo mais lato, o conjunto dos ritos que organizam as relações sociais.

Alguns aspectos do contexto, ou, mais exatamente, da situação – o quadro, as instituições e os rituais – são propostos, ordenadamente, por Marc e Picard (s. d., pp. 79-134) e são caracterizados, resumidamente, a seguir.

➤ **O Quadro**

Situa e circunscreve o encontro no espaço e no tempo. Ou seja, designa as estruturas espaciais nas quais se inscreve a interação. O quadro espaço-temporal não é simplesmente o meio ambiente, espécie de pano de fundo com efeitos relativamente neutros. Estruturado pela cultura, tem um efeito de ordem sobre as relações sociais.

➤ **A Instituição**

É a expressão fundamental do social. Enquanto forma estruturada e estável das condutas, fornece à relação modelos sociais; enquanto organização, representa o quadro concreto, portador de normas, de tipos de relações, de sistemas de papéis, em que se desenrola a maior parte das interações quotidianas.

Na linguagem corrente, a instituição designa um organismo que tem uma estrutura estável, obedecendo a certas regras de funcionamento e perseguindo certas funções sociais. De modo mais lato, as Ciências Humanas vêem na instituição uma forma fundamental de organização social, definida como um conjunto estruturado de valores, de normas, de papéis, de modelos de conduta e de relação. A família, a educação, a religião, os tipos de alimentação, por exemplo, são considerados instituições. Neste sentido, cada cultura aparece como um sistema mais ou menos coerente de instituições que organizam e regulam os diferentes aspectos da vida social. É o mesmo que

dizer que não há relação social que não se inscreva num certo contexto institucional. Esse contexto não é somente um quadro em que a interação decorre, é antes uma matriz que fornece à relação um código, representações, normas de desempenhos e rituais que permitem a relação e lhe dão características significativas.

➤ O Ritual

É para a interação o que a língua é para a palavra; fornece um código, um corpo de regras e de usos, uma espécie de “gramática” que assegura uma harmonização e regulamentação das trocas. Viu-se que a instituição tende a incutir uma regulamentação e uma codificação nas relações sociais que se traduzem por uma ritualização da comunicação.

A noção de ritual vem, por um lado, da Etologia⁸. Designa condutas animais que perderam a sua função operatória original, para tomarem uma significação puramente simbólica. Os rituais revestem a forma de esquemas comportamentais fixos e repetitivos, como salienta Lorenz (1969, p. 71), ao afirmar que: “uma longa série de tipos de comportamentos variáveis tem por base uma única seqüência, rígida e obrigatória, o que evidentemente diminui o risco de ambigüidade na comunicação”.

É, por isso, que uma análise da interação social seria muito parcial se se limitasse ao nível da comunicação imediata e se não a encarasse também como um fenômeno institucional.

As estratégias interacionais inscrevem-se numa espécie de jogo, definido aqui como “um mecanismo concreto graças ao qual os homens

⁸ Estudo dos hábitos e costumes dos animais e da acomodação dos seres vivos às condições do ambiente. (FERREIRA, 1999)

estruturam as suas relações de poder e as regularizam deixando-lhes – e deixando-se – a sua liberdade” (CROZIER & FRIEDBERG, 1977, p. 97).

A organização não é um sistema que engloba e determina as relações ou lhe pré-existe. É o produto do jogo e o seu quadro necessário. A interação humana em uma organização é a “afirmação e atualização de uma escolha num conjunto de possíveis” (op. cit. p. 104) e a troca organizacional só pode vir desta mesma interação.

A tese fundamental da abordagem interacionista é que convém considerar a conversação como um encontro social. Essa noção implica que todo o encontro é determinado pelo seu contexto.

Goffman (1987) mostra os limites inerentes à abordagem lingüística que confere, muitas vezes, a noção de contexto um sentido estritamente discursivo. Ele mostra que em numerosos casos, esse contexto (tal como pode ser estabelecido numa transcrição escrita do discurso) não constitui o quadro de referência obrigatório do locutor. Em primeiro lugar, porque deixa de lado certos elementos da enunciação como a prosódia (e nomeadamente a entoação e a acentuação de certas palavras) que comporta em si mesma uma força ilocutória capaz de transformar a orientação de significação de um enunciado. Acontece o mesmo com todos os elementos não-verbais da comunicação: gesto, mímica, postura, tonalidade da voz etc.

Há, também, normas sociais que constroem as condutas de interação e muito particularmente as trocas verbais. Assim, as regras de delicadeza implicam que se abordem certos assuntos e se evitem outros, que uma petição seja precedida por pedido de desculpas, que se atenuem o que poderia ser tomado como uma crítica etc. Há toda uma série de constrangimentos que tem

origem em pressupostos sobre as condutas “normais” de interação e que comandam a interpretação de uma conversa, sem ser de natureza lingüística:

[...] o discurso permite, certamente, retrair objetivamente os pressupostos. Mas o simples registro nem sempre é suficiente; podemos ter também necessidade de conhecer a biografia e a experiência passada dos participantes. Por conseguinte, o que a linguagem nos permite estudar em matéria de pressupostos conduz-nos para além da linguagem para os dispositivos sociais essencialmente não lingüísticos [...]. Num e noutro caso estão em jogo normas de interpretação culturalmente determinadas e não simplesmente traços sistêmicos de línguas particulares (GOFFMAN, 1987, p. 241).

Apesar de não ser objetivo específico desta pesquisa, faz-se necessário mencionar que este estudo leva em consideração o fato de que quando as pessoas se encontram em situação de interação, a comunicação entre elas não passa somente pela palavra. Outros elementos entram em jogo: o gesto; a postura do corpo; a mímica da cara; a tonalidade da voz; a sua apresentação, conforme exprima à vontade ou embaraço, segurança ou timidez, abertura ou reserva; o arranjo, que implica certa conservação do corpo, mas também fatores externos como o penteado ou o vestuário cujas características denunciam simultaneamente a personalidade dos protagonistas; as normas sociais; a moda e, também, os usos próprios de certos grupos ou de certos meios sociais. Todos estes elementos são portadores de mensagens e constituem aquilo a que se chama a comunicação não-verbal.

Os fatores não verbais interagem a maior parte das vezes com a palavra, mas podem também, em certos casos, contribuir por si só o ato de comunicação. Tendo sido negligenciados durante muito tempo em desfavor da

língua, suscitaram, de acordo com Marc e Picard (s. d.), por reação, há cerca de uma quinzena de anos, numerosas pesquisas.

De modo bem amplo, os trabalhos de Gumperz, o segundo pilar da Sociolingüística Interacional, conforme mencionado anteriormente, a partir de influências recebidas dos primeiros estudos de Goffman, forneceram um entendimento de como as pessoas, apesar de compartilharem o conhecimento gramatical de uma língua, contextualizam diferentemente aquilo que foi dito. Gumperz desenvolve pesquisas refletindo sobre os aspectos lingüísticos associados ao papel dos sujeitos em observação, que contribuíram para aquele pesquisador aprofundar e avançar em reflexões posteriores.

Gumperz (1982) define essa escola, direcionando o foco para as estratégias que comandam as escolhas lexicais, gramaticais, sociolingüísticas e de outros conhecimentos na produção e interpretação de mensagens contextualizadas. Por sua vez, Garcez (1996) acrescenta que os trabalhos conduzidos sob essa orientação, freqüentemente, voltam-se para a tentativa de compreender a organização interacional de situações reais comuns da vida social contemporânea.

Gumperz (1982) chama a atenção para as bases da inferência conversacional no âmbito da interação. Afirma, com base em análise de situações de interação face a face com participantes de culturas diferentes, que o falante sinaliza e o ouvinte interpreta qual a atividade em que estão engajados, ou seja, em qual enquadre estão operando. O autor afirma que:

A diversidade lingüística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais. Numa conversação, os interlocutores – para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida – se baseiam em

conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar (GUMPERZ, 1982, p. 45).

Isso significa que as pessoas interpretam eventos com base em suas próprias definições do que ocorre no momento da interação. Na interpretação das atividades, as pessoas partem de traços que sinalizam qual atividade está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona com a anterior e com a posterior. O autor denomina esses traços como pistas de contextualização, e as definira como “traços lingüísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais”. São os processos relacionados às mudanças de código, dialeto e estilo, fenômenos prosódicos, possibilidade de escolha entre opções lexicais e sintáticas, expressões formulaicas, aberturas e fechamentos conversacionais e estratégias de seqüenciamento.

Além disso, os trabalhos de Gumperz (1982, 2002), sinteticamente, mostram, através de dados empíricos, que mesmo compartilhando o conhecimento gramatical de uma língua, os falantes contextualizam de forma distinta aquilo que foi dito. Assim sendo, não é possível conceber a comunicação oral como um sistema de codificação e decodificação em virtude das diferentes formas (sujeitas a variáveis sociais, culturais, étnicas e situacionais) de se decodificar um mesmo código.

Dentre as preocupações e interesses da Sociolingüística Interacional, Deborah Tannen (o terceiro pilar citado anteriormente), também influenciada por Goffman, destaca a natureza interativa da conversação, sobretudo no que se refere às estratégias interacionais culturalmente identificadas. A autora contribui para a formulação teórica dos estudos lingüísticos de cunho sócio-

interacional, a partir da realização de pesquisas em conjunto com a psicóloga Cynthia Wallat.

De acordo com Tannen (1979), produzir sentido no mundo é fazer conexões entre coisas, e entre as coisas presentes e as coisas que experimentamos ou ouvimos falar. Isto significa que as pessoas, durante todo o tempo, em suas interações, lidam com expectativas. Para a autora, as pessoas usam três processos para converter o conhecimento predominantemente não-verbal em verbal:

- a) a determinação de um esquema, que propicia a identificação do evento;
- b) a determinação do enquadre, que se refere à expressão particular dos indivíduos e suas regras no evento em nível de sentença;
- c) a determinação de uma categoria, para nomear objetos ou ações que são partes do evento.

Esses processos permitem a correspondência de representação interna de eventos particulares e de indivíduos com protótipos internalizados. Esses protótipos internalizados referem-se à expectativa sobre o mundo, baseada em experiência anterior, que é comparada e interpretada em relação com novas experiências.

Junto a essa noção de estruturas e expectativas, Tannen (1979) busca outros elementos em Hymes (1974), Goffman (1974) e Frake (1977) para dar a seguinte definição de enquadre: “(...) são modos significativos de falar”. Assim, para interpretar situações de fala, o ouvinte deve saber em que enquadre o falante está operando, isto é, em que atividade o ouvinte está se engajando, se é uma piada, uma imitação, uma palestra, uma brincadeira etc.

Visto desse modo, o enquadre representa estruturas de expectativas, que incluem os esquemas de conhecimento e que são buscados em experiências passadas. Essas estruturas de expectativas vão aparecer cristalizadas na superfície das formações linguísticas atualizadas nas interações e vão atuar no processamento e na compreensão de situações interativas, moldando e filtrando a percepção das pessoas.

Posteriormente, Tannen e Wallat (1986) refinaram a conceituação proposta por Tannen (1979), diferenciando enquadre e esquema, sugerindo que vários usos do termo enquadre e outros afins se encaixam em duas categorias: enquadres interativos de interpretação – enquadres; e estruturas de conhecimento – esquemas.

Segundo as autoras, a noção interativa de “enquadre” refere-se à noção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem, ou seja, à percepção de qual jogo está sendo jogado. Já a noção de “esquemas” de conhecimento diz respeito às expectativas dos participantes acerca das pessoas, dos objetos, dos eventos, dos cenários no mundo.

Em situações de interação, os comportamentos verbais e não-verbais dos participantes são fontes potenciais de comunicação, e suas ações e intenções de significado podem ser entendidas somente em relação ao contexto imediato, incluindo o que antecede e o que pode vir a seguir.

Junto à noção de enquadres interativos e de esquemas de conhecimento, as autoras tomam de Goffman (1981) a conceituação de *footing* para falar da postura dos participantes dentro das interações e caracterizar seus alinhamentos em dada interação. Para Goffman (1981) *footing* representa uma mudança no alinhamento, assumido tanto para o falante como para o ouvinte, expressa na forma de como tanto um como o outro conduz a produção e a

recepção de um dado enunciado. Além disso, a habilidade de um falante competente transitar, isto é, ir e vir, mantendo a ação em diferentes círculos, pode ser manifestada através de pistas e marcadores lingüísticos.

Os conceitos de enquadres, esquemas e *footing* são aplicados por Tannen & Wallat (1986) para demonstrar a relação particular entre enquadres interativos e esquemas de conhecimento, pela qual uma discrepância nos esquemas pode gerar a mudança de enquadre.

Em termos metodológicos, as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Sociolingüística Interacional investigam processos sociais em micro-universos, bem como buscam estabelecer conexões entre tais processos e outros mais amplos que vêm a constituir a sociedade e a história (GIDDENS, 1984).

Assim sendo, diferentemente de outras abordagens voltadas para a interação, os sociolingüistas interacionais comprometem-se com a preservação de uma visão ampla da situação interacional investigada, gerando contribuições para a descrição de processos sócio-históricos constituídos pelas práticas dos agentes sociais (GARCEZ, 1996). Este autor acrescenta que, além da preocupação em fornecer suporte empírico às suas asserções, os sociolingüistas interacionais buscam facilitar a reintegração de tais asserções às contingências práticas do mundo real dos interagentes nas situações investigadas.

Por essa razão, os resultados das pesquisas neste campo são fundamentados na situação particular investigada, bem como são fornecidas informações contextuais acerca de tais situações para a (re)análise das descobertas por outros pesquisadores que possam se interessar pelo exame de

situações correlacionadas ou pela própria situação examinada, podendo vir a ser analisada por outros ângulos.

Com base nessas considerações, por mais bem formadas que sejam do ponto de vista gramatical, a produção de sentenças, por meio da fala, não constitui comunicação propriamente dita. A comunicação é uma atividade social que demanda a coordenação de esforços de dois ou mais indivíduos. Ela se dá, segundo Gumperz (1982), a partir do momento em que uma ação provoca uma resposta, sendo que a participação nessas trocas verbais, ou a criação e manutenção do envolvimento conversacional, requer conhecimentos e habilidades que ultrapassam a competência gramatical para codificação e decodificação de mensagens isoladamente.

Parafraseando Garcez (1996), em decorrência disto, os participantes de uma conversação não podem ser tomados como entidades abstratas que integram determinados grupos que se orientam por máximas para produzir enunciados a serem respondidos. Ao contrário, eles devem ser pensados em termos concretos, constituídos por corpos físicos que ocupam espaços. Ao mesmo tempo em que produzem situações sociais, são por elas restringidos ou orientados, devendo, mutuamente, compreender suas ações enquanto agem, sem contar com a facilidade de um sistema interpretativo compatível. Assim sendo, cabe aos interagentes um trabalho que vai além da codificação e decodificação de materiais puramente lingüísticos, tendo que processar também um considerável contingente de informações contextuais. Sinteticamente, a comunicação humana fundamenta-se em ações reflexivas verbais e não-verbais situadas em tempo real, sendo processadas, sucessivamente, à medida que ocorrem.

Considerando-se que os interagentes criam e mantêm o envolvimento conversacional que nele encontram-se engajados, “(...) o modelo de ação comunicativa da Sociolingüística Interacional descreve como os participantes processam as ações comunicativas uns dos outros na conversação” (GARCEZ, 1996, p. 58).

Bastos (1993) adverte para o fato de que as estruturas lingüísticas têm sua coerência fundada em fontes não apenas lingüísticas e que, para se analisar o discurso, necessário se faz que se leve em consideração “o mundo” em que o discurso ocorre. Assim, há que se levar em conta não só a organização das falas dos participantes em dada interação, mas como são construídos os diálogos socialmente, tendo em vista os papéis que as pessoas têm de desempenhar na sociedade.

Desse modo, necessário se faz observar o lingüístico e o não-lingüístico, considerando-se as circunstâncias em que a interação acontece e os participantes que dela fazem parte.

A análise a ser feita neste estudo com o pronome *você* enquadra-se dentro da perspectiva sócio-interacional. A interação será vista em alguns de seus aspectos, focalizando o lingüístico e o não-lingüístico como forma de identificar e compreender as relações entre os participantes, tendo em vista o meio social em que se encontram.

Este estudo lança mão, também, das contribuições sobre o modo como o uso da língua em circunstâncias particulares da vida social pode criar significados (GOFFMAN, 1981) e das definições de pista de contextualização (GUMPERZ, 1982), que vão explicar como as pessoas partilham conhecimentos gramaticais da língua em contextos diferenciados de modo a produzir diferentes mensagens. Além desses fundamentos teóricos

mencionados, este trabalho considera, também, as explicações sobre a elaboração da imagem social, que incorpora a noção de face positiva e face negativa (GOFFMAN, 1967; BROWN & LEVINSON, 1987).

As pistas de contextualização só têm significado se consideradas dentro do contexto. Dependem de conhecimento tácito por parte dos participantes, e um compartilhamento, de cooperação mútua. Assim, os participantes têm de atentar para o que é considerado normal e para o que é marcado pelo ritmo, pelo volume da voz, pela entoação e pelo estilo de discurso, para saber em quais termos uma mensagem deve ser interpretada. Além disso, o conteúdo semântico e os sinais não-verbais também constituem pistas de contextualização, os movimentos faciais e gestuais são de grande importância na interpretação de situações de interação. São as pistas de contextualização que vão indicar a mudança de alinhamentos na determinação dos enquadres. Este trabalho, levando-se em consideração o tipo de *corpus* a ser analisado – narrativas orais espontâneas, gravadas em fitas cassete – não se propõe a fazer esse tipo de verificação descrito acima.

A tradição de pesquisa que tem sido chamada de Sociolinguística Interacional desenvolve-se principalmente, conforme já se disse, a partir dos trabalhos da micro-sociologia de Goffman e da linguística antropológica de Gumperz.

Nessa perspectiva de trabalho, constituem contribuições para este trabalho os estudos de Brown & Levinson (1987) que definem, a partir da noção de face de Goffman (1967), face como “ (...) a imagem própria pública que cada pessoa quer reivindicar para si próprio”. Os autores, baseando-se originalmente no modelo de conversação proposto por Grice (1975) e admitindo que a comunicação humana seja racional, classificam dois modelos

de face: face positiva e face negativa. Isto é, as estratégias para se preservar as faces podem ser positivas e negativas, já que as pessoas, na interação, tendem a agir de forma a preservar tanto a face positiva quanto a negativa.

A face consiste na imagem que cada membro quer afirmar para si mesmo e que diz respeito às normas, convenções e valores estabelecidos pelos membros de uma comunidade. Enquanto na face negativa, preserva-se o território, a pessoa, assim como sua liberdade de ação e liberdade contra a imposição; na face positiva, há um desejo de apreciação e de aprovação da própria imagem (BROWN e LEVINSON, 1987, pp. 61-62). Para esses autores, as estratégias utilizadas são influenciadas por três fatores sociológicos: o poder do falante sobre o ouvinte, a distância social entre eles e o grau de imposição envolvido no ato de ameaça à face (op. cit., pp. 15, 71-74).

Em outras palavras, a face positiva relaciona-se ao desejo da pessoa de ser aceita e estimada pelos outros e a face negativa refere-se ao desejo da pessoa de não sofrer imposição pelos outros em sua liberdade de ação. Esses desejos podem ser alcançados por atos como ordem, promessas, críticas, contradições, etc. Para minimizar tais ameaças, as pessoas adotam estratégias do discurso em suas interações. Essas estratégias variam desde a não realização do ato, a especificação das intenções, o uso de ações reparadoras até a realização do ato de maneira indireta.

A escolha de qualquer das estratégias de polidez vai estar na dependência de variáveis tais quais poder, distância social e teor de risco. Conforme o teor de risco, isto é, de ameaça, à face do falante e/ou do ouvinte, o falante vai optar por uma estratégia de polidez. Se o risco é baixo, o falante poderá realizar o ato diretamente. Se o risco é alto, o falante vai procurar uma

estratégia para realizar o ato de modo que a intenção pretendida seja recebida pelo ouvinte através de uma inferência.

Brown & Levinson (1987) chamam a atenção para a utilização das estratégias de polidez dentro de diferentes culturas. Há que se levar em conta os valores atribuídos a Poder e Distância e, ainda, ao Risco de um ato de ameaça à face em relação à qualidade afetiva típica da interação dos membros de uma dada cultura.

Em síntese, conforme já se mencionou anteriormente, os pressupostos teórico-metodológicos apresentados neste capítulo constituem a base teórica para a análise e compreensão do fenômeno lingüístico em estudo. No próximo capítulo, apresenta-se um relato pormenorizado de estudos sobre as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*, além de se descrever o comportamento do item *você* em Portugal.

CAPÍTULO II: AS FORMAS *VOCÊ*, *OCÊ* E *CÊ*

Faz-se, agora, uma revisão da literatura lingüística sobre o tema em estudo, evidenciando as diferentes formas de abordagem. Justifica-se este capítulo, uma vez que este estudo se propõe a contribuir e avançar com os estudos já realizados sobre o fenômeno lingüístico em questão.

Serão elencados, aqui, alguns estudos realizados, em Portugal e no Brasil, sobre o comportamento lingüístico das formas *você*, *ocê* e *cê* e será apresentada, também uma seção sobre o uso do pronome *você* em Portugal. Para isso, este segundo capítulo está organizado em quatro seções, a saber:

2.1 O Sistema Pronominal no Português Europeu e no Português Brasileiro

2.2 A Forma Pronominal *Você* nos Estudos Portugueses

2.3 A Forma Pronominal *Você* nos Estudos Brasileiros

2.4 O Comportamento da Forma Pronominal *Você* em Portugal

Procurou-se enriquecer este trabalho, de natureza prática, com as contribuições de vários outros pesquisadores, portugueses e brasileiros, em sua maioria, que vêm contribuindo com a literatura lingüística sobre os estudos da forma pronominal *você*.

Este capítulo demonstra que houve um garimpo minucioso e bem selecionado de trabalhos, em bibliotecas nacionais e estrangeiras, para que se pudesse apresentar, aqui, um número vastíssimo de abordagens distintas, mas

relacionadas ao tema desta pesquisa, com o objetivo de evidenciar que é um tema que vem sendo, ao longo dos anos, investigado, tanto em Portugal como no Brasil.

Está-se, pois, perante um tema tão importante quanto interessante. Importante porque é um tema difícil de definir com exatidão e de forma completa, propício a “uma análise incompleta e nem sempre perfeitamente exacta – o que é mais uma prova da complexidade da matéria” (CINTRA, 1972, p. 8) e, daí, a necessidade de conseqüentes abordagens, de forma a que se complementem uns estudos com os outros, nos mais diversos aspectos e épocas. É, igualmente, um tema interessante na medida em que diz respeito a todos os falantes que pertencem à mesma sociedade ou que a partilham.

É necessário dizer, ainda, que serão apresentados alguns trabalhos relevantes que, sob vários aspectos, investigam o item pronominal *você*. O objetivo deste capítulo é apresentar um panorama dos principais estudos, privilegiando-se, é claro, aqueles que analisam dados provenientes de um *corpus* com informantes de Minas Gerais, na seção 2.3.

Uma vez que esta pesquisa se propõe, também, a fazer uma análise comparativa e um cruzamento dos dados do *corpus* desta pesquisa com os de Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006), pensou-se ainda, em apresentar outros estudos de mesma natureza e com relevância significativa para a literatura lingüística do PE e do PB.

2.1 O Sistema Pronominal no Português Europeu e no Português Brasileiro

O estudo das formas e convenções de tratamento tem se mostrado de grande importância para o conhecimento do Português, tanto em Portugal

quanto no Brasil. Ao se contemplarem tais formas, conforme já foi dito, descobre-se mais sobre o costume, a cultura e o contexto sócio-econômico de uma comunidade, pois as formas de tratamento dizem respeito à relação entre duas pessoas, na qual o grau de intimidade ou deferência pode revelar o comportamento dessa população, de acordo com as suas delimitações hierárquicas. Sendo assim, os tratamentos, pronominais e nominais, representam, na língua, a relação interpessoal e as maneiras pelas quais os indivíduos se dirigem uns aos outros.

O sistema pronominal do português tem merecido, há anos, uma atenção especial de vários estudiosos da língua, como Nascentes (1956), Santos Luz (1956, 1957, 1958), Said Ali (1971), Cintra (1972), Pontes (1972), Wilhelm (1979), Assis Veado (1980), Mattoso Câmara Júnior (1983), Cintra (1986), Abreu (1987), Abreu e Veiga (1988), Botelho Ramos (1989), Galves (1991, 1993), Monteiro (1991, 1994), Duarte (1993, 1995), Perini (1995), Menon (1995, 1997, 2000), Oliveira (1996), Freitas (1997a, b), Nicolau (1998), Domingos (2000), Ramos e Oliveira (2002), Silva (2003), Lopes (2003, 2004) e outros⁹.

Descrevem-se, a seguir, alguns desses estudos, levando-se em consideração a ordem cronológica, quando possível:

Santos Luz (1956, p. 299) considera a introdução da terceira pessoa do singular para referenciar a segunda pessoa do discurso, como sendo a maior revolução provocada no sistema do tratamento português. Com efeito, desde o sistema herdado do latim, ainda visível nos primeiros textos em português, as

⁹ Guimarães (2004, p. 23), em seus estudos sobre o uso das formas pronominais 'tu e *você*' no Português Africano de Luanda, afirma que: "A mistura de pessoas também é prato forte no que toca a incorreções! Tão depressa se trata uma pessoa por tu como por *você*. Isto atenção, na mesma frase!! Ora acontece que o TU é absolutamente informal, usado quando lidamos com pessoas com quem temos confiança e o *você* é formal, usado quando não conhecemos a pessoa ou se ela nos é hierarquicamente superior.[...] A seguir, exemplifico a mistura de pessoas: É melhor só *você* calares a tua boca!"

expressões de referenciação a um interlocutor têm passado por um processo de reformulação constante a partir do uso.

A modificação mais instigante, sem dúvida, de acordo com Santos Luz (1957), ocorre a partir dos meados do século XV e diz respeito à combinação do pronome de tratamento não mais com a segunda pessoa verbal (como em latim), mas com a terceira, implicando diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal (possessivo).

Ao estudar as origens do sistema de formas de tratamento do PE, Cintra (1972, p. 7) defende que:

é bem conhecida a estranheza que causa no falante de outra língua moderna européia a complexidade do sistema das formas de tratamento em português, isto é, das formas que, em Portugal, um interlocutor usa para se dirigir a outro interlocutor, a primeira pessoa do discurso (para empregar termos gramaticais), à segunda pessoa do mesmo discurso.

Em estudo feito a respeito da evolução das formas de tratamento na língua portuguesa, Cintra (1972, p. 14) distingue, no PE, as formas de tratamento pronominais, das nominais e das verbais. Entre as pronominais classifica o pronome *você*, advindo do antigo nominal *vossa mercê*. Esse autor classifica as formas de tratamento do português atual falado pelas camadas cultas ou semicultas das grandes cidades de Portugal em três grupos:

Grupo 1 - formas próprias da intimidade;

Grupo 2 - formas usadas no tratamento de igual para igual ou de superior para inferior e que não implicam intimidade;

Grupo 3 - formas chamadas “de reverência/de cortesia”, com diversos níveis, a depender da distância social entre os interlocutores.

Cintra identifica as formas do “grupo 1” no português com o pronome *tu*; as do “grupo 2” com o pronome *você* e as do “grupo 3” com as formas de tratamento *Vossa Excelência*, *senhor*, *doutor*, *dona* etc. Segundo o autor, no sistema vigente nas primeiras décadas do séc. XV em Portugal, havia apenas a distinção entre o tratamento no plano da intimidade e no plano da igualdade, este último equivalendo ao plano da cortesia. O plano da intimidade era ocupado por *tu* no singular e *vós* no plural, enquanto o plano do tratamento distante era ocupado unicamente por *vós*, que podia ter duplo emprego – no singular indicava cortesia e, no plural, o tratamento indiferente.

Para Wilhelm (1979, p. 188-189), a única certeza que se tem é a de que o sistema dos pronomes de tratamento em Portugal na língua padrão consiste em “*tu*”, “*você*”, “*o (a) senhor (a)*”, “*Vossa Senhoria*” (no exército) e “*Vossa Excelência*”. No PE, só o “senhor” e “Vossa Excelência” podem ser usados como complemento de verbo, os complementos direto e indireto de *você*, sem exceção, são “o”, “a”, “lhe”.

Na opinião de Menon (1995), um processo contínuo de transformação no sistema pronominal do PB como um todo vem se arrastando ao longo do tempo, isto é, tem afetado as formas pronominais de sujeito, de clítico e dos possessivos, resultando no que se pode considerar um novo sistema pronominal. Com o objetivo de mostrar a relação de posse na segunda pessoa, a autora faz uma análise da variável “*seu/ de vocês*” e conclui que é maior a incidência da forma inovadora “*de vocês*” sobre a forma canônica “*seu*”.

E, conforme mostra Nicolau (1998), estudos recentes sobre a fala de diferentes comunidades apontam redução do paradigma verbal do PB que:

- a) de acordo com Pontes (1972), exibe duas formas que incluem a pessoa do falante e duas outras formas, nas quais o falante é excluído, na língua coloquial culta do Rio de Janeiro;
- b) de acordo com Assis Veado (1980), apresenta apenas uma forma que inclui a pessoa do falante exclusivo (Paradigma 1) e outra forma que exclui apenas a pessoa do falante exclusivo (Paradigma 2), na fala da pequena região sanfranciscana de Januária (MG);
- c) para Galves (1991, 1993), no século XIX, passou a ter apenas quatro formas, em decorrência da ausência da segunda pessoa direta (*tu*);
- d) para Duarte (1993, 1995) até o final do século XIX, continha seis marcas distintas, incluindo uma mesma marca para a terceira pessoa e a segunda pessoa indireta – tanto no singular, quanto no plural. De acordo com Duarte, a redução no paradigma flexional do verbo foi motivada por uma mudança no conjunto de pronomes-sujeito. Para a pesquisadora, a mudança teria tido início com a substituição do *vós* por *tu* e, posteriormente, com a substituição do *tu* por *você*. O paradigma (Paradigma 1) deixou de ter algumas formas, ou seja, passou a um paradigma reduzido (Paradigma 2), em decorrência do desaparecimento dos pronomes de 2ª pessoa (*tu/vós*), como se pode ver através do exemplo contido no Quadro I, a seguir:

Quadro I

Alterações sofridas pelo sistema pronominal do PB

Pessoa	Número	Pronome	Paradigma 1	Paradigma 2
1 ^a	Singular	EU	Canta-o	Canta-o
2 ^a direta	Singular	TU	Canta-s	-----
2 ^a indireta	Singular	VOCÊ	Canta-0	Canta-0
3 ^a	Singular	ELE	Canta-0	Canta-0
1 ^a	Plural	NÓS	Canta-mos	Canta-mos
2 ^a direta	Plural	VÓS	Canta-is	-----
2 ^a indireta	Plural	VOCÊS	Canta-m	Canta-m
3 ^a	Plural	ELES	Canta-m	Canta-m

Em outro trabalho, sobre os pronomes de tratamento, Domingos (2000) apresenta uma gramática dos pronomes de tratamento falados no século XVI, considerando também as normas estabelecidas pelos gramáticos daquele século. Tendo em vista a fala dos primeiros colonizadores, o estudo oferece uma contribuição à história da língua portuguesa no Brasil. É um levantamento do uso dos pronomes de tratamento pelos portugueses contemporâneos do descobrimento e colonização do Brasil, por meio da análise das falas das personagens do teatro de cordel português do século XVI.

O estudo descrito mostra como os portugueses do século XVI usavam normas sociais e psicológicas para dirigir suas expressões de tratamento. Segundo a autora, nada há (a não ser a própria convenção) que mostre serem *vós* e *tu* as expressões apropriadas para representar pessoa ou nome hierarquicamente superior ou inferior na escala social.

Uma afirmação recorrente na literatura lingüística de que a inserção da forma *você* no sistema foi responsável pela grande mudança gramatical ocorrida nos meados do séc. XIX no português brasileiro é contestada, com

base em dados de natureza quantitativa e qualitativa, por Ramos e Oliveira (2002). De acordo com as lingüistas, o processo fonológico é que teria sido o gatilho para a redução no paradigma flexional do verbo. A investigação do português do séc. XIV mostra a perda do /d/ intervocálico nas formas pronominais de 2ª pessoa do plural, reduzindo a diferença entre a 2ª pessoa do plural e a do singular à diferença de tonicidade em (1.a) e à presença de /s/, como em (1.b):

(1) a) podetis> podedes> podees> podes (2ª p. p.)

pódês (2ª. p. s.)

b) quisestes (2ª p. p.)

quiseste (2ª. p. s.)

Há uma questão levantada por Oliveira (1996, p. 127), referente ao uso da forma *vossemecê* em pleno séc. XX, em Portugal:

[...] existem zonas onde as pessoas já não utilizam a forma *vossemecê*. Deverá o *vossemecê* ser considerado uma forma de tratamento porque faz parte do repertório de formas que servem como recurso lingüístico em algumas zonas do país, ou deverá ser excluído da lista porque existem muitas zonas onde ninguém o utiliza?

Enfim, no que diz respeito ao pronome pessoal de tratamento *você*, trabalhos (tanto diacrônicos, quanto sincrônicos) sobre o português registram

alterações de natureza fonética, fonológica, morfológica, sintática e semântica, ocorridas desde a herança latina.

2.2 A Forma Pronominal *Você* nos Estudos Portugueses¹⁰

Serão apontados, a seguir, alguns estudos portugueses sobre o uso da forma pronominal *você* no PE ou no PB, como: Basto (1931), Boléo (1946), Nascentes (1950), Santos Luz (1956), Cintra (1972), Hammermüller (1977, 1993), Wilhelm (1979), Santos (1985), Araújo-Carreira (1996), Oliveira (1996), Cunha & Cintra (2002), Saraiva (2002).

Ao tentar descrever o percurso do item *vossa mercê* no PE, Basto (1931) sustenta que, em Portugal, teria sido este:

(2) *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *voss'mecê* > *vomecê*, *vom'cê* > *você* (*voncê*) > *você*

Segundo o autor, todas estas formas que estão devidamente seriadas se empregam. De toda a gente são *vossemecê* e *você*, sendo esta última a de uso mais geral. *Você* (*voncê*) ouve-se, pelo menos, no Algarve, Alentejo e Trás-os-Montes. Em vez das formas *voncê* e *você*, diz-se também: *voucê* (Penedono), *vaucê*, *baucê* (Barroso), *voicê* (Moncorvo), *vocei* (Alentejo), *bacê* (*bacés*, pl., Pova-de-Varzim). E acrescenta ainda que:

[...] talvez não fosse mal aproveitar esta monção favorável da moda, e fixar-se em Portugal o tratamento único de *você*,

¹⁰ Esta seção é parte da pesquisa teórica realizada em Portugal, nas bibliotecas, públicas e universitárias, nos Núcleos e nos Centros de Lingüística portugueses, durante o período de Doutorado Sanduíche, com o apoio financeiro da CAPES, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na cidade do Porto, no período de 21 de setembro de 2007 a 31 de janeiro de 2008, sob a co-orientação da Prof^a. Dr^a. Olívia Maria Ferreira Gonçalves Figueiredo.

correspondente a usted espanhol (fr. vous etc.) – desaparecendo assim a incômoda multiplicidade de tratamentos que temos (BASTO, 1931, p. 193).

Em Portugal, “entre o povo, se dá aos pais o tratamento de *vossemecê* e *você*. Na Beira, os pais são tratados por *vossemecê*. No Minho, ouve-se muito – *você*” (op.cit. p.187). No Brasil, segundo ele, as formas mais freqüentes, variando de região para região são:

(3) *Vosmincê* > *vossuncê* > *voncê* > *vassuncê* > *vancê* > *vacê* > *mecê*

De acordo com Basto (1931, pp. 183-191), o uso de *você* em Portugal era de bom tom e estava na moda. Entretanto, “dantes, diz ele, *você* – assim como *vossemecê* – evitava-se com pessoas de cerimônia”. Seja como for, a forma *você* ainda não tem, em Portugal, o uso generalizado que tem no Brasil. E o item *vossemecê* é dialetal tanto em um como em outro país. Também se registram outras variantes dialetais como:

(4) *Vosmecê* > *vosmincê* > *vassuncê* > *vancê* > *mecê* > *ocê* > *cê*

Já naquela época, Basto (op. cit., p. 181) levanta a hipótese de que:

[...] com exceção de *ocê* e *cê* que correm na fala das grandes áreas urbanas brasileiras, creio que as outras formas estão condenadas ao desaparecimento em virtude dos modernos meios de difusão da ‘norma culta’ pelo território brasileiro.

Boléo (1946, p. 113) chama a atenção para o fato de haver formas de tratamento que num certo ambiente são tomadas por modernas e elegantes e

no caso das quais seria impossível usá-las em outras circunstâncias. Ele menciona que é o caso do item *você*, que é empregado entre senhoras e cavalheiros da chamada boa sociedade, se entre eles existe certa familiaridade. O item *você*, sobretudo, é usado nas cidades, nas conversas entre rapazes e raparigas, ao passo que é considerado modernismo, que soa mal, se for dito em outro ambiente e, em algumas aldeias de Portugal, até é considerado como insulto.

Nascentes (1950) assegura que a forma *mercê*, no Brasil do séc. XIX, era considerada como um tratamento oficial respeitoso e cerimonioso que cabia aos coronéis, aos tenentes-coronéis, aos majores, aos capitães, aos tenentes e aos alferes (resolução de 2 de agosto de 1842 e aviso de 3 de agosto de 1842). Enquanto que a forma *você* era considerada como um tratamento da vida comum e insultuoso, quando dado acintosamente à pessoa que deveria ser tratada por *senhor*.

Ao estudar as formas de tratamento, Santos Luz (1956, p. 310), por exemplo, constata que o primeiro registro da forma *vossa mercê* se deu, em 1331¹¹, em textos escritos pertencentes à corte e que a forma, com caráter honorífico, tenha desaparecido em 1490.

A locução nominal *vossa mercê* é explicada, por Said Ali (1937) da seguinte maneira, em seu trabalho:

[...] os súbditos, dependentes sempre da mercê ou graça do príncipe, apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual *vós*. Sàbiamente (sic) pediam por *mercê* e punham freqüentemente *vossa mercê* por *vós*, referindo-se não à pessoa do

¹¹ Já há estudo recente publicado no Brasil que contradiz incisivamente tal data (Menon, 2006), conforme p. 108 deste trabalho. E, também, Cintra (1986) que defende o período de existência do pronome *vossa mercê* entre 1460 a 1490, quando deixa definitivamente de ser utilizado como forma de referir-se ao rei.

soberano, e sim à graça e favor que dele dimanava (SAID ALI, 1937 apud SANTOS LUZ, 1956, p. 307).

Uma referência obrigatória e essencial no que se refere a formas de tratamento é a obra de Cintra (1972). O autor começa por fazer uma abordagem sincrônica, passando a um estudo diacrônico, evolutivo, portanto, e agrupa as formas de tratamento em: tratamento pronominal (*tu/você/vossa excelência*), tratamento nominal (*António/Felipa/Manoel*, exemplos meus) e tratamento verbal (*queres/quer/querem*), apresentando o seu uso morfossintático.

Cintra (1972, p.22), nesta obra, a partir do primeiro registro do uso de *vossa mercê*, datado em 1331 (este era o registro oficial que se tinha na época), verifica que, até 1490, ainda era o tratamento mais usual para o monarca, mas já deixa de poder ser empregado para ele em 1490. Entretanto, segundo o autor, o tratamento aparece-nos usado, primeiro para duques e infantes, depois para simples fidalgos; e, já no início do séc. XVI, para patrões burgueses a quem se dirigem os seus criados.

Segundo Cintra, a partir de fins do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, embora não definitivamente adotado, aparece como forma a utilizar entre iguais o novo pronome *você*, semelhante pelas origens às referidas fórmulas, mas muito mais evoluído do ponto de vista semântico e fonético, estava o caminho aberto para a progressiva invasão e expansão das outras formas substantivas que levam o verbo para a terceira pessoa. Como era de se esperar, defende o autor, é nas camadas mais jovens que essas tendências se manifestam de forma mais clara e, principalmente, nas que pertencem às classes sociais mais elevadas, nas que provêm da antiga aristocracia ou da burguesia das grandes cidades.

Os estudos de Hammermüller (1977) sobre a situação de interlocução no PE partem para a direção de que a forma de tratamento *você* apresenta valores de superioridade (respeitoso), de igualdade, de inferioridade (condescendência), metalingüístico e desambiguador. Este estudioso alemão da língua portuguesa defende que:

[...] a língua portuguesa como tantas outras – mas ela parece mais persistente nisso – não se contenta com um simples *tu* ou com uma forma verbal da 2ª pessoa do singular para captar a pessoa e a atenção do interlocutor individual. A espantosa variedade – que não só inclui diversas fórmulas como *tu, você, o João/ a Maria, o sr./ a sr^a*, para só enumerar uma seqüência e sem esquecer as donas, as senhoras donas, a sua excelência, os *vossemecês* e tantas outras belezas numa lista enorme – apresenta ainda por cima empregos diferentes das várias oposições naquela escala. Vários factores sociais e regionais parecem determinar este sector especialmente fascinante da língua portuguesa. Ao dizer-se tão simplesmente ‘uso da língua portuguesa’ não se deve esconder – antes pelo contrário! – que se trata de convenções lingüísticas de pessoas socialmente interligadas umas com as outras, e para as quais o domínio das formas e convenções de tratamento constitui uma rede de orientação social e sociológica, dentro da qual elas encontram possibilidades de expressão e interacção (HAMMERMÜLLER, 1977, p. 56).

Em estudos posteriores, relacionados ao comportamento do item *você* no território português, Hammermüller (1993) propõe traçar isoglossas para dividir o país: uma divide o sul do país, a partir da região de Coimbra, em direção oriental; na região de Porto e Leiria, onde o fator social influencia diretamente os falantes, há zona mistas; o sul do país não apresenta dados suficientes para uma análise consistente; na região leste do país, o uso de *você* tem uma conotação de ofensa, enquanto que a oeste a tendência é inversa.

Wilhelm (1979, p. 18) atesta que, por causa de sua maior simplicidade, a forma *você* ganha de dia para dia mais terreno em Portugal. Segundo ele, o pronome *tu*, com o qual o falante se aproxima do ouvinte, quanto ao conteúdo, no PE, não se pode equiparar à forma pronominal *você*, com o qual o falante, em parte, se afasta do ouvinte. Em alguns pontos do país, com um uso arcaico de língua, o uso da forma *você* é considerado pelo povo português como desdém, e, por sua vez, o item *vossemecê* é utilizado para pessoas às quais se deve um pouco de respeito.

Segundo Wilhelm (1979), como em Portugal, assim também no Brasil, e acima de tudo no Norte, homens simples nas regiões rurais, em relação a desconhecidos, mas também referentes a pessoas conhecidas, superiores ou inferiores, às vezes empregam derivações antigas de *vossa mercê*, assim, por exemplo, *vossemecê* e igualmente *vocemecê*, que se pronuncia da mesma maneira, mas que se escreve diferentemente (há, ainda, no Brasil o uso das formas *vosmecê* e *vancê*).

Um outro trabalho que merece destaque é o de Santos (1985). Nele, o autor faz uma análise, no PE, sobre o estudo de parentesco existente em Chãos, uma aldeia na região de Beira Baixa¹². É uma análise do mecanismo social que, no quadro das relações de parentesco, determina definitivamente a simetria ou assimetria de relacionamento entre duas pessoas, através do tratamento por *você* e/ou por *tu*. Santos constata que a idade não constitui só por si um fator determinante capaz de conduzir sistematicamente ao

¹² A Beira Baixa é uma antiga província portuguesa, originalmente criada no séc. XIX, a partir de parte do território da anterior Província da Beira. Para alguns geógrafos, esta província, em conjunto com a Beira Alta, e, por vezes, até com a Beira Transmontana, formava uma unidade geográfica maior: a Beira Interior. Atualmente, o seu território acha-se situado na Região Centro, dividindo-se pelas sub-regiões da Beira Interior Sul, Cova da Beira, Pinhal Interior Sul e Pinhal Interior Norte. (Beira Baixa. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/beira_alta> Acesso em 20 out. 2006).

tratamento por *você* ou por *tu*. No entanto, a diferença de idades funciona em todos os aspectos como um fator que contribui para tratar por *você* as pessoas mais idosas, nem sempre implica necessariamente o tratamento por *tu* em relação aos mais novos. Conclui o pesquisador que a geração ou a diferença de idades, nem sempre implica o tratamento por *tu*, mas funcionando sempre no caso do tratamento por *você*.

De acordo, ainda, com os estudos de Santos (1985, p. 01), é possível afirmar que, no PE da região de Beira Baixa:

[...] a forma vocálica de tratamento por *você* é feita através da utilização do termo *vossemecê*. Trata-se de uma contracção de *vossa mercê*, usada na terceira pessoa. O tratamento por *tu*, como o nome indica é feito através do termo *tu*. O termo *você*, que é uma segunda contracção de *vossemecê*, utilizado como equivalente deste nos meios urbanos, representa, do ponto de vista regional, uma forma de tratamento descortês e depreciativo, que está inclusivamente mais próxima do tratamento por *tu*.

O estudioso português mostra que:

[...] no contexto social geral, exterior às relações de parentesco, a atitude de respeito ou de reserva, que consiste em utilizar o tratamento por *você* é obrigatória nos seguintes casos: em relação a pessoas estranhas à aldeia ou a todos aqueles com os quais não existe qualquer laço familiar; e, ainda, de uma forma subjacente, em relação a todas as pessoas que possuam um estatuto social mais elevado, quer este seja devidamente formalizado, ou seja, apenas de ordem moral ou de prestígio¹³ (SANTOS, 1985, p. 02).

¹³ Com relação ao uso de *você* em Portugal, convém anotar que o dicionário da variedade europeia do português registra que esta variante “designa a pessoa a quem se fala e é usada entre pessoas que se tratam com alguma familiaridade, mas não o suficiente para utilizar o pronome *tu*. Dicionário. (Disponível em: <<http://www.puberam.pt/lpo/resultados.aspx>> Acesso em 21 out. 2006).

Por sua vez, Araújo-Carreira (1996) defende que a estigmatização do item *você* no PE é diferenciada em todas as regiões de Portugal. Segundo ela, não há uniformidade no PE em relação ao uso da forma pronominal *você* e o emprego dessa forma pronominal depende das classes sociais, regiões, idade e sexo.

Em um estudo comparativo que Oliveira (1996) faz entre as formas de tratamento na Espanha e em Portugal, ela defende que “ [...] em qualquer língua o sistema das formas de tratamento serve de alguma forma como espelho lingüístico da estrutura social de uma cidade, região ou país”. Em Portugal, o tratamento explícito por *você* não é um tratamento neutro, sem estigma. Uma vez que “os portugueses têm a tendência de valorizar mais as formas verbais” (op. cit., p. 133), o item *você* encontra-se menos valorizado que vizinho (a), ao lado de vossemecê, vossa excelência, senhor, professor, doutor e mestre. De acordo com a lingüista, a forma *usted*, no espanhol, é muito mais importante que a forma *você*, no PE.

Cunha & Cintra (2002) defendem que, em quase todo o território brasileiro, o pronome *tu* foi substituído por *você* como forma de intimidade. O item *você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente, e, em certas camadas sociais altas, aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No PE, não é ainda possível, apesar de

certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.¹⁴

Saraiva (2002), por sua vez, comenta que o uso da forma *você* é a que suscita maior problemática e confusão. A forma de tratamento *senhor (a)* é, sem dúvida, bem aceita e o falante pode obter a conhecida resposta: “não me trate por *senhor (a)*”. No entanto, pode acontecer, em Portugal, caso se tenha utilizado a forma de tratamento *você*, que por uma questão de delicadeza ou timidez, o interlocutor não se manifeste, mas sinta algum desagrado pelo uso da forma de tratamento. Segundo a lingüista:

[...] a forma *você* não é uma forma de tratamento totalmente bem aceite por parte de falantes do PE, visto que a sua ocorrência está fortemente condicionada por fatores sociais e pragmáticos, de entre os quais se destacam o contexto social, a idade, a escolaridade e a intimidade existente entre os falantes (SARAIVA, 2002, p. 128).

Esta questão também se confirma nos relatos de Hammermüller (1977, p. 56):

[...] podemos oferecer um *tu* de solidariedade a alguém e assim influenciar o microcosmos à nossa volta pelo menos com um pequeno sinal da nossa autoria – assim também, na mesma medida, nos encontramos presos numa teia de aranha, que – por grande que seja a sua elasticidade – nos ameaça de sermos devorados ou pelo menos molestados (entenda-se: sancionados) por uma aranha-chefe, à qual nós dirigimos um ousado *tu* – ou às vezes pior – um *você* que se podia interpretar como marca de desprezo.

Por último, são apresentadas duas definições lexicográficas de dicionários desenvolvidos e publicados em Portugal. O primeiro, da Editora

¹⁴ É uma questão de atualização, na medida em que, segundo Saraiva (2002, p. 45), já é possível ouvir-se *você*, em Portugal, de inferior para superior em idade.

Porto, data de 1999 e o outro, da Academia de Ciências de Lisboa, data de 2001.

A escolha pelo Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora deve-se, essencialmente, ao fato de este ser um dicionário acessível, dirigido a todo o tipo de público, de fácil consulta e com atualizações regulares. Nele têm-se as seguintes informações sobre a forma *você* que interessam a este estudo:

Você – [...] pron. pes., forma de tratamento dirigida a pessoas de condição humilde, também freqüentemente usada entre pessoas que acamaradam em despreocupado à vontade [...]

Por sua vez, o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa é um dicionário com edição recente, além de oferecer definições atualizadas. Neste dicionário, encontram-se, entre outras particularidades fundamentais, não apenas os diferentes significados que uma palavra assume, mas sinônimos, exemplos e abonações ilustrativos do funcionamento semântico e sintático e co-ocorrentes privilegiados. Ainda apresenta exemplos de como os significados têm sido usados tanto na escrita como na oralidade. Há uma preocupação em apresentar exemplos mais próximos da linguagem real possível. Transcrevem-se, aqui, as informações consideradas pertinentes para este estudo:

Você – [...] pron. pes., m. e f., [...] serve para indicar a pessoa a quem é dirigida a mensagem, no tratamento familiar, de igual para igual ou de superior para inferior, a nível social, hierárquico ou etário. *Você* tem de descansar. Não percebo que mal-entendido houve entre *vocês*. Não admito ser tratado por *você*. Obs. Quando desempenha a função de sujeito, o verbo é conjugado na terceira pessoa.

A descrição dos trabalhos, nesta seção, teve o propósito de apresentar um cenário bem amplo de estudos já realizados sobre o tema. Por último, fechou-se o quadro descritivo com a apresentação das duas definições lexicográficas tiradas de dicionários da língua portuguesa, publicados em Portugal. Espera-se, com isso, ter alcançado o objetivo desta seção que é apresentar um cenário teórico do tema em estudo.

Assim sendo, a seguir, são apresentados alguns trabalhos brasileiros que tratam da forma pronominal *você*, objeto de estudo desta pesquisa.

2.3 A Forma Pronominal *Você* nos Estudos Brasileiros

Esta seção tem o objetivo de apresentar alguns estudos brasileiros sobre o uso da forma pronominal *você*. Da mesma maneira que a seção anterior, trabalhos sobre o PB ou o PE, contanto que tenham sido realizados/publicados no Brasil, como: Said Ali (1950, 1976), Amaral (1955), Nascentes (1956), Luft (1957), Biderman (1972), Guimarães (1979), Mattoso Câmara Júnior (1979), Ramos (1989), Lapa (1991), Soares e Leal (1993), Menon (1995, 2000, 2006), Faraco (1996), Corradello (1997), Lucca (2000, 2005), Salles (2001), Teixeira (2002), Lopes e Duarte (2003), Viaro (2005), Chaves (2006), Herênio (2006), Mota (2008), Sousa (2008) e outros.

2.3.1 A forma pronominal *você* sob a perspectiva diacrônica

Esta seleção privilegia a história, a origem e o percurso dos pronomes *vossa mercê* e *você*, priorizando-se o percurso social das formas de

tratamento, desde o latim, até hoje e o percurso gramatical dessas formas em consonância com a gramaticalização de *vossa mercê*.

Em suas investigações filológicas sobre o pronome *vossa mercê*, Said Ali (1950) conclui que a forma pronominal *você* é o resultado atual de uma evolução de raízes latinas, iniciadas com a introdução dos pronomes *tu/vós* no português, usados como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Devido à necessidade de se diferenciar na hierarquia as formas de tratamento, usava-se o *tu* na intimidade e, ao seu lado, a forma *vós* para tratamento cerimonioso indireto. Outro modo de tratamento indireto que era usado para dirigir a um atributo ou qualidade eminente da pessoa e não a ela própria era a forma *vossa mercê* (entre outras) que, ao longo do tempo, tornou-se popular, sofreu transformações fonológicas e foi se simplificando, dando origem a várias formas: *vossemecê*, *vossancê* e *você*.

Amaral (1955) assegura que, a partir dos fins do século XV, registra-se, em Portugal, o uso generalizado da forma *vossa mercê* e suas variantes pela população não aristocrática, da qual eram membros os diversos contingentes de pessoas que se estabeleceram no Brasil como colonos, no início de sua ocupação, em meados do século XVI. Nesse processo, segundo ele, a forma de tratamento *vós* já se encontrava obsoleta e o processo de simplificação da forma *vossa mercê*, em estágio avançado. De maneira que o português trazido para o Brasil já viera com variantes de *vossa mercê* como formas de tratamento.

Por sua vez, Nascentes (1956, p. 116) reconhece que, no séc. XIV, *vossa mercê* ainda não chega a cristalizar-se em expressão pronominal e mostra que, a partir do séc. XVIII, a *mercê* passou a ser dada aos burgueses,

ou seja, às pessoas que mereciam respeito no trato, mas não possuíam senhoria.

Nascentes (op. cit.) aponta os seguintes estágios da mudança:

(5) *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *vosm'cê* > *voscê* > *você* > *ocê* > *cê*

Vários outros autores referem-se a esse percurso, ora subtraindo itens ora acrescentando outros novos. Um ponto comum entre eles é o reconhecimento de que há uma série de alterações fonéticas entre os itens *vossa mercê* e *você*.

Nascentes (1956, p. 114) aduz que, em Portugal, “embora *você* se empregue de igual para igual, é usado com pessoas de condição inferior e, muitas vezes, pejorativamente, para indicar que a pessoa a quem se dirige a fala não merece o tratamento de ‘senhor’”, mas indica, ainda, que a forma *você* “tem também valor afetivo”, já que também pode revelar proximidade com a pessoa com quem se fala. Segundo Nascentes (1956, p. 114-115), há um caráter dubio no uso da locução nominal *Vossa Mercê*:

a) ora esta expressão é marcada pela noção de causa, quando expressa uma estratégia argumentativa utilizada pelos súditos que, ao solicitarem algo ao Rei, apresentavam os requerimentos utilizando o habitual pronome *vós*, pediam uma graça por *mercê* e, assim, agregavam este vocábulo ao pronome possessivo em concordância com o pronome utilizado, formando a expressão *vossa mercê*. Expressão essa “que afagava a vaidade e o amor próprio” do soberano;

b) ora é marcada pela noção de efeito, quando expressa a recompensa, denominada de *mercê* ou *mercede*, que é dada pelos reinantes aos súditos em troca dos serviços prestados.

De acordo com Nascentes (1956, p. 116), “[...] *vossa mercê* agradava todo mundo. A classe humilde não tardou a apoderar-se da fórmula nova para uso próprio”.

Luft (1957, pp. 202-203) defende que em algumas povoações de Portugal, o tratamento de *você* soa como pejorativo, é mesmo sentido por alguns, como insulto. Pessoas tratadas por esse termo podem responder ofendidas ou pelo menos chocadas. Segundo o autor, no Brasil, a forma *você* é tratamento familiar, entre iguais, colegas, ou de superior a inferior; fora disso denota desconsideração, falta e respeito ou desprezo.

De maneira mais ampla, Biderman (1972) investiga o problema das formas de tratamento, relacionando-as com as estruturas sociais nas sociedades latinas – particularmente, na Península Ibérica e na América Latina – e mostra pontos comuns existentes entre os sistemas pronominais do espanhol, do PE e do PB.

De acordo com essa autora, a forma *você* que hoje não tem, em Portugal, o uso tão generalizado quanto tem no Brasil, resultou da evolução de *vossa mercê*, que deve ter sido importada da Espanha, através das relações intensas existentes entre a sociedade portuguesa e a espanhola, quando Portugal se encontrava sob o domínio da Espanha (final do século XVI e primeira metade do século XVII). Essa forma, defende a lingüista, tem a sua origem na forma *vuestra merced*, surgida na Espanha, para ocupar a lacuna deixada pelo tratamento *vós* no século XVI, e é durante tal período que essa

forma sofre modificações fonéticas, resultando na forma espanhola *usted*. Esse processo de evolução foi, segundo Biderman, documentado por Pla Cárceres (1923).

Biderman diz também que, das variantes espanholas:

(6) *Vassuncê, voaced, vueced, vuaced, voazé, vuazé, vuezé*

a forma *vassuncê*, que tem característica rural na Espanha, é também encontrada na fala rural de Portugal e do Brasil. E, citando Basto (1931), a autora menciona, como formas dialetais usadas ao lado do item *você*, tanto em Portugal quanto no Brasil:

(7) *Vossemeê, vosmeê, vosmincê, vassuncê, vancê, mecê, ocê, cê*

Em se tratando do PB, diz que atualmente só há duas formas de tratamento: *você* (familiar) e *senhor* (formal), que correspondem respectivamente ao *tu* e *vous* do francês; o *tu* foi substituído pelo *você* na virada do século XIX para o século XX.

De uma maneira geral, segundo Biderman, é digna de nota a simplificação a que se procedeu no Brasil, mas não em Portugal, com relação às formas de tratamento. E a tendência brasileira, segundo ela, é para ampliar a área coberta por *você*. A discrepância entre os sistemas português e brasileiro pode ser assim explicada, até certo ponto:

A sociedade brasileira por ser tida como uma sociedade aberta e a portuguesa, como uma sociedade fechada. [...] a portuguesa é uma sociedade arcaica cujos padrões e relações interpessoais já de há muito desapareceram nas outras sociedades européias, mesmo no

mundo latino mais conservador, em geral.[...] existe forte tendência na sociedade brasileira para assimilar e absorver os padrões dos países desenvolvidos [...]. A mera observação dos grandes centros brasileiros confrontados com as metrópoles portuguesas, evidenciará a disparidade (ibidem, pp. 367-368).

Nos primeiros contatos com a sociedade portuguesa, defende a lingüista, o brasileiro sofrera um forte impacto por causa do formalismo do português e em virtude da variada gama de tratamento entre os indivíduos e as classes sociais. Algumas formas de tratamento, como *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, que para nós, são estereótipos amorfos da escrita comercial e burocrática, vivem no trato humano em Portugal. Na fala brasileira aparecem raramente e apenas em situações muito formais como: discursos e defesas de tese em universidades.

Biderman (1972), discordando da maioria dos gramáticos, filólogos e etimologistas, coloca em dúvida a origem do pronome *você* por eles tida como uma redução fonológica do antigo pronome de tratamento *vossa mercê*. Ela acredita que o tratamento *vossa mercê* tenha sido importado da Espanha¹⁵, quando Portugal estava sob o jugo espanhol, e *você* seria apenas uma das inúmeras variantes que circulavam na Península Ibérica, coexistindo com *vossa mercê* ainda no século XVIII.

Dentre esses trabalhos sobre *vossa mercê*, cumpre destacar o de Said Ali (1976) que afirma que no século XIV a locução nominal *vossa mercê* ainda não havia se cristalizado como pronome, era usado como título honorífico, correspondendo à terceira pessoa do singular, embora se associasse aos pronomes da segunda pessoa como *vós* e *vosso*. Com a

¹⁵ Wilhelm (1979) faz a menção à forma “*vostram mercedem*”, oriunda do latim, que considera derivadora das variadas formas encontradas hoje no português.

extensão do uso do pronome *vossa mercê* para os fidalgos é que tal forma adquiriu o *status* de tratamento.

Sabe-se que o pronome *você* se origina da forma de tratamento *vossa mercê*, tendo havido um estágio intermediário – *vosmecê* – que foi abandonado, segundo Câmara Júnior (1979, p. 94). Os estágios teriam se manifestado dessa forma: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você*. Há outras propostas que, ainda, serão descritas aqui sobre os estágios históricos de *vossa mercê* a *você*.

Uma delas é a proposta de Lapa (1991) que aponta a forma pronominal de tratamento mais antiga do português como sendo *vossa mercê*, que apareceu nos fins do século XIV, como forma de tratamento ao rei. Ainda nesse período, devido a mudanças fonéticas e a perda de valores semânticos, essa forma foi substituída pelo pronome de tratamento Vossa Alteza que, por sua vez, mais tarde, foi substituída por Vossa Senhoria. O referido autor afirma que *vossa mercê* deu origem às formas *você/vocês* e, em Portugal, a forma pronominal de terceira pessoa do plural *vocês* substituiu o pronome de segunda pessoa do plural *vós*, considerado hoje como arcaico, de modo que, salvo no falar de algumas regiões (tais como a Beira e o Norte) onde se usa o *tu*, a segunda pessoa praticamente caiu em desuso, permanecendo apenas nas orações religiosas e maneiras de se dirigir a Deus; a forma de terceira pessoa do singular *você*, por ser considerada pouco respeitosa, normalmente é evitada, cedendo o seu lugar para a forma *vossemecê*. Ainda segundo Lapa, a essa forma *vossemecê*, usada em Portugal, correspondem as formas *vosmicê* e *vancê* usadas no Brasil, onde o item *você* é usado, de maneira generalizada, entre interlocutores que possuem certo grau de conhecimento e familiaridade e, por isso, é considerada como uma forma de tratamento familiar.

Menon (1995, p.95), por sua vez, defende que, no processo de pronominalização da locução nominal *vossa mercê*, várias alterações em sua forma podem ser observadas, o pronome *vossa mercê* sofre uma série de mudanças fonéticas que tiveram como resultado a forma *você*.

Um marco histórico, quase sempre referência indicada nos trabalhos sobre pronome, é o estudo em que Faraco (1996, p. 64) declara que, no Brasil, a entrada dos pronomes *vossa mercê* e *você* se dá de uma forma um pouco diferente, uma vez que, quando os portugueses aqui chegaram a forma *vossa mercê* já não possuía mais seu caráter honorífico, e já era empregado, de forma generalizada, pelos portugueses que para cá vieram. E, ainda, que o *vós* já se encontrava em processo de arcaização.

Segundo esse autor, a distribuição de tratamento de acordo com a hierarquia pela qual passa Portugal, desde a sua formação, não afeta o Brasil, até a expansão do uso das Ordenações Filipinas¹⁶ para as colônias portuguesas. O item *você*, por sua vez, forma usada em Portugal desde o século XVII, para alguns autores, entra no PB com os portugueses¹⁷. Faraco (op.cit.) sustenta que, no Brasil, *você* é o pronome comumente usado para o tratamento íntimo, ficando o *tu* restrito a certas variedades regionais.

A fim de entender as mudanças gramaticais ocorridas nas formas de tratamento do interlocutor em português, Faraco (1996) busca, através de uma abordagem diacrônica, reconstituir aspectos do ambiente sócio-cultural que desencadeou o surgimento de novas formas e acompanhar o desenvolvimento dessas formas até os dias atuais. Nesse estudo, inclui-se a evolução da forma de tratamento *vossa mercê*. Segundo o autor, embora não se baseando em

¹⁶ Lei Filipina de 1597, Reformulação do Direito de Portugal.

¹⁷ Há autores que apontam direções diferentes sobre o processo de surgimento do *você* no PB, como: LOPES e DUARTE (2003); VITRAL (1996); MENON (1995, 2006).

dados precisos, é corrente a hipótese de que essa forma de tratamento, *vossa mercê*, surge, com valor honorífico, na Idade Média¹⁸, tendo a sua origem relacionada a duas das mais importantes instituições medievais – a mercê do rei (distribuição de justiça e proteção real) e o senhorio (poder feudal). Ao longo do tempo, essa forma passa a ser usada em sentido amplo, perdendo o seu valor honorífico para a forma Vossa Alteza (1477) e deixando completamente de ser usada com tal valor no final do século XV (1490). Após essa expansão do seu uso, a forma *vossa mercê* evolui em duas direções:

- (i) mantém sua integridade formal e seu valor honorífico num estilo cuidado entre a burguesia urbana, arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII;
- (ii) é afetada por um rápido processo de simplificação fonética do que resultaram os pronomes *você* e *vocês*, de uso corrente do português atual.

Quanto a esse processo de simplificação, Faraco declara que, além das formas nele envolvidas citadas por alguns estudiosos (Nascentes, Lapa, Said Ali) e que seriam de uso urbano:

(8) *Vosmecê, vossemecê, vossecê, você, ocê, cê*

coexistiram outras formas, de uso rural – registradas por AMARAL (1955), que seriam:

¹⁸ O seu primeiro registro escrito data de 1331 (FARACO, 1996, p. 67) ou em 1324 (MENON, 2006, p. 108).

(9) *Vossuncê, vassuncê, mecê, vancê, vacê, vosmincê*

Essa bipartição, segundo o autor, seria por si só, uma evidência de que a evolução de *vossa mercê* em tantas direções se deve a fatores de ordem social e geográfica. Assim é que a forma *você*, por exemplo, é mal vista em algumas regiões rurais de Portugal.

Para Faraco (1996), há fatos que sugerem a possibilidade de esse processo de evolução ter estado correlacionado a aspectos de variação lingüística social e geográfica, porque o item *você*, por exemplo, é uma forma que tem marca negativa em algumas regiões rurais de Portugal e, por isso, alguns lingüistas supõem que essa forma teve origem urbana, possivelmente na fala informal da burguesia, enquanto a maioria das outras formas possui características rurais.

No Brasil, a forma *você* é, hoje, amplamente usada no tratamento íntimo e familiar ao lado da forma *tu*, que tem seu uso restrito a algumas regiões. Faraco (op. cit.) diz ainda que, mesmo não encontrando documentos comprovadores da razão desse largo uso da forma *você*, há dados que ajudam no processo de reconstrução hipotética desse fato. A partir dos fins do século XV, registra-se, em Portugal, o uso generalizado da forma *vossa mercê* e suas variantes pela população não aristocrática. Foram membros dessa população não-aristocrática que vieram para o Brasil como colonos, no início da ocupação do país, nos meados do século XVI, quando a forma de tratamento *vós* estava se arcaizando e o processo de simplificação da forma *vossa mercê* já se encontrava em estágio avançado. E esses fatos permitem supor que o português trazido para o Brasil incluía as diferentes variantes da forma *vossa mercê* como forma de tratamento do interlocutor, muitas das quais ainda

encontradas no dialeto caipira, do interior de São Paulo, descrito por Amaral (1955), no início deste século.

Faraco (1996, p. 21), além de mostrar como fatos socioculturais desencadeiam mudanças lingüísticas, aponta fatos da história das formas de tratamento da língua, “mal entendidos” pelos gramáticos, que, equivocadamente, continuam a classificá-los como erros e a apresentar realidades do português arcaico como modelos a serem seguidos no ensino da forma padrão nas escolas. Nas palavras do autor:

Os gramáticos se comportam como se pudessemos ignorar seis séculos de história, seis séculos em que a mudança nas formas de tratamento acabou resultando em grandes modificações dos paradigmas verbais e pronominais do português e, até mesmo, de alguns aspectos da estrutura sintática (FARACO, 1996, p. 21).

Na opinião de Faraco, entretanto, reconstruir de forma precisa a evolução da forma *vossa mercê* é difícil devido à insuficiência de dados; alguns pontos dessa evolução talvez possam ser recuperados por estudos dialetológicos e sociolingüísticos feitos onde o português é falado, principalmente nas comunidades rurais, mas a realização desses estudos está sendo dificultada devido à imigração e à urbanização causadas pelas alterações no sistema tradicional da produção agrícola e da vida rural brasileira.

Este processo, no entanto, parece estar em curso. O português atual dispõe ainda das formas *cê* e *ocê* (que são bastante usuais no falar mineiro). A distribuição destas três formas – *você*, *ocê*, *cê* – não é idêntica, defende Vitral (1996, p.117).

Dando continuidade aos relatos de pesquisas que investigam no português, diacronicamente, a forma pronominal você, apresenta-se o trabalho de Salles (2001). Esse pesquisador, ao investigar os pronomes de tratamento do interlocutor em documentos informais, produzidos por usuários do PB, cuja referência geográfica tenha sido São Paulo, no séc. XIX, constata que os tratamentos em segunda e terceira pessoas coexistiam lado a lado, sem que se pudesse vislumbrar nessa competição que uma dessas formas saísse vencedora. Para o pesquisador, o pronome de tratamento você documenta no séc. XIX uma etapa do percurso diacrônico da forma nominal vossa mercê (séc. XIV), identificando o fenômeno denominado gramaticalização. No caso específico do você, houve não só a perda do sentido original com o desenvolvimento de novos sentidos como também a redução fonológica da antiga forma.

A respeito disso, Menon (2000, p. 131-132) menciona que:

Temos, então, uma situação lingüística que parece ter favorecido o desenvolvimento de uma forma diferenciada de tratamento, possibilitando um maior uso de vosmecê nas relações interpessoais, uma vez que aqui não existiam as condições que regulamentavam um uso mais rígido das formas honoríficas, sobretudo na corte. Mais preocupados em sobreviverem aos ataques dos índios e dos franceses ou holandeses, os primeiros habitantes e seus descendentes talvez não dispusessem dos mecanismos de conservação das formas mais polidas. É bom lembrar que entre outras coisas que faltavam no Brasil estava a inexistência de imprensa e que a única escolaridade naqueles primeiros tempos estava a cargo dos jesuítas, ministrada em língua geral até o início do século XVIII. Sem escolas para impingir normas e corrigir erros, sem imprensa para fixar visualmente padrões empregados na escrita, a língua poderia perfeitamente ter se modificado mais rapidamente que em Portugal no tocante ao uso de vosmecê, sobretudo na grande massa da população; no caso da elite, nobre, que podia mandar os filhos estudar em Portugal, se desenvolvia uma língua mais cuidada, inclusive produzindo

literatura. Temos de lembrar ainda que se constituiu em terras brasileiras um relacionamento diverso do lusitano, por força da mão-de-obra escrava: a relação entre casa grande e senzala.

De maneira contrária à posição defendida por Faraco (1996) sobre o surgimento da forma *vossa mercê*, Lopes e Duarte (2003) datam o século XVIII como início do processo de pronominalização de *vossa mercê*, e o início do século XIX como a efetiva gramaticalização de *você*.

Cruzando os fatores tempo e tipo de relação social, as duas lingüistas identificam o século XVIII como um momento em que *vossa mercê* e *você* não se diferenciam nos diálogos entre inferior/superior e superior/inferior em peças teatrais, o que é interpretado como indicativo de que ambas as formas de tratamento expressam cortesia/reverência, está, por isso, havendo estratificação, nos termos de Hopper (1991). Já na segunda metade do século XIX há diminuição de *vossa mercê* e, ao mesmo tempo, *você* passa a ocorrer não expresso, o que é interpretado pelas autoras como aquisição do estatuto de Nome – recategorização, nos termos de Hopper (1991). Já *vossa mercê*, não recategorizado, ainda se mantém como sujeito pleno. Com imperativo, o cenário é o mesmo. Outra evidência da recategorização do item *você* é o seu uso no plural, enquanto o pronome *vossa mercê* é preferido no singular. Em relação a situações de diálogo entre inferior/superior, no século XIX, *vossa mercê* é preferido, o que indica a manutenção do caráter de reverência/cortesia. Já nos diálogos entre inferior/superior, o preferido é *você*, o que é uma indicação de especialização dos itens, ainda nos termos de Hopper (1991).

Em seu trabalho sobre variação/mudança da forma pronominal *você* em contraposição à forma *tu*, sua concorrente no português do Brasil, em um

corpus diacrônico, constituído de textos do gênero epistolar e dos gêneros literários prosa de ficção e dramático, datados entre os meados do século XIX e os anos 40 do século XX, Teixeira (2002) dá ênfase especial às relações sociais que se estabelecem entre destinador e destinatário das mensagens, quer sejam elas mediadas pelo poder ou pela solidariedade.

Costuma-se afirmar, parafraseando Viaro (2005), que o PB, bem como o português dos falantes da África e da Ásia, remonta a um português quinhentista e não são poucos os esforços em reconstruí-lo. Mas para saber que língua veio ao Brasil é preciso ter em mente as contínuas levas do século XVI e XIX. É também sabido, continua o etimólogo, que não há uniformidade nos diversos lugares do mundo em que se fala português e, nesse empreendimento, os falares crioulos são interessantes.

Por sua vez, Viaro (2005, p. 222) faz especulações e levanta hipóteses, como:

É difícil provar que algumas variantes se derivam de outras [...] Não seria estranho imaginar migrações das colônias asiáticas para o Brasil, quando foram perdidas para os holandeses, trazendo formas como *ocê* para cá. [...] Alguns basiletos brasileiros podem ter origem em idioletos de africanos trazidos para o Brasil, bem como de pessoas com algum prestígio provenientes da Ásia, deixando vestígios assistemáticos (a aférese *v>ø* de *ocê* não ocorre com outras palavras no PB como ocorre no CPI¹⁹). Só com mais pesquisa sobre migração e demografia é possível esclarecer fatos, por meio de explicações policausais.

A coexistência de vários fenômenos comuns, para o pesquisador citado, tanto ao PB como às diversas variedades do português, africano e asiático,

¹⁹ Crioulos indo-portugueses.

fazem surgir diversas hipóteses que são, na verdade, pressupostos de muitas teorias.

Menon (2006, p. 104) afirma que no português arcaico, *mercê* é um substantivo comum, como tantos outros. Do gênero gramatical feminino, tinha o significado básico de “favor, graça, benesse”. Porém, tinha uma significação positiva e uma negativa: quando se recebia algo do rei, era positivo; no entanto, ao mesmo tempo, ficava sob o domínio e vontade desse mesmo rei; era o lado negativo do benefício. E os reis sabiam cobrar. Mas não era somente o rei que podia distribuir *mercês*: também as divindades – Deus, Nossa Senhora, Jesus – o faziam. Porém, parece que, depois que esse substantivo ficou ligado ao tratamento ao rei passou-se a usar mais “graça(s)” para os benefícios religiosos recebidos.

Em relação ao primeiro uso de “a vossa *mercê*”, Menon (2006, p. 108) contesta, por ter encontrado exemplos mais antigos que os mencionados por Luz (1956). Segundo a lingüista:

[...] em um dos textos da coletânea de documentos relativos à cidade de Évora (com datação da “Era de 1324. Anno 1280.”, concordata entre El-Rei Dom Dinis e o Concelho d’Évora²⁰, encontramos 09 ocorrências de *merece* (com o verbo pedir por *merece* e já com a forma de verbo ‘suporte’ pedir *merece*) e 2 de *vos(s)a merecê*.

De acordo com Menon (2006, p. 114), *vossa mercê* (forma já gramaticalizada como tratamento honorífico) não é empregado somente para se dirigir ao rei. O texto é de uma carta do Bispo D. Garcia de Menezes, dirigida ao “Senhor Secretário” (provavelmente secretário do rei):

²⁰ PEREIRA, 1998 p. 32-34 [42-44].

(10) “Senhor. Huma carta vossa me foi dada a que não respondo mais cedo com fadigas de doença, e assy lhe tenho muito em mercê o que me diz na sua carta [...] e quanto he o que vossa mercê diz que eu tenho levado mais do que havia de levar [...]”²¹

Menon (2006, p. 122) estabelece um roteiro, como tentativa de reconstituir o percurso de vulgarização do emprego da locução nominal vossa mercê, a partir de uma segunda interpretação social que começa a se difundir o uso que vai levar a forma a dois destinos diversos, mas complementares:

- a) passa a ser forma exigida pelos escalões superiores da hierarquia da corte aos seus imediatamente subordinados;
- b) o uso “escapa” do círculo da nobreza mais ligada à corte e passa à nobreza mais distanciada (rural ?) ou aos senhores de domínios que, por sua vez, passam a exigir esse tratamento dos que não são nobres;
- c) aqueles que não são nobres, mas dispõem de dinheiro também querem ter o seu quinhão de dignidade e exigem de empregados ou outras pessoas com quem mantenham contato e/ou comércio o seu vossa mercê ...

No estudo que faz sobre a “História do você”, Menon (2006, p. 123-125) verifica que, no séc. XVI, qualquer um que tem um quê a mais, passa a ter o seu vossa/sua mercê. O pronome se vulgariza, passando de honorífico a comum, de comum a vulgar. Com tanta massificação, o segundo destino da

²¹ Idem, p. 85 [297], XLIII (Carta do Bispo D. Garcia de Menezes, 1463).

locução nominal, os reis rejeitam a mercê (o primeiro destino) e instauram a Majestade²².

De acordo com os dados apresentados por Menon (2006, p. 129-130), até prova em contrário:

[...] é na obra de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), ‘Feira de Anexins’, que aparece, pela primeira vez o novo pronome, grafado vossês. Apesar de essa obra não ter sido publicada em vida do autor²³, ela foi composta no séc. XVII. Assim, remontamos em um século o uso do novo pronome de segunda pessoa do plural, pois segundo afirmação de Biderman (1972-73), é no séc. XVIII que o vós estaria arcaizado.

Em um trabalho mais recente que a maioria dos citados nesta seção, Chaves (2006) investiga, no PB, a implementação da forma você como pronome presente de segunda pessoa, identificando etapas do processo que tem vossa mercê como ponto de partida e você como ponto de chegada. Através de uma abordagem social e histórica da língua, na modalidade escrita, identifica os contextos de uso, classifica-os conforme o grau de simetria das relações pessoais efetivadas. É um estudo que prioriza a escrita, pois o corpus se compõe de cartas particulares escritas de 1800 a 1954. Originalmente, é um estudo sobre o uso das abreviaturas, buscando-se identificar sua sistematicidade. Foram inventariadas as normas, a história e os usos das

²² “Sobrevivem ainda a Senhoria e a Alteza. Cria-se a Excelência (Lei Filipina de 1597), que vai ser, posteriormente, no séc. XVIII a catapulta para outra revolução social, como foi a do Senhorio no período arcaico [...] A excelência, com a expansão do uso concedida pela lei de 1739, passa a ser um marcador social tão importante como a construção do escudo da família ou o título ou o cargo recebido. É a marca lingüística da diferença social” (MENON, 2006, p. 125).

²³ “Obra publicada, pela primeira vez, em 1875, em edição organizada por Inocêncio Francisco da Silva, terá uma nova edição em 1916, idêntica à primeira, salvo no que toca a algumas coisas da introdução do organizador” (MENON, 2006, pp. 129-130).

abreviaturas. Segundo a pesquisadora, as abreviaturas evoluem no eixo do tempo por não serem indiferentes às transformações que afetam o item.

E, além disso, Chaves se propõe a fazer uma comparação entre as etapas do processo de gramaticalização do pronome *vossa mercê* na forma *você* e as diferentes formas de abreviar esses itens. Com esta pesquisa, delimitou-se a segunda metade do séc. XIX como sendo a data das alterações do pronome de tratamento *vossa mercê* no processo de gramaticalização. A partir disso, a lingüista conclui que, através dos estudos variacionistas, além da fonética e da sintaxe, é possível contemplar as formas gráficas.

Tentou-se, aqui, descortinar um panorama de estudos e investigações sobre o pronome *você*, sobretudo enfocando-se a origem e a evolução histórica dos itens *vossa mercê* > *você*. Acredita-se ter sido importante esta seção para que se possa compreender melhor ainda os estudos sincrônicos que serão arrolados em seguida e compreender a proposta deste estudo.

2.3.2 A forma pronominal *você* sob a perspectiva sincrônica

O uso das formas de tratamento *você*, *ocê* e *cê* – a primeira, considerada padrão e as outras duas, a ela correspondentes e consideradas não-padrão – tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, como Guimarães (1979), Azevedo (1981); Santos (1985); Abreu (1987); Ramos (1989); Almeida (1991); Dutra (1991); Soares e Leal (1993); Bezerra (1994); Ilari et alii (1996); Corradello (1997); Vitral (1996, 2001, 2002); Vitral, Ramos (1999); Ramos (1997, 2000, 2002); Alves (1998); Mendes (1998); Coelho (1999); Cruz (1999); Cyrino, Duarte, Kato (2000); Menon (2000); Pinto (2001); Leão (2002); Teixeira (2002); Santos (2003); Andrade (2004);

Ciríaco, Vitral, Reis (2004); Barbosa (2005); Lorengian-Penkal (1996, 2005); Herênio (2006), Modesto (2006); Peres (2006); Mota (2008); Sousa (2008) e outros; que, na maioria das vezes, focalizam esse uso somente no português brasileiro falado em áreas urbanas, deixando-se de lado as áreas rurais.

Levando-se em consideração a ordem cronológica, serão descritos alguns desses trabalhos, sobretudo aqueles que terão seus dados comparados com os resultados obtidos por este estudo, conforme já se disse: Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006).

Esta seção tem o objetivo de apresentar estudos que foram realizados no PB, numa visão sincrônica, sobre o comportamento da forma pronominal *você*.

Esse fenômeno lingüístico – variação das formas *você*, *ocê* e *cê* – despertou e continua despertando o interesse de estudiosos do PE e do PB. Essa variação está presente, também, no dialeto mineiro, na fala de moradores da cidade de Arcos, cidade localizada no centro-oeste de Minas Gerais, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(11) a) (...) **porque LÁ é muito difícil você... ter ligações...** se acontece alguma coisa aqui **como você vai avisar lá?**... num TEM::: **como você avisar...** num tem teleFO:::ne... num tem nada (...)

b) (...) procurem a porta TAL... porque nós **não conseguimos mais encontrar... vocês aqui...** de lá... (...)

c) (...) vamu lá então... né?... **eu vô contá pra voCÊ...** uma viagem MUItO LOUca... que eu fiz... (...)

(12) a) (...) mais tarde... à noite que ele chegou... FULANO... **onde que ocê FOI fulano?**... ah... fui dá uma volta por aí (...)

b) (...) paSSÁru por cima daquele véio lá... óia se machucô... ele virô... véio é **a PUTA QUE PARIU OCÊS TUDO** (...)

c) (...) **posso contar uma historia pr' oCÊS...** de quando eu fui pra GuarapaRI ?
(...)

(13) a) (...) ela falava... Ilaro::... ela muito SUR::da... Ilaro... **quê que cê qué cumê?**... ô MA::ria... num preoCUpa **NÃO** (...)

b) -----

c) aí eu falei assim... **NÃO... eu falei com cê ...** eu vindi a bicicleta (...)

Este trabalho parte da hipótese de que a ocorrência da forma pronominal *você* e suas variantes não vem acontecendo de maneira idêntica nas duas áreas, urbana e rural, da comunidade arcoense e que, nessa comunidade, a evolução de formas/fatos da língua portuguesa aponta para mais de uma direção. Essa hipótese encontra suporte no estudo de Biderman (1972), que mostra a ocorrência de formas não-padrão, ao lado da forma padrão *usted*, no espanhol; e no estudo de Faraco (1996), que chama a atenção para a ocorrência de várias formas, não-padrão, correspondentes à forma padrão *você* no PE e no PB.

Em seus estudos sobre o emprego da forma pronominal *você* no PB atual, Azevedo (1981) investiga o emprego dos pronomes de segunda pessoa, realizado nas cidades de Campinas (SP) e São Paulo. De acordo com ele, no PB, o pronome *vós* caiu em desuso na fala comum, adquirindo caráter retórico ou protocolar, e o mesmo ocorreu com a maioria daquelas perífrases, tais como *vossa excelência*, *vossa senhoria* etc. Duas delas, entretanto, mantiveram-se, a saber, o *senhor*, lexicalizada como expressão de tratamento

formal, e *vossa mercê*, que sofreu uma dupla evolução. Por um lado, originou a forma *vosmecê* e diversas variantes, como *vosmincê*, *vosmecê*, *vancê*, *mecê* etc., todas de valor formal e arcaizadas na fala urbana moderna, embora, segundo o autor, encontradiças nas zonas rurais. Por outro lado, deu também a forma *você*, que passando por uma transformação semântica, adquiriu o traço [- formal]. Nas palavras do pesquisador:

[...] a principal transformação conducente ao sistema atual encontra-se na atenuação da distinção entre os traços [+íntimo] e [-formal], com respeito aos pronomes *tu* e *você*, com o resultado de que o primeiro caiu em desuso na linguagem comum do sudeste brasileiro, conservando-se apenas em registros especiais, como o retórico e o poético (AZEVEDO, 1981, p. 273).

Um outro trabalho que merece destaque é o de Bezerra (1994), em que a lingüista trabalha com uma amostra de registros de interações espontâneas infantis, para a descrição do uso das formas pronominais *tu/você* na cidade de Campinas (SP). São gravações em áudio, feitas em 1992, em um condomínio fechado onde moram as crianças, perfazendo um total de 300 minutos. A autora, em seu estudo, registra que o item *tu* predomina com 194 ocorrências sobre *você* com 96 ocorrências.

Bezerra (1994), ao analisar o comportamento dos pronomes *tu* e *você* em atos comunicativos, defende que, em situações de intimidade, em que prevalece o interesse mútuo entre falante e ouvinte, há preferência pelo pronome *tu*. Já em situações de não-solidariedade, em que o falante ameaça a face do ouvinte, predomina o uso de *você*.

Por sua vez, no que diz respeito ao uso da forma *você*, no PB, classificada pela gramática tradicional (doravante GT) como um pronome de tratamento, os estudos de Ilari et alii (1996) e de Ramos (1997, 2000) apontam mudanças no uso desse pronome. Analisando o uso dos pronomes pessoais no português falado, Ilari et alii afirmam que o pronome *você*, considerado como definido pela GT, está sendo usado também com interpretação indefinida, tornando-se, nesse caso, um forte recurso para indeterminação do sujeito. Esse uso é ilustrado pelo exemplo abaixo. O exemplo mostra bem a qualidade indeterminada de *você*, que faz referência a um “fosse quem fosse/ seja quem for”:

(14) Antigamente **você** ia no Cine Ipiranga, eram umas poltronas ótimas tinha lá em cima **você** ficava bem acomodado²⁴. (DID-SP-234:578-579)²⁵

Ilari et alii (1996), numa pesquisa sobre os pronomes pessoais do português falado no Brasil, afirmam ser compreensível a classificação da GT, pois ela recupera uma regularidade da sentença latina, ou seja, a perfeita correspondência entre pessoas do pronome e pessoas do verbo; hoje, no entanto, já não existe, no PB, essa perfeita correspondência, que foi rompida pela inclusão do pronome *você*, de segunda pessoa (no lugar do *tu*), que faz referência à pessoa a quem se fala, mas leva o verbo para a terceira, e co-ocorre com possessivos e pronomes átonos de terceira pessoa. E acrescentam que a transferência de papéis não pára por aí, chegando o próprio *você* a incorporar uma interpretação indeterminada.

²⁴ Na opinião de Vitral e Ramos (1999, p. 04), o item *você* do exemplo, nesse contexto, seria considerado um expletivo.

²⁵ Nomenclatura utilizada pelos autores para registro das gravações das entrevistas.

Ilari et alii (1996) mostram que:

[...] quanto à categoria da não-pessoa, intervém uma nova oposição situada na dimensão semântica – a que separa a não-pessoa determinada e não-pessoa indeterminada, a qual pode ter uma expressão pronominal (como em 'Come-se bem aqui'). Se quisermos explicar o papel semântico de algumas expressões tradicionalmente enquadradas na categoria dos pronomes pessoais convirá, portanto, subcategorizar a não-pessoa.

Concluindo, Ilari et alii (1996) defendem, ainda, que “parece-nos necessário dar a esta questão uma resposta que quantifique em função dos diferentes fatores (geográficos, sociais, estilísticos)”. E declaram que “o estudo da variação das formas de tratamento deve, evidentemente, enquadrar-se em uma investigação sociolinguística”.

Na medida em que, conforme entendem Ilari et alii, a forma *você* usada como indeterminada faz referência a um “fosse quem fosse/seja quem for”, é possível dizer que, nesse uso, a forma *você* não corresponde ao *tu* – é qualquer pessoa de quem se fala (que pode ser o falante e/ou o ouvinte, visto como um elemento que não participa do processo de enunciação, *eu/tu*); ou seja, a forma *você* usada como indeterminada pode ser interpretada como não-pessoa, nos termos de Benveniste (1991).

Numa outra abordagem, mas ainda na sequência dos estudos aqui arrolados sobre a forma pronominal *você*, numa perspectiva sincrônica, estão os trabalhos de Vitral. Para Vitral (1996, 2001, 2002), a distribuição das três formas, objeto de estudo também desta pesquisa, não é idêntica. O linguista, ao estudar o comportamento sintático das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*,

defende que a forma *cê* está em processo de cliticização²⁶. O linguista define que o processo de mudança envolvendo as formas *vossa mercê* > *você* > *ocê* > *cê* pode ser descrito por meio da noção de gramaticalização, de acordo com Hopper & Traugott (1993). Essa noção pode ser definida, segundo Vitral (1996, p. 116), “como a ampliação dos limites de um morfema cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional”. Em outras palavras, “a gramaticalização é, então, a mudança de estatuto de um termo da língua: ao perder ‘significado’, um item lexical passa a ter função gramatical (Vital, 1996, p. 116). Em seu trabalho, Vital (op. cit.) analisa o estatuto do item *cê* do PB atual, observando sua trajetória desde a origem *vossa mercê*.

Mediante a constatação de que a variante *cê* apresenta comportamento sintático distinto do comportamento das formas *você* e *ocê*, propõe-se a hipótese de estar havendo um processo de cliticização dessa forma pronominal, ou seja, de que o *cê* constituiria uma etapa do processo de gramaticalização da forma *vossa mercê*, a da cliticização (Vital, op. cit., p. 119).

Dessa forma, tem-se:

(15) Item com significado lexical: *vossa mercê* > item gramatical: *você* > clítico: *cê* > afixo flexional

Nas palavras de Vital (1996), o *cê* parece estar se comportando como clítico nominativo, por apresentar alta frequência de ocorrência em posições

²⁶ Barbosa (2005) questiona tal argumento, uma vez que, segundo ela, há possibilidade da forma *cê* aparecer em posições em que um clítico não aparece. Assim sendo, ela defende que *cê* é uma palavra plena.

contíguas ao verbo. No entanto, este item pronominal apresenta características atípicas em relação aos demais clíticos do português, já que admite a não-adjacência estrita ao verbo pela presença de negação e advérbios, como:

- (16) a) Agora *cê* num vai, não.
b) *Cê* já esqueceu tudo.

A análise de Vitral (1996) é retomada por Vitral & Ramos (1999), que adotam a perspectiva de que *cê* enquadra-se na categoria dos novos clíticos do PB, de caso nominativo. Para os dois autores, *cê* é resultado de reduções morfofonológicas e outras transformações advindas da gramaticalização de *vossa mercê*.

Os dois pesquisadores discutem, também, a natureza da modificação semântica apontada na literatura sobre gramaticalização. De acordo com os vários autores que trabalham com essa noção, a gramaticalização de lexemas “implica ‘perda de conteúdo semântico’ e também ‘perda de substância fônica’” (Vital & Ramos, 1999, p. 1).²⁷

Há, então, uma correspondência biunívoca, envolvendo a perda de conteúdo semântico e a perda da substância fônica. Vital & Ramos argumentam contra a existência dessa correspondência, baseando-se em dados como os seguintes:

- (17) a) Todas as lojas que **você** tem aqui nos grandes bairros são procuradas.
b) Em Kioto, **você** tem aquela confusão nas ruas.
c) Em Buenos Aires, **você** tem confeitarias.

²⁷ Cf., também, TRAUGOTT & HEINE, 1991; HEINE & REH, 1984.

Nos exemplos acima, Vitral & Ramos (1999, p. 4), argumentam que:

[...] o item *você* aparece numa posição não-temática e sua presença não pode ser explicada como resultante de movimento a partir de outra posição sintática da sentença. Não pode também ser analisada como vocativo, por não ter recebido entoação marcada.

Assim, o item *você*, nos exemplos acima, só pode ser analisado, segundo os lingüistas, como um expletivo, isto é, um item que não apresenta traços semânticos. O pronome *Você* está, então, funcionando da mesma maneira que a partícula inglesa *there*.

Ainda segundo os autores:

[...] este uso de *você* representa um problema para a correlação estrita em perda de substância fonética e perda de informação semântica, na medida em que não é a forma foneticamente mais reduzida, isto é, a clítica, a que está sendo usada como expletivo. (VITRAL & RAMOS, 1999, p.4).

Em outro trabalho, Ramos (1997), com o objetivo de testar a hipótese de cliticização de *cê* e, também, de examinar a alternância do uso da forma *você* e do uso de formas correspondentes, não-padrão, no português brasileiro, analisa 342 dados, obtidos por meio de entrevistas sociolingüísticas com informantes belo-horizontinos. A autora faz as seguintes considerações:

- a) a forma *cê* é a preferida pelas três faixas etárias analisadas;
- b) os dados mostram que a referência indefinida ocorre mais na fala dos jovens (55%) que na fala dos medianos (36%) e velhos (10%);

- c) o item *você* está sendo preferido para expressar referência indefinida e o item *cê*, para referência definida;
- d) os resultados confirmam a hipótese de cliticização da forma *cê*.

Para a lingüista, a forma *você* está deixando de ser usada como definida, cedendo o lugar nos contextos de interpretação definida, para a forma não-padrão *cê*, como se pode ver nos seguintes exemplos:

- (18) a) [...] porque correndo, **você** faz a viagem num instante.
b) [...] de que lado **cê** tá?

A partir de uma análise de 18 (dezoito) inquéritos do NURC-SP, Corradello (1997) confere que são os homens que mais utilizam o item *você* indeterminador, especialmente em situações dialógicas e menos formais. Segundo a autora, o pronome *você* é polissêmico, estratégico e peculiar no sistema referencial do PB. Além disso, ela defende que o pronome *você* genérico é utilizado em função de aproximação do interlocutor, por meio da abrangência indistinta das pessoas.

Com a finalidade de subsidiar o ensino da língua portuguesa como língua estrangeira, Mendes (1998) aborda a questão do uso das formas de tratamento no PB e constata que há uma preferência expressiva pelo uso do tratamento informal. O primeiro problema levantado pela lingüista é saber se a grande variedade de pronomes e nomes pronominalizados que podem ser usados como pronome de segunda pessoa – tu, você, o (a) Senhor (a, ita), o amigo, o Professor, o doutor, além dos formalíssimos Vossa Excelência, Vossa Magnificência, Vossa Santidade etc. – é efetivamente usada no PB.

Segundo ela, parece que não e exemplifica com o caso do pronome *tu*, em sua forma nominativa, que é usado em algumas regiões do Brasil, mas em Minas Gerais, por exemplo, ele inexistente²⁸. Com isso, segundo ela:

[...] um dos muitos problemas que precisa ser rigorosamente pesquisado, em relação ao PB, é o uso das formas de tratamento, uma vez que é um assunto pouco estudado e que o aprendiz do português como língua estrangeira precisa de instruções muito claras sobre como as pessoas se expressam para não correr riscos de interpretar mal o que ouve, ou ser mal interpretado ao interagir com o falante nativo (MENDES, 1998, p. 136).

A lingüista defende que o PB, diferentemente de outras línguas européias, tem um sistema de tratamento muito complexo, bem mais elaborado do que a dicotomia – cerimonioso/não-cerimonioso – presente em várias outras línguas. Assim sendo,

[...] o falante nativo, uma vez que tem competência comunicativa, consegue, nas diversas situações de comunicação, fazer as opções adequadamente. Para o falante do português como língua estrangeira a situação é diferente e ele nem sempre consegue fazer a opção mais conveniente. Considera-se que essa opção depende não só da situação de comunicação, mas do tipo de relacionamento que o usuário percebe ou supõe existir entre ele e seu interlocutor. Para o aprendiz do português como língua estrangeira, a percepção das sutilezas envolvidas na escolha da forma de tratamento adequada constitui dificuldade (MENDES, 1998, p. 137).

Mendes (1998) faz a opção de estabelecer um *corpus* constituído de diversas gravações de intervenções em 10 mesas redondas e os debates subsequentes, atividades integrantes do Congresso Universitário da UFMG, realizado em 1985, cujos participantes eram dirigentes universitários, alunos

²⁸ Mota (2008), no entanto, encontra registros de uso do *tu* nominativo na cidade de São João da Ponte (MG).

de graduação e pós-graduação, políticos, jornalistas, sindicalistas, altos dirigentes do Ministério da Educação, o que diversifica os tipos de interlocutores do *corpus*. São 25 horas de gravação, com 283 ocorrências de pronomes de tratamento e destas ocorrências, 221²⁹ são da forma *você(s)*, ou seja, 78,1% dos pronomes de tratamento utilizados. Tais resultados levaram a pesquisadora a defender que a predominância do pronome *você* parece apontar para uma tendência à informalidade, principalmente se se levar em conta que a situação de comunicação era bastante formal. Os dados do *corpus* indicam, portanto, uma preferência expressiva pelo uso de tratamento informal.

Em um outro estudo, desta vez sobre as formas *você* e *cê* e a indeterminação do sujeito no PB, Alves (1998) constata com sua pesquisa que as formas tradicionais de indeterminação do sujeito, prescritas pela GT, estão sendo substituídas principalmente pelo uso dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* (45,6%), a gente (25,4%) e as pessoas (6,6%). Os dados do pesquisador revelam que a forma *você* é a preferida para expressar indeterminação, seguida pela forma *cê* e, depois, pela forma *ocê*, contradizendo os dados de Ramos (1997, p. 50) que mostram uma preferência pela forma *cê*, por parte dos jovens e medianos, ao expressarem referência indefinida, ou seja, para expressarem uma indeterminação.

Com propósitos semelhantes ao estudo descrito acima, ao estudar as formas *você*, *ocê* e *cê*, Coelho (1999) procura identificar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam o uso dessas formas no município de São Francisco (MG). Conforme descrito nos objetivos específicos desta tese, o

²⁹ “Na verdade houve 361 ocorrências de *você*. 241 dessas ocorrências, no entanto, não são pronomes de tratamento, mas pronomes que se prestam à indeterminação do sujeito. Exemplo: Jornalista para platéia: [...] *Você* pode comprar tecnologia, *você* pode comprar prédios melhores, se equipar melhor ... - o sentido aqui é: pode-se comprar tecnologia, pode-se construir prédios melhores, se equipar melhor” (MENDES, op. cit. p. 141). As escolhas e os paradigmas adotados por mim neste estudo diferem de Mendes (1998).

trabalho de Coelho (1999) terá os resultados comparados com os desta pesquisa. Dentre outros, a autora, nesse estudo, encontra os seguintes resultados:

- a) a variante *cê* lidera sobre as demais, seguida de *ocê* e *você*, o que significa que *cê* já está implementada naquela comunidade;
- b) a forma *cê* é favorecida pela função de sujeito da frase (61% das ocorrências);
- c) a variante *você* é mais favorecida por contextos indefinidos (22% das ocorrências) que por contextos definidos (19% das ocorrências); já na função de objeto do verbo, a forma mais utilizada foi *você* (54% das ocorrências);
- d) na função de objeto de preposição, a forma preferida pelos informantes foi *ocê* (45%); já na função de objeto do verbo, a forma mais utilizada foi *você* (54%);
- e) a forma *você* ocorre mais na zona urbana (28%) que na rural.

A lingüista defende que a distribuição das três variantes *você*, *ocê* e *cê*, segundo a procedência geográfica, mostra a forma *você*, como sendo tipicamente urbana, onde a forma *ocê* é pouco freqüente e a forma *cê* é preferencialmente usada. De acordo com essa distribuição, a forma *ocê* ocorre menos na área urbana do que na área rural, onde a forma *cê* é, também, preferencialmente usada.

Os resultados de Coelho (1999, p. 72) mostram que os jovens usam mais as variantes não-padrão (*ocê/cê*) que a padrão (*você*), mas os velhos também usam mais as variantes não-padrão; apenas os medianos é que usam a

padrão mais que as não-padrão. Portanto, não se pode falar em mudança em progresso, mas pode-se dizer que a variante *cê* já está implementada na língua daquela comunidade sanfranciscana.

Sabe-se que muitas das expressões ainda hoje encontradas na fala de brasileiros de diversas regiões – e consideradas como “erros” pelas elites cultas – pertenceram ao português arcaico. Referindo-se a estudos sobre expressões, como “teúda, troncho, depois, meizinha, luta”, etc., presentes no português falado por pessoas “incultas” de algumas áreas rurais brasileiras e, comumente rejeitadas (ou, no mínimo, tidas como estranhas, quando ouvidas através das telenovelas regionalistas ou por outros meios) por falantes dos meios urbanos, Cruz (1999, p.78) afirma:

[...] nesses estudos descobre-se que muito daquilo que é desprezado pelas elites cultas como maneira errada de se exprimir tem ligações com o português arcaico. [...] É na população rural e inculta que se acham as expressões mais antigas. O fenômeno é simples. Nessas comunidades interioranas, o idioma não está submetido ao dinamismo dos centros cultos.

A contribuição de Menon (2000) para a descrição e estudo do pronome no PB³⁰ se dá sobre a questão da alternância e/ou substituição no uso dos pronomes íntimos de segunda pessoa *tu* e *você* no sul do Brasil, ao analisar um *corpus* escrito, a tradução brasileira de Vinhas da Ira (1940)³¹. Segundo a autora: i) não ocorre somente o pronome *tu*, pois a forma *você* aparece nas três amostras analisadas e o pronome mais formal (*tu*) aparece em duas delas; ii) existe bastante variação na comunidade, mas pouca no indivíduo, no *corpus*

³⁰ Menon já abordou o assunto em vários outros trabalhos (cf. MENON 1994, pp. 223-236; 1995, 1996a, b) sobretudo no que concerne às questões: i) da forma verbal que acompanha o pronome *você* e ii) da alternância no uso dos pronomes *tu* e *você* com a mesma forma verbal, não-marcada.

³¹ STEINBECK, John. As vinhas da ira. [Tradução brasileira por Ernesto Vinhaes e Herbert Caro]. Porto Alegre: Livraria Globo.

de Loregian-Penkal (1996); iii) parece haver certa gradação na mudança de emprego seja de o *senhor* para *você*, seja de *você* para *tu*.

Dando continuidade à apresentação de alguns estudos sobre o pronome *você*, Ramos (2000) analisa dados extraídos de entrevistas em Ouro Preto (MG) e Belo Horizonte, confirmando, mais uma vez, a hipótese de cliticização. Com base no tempo aparente, se confirma nos dados analisados que está havendo mudança em progresso.

Do mesmo modo, no estudo que fizeram sobre a forma pronominal em questão, Cyrino, Duarte & Kato (2000) argumentam que o pronome de segunda pessoa indireto *você* já foi reduzido à forma *cê*, considerada um pronome fraco. Mencionam, ainda, que o PB apresenta duplicação do sujeito, como:

(19) a) *Eu, eu* sinto demais isso, né?

b) *Você, cê* não me pega!

O par homófono, ou quase homófono, no exemplo acima, aparece com alta frequência e correlacionam esse fato a processos históricos de transformação da língua e a uma hierarquia referencial de itens pronominais. Além de investigarem a variação dos itens pronominais *você*, *ocê* e *cê*, este estudo busca avaliar a hipótese de *cê* ser um pronome fraco, já que ocorre em contextos sintáticos específicos.

Seguindo-se a proposta inicial desta seção de se descrever os trabalhos numa ordem cronológica, apresenta-se, a seguir, mais uma das contribuições feitas aos estudos já realizados sobre o uso da forma pronominal *você*. Pinto (2001) revela, em seu trabalho sobre a variação “*tu/você*”, que falantes

cariocas, de uma forma geral, optam pela variante *você* como a forma de prestígio. Segundo a autora, os testes demonstram que o fator grau de escolaridade influencia de forma significativa na definição de atitudes. E conclui que a instituição escolar, pelas atitudes de seus professores e pelas crenças contidas em seus documentos oficiais, influencia na definição de atitudes dos falantes de língua portuguesa no que diz respeito à variabilidade lingüística.

Com base nos dados do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), Leão (2002) analisa a variação *tu e você* no português falado no Sul do Brasil e sua correlação com a variável bilingüismo. A autora parte do estereótipo do emprego de *tu* à variedade do português riograndense, sendo a variante *você* a forma inovadora do centro do país. Contrariamente a esse estereótipo do uso de *tu* como marca da fala riograndense, constata-se uma variação significativa que aponta para o emprego da forma *você* nas áreas bilíngües do Rio Grande do Sul, o que se explica pelo modo de aquisição do português por essas populações, essencialmente via escola.

Na mesma perspectiva da variação entre *tu/você*, mas, desta vez, com a preocupação da identidade cultural, Santos (2003), faz um estudo sobre os pronomes *tu* e *você* e as formas de tratamento no português como segunda língua, partindo da premissa de que o sistema de tratamento da língua portuguesa é mais complexo do que outras. Nessa perspectiva, é analisada a construção da identidade lingüística dos aprendizes norte-americanos no uso do PB, partindo de suas identidades culturais, em contexto universitário nos EUA e no Brasil (Rio de Janeiro). Para isso, são realizadas entrevistas e atividades orais com alunos americanos imersos na cultura brasileira e nos EUA. Como resultado, é encontrado um constante uso do pronome *você*,

considerado como forma padrão. Este pronome, nessa pesquisa, foi associado a títulos como *diretor, doutor, professor* entre outros, caracterizando uma tentativa de proximidade ou de distanciamento.

Um outro trabalho sobre as formas *você, ocê* e *cê* é o estudo de Andrade (2004), no Distrito Federal (DF), com um inventário de 1.258 (mil, duzentos e cinquenta e oito) dados de fala. A pesquisadora testa a hipótese de cliticização de *cê* (Vital, 1996, 2002; Ramos, 1997) e a hipótese de que *cê* é um pronome fraco (Kato, 1999), além de comparar os dados do DF com os de MG, por meio dos resultados obtidos por Ramos (1997) e Coelho (1999), com o intuito de investigar os condicionamentos sintáticos, discursivos e sociais que atuam na escolha dessas formas pronominais.

A autora conclui que a forma *cê* “apresenta tanto características de pronome fraco como de clítico” (ANDRADE, 2004, p. 130) e, ainda, justifica sua conclusão:

Partindo do pressuposto de que a gramaticalização é um processo lento e gradual, pode-se admitir que *cê* possa estar adquirindo comportamento clítico, sem, no entanto, apresentar todas as características próprias de um clítico verdadeiro (ANDRADE, 2004, p. 130).

Os resultados dessa pesquisa indicam que as variantes têm comportamento sintático diferenciado: há contextos categóricos, em que se pode observar a ocorrência exclusiva do pronome forte *você* e há contextos variáveis, em que se observa a ocorrência significativa da forma *cê* favorecida por condicionamentos estruturais e sociais específicos. *Cê* é uma categoria que, por estar em um estágio intermediário do processo de gramaticalização, não apresenta ainda todas as características próprias de um clítico verdadeiro.

Um estudo realizado por Ciríaco, Vitral & Reis (2004) sobre as formas reduzidas *cê* (pronome *você*), *ez* (pronome *eles*) e *num* (advérbio *não*) tem o objetivo de atestar foneticamente as três reduções e comprovar-lhes, por meio de análise acústica, o processo de cliticização. A pesquisa atesta também a duração e intensidade das formas em análise. Para os pesquisadores o processo de cliticização de *cê* pode ser confirmado, tanto pelo parâmetro da duração quanto da intensidade.

Por sua vez, Barbosa (2005) se propõe a determinar o *status* da forma *cê*: um clítico ou uma palavra plena? A pesquisadora, respaldada pela Fonologia Prosódica e pela Teoria da Cliticização, realiza testes prosódicos, fonológicos, acentuais, morfológicos e sintáticos, conferindo à forma *cê* o *status* de palavra plena e não de um clítico.

No âmbito do Projeto VARSUL (Variação Lingüística da Região Sul do Brasil)³², há o trabalho de Loregian-Penkall (2005), com um enfoque e descrição da forma em que se processa a escolha de *tu/você* para estabelecimento da segunda pessoa do singular na fala de moradores de cinco cidades catarinenses: Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Chapecó, Blumenau e Lages. Em outras palavras, pretendeu-se verificar, com esta pesquisa, até que ponto os pronomes *tu/você* estão em uso no sul do país.

Em relação à alternância *tu/você*, a lingüista procura resposta para a recorrente afirmação de que “o pronome ‘*você*’ substituiu/está substituindo o *tu* no PB”. Neste sentido, os dados apontam que apesar de o item *você* ser mais usado no Paraná, o pronome *tu* permanece sendo uma forma bastante

³² O VARSUL, projeto integrado, concebido e desenvolvido por pesquisadores de três universidades federais da região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), com posterior adesão da PUCRS, é constituído de gravações (já transcritas e armazenadas em microcomputador) efetuadas nas capitais dos três estados – Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, mais três cidades representativas das etnias mais importantes na colonização diferenciada desses estados, num total de 96 (24 x 4) entrevistas por estado, distribuídas igualmente por sexo, duas faixas etárias e três graus de escolaridade.

produtiva na linguagem oral, na maioria das localidades do Sul analisadas pela autora. Com isso, Loregian-Penkall sugere que as freqüentes generalizações de que o pronome *você* substituiu/está substituindo o *tu* no PB sejam revistas, uma vez que não é isso que os dados reais mostram. Segundo a lingüista:

[...] tão problemático quanto esse tipo de generalização é apresentar o paradigma pronominal (como fazem as GTs e a maioria dos livros didáticos de português e de português para estrangeiros) como se só existisse o pronome *tu* para tratar o interlocutor. Assim, defendemos que tais posturas precisam dar lugar a uma reflexão lingüística mais coerente com a realidade de uso dos falantes e, nesse sentido, temos de admitir e propagar, primeiramente, que existem no PB duas formas para tratar informalmente o interlocutor: os pronomes de segunda pessoa *tu* e *você*. Atrelado a isso, precisamos descrever e explicar devidamente a distribuição dialetal de uso desses pronomes. Bem como em que locais se usa somente o pronome *você* (LORENGIAN-PENKALL, 2005, p. 366).

Amparada pela teoria da sociolingüística laboviana, Herênio (2006) investiga a existência de variação entre *tu* e *você* no PB falado contemporâneo. A análise se dá em discursos de falantes adultos das cidades de Imperatriz (MA) e Uberlândia (MG). A pesquisadora constata que, em Uberlândia (MG), só se usa o item *você* e que, em Imperatriz (MA), apesar do uso da forma *tu* sem concordância com o verbo, o item *você* também lá é o mais empregado.

A seguir, em seu trabalho de caráter sincrônico e de análises quantitativas, Modesto (2006) verifica como se configura a alternância das formas de tratamento no falar informal do santista, no que concerne à utilização do *tu* e *você*. O pesquisador constata que o uso da forma *você*, em termos de freqüência bruta, superou a forma *tu*, apresentando como resultados 67% de usos para *você* e apenas 32% de usos para *tu*. Além disso, em seu

trabalho, se confirma que o pronome *você*, apesar de ter uma frequência maior de uso no *corpus* analisado, mostrou-se improdutivo em contextos de maior expressividade e, por sua vez, a forma *tu*, como forma de expressividade, realiza-se na inter-relação da situação com o interlocutor, servindo como meio de reforço da expressão pragmática do seu discurso, consolidando, assim, um fato de variação estilística.

Eis mais um trabalho que terá seus dados comparados nesta pesquisa: “O uso de *você*, *ocê* e *cê* em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real”, cujo objetivo central é fazer um estudo sincrônico e diacrônico das três formas, descrevendo seu comportamento no nível gramatical quanto no nível social, de acordo com a teoria da variação. Peres (2006) investiga o uso das formas *você*, *ocê* e *cê* em Belo Horizonte, em duas épocas distintas: 1982 e 2002, a fim de se saber se, nesse espaço de tempo, está havendo mudanças com relação a alguma dessas três formas e também a fim de se caracterizar o comportamento da comunidade belorizontina. É um estudo que se faz do tempo aparente e do tempo real. Para tanto, são analisados dados de fala, obtidos por meio de entrevista sociolinguística, coletados nas duas épocas, levando-se em conta os seguintes fatores lingüísticos:

- a) função sintática das formas nas frases;
- b) contigüidade em relação ao verbo;
- c) comportamento nas construções de tópico;
- d) expressão da referência;
- e) tipo de frase em que aparecem ;
- f) foco.

E os seguintes fatores extralingüísticos, relacionados aos informantes:

- a) idade;
- b) gênero;
- c) classe social.

Dos fatores apresentados, dois se mostram relevantes para os dois *corpora* analisados: a função sintática das formas e a idade dos informantes.

Para a autora, os principais resultados encontrados, indicam que está havendo mudança em progresso com relação à forma *cê* e também uma especialização das formas com respeito à expressão da referência, sendo *você* preferencialmente usado nas referências indefinidas e *cê*, nas referências definidas. Por outro lado, os contextos marcados, como as funções de objeto de verbo e de preposição e o foco, apresentam restrições ao uso de *cê*, embora não impeçam sua ocorrência, o que pode representar um lento início de mudança em curso.

Segundo a pesquisadora, os dados das duas amostras do trabalho indicam que a forma *cê* está implementada na comunidade de Belo Horizonte, sendo usada preferencialmente na função de sujeito, e que apresenta um avanço bastante pequeno nas funções marcadas que oferecem maior resistência a esse tipo de mudança. Dentre estas, o maior avanço do peso relativo de *cê* quanto à função de objeto de verbo, e o menor, na função de objeto de preposição.

Quanto aos fatores extralingüísticos, viu-se que *cê* é a forma preferencialmente usada pelas duas classes sociais e pelas mulheres, o que

indica que não existem estereótipos nem estigmatização relacionados a ela, ou seja, sua avaliação pela comunidade não é negativa. Por outro lado, os informantes da faixa etária mais alta a desfavorecem, atestando a mudança em curso e também o fato de que os falantes adultos têm uma tendência maior a formalizar sua fala, o mesmo ocorrendo com os informantes homens do *corpus* de 2002.

Um outro trabalho de pesquisa a ser elencado nessa seção é o de Sousa (2008), em que a autora propõe uma análise das referencialidades do pronome *você* no *corpus* do Projeto VALPB (Variação Lingüística da Paraíba). A pesquisadora constata que, na atualidade, o pronome *você* ocupa o lugar de pronome pessoal e traz, como referencialidade, a segunda pessoa, função canônica, dividindo o espaço em algumas regiões com o item *tu* e, em outras, ocupando legitimamente o lugar e substituindo o item *tu* ; a primeira pessoa (P1) ou ainda com a função de genérico, sendo utilizado pelo falante como uma estratégia de argumentação.

De acordo com Sousa (2008), no entanto, na instituição escolar, as gramáticas normativas e os livros didáticos, perpetuam a classificação do pronome e sequer questionam, refletem sobre os outros valores desse pronome que são utilizados na atualidade. O ensino de pronomes pessoais em livros didáticos de 2007 é equivalente ao ensino proposto em livro didático de 1960. Os resultados da pesquisa confirmam que a escola, ainda que com sua atitude normativa e conservadora, não consegue inibir o uso do item *você* com outras referências e esse uso tem se alastrado e tem sido homologado em eventos discursivos na língua. E, muito mais, Sousa assegura que o falante paraibano, como reflexo do falar brasileiro, no momento atual, encontra-se seduzido pelo

item *você* com outras referências, além da segunda pessoa, e esses outros valores do *você* configuram a variante inovadora.

Destaca-se, aqui, um estudo recente da variação pronominal *tu e você* no português oral mineiro, especificamente da cidade de São João da Ponte (MG), realizado por Mota (2008). Os resultados dessa pesquisa revelam que a forma *tu* coexiste com a forma *você*, não só nas regiões Norte, Sul e Nordeste, mas também na região Sudeste, mais exatamente no Norte de Minas. A pesquisadora constata o favorecimento de uso da forma de tratamento por *tu* no grau de intimidade. Um perfil de variação estável que pode ser atribuída ao isolamento sofrido pela região no processo de urbanização e desenvolvimento econômico do estado de Minas Gerais.

Por último, são apresentadas duas definições lexicográficas de dicionários desenvolvidos e publicados no Brasil. O primeiro da Editora Nova Fronteira, data de 1999 e o outro é da Editora Objetiva, data de 2001.

A escolha pelo Novo Aurélio: o dicionário de língua portuguesa deve-se ao fato de ser uma obra com mais de 435 mil verbetes baseados no português contemporâneo, mas que concilia palavras e significados do presente com aqueles utilizados na literatura do passado. Nesse dicionário, encontra-se a seguinte definição para o verbo:

Você – [De vosmecê< vossemecê< vossa mercê]. Pronome de tratamento **1.** Em certas partes de Portugal, ainda indica respeito, prendendo-se, semanticamente, ao *Vossa Mercê* originário, como já se deu (porém, cremos, bem pouco) no Brasil. [...] **2.** Tratamento íntimo entre iguais ou de superior para inferior [...] **3.** Dos fins da primeira metade de séc. XX para cá, tratamento dado (no Brasil, pelo menos) por filho, neto, sobrinho etc., ao pai, avô, tio etc., mas que ainda não excluiu o emprego do o senhor [...] **4.** Tratamento dado, hoje em dia, geralmente no singular, em

anúncios de jornais, e por locutores de rádio e televisão, artistas de teatro etc., a leitores, ouvintes e espectadores. A palavra *você* apresenta numerosas variedades e formas paralelas, na maioria brasileiras: *vassuncê*, *vossemecê*, *vosmecê*, *vancê*, *voncê*, *vacê*, *ancê*, *acê*, *ocê*, *ce*. Chegam talvez a 30 as formas derivadas de *vossa mercê*. Pronome Indefinido **5**. Bras. Alguém [...]

Por sua vez, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa da Editora Objetiva é uma obra de cerca de 228.500 unidades léxicas que não privilegia determinada faixa cronológica ou geográfica de língua. Versa diacronicamente sobre fenômenos não apenas do português contemporâneo de Brasil e de Portugal, mas ainda, embora de forma seletiva, sobre vocábulos da língua antiga e da arcaica, cujo registro se justifica pelo percentual de sua ocorrência na história da literatura portuguesa.

Você - *pron. trat.* (1665)³³ **1.** aquele a quem se fala ou se escreve [...] *pron. indef.* **2** pessoa não especificada; alguém [...] **GRAM** apesar de funcionar como forma de tratamento da segunda pessoa, esse pronome leva o verbo para a terceira pessoa [...] **GRAM/USO a)** excetuando-se a região do extremo Sul e alguns pontos da região Norte, no Brasil *você* toma lugar do *tu* como pronome de segunda pessoa como: 1) forma de tratamento íntimo 2) forma de tratamento entre pessoas de mesmo nível social, econômico, etário etc. [...] 3) forma de tratamento de superior para inferior **b)** em Portugal, *você* é basicamente usado como tratamento entre pessoas de mesmo nível, ou de superior (em classe social, em idade e em hierarquia) para inferior; em famílias de classes mais altas o *você* é usado como forma carinhosa de intimidade, emprego este considerado fino; tal tratamento jamais se ouve de inferior para superior o que seria considerado acinte. **ETIM** *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê*

³³ Cf. D. Francisco Manuel de Melo. Auto do Fidalgo aprendiz. Lião, 1665.

> *você*; f. hist. 1665 *vossancé*, 1721 *vossancê*, 1721 *vossê* # **Sinônimos/Variantes**
vacê, vancê”.

Depois de se apresentar alguns trabalhos brasileiros, nas perspectivas diacrônica e sincrônica, sobre o pronome *você*, a próxima seção trata de uma descrição do comportamento da forma pronominal *você* no PE contemporâneo.

2.4 O Comportamento da Forma Pronominal *Você* em Portugal

Esta seção tem o objetivo de (i) apresentar algumas pistas sobre o uso da forma pronominal *você* em tempos atuais no PE; (ii) descrever, com base na pesquisa desenvolvida nos acervos dos Centros de Lingüística e das Bibliotecas das Universidades Portuguesas (Aveiro, Coimbra, Évora, Lisboa e Porto), o comportamento da forma *você* no PE; (iii) e, por último, relatar observações feitas, *in loco*, do desempenho lingüístico do falante português em relação à forma pronominal de tratamento no dia-a-dia, em diversos locais e situações concretas de interação, como feiras, festas, quermesses, celebrações religiosas e comércio local das cidades portuguesas - norte a sul, leste a oeste do país - como: Almada, Aveiro, Batalha, Barcelos, Braga, Bragança, Caiscais, Coimbra, Espinho, Évora (Feira Municipal de Artesanato), Fátima, Guimarães, Lisboa (Feira da Ladra, Mercado do Peixe, centros comerciais - shoppings, supermercados, talhos, cafés, teatros, cinemas, shows musicais, museus, exposições etc.), Mafra (Mercado Municipal), Miranda do Douro, Óbidos, Porto, Setúbal, Sintra, Tomar, Viana do Castelo e Vila Nova de Gaia. Além, é claro, de se observar e analisar a fala dos

portugueses em situações concretas do dia-a-dia no metro, nos autocarros, nos comboios, nos carris, táxis etc.

Pensando-se no carácter científico da descrição e das considerações feitas, esta seção consiste na apresentação de resultados de consultas ao *subcorpus* oral, dos anos 1970-2001, extraído do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL). Os dados do *subcorpus* ocorrem em usos reais e englobam situações diversas com a dimensão de 3.891.369 (três milhões e oitocentos e noventa e um mil e trezentos e sessenta e nove) palavras. É um *subcorpus* constituído por amostragens de conferências, aulas, debates presidenciais, programas de rádio e de televisão e entrevistas, monólogos, diálogos e conversas espontâneas.

O Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL) tem acessível para consulta o CRPC, um *subcorpus* constituído por amostragens de língua falada e de língua escrita do PE, do PB, do português dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e do português de Macau, Goa e Timor. Atualmente esse *corpus* é constituído por cerca de duzentos milhões de ocorrências, sendo dois milhões de discurso oral.

Assim, o CRPC constitui atualmente a base de múltipla investigação lingüística, formado por livros, jornais, revistas, documentos, folhetos, correspondência, dissertações académicas, construções de léxicos, estudos sobre o Português falado, trabalhos lexicográficos, tradução assistida por computador, entre outros. Esse *corpus* permite elaborar novas e atualizadas descrições do português, pois apresenta referência centralizada e de consulta acessível.

As possibilidades oferecidas pela grande quantidade de material reunido em um *corpus* e pela possibilidade de tratar esse material automaticamente em computador permitem uma maior rapidez e viabilidade na pesquisa de dados e respectiva análise.

Recorreu-se ao *corpus* para observar e clarificar o uso da forma pronominal *você*, em estudo, sem se fazer uma análise e um levantamento estatístico, pois a vantagem de se basear em dados de uso da língua, permite a observação mais próxima da realidade do comportamento do fenômeno lingüístico, isto é, daquilo que os falantes efetivamente usam.

Não se procedeu a uma análise estatística da forma *você* presente no *corpus* considerado, devido ao baixíssimo número de freqüências: 13 dados. Optou-se, por considerar mais profícuo, proceder a uma listagem das ocorrências presentes no sub*corpus* oral considerado e relacioná-las com os contextos em que ocorrem, no Quadro II.

Quadro II
Distribuição da forma *você* no Subcorpus de
Referência do Português Contemporâneo

CATEGORIAS	CONTEXTO
I) Situações de desigualdade social ou de desconhecimento	<p>A) ... aspectos bons das pessoas e pegava sempre por aí, <i>você</i> fez isto bem, tem isto bem que era mesmo para...</p> <p>B) ... chegarem a uma sala e olharem para as pessoas e dizerem <i>vocês</i> têm que fazer assim... assim... assim, porque se fizerem...</p>
II) De idade superior para idade inferior	<p>A) ... direito normalmente era uma Universidade <i>você</i> está na Nova na Católica em quê?...</p> <p>B) ... se <i>você</i> beber demais, diz-lhe: olhe, beba menos que senão...</p> <p>C) ... pois mas <i>vocês</i>... preparar para o futuro <i>vocês</i> acham que no futuro um advogado terá de usar gravata...</p>
III) De idade inferior para idade superior	<p>A) ... presidente, desculpe lá. <i>Você</i> está mais bem situado do que eu para saber essas coisas...</p> <p>B) ... vosso produto turístico, ou de outra forma, como é que <i>vocês</i> gostam de receber as pessoas, o que é que <i>vocês</i> têm para oferecer às...</p>
IV) Entre familiares/amigos	<p>A) ... e conte-me lá só mais uma coisa, <i>você</i> quando namorava com o avô...</p> <p>B) ... dona de uma galeria, ah chega-se ao pé de mim... mas <i>você</i> já não pinta, já quase que não pinta...</p> <p>C) ... que é que <i>vocês</i> acham desta nova ficção televisiva portuguesa?</p> <p>D) ... e, então, e quando <i>vocês</i> estavam a lavar a roupa lá no rio, os rapazes não...</p>

Através da informação fornecida pelo CLUL podem-se decodificar as situações em que os contextos apresentados ocorrem e delas se passa a dar

conta pormenorizadamente, mais uma vez, através de um quadro e com os mesmos procedimentos, de modo a facilitar a leitura entre o Quadro II e o Quadro III, onde são apresentados os contextos retirados do *corpus* e as categorias.

Quadro III
Situação de comunicação em que ocorre a forma *você*

Categorias	Contexto	SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
I	A	Uma psicóloga dirige-se ao candidato, numa entrevista para emprego.
	B	Uma psicóloga se dirige aos candidatos a emprego.
II	A	O entrevistador, professor universitário, fala com um jovem estudante.
	B	O informante, professor universitário, dirige-se a uma entrevistadora, mais jovem.
	C	O entrevistador, professor universitário, dirige-se aos jovens com quem está a conversar.
III	A	O locutor de rádio, jovem, entrevista o presidente de uma região de turismo, com mais idade.
	B	O locutor de rádio, jovem, entrevista o presidente de uma região de turismo, com mais idade, fazendo uma extensão para o grupo a que preside.
IV	A	A neta fala com a avó.
	B	O pintor se refere à maneira como uma amiga se dirigiu a ele.
	C	Uma amiga fala com dois amigos.
	D	A neta faz uma pergunta à avó, englobando as companheiras da sua idade, quando estas eram jovens.

Depois de se esclarecer a postura adotada nesta seção, vale a pena mencionar que esta seção se mostra necessária e, muito mais, importante, quando ela contribui ao suscitar novas pesquisas a serem desenvolvidas, a partir das colocações feitas aqui.

Os dados apresentados nos Quadros II e III revelam que a forma *você* no PE é usada nas quatro categorias selecionadas. Ou seja, a forma, no PE contemporâneo vem ocorrendo em situações:

- I) de desigualdade social ou de desconhecimento;
- II) de idade superior para idade inferior;
- III) de idade inferior para idade superior;
- IV) entre familiares/amigos.

Esses resultados permitem verificar a evolução que o PE tem apresentado nos últimos tempos, indicando que a posição de alguns pesquisadores, apresentada neste trabalho na seção 2.2, não revela o verdadeiro comportamento da forma pronominal *você* no PE contemporâneo.

A diversidade de formas de tratamento no PE contemporâneo e a complexidade de que se reveste o tema em questão têm dado origem a diversos estudos, citados aqui, nas seções, 2.1 e 2.2.

Dependendo da situação de formalidade ou informalidade, a escolha entre os pronomes *tu* e *você* e entre *tu* e *senhor (a)* é motivada por um sentido de familiaridade pessoal *versus* distância social. Deste modo, o locutor ao dirigir-se ao seu interlocutor pode fazê-lo utilizando, conscientemente, uma forma pronominal que evidencia aquela que espera que seja empregada pelo

seu destinatário. Assim, deliberadamente, utiliza a forma de tratamento com que deseja ser tratado: manter distância ou provocar proximidade.

Pode-se perceber nitidamente, no convívio por alguns meses com os portugueses em Portugal, que a dimensão das relações interpessoais é determinante na escolha da forma de tratamento. Assim como no PB, os fatores de relação social que se mostram pertinentes no que respeita o uso das formas de tratamento no PE incluem o grau de formalidade e de educação.

De maneira que tudo isso implica no falante português ser capaz de desempenhar determinados papéis, quer lingüísticos, quer discursivos, definidos pela sua natureza social. Deste modo, a forma de tratamento escolhida – seja em contexto familiar, informal ou, pelo contrário, em situações com maior grau de formalidade – é condicionada, de igual modo, pelo fator idade e pelo estatuto social, entre outros fatores.

No PE, entre as duas estruturas lingüísticas:

(20) *Tu* tens horas?

(21) *Você* tem horas?

A forma pronominal selecionada vai depender, por um lado de fatores como idade e a posição social do falante e, por outro, do conhecimento que o falante tem das questões associadas a cada uma das formas empregadas em detrimento das outras, visto que a seleção depende, em última análise, da cultura lingüística e do ambiente social e regional dos falantes.

Se o confronto entre formas pronominais envolver as formas exemplificadas em (20) e (21), é comum verificar-se que o item *você* não é

usualmente bem aceito pelos falantes do PE³⁴, visto que a sua ocorrência está fortemente condicionada por fatores sociais e pragmáticos, de entre os quais se destaca a intimidade existente entre os falantes.

O uso da forma pronominal *você* em Portugal hoje, afirmam diversos lingüistas atuais, se deve ao fato da influência³⁵ das novelas brasileiras que são retransmitidas por diversas emissoras portuguesas, em horários nobres, manhã, tarde e noite, inclusive aos domingos (o que não ocorre no Brasil). Além da influência dos costumes comportamentais e sociais brasileiros, a questão da língua, cada vez mais, se faz presente, por meio do léxico, de estruturas morfossintáticas, de gírias, de jargões, de piadas etc.

Para alguns estudiosos portugueses, a influência que os meios de comunicação social exercem nos hábitos lingüísticos de uma sociedade é forte e o conflito generalização e estabilização é evidente.³⁶

A forma pronominal *você* para alguns falantes portugueses, de maneira bem preconceituosa, só serve como forma de tratamento dirigida a pessoas de condição humilde. Em certas regiões de Portugal, ainda indica respeito, prendendo-se, semanticamente, à locução nominal *Vossa Mercê* originário, como já se deu no Brasil.

O emprego do *tu*, tratamento íntimo entre iguais, em Portugal, mal sai do âmbito familiar, utilizando-se apenas, dentro deste, entre pessoas da mesma idade, ou por parte dos indivíduos mais velhos ao dirigirem-se aos mais novos. Assim, enquanto os pais tratam os filhos por *tu*; os avós, os netos; os padrinhos, os afilhados e os tios, os sobrinhos. No entanto, a maior parte deles não aceita o contrário, e devem ser tratados na terceira pessoa com menção à

³⁴ É o que defende, também, Saraiva (2002, p. 14)

³⁵ Idem, *ibidem*.

³⁶ Cf. HAMMERMÜLLER (1993) e SARAIVA (2002, p.129).

palavra que indica o grau de parentesco: o pai, a mãe, o avô, a avó, o padrinho, a madrinha, o tio, a tia etc.³⁷. E jamais aceitariam serem tratados por *você*.

O tratamento mais freqüente em Portugal entre os indivíduos da mesma idade e categoria social, entre os quais existe certa amizade e confiança, é a terceira pessoa do singular acompanhada pelo nome ou apelido do interessado. Os dois exemplos, a seguir, mostram isso.

(22) O Nuno está a brincar comigo.

(23) A Maria Felipa não veio à aula hoje.

O item *você* está ganhando terreno pela sua maior simplicidade no dia-a-dia. Todavia, em alguns “sítios mais arcaizantes”, como dizem os portugueses, a forma *você* é considerada pelo povo como, de certo modo, depreciativa, utilizando-se a forma antiga *vossemecê* com as pessoas a que se deve um pouco de respeito.

Contudo, o pronome *você* no PE é menos empregado que no PB, muitas vezes devido à utilização dos pronomes reflexivos “si” e “consigo”, como nos exemplos a seguir:

(24) Preciso muito falar consigo.

(25) Tenho uma pergunta para si.

(26) Deixe a AMI³⁸ cuidar de si³⁹.

³⁷ É uma posição que caminha na mesma direção de Saraiva (2002, p. 31) .

³⁸ A AMI (Assistência Médica Internacional) é uma instituição humanitária portuguesa não governamental, com estatuto jurídico de Fundação, sem fins lucrativos, cuja criação, em 5 de Dezembro de 1984, se inspirou nos “Médecins Sans Frontières”, reunindo médicos, profissionais da saúde e outros voluntários.

³⁹ Publicidade de um Plano de Saúde em Lisboa.

Há quem defenda, veementemente, que não é possível usar a forma *você* em Portugal de inferior para superior em idade, classe social ou hierarquia. No entanto, tal questão merece uma investigação científica mais profunda, pois pode-se ouvir tal manifestação em alguns lugares e em diversas situações, além de encontrar dados desta natureza no CRPC.

Pode, no entanto acontecer, caso se tenha utilizado a forma pronominal *você*, que por uma questão de delicadeza, ou timidez o interlocutor não se manifeste, mas sinta algum desagrado pelo uso dessa forma pronominal.

A forma *você* não é uma forma pronominal totalmente bem aceita por parte de falantes do PE, visto que a sua ocorrência está fortemente condicionada por fatores sociais e pragmáticos, de entre os quais se destacam o contexto social, a idade, a escolaridade e a intimidade existente entre os falantes. Hammermüller (1977) atribui valores a esta forma de tratamento: superioridade (respeitoso), igualdade e inferioridade (condescendência).

Um lingüista alemão, que residiu bastante tempo em Portugal e era um exímio conhecedor do PE – Harri Méier (1951) –, ao concluir uma completa e sólida descrição da sintaxe do tratamento no PE, não deixa de reconhecer a íntima relação entre a complexa estratificação do sistema português de tratamento e a surpreendente expansão e persistência em Portugal de um modo de conceber a sociedade, próprio, em outros países, de um número restrito de instituições extremamente tradicionalistas e, muitas vezes, fossilizadas (exército, por exemplo). Segundo ele, a riqueza de possibilidades que o falante pode utilizar, com certo gosto e até com prazer, para sugerir e estabelecer a distância desejada entre si próprio e o seu interlocutor.

Esta pesquisa pretende avançar nos estudos sobre o tema dos trabalhos descritos aqui e contribuir também para a pesquisa sobre o uso da forma

pronominal *você*. Pode-se perceber com a descrição deste segundo capítulo que os estudos sobre *você* vêm privilegiando a área urbana, e esta pesquisa, diferentemente, se propõe a analisar, também, dados da área rural da cidade de Arcos (MG), no centro-oeste de Minas Gerais.

Além disso, este segundo capítulo mostra que o estudo das formas de tratamento continua a despertar interesse dos lingüistas atuais. Os autores, como se pode constatar, imprimem a seu objeto de análise uma orientação ora diacrônica, ora sincrônica. Os trabalhos citados e os resultados a que chegaram foram de grande valia para o delineamento desta pesquisa em relação à escolha dos fatores lingüísticos e sociais a serem analisados. Alguns desses trabalhos serão retomados posteriormente para uma comparação com os resultados obtidos nessa pesquisa.

Dentre os trabalhos que tomam como objeto as formas pronominais, destacam-se aqui alguns daqueles que explicam as modificações sociais para explicarem as mudanças lingüísticas pelas quais passa o sistema pronominal do português. O estudo das formas pronominais, feito à luz de condicionamentos internos e externos, tem a possibilidade de mostrar que mudanças nas relações sociais poderão ser determinantes para modificações na língua.

Depois de se descrever alguns trabalhos relevantes sobre o sistema pronominal no PE e no PB, apresentar alguns estudos sobre a forma pronominal *você* e descrever o comportamento do item *você* em Portugal, o terceiro capítulo, a seguir, vem apresentar o cuidado que se teve com o método e os procedimentos adotados para a análise do fenômeno em estudo nas duas perspectivas: Sociolingüística Variacionista e Sociolingüística Interacional.

CAPÍTULO III: MÉTODO E PROCEDIMENTOS

A heterogeneidade da fala, conforme Labov (1972), apresenta-se, aparentemente, como um caos. No entanto, dentro desta heterogeneidade lingüística, um observador atento pode verificar que fatores, tanto externos quanto internos à língua, podem influenciar a fala das pessoas. A fim de sistematizar esta aparente caoticidade da fala, esta Tese de Doutorado, a partir de Labov, propõe uma metodologia que, por meio de amostragens, procura identificar o modo como os diferentes grupos sociais dentro de uma determinada comunidade de fala se comportam lingüisticamente.

Sobre a metodologia de trabalho, Labov (1972, p. 207) afirma que a questão aqui não é necessariamente embasar os estudos lingüísticos com a teoria da linguagem, mas, em vez disso, estabelecer um novo método de trabalho. Assim sendo, apresentam-se, nesta seção, o método e os procedimentos adotados.

3.1 Panorama Histórico-Geográfico de Arcos (MG)

Arcos, cidade localizada no centro-oeste mineiro, a 220 km de Belo Horizonte, fundada, em 1729, pelos irmãos Manoel e Antônio Ribeiro de Moraes, doadores de seu patrimônio, tem sua história ligada às primeiras expedições de bandeirantes e tropeiros que passaram pela região com destino a Goiás, em busca de ouro.

A origem do nome do Município possui várias versões. A mais corrente diz que, havia uma trilha que perlongava o riacho à margem do qual se encontrava a cidade, cujo caminho era utilizado pelos valentes bandeirantes rumo a Goiás. Certos tropeiros, vindos de longa viagem, resolveram pernoitar no local. Alguns arcos foram deixados de lado ao desprenderem de uma barrica. No dia seguinte, ao seguir viagem, a comitiva encontrou-se com outra que se dirigia ao interior de Minas Gerais. Interpelado pelo chefe da expedição que seguia para o interior sobre o local do pernoite anterior, o responsável pela tropa respondeu: “À margem de um córrego onde deixamos alguns arcos”. Tal pergunta se repetiria algumas vezes e, pouco depois o Córrego era conhecido como Córrego dos Arcos, ou simplesmente Arcos.

Posteriormente, às margens do córrego dos Arcos, foi construído um pequeno rancho para abrigo dos tropeiros e, ao seu redor, surgiram pequenas moradias que originaram o povoado.

Arcos, por volta de 1823, é um povoado com o nome de São Julião. O povoado, em 1833, passa a arraial e recebe o nome de Arcos, quando possuía 1.175 habitantes. Pelo fato de, em 1839, o distrito vizinho de Formiga ser elevado à categoria de Vila, Arcos passa, assim, a pertencer à Vila de Formiga, juntamente com os distritos São João do Glória, Abadia do Porto além dos de Estiva, Aterrado e Bambuí. Em 1842, o arraial de Arcos é elevado a distrito e, em 1938, foi criado o município de Arcos.

A cidade de Arcos apresenta dentre seus atrativos o Parque de Lazer Usina Velha, com água corrente, cachoeiras e quiosques, além da Reserva Biológica Fazenda Corumbá.

Sobre a cidade, pode-se dizer, ainda:

➤ **Dados físicos**

Abrangência: Parte da bacia do Rio Doce (Piracicaba e ribeirão Ipanema).

Altitude: 220m acima do nível do mar

Superfície: 166,5 km²

Clima: Tropical subquente e subseco.

Temperatura média anual: 23° C

Umidade relativa do ar: Entre 78,2% (inverno) a 84% (verão).

População total: 36.000 mil (projeção IBGE).

Relevo - Topografia: Plano 55%; Ondulado 30%; Montanhoso 15%.

Latitude Sul: 20°17'29"

Longitude Oeste: 45°32'23"

➤ **Dados econômicos**

Produto interno bruto: R\$ 2,93 bilhões.

PIB por setor: Indústria, 72,5%; Serviços, 27,4%; Agropecuária, 0,1%

Renda per capita: R\$ 13.200,00

População economicamente ativa: 36,4%

Receita líquida anual: R\$ 199,5 milhões

A cidade pertence, ainda, à região geopolítica do Alto São Francisco e à Associação dos Municípios do Vale do Itapecerica. Tem como municípios limítrofes: Formiga, Iguatama, Japaraíba, Lagoa da Prata, Luz, Pains e Santo Antônio do Monte. Arcos possui uma área total de 497 km² e é banhada pelo Rio São Francisco na região de Itaoca (zona rural), bem como pelo Rio São

Miguel e pelos seus afluentes: São Domingos, Santana e Arcos, e ainda pelos rios Candongas e Preto, o qual possui a várzea mais fértil da região.

A Figura I, a seguir, apresenta as regiões de planejamento de Minas Gerais, entre elas a região do Centro-Oeste mineiro, à qual a cidade de Arcos pertence.

FIGURA I
Regiões de Planejamento de Minas Gerais

A Figura II localiza a cidade de Arcos, no estado de Minas Gerais.

FIGURA II
Localização Geográfica da Cidade de Arcos (MG)

Legenda: A indicação vermelha no mapa de MG representa o município de Arcos.

3.2 Perfil dos Informantes

Mesmo que a teoria estatística aconselhe a constituição de amostras aleatórias para facilitar inferências gerais sobre toda a população, a prática na Sociolinguística, tanto no Brasil quanto em outros países, segundo Guy e Zilles (2007, p. 132), tem sido de preferir outros métodos de seleção da amostra, atendendo a outras necessidades (ou prioridades). Muitos têm sido os métodos de seleção dos indivíduos, desde o sorteio até a indicação feita por uma pessoa que seja conhecida do pesquisador ou com a qual ele

simplesmente tenha feito um contato prévio. No caso específico desta pesquisa, optou-se por escolher aquele informante que preenchesse uma determinada célula e, se possível, já tivesse um grau considerável de intimidade com o documentador, para que o informante ficasse mais à vontade e, com isso, a fala fosse mais natural possível.

A questão da representatividade foi uma preocupação constante, na etapa da seleção dos informantes, tanto na zona urbana quanto na zona rural de Arcos (MG).

Considerando-se o exposto, os informantes têm perfil semelhante. São todos falantes do português do Brasil, nascidos no estado de Minas Gerais, e com uma residência, em Arcos (MG), igual ou superior a 10 anos. A faixa etária considerada é a partir dos 15 anos.

São garantidos sigilo e anonimato totais aos informantes, não somente para respeitar as normas éticas das pesquisas acadêmicas, como também para propiciar o máximo de espontaneidade durante as gravações.

Os documentadores são todos alunos, estudantes dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da PUC Minas Arcos.

É necessário esclarecer ainda, nesta seção, uma questão que costuma ser encarada por vários pesquisadores como um problema prévio bastante sério: “quantos falantes preciso?”. Em outras palavras, “qual é o tamanho necessário da amostra?”.

Braga & Naro (s. d.) comentam que o pesquisador potencial pensa imediatamente no número imenso de falantes que existe por aí no mundo real, isto é, no universo de falantes, caindo a seguir num estado de depressão profundo do qual dificilmente poderá libertar-se. Segundo eles, este estado de depressão (“surto de tesite”, no caso dos doutorandos, defendem outros) não

se justifica, porque o número total de falantes é, de fato, totalmente irrelevante. Do ponto de vista da precisão ou confiabilidade dos resultados obtidos não importa quantos falantes foram relegados ao esquecimento.

Os dois pesquisadores, mais adiante, defendem que:

Importa sim o número dos (falantes) que foram efetivamente estudados bem como sua distribuição, isto é, se são representativos do grupo, não sendo apenas casos extremos ou pouco comuns. Repetindo, é o número de falantes estudados que determina a validade dos resultados, isto é, uma amostra de “n” informantes será tão boa ou tão ruim para uma população de 100 (cem) quanto para uma população de 1.000 (mil) ou de 1.000.000 (um milhão), as outras coisas sendo iguais (BRAGA & NARO, s. d., p. 1).

Com isso, percebe-se que o que é relevante para a pesquisa sociolinguística é o grau de representatividade do fenômeno em estudo. A este respeito, Labov (1972, p. 204) observa:

[...] somos afortunados porque a padronização dentro da variação é fácil de se descobrir: ela não requer a análise estática de gravações de centenas de indivíduos como os linguistas tradicionalmente receavam. Pelo contrário, descobrimos que os padrões básicos de estratificação de classe, por exemplo, emergem de amostras tão pequenas como 25 falantes [...] Ordenações regulares de estratificação social e estilística emergem mesmo quando nossas células contêm apenas cinco falantes e quando temos apenas cinco ou dez exemplos de uma dada variável para cada falante (LABOV, 1972, p. 204).

E, diz, ao tratar do problema do tamanho da amostra, numa sociedade tão complexa quanto à sociedade indiana: “geralmente, tem-se descoberto que dados sociolinguísticos a respeito de uma variável são bastante confiáveis se há quatro ou cinco falantes em cada célula” (LABOV, 1972, p. 38).

Eis, então, no quadro, a seguir a descrição completa do perfil social dos informantes selecionados para esta pesquisa.

Quadro IV
Perfil social dos informantes

Informante	Procedência Geográfica	Classe Social	Faixa Etária	Gênero	Ocupação
1	Urbana	+ P	G1	M	Estudante
2	Urbana	+ P	G2	M	Comerciante
3	Urbana	- P	G3	M	Aposentado
4	Urbana	+ P	G1	F	Estudante
5	Urbana	+ P	G2	F	Advogada
6	Urbana	+ P	G3	F	Professora
7	Urbana	+ P	G1	M	Comerciante
8	Urbana	+ P	G2	M	Fazendeiro
9	Urbana	+ P	G3	M	Médico
10	Urbana	- P	G1	F	Babá
11	Urbana	- P	G2	F	Costureira
12	Urbana	- P	G3	F	Bordadeira
13	Urbana	- P	G1	M	Faxineiro
14	Urbana	- P	G2	M	Aj. de Pedreiro
15	Urbana	- P	G3	M	Aposentado
16	Urbana	- P	G1	F	Babá
17	Urbana	- P	G2	F	Doméstica
18	Urbana	- P	G3	F	Costureira
19	Urbana	+ P	G3	M	Comerciante
20	Urbana	- P	G3	F	Dona de Casa
21	Rural	- P	G1	M	Lixeiro

22	Rural	+ P	G2	M	Fazendeiro
23	Rural	- P	G3	M	Lavrador
24	Rural	- P	G1	F	Aj. de Pedreiro
25	Rural	- P	G2	F	Doméstica
26	Rural	- P	G3	F	Dona de Casa
27	Rural	- P	G1	M	Lavrador
28	Rural	- P	G2	M	Lavrador
29	Rural	- P	G3	M	Lavrador
30	Rural	- P	G1	F	Estudante
31	Rural	- P	G2	F	Doméstica
32	Rural	- P	G3	F	Lavradora
33	Rural	- P	G1	M	Aj. de Pedreiro
34	Rural	- P	G2	M	Doméstica
35	Rural	- P	G3	M	Aposentada
36	Rural	- P	G1	F	Doceira
37	Rural	- P	G2	F	Costureira
38	Rural	- P	G3	F	Lavradora
39	Rural	- P	G3	M	Lavrador
40	Rural	- P	G3	F	Lavadeira

LEGENDA: **+P:** Classe privilegiada socialmente; **-P:** Classe não-privilegiada socialmente; **G1:** Geração 1 (15 a 30 anos); **G2:** Geração 2 (31 a 59 anos); **G3:** Geração 3 (60 anos ou mais); **M:** Masculino; **F:** Feminino.

Cada informante, ou representante legal (em caso dos não-escolarizados), assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. p. 276 desse trabalho), apresentado pelo documentador, antes de se iniciar a gravação das narrativas orais espontâneas.

Esse Termo de Consentimento é uma autorização, para que a fala do informante possa ser utilizada em trabalhos de natureza científica. Adota-se esse procedimento como orientação do Ministério da Saúde, de acordo com uma Resolução do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Item IV do CNS 196/96, que assegura que todo projeto de pesquisa que envolva ser

humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou parte dele, incluindo o manejo de informações ou materiais, deve apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do indivíduo-alvo, de acordo com a legislação brasileira vigente.

3.3 Amostra

Com base nas discussões de Milroy (1987) sobre a constituição das amostras, é necessário considerar que em Sociolinguística Variacionista, dada a adoção de métodos estatísticos de análise, o termo amostra refere-se ao grupo de indivíduos (e ao correspondente conjunto de respostas amostrais) selecionados para representar, no estudo, a população ou o universo do qual fazem parte e que o pesquisador deseja estudar. Há, pois, uma pressuposição de que o comportamento linguístico dos indivíduos cujo discurso examinamos reflete regularidades ligadas ao fato de que aderem às normas de seus respectivos grupos sociais; é nesse sentido que os resultados do estudo do comportamento de certo número de indivíduo (a amostra) são generalizados para os grupos sociais aos quais eles pertencem (e representam).

Uma vez escolhida a comunidade em que se desenvolve a pesquisa, depara-se com o fato de que sua população é, talvez, demasiadamente grande para ser estudada por inteiro. E, nos dizeres de Oliveira e Silva (2003, p. 119), rara é a comunidade tão pequena a ponto de ser possível contactar todos os seus indivíduos como informantes. Por isso, devem, pois, ser selecionados alguns falantes que constituem a amostra. Os resultados de análises realizadas são, então, relativos a essa amostra. E, mais ainda, para esses resultados serem bastante representativos, a fim de poderem ser aplicados a toda a população

(que é constituída por todas as pessoas da comunidade), a amostra supõe certos requisitos. Não se pode deixar de considerar, então, que:

[...] pela lei dos grandes números, sabe-se que, até certo ponto, a probabilidade de que os resultados sejam fidedignos é diretamente proporcional ao tamanho da amostra. Isso porque o possível efeito de uma variável num indivíduo será somado ao de outros indivíduos, cada um com seu efeito casual, do qual nunca se estará completamente livre. Esses efeitos tendem a se anular mutuamente, já que, sendo casuais, agirão alguns numa direção e alguns em outra (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 19).

Estabelecem-se, na amostra, apenas oito (dos nove) Grupos de Fatores a serem considerados na análise: quatro fatores lingüísticos (tipo de contexto de interpretação da forma pronominal; ambiente fonológico que precede a forma pronominal; função sintática da forma pronominal e tipo de frase em que a forma pronominal ocorre) e quatro fatores sociais (procedência geográfica, classe social, idade e gênero).

Na constituição da amostra são levados em conta os Grupos de Fatores Sociais estabelecidos como possíveis responsáveis pelo comportamento da variável lingüística em estudo, cabendo ressaltar o seguinte: o Grupo Escolaridade, mesmo sendo observado na constituição do *corpus*, não é considerado na constituição da amostra, já que, por causa da grande diferença entre o nível de escolaridade dos informantes da área urbana e o nível de escolaridade dos informantes da área rural, a escolaridade não é incluída como uma variável independente na análise quantitativa realizada.

Não se conseguiu, na constituição da amostra, o número suficiente de informantes para todas as células, sobretudo na zona rural, pelo fato de se ter um nível de escolaridade muito baixo entre os informantes da zona rural. Com

pesar, foi necessário fazer essa escolha. A realidade da comunidade rural de Arcos (MG) só nos faz reafirmar o que sempre se sabe: a escola é responsável, conforme Votre (2003, p. 56), por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola. Se tal truísmo se aplica aos processos revolucionários em geral, aplica-se também na situação de ensino e aprendizagem da língua materna, no nível padrão.

Não se quer desconsiderar a relevância do fator escolaridade nos estudos sociolingüísticos como esse. Tal escolha consciente não muda a nossa posição, em acordo com Votre, quando defende que:

a observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a freqüentam e das comunidades discursivas. Constatase, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2003, p. 51).

Assim sendo, a amostra é, assim, constituída e caracterizada, considerando-se:

Quadro V
Constituição e caracterização da amostra

GRUPOS	FATORES	MODALIDADES
1	Tipo de contexto de interpretação da forma pronominal	Interpretação Definida Interpretação Indefinida
2	Ambiente fonológico que precede a forma pronominal	Consoante Vogal Pausa
3	Função sintática da forma pronominal	Sujeito Compl. sem preposição Compl. com preposição Complemento de nome
4	Tipo de frase em que a forma pronominal ocorre	Afirmativa Negativa Interrogativa
5	Procedência geográfica	Urbana Rural
6	Classe social	Socialmente privilegiada Socialmente não-privilegiada
7	Faixa etária	Geração 1: 15 a 30 anos Geração 2: 31 a 59 anos Geração 3: 60 anos ou mais
8	Gênero	Masculino Feminino

Conforme se vê, esta pesquisa também está muito preocupada com o que já dizem Mollica & Roncaratti (2001, p. 48):

[...] ao examinar causas externas da variação e da mudança lingüística, um modelo satisfatório deve incorporar a análise do perfil social dos falantes de uma dada comunidade de fala. Tradicionalmente, variáveis sociais independentes como idade, sexo e classe social são parâmetros pertinentes, seja para estudar a heterogeneidade lingüística, seja para indicar o dinamismo das mudanças em tempo aparente. Esses parâmetros extralingüísticos dividem a sociedade em grupos fixos, estabelecem correlações diretas entre uso de variantes e estratificação social e buscam identificar o *locus* da mudança no indivíduo em determinado ponto da estrutura social. Daí a coexistência de grupos inovadores e conservadores em uma relação dinâmica que pode apontar os caminhos da língua.

3.4 Coleta de Dados

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos por meio de gravações individuais, em fita cassete, de narrativas orais espontâneas do português brasileiro, com falantes da cidade de Arcos (MG), zona urbana e rural. A zona urbana foi representada por um grupo de 20 (vinte) informantes, residentes no centro da cidade e, também, em diversos bairros. A zona rural, por sua vez, foi representada por outros 20 (vinte) informantes dos seguintes distritos de Arcos (MG): Ilha, Corumbá, Calciolândia e Boca da Mata.

É um *corpus* com, aproximadamente, 26 horas de gravação, constituído por 100 narrativas orais espontâneas de falantes da região do centro-oeste mineiro, precisamente da cidade de Arcos (MG). Destas narrativas, 50 (cinquenta) são da zona urbana e 50 (cinquenta) da zona rural. Foram encontradas ocorrências das formas *você/ocê/cê* em 82 (oitenta e duas)

narrativas, sendo 40 (quarenta) da zona urbana e 42 (quarenta e duas) da zona rural. Foram selecionadas 20 narrativas para cada área urbana. Fez-se um levantamento do uso das formas do pronome *você* e foram registradas 282 (duzentas e oitenta e duas) ocorrências na zona rural e 228 (duzentas e vinte e oito) na zona urbana, num total de 510 (quinhentas e dez) ocorrências, em 15 horas de gravação. Esse *corpus* faz parte do projeto de pesquisa de minha autoria – Um Estudo Variacionista do Uso da Forma *Você* no Centro-oeste Mineiro –, aprovado e financiado pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP), da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em 2002.

O termo “narrativa” é entendido, aqui, neste projeto, como sendo o “relato lingüístico de eventos passados e acabados, estocados e disponíveis na memória do falante” (SILVEIRA, 1997, p. 50). Todas as situações de narrativas orais são registradas por um informante e um documentador. Os informantes têm conhecimento prévio das gravações e, em parte, da sua finalidade.

Todas as narrativas são registradas somente com a presença do documentador e do informante. O local da gravação é escolhido, de maneira que facilite para que as narrativas fluam o mais espontaneamente possível. Já do ponto de vista do desenvolvimento temático, é concedida aos participantes uma total liberdade de escolha dos temas tratados no decorrer das interações. A única orientação que lhes é transmitida refere-se ao fato de que o assunto seja uma situação real, em que o informante tenha sido emocionalmente envolvido e que o documentador ainda não tenha conhecimento, para evitar, assim, pressupostos, referência às informações compartilhadas anteriormente etc.

Seguindo-se a proposta de Labov (1972), pede-se que os informantes narrem filmes a que tenham assistido e de que tenham gostado muito (e, conforme já se disse, do qual o documentador ainda não tenha conhecimento algum), passeios, viagens ou situações de risco de vida, alegres, tristes e/ou cômicas, em que os falantes tenham se envolvido emocionalmente. À medida que os informantes vão se envolvendo emocionalmente com os fatos narrados, presume-se que eles vão se tornando mais espontâneos, utilizando uma modalidade de língua mais próxima da coloquial espontânea.

Tendo essas orientações, os narradores contam fatos dos quais, em geral, participam e que julgam importante narrar. Não há qualquer orientação referente ao tempo máximo de gravação, ficando o informante totalmente despreocupado e com total liberdade de utilizar o tempo que julgar necessário para narrar o(s) fato(s). A partir, dessas orientações, consegue-se, no final da coleta dos dados, um conjunto vastíssimo de dados, constituindo-se uma base sólida e produtiva para o desenvolvimento da análise.

3.5 Transcrição das Narrativas

De início, as narrativas gravadas são transcritas⁴⁰, na íntegra, utilizando-se as sugestões do Projeto NURC/SP-1986, com algumas adaptações e/ou modificações próprias para esta pesquisa. É preciso estar atento ao fato de esse conjunto de normas ter por função primeira auxiliar o pesquisador na sua tarefa de descrição de um *corpus* oral, de forma a alcançar um bom nível de

⁴⁰ Esta atividade foi desenvolvida, sob minha orientação, pela bolsista de Iniciação Científica - Mariângela Albuquerque de Oliveira Guimarães - aluna do 6º período de Comunicação Social: Jornalismo, em 2002, com o financiamento do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da PUC Minas. Esta prática de iniciação à pesquisa, proporcionou à bolsista, com meu total incentivo, participação em três Seminários de Iniciação Científica: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal de São João D'el Rei (UFSJ) e, também, na PUC Minas. Todos os eventos tiveram o apoio financeiro do CNPq e/ou FAPEMIG.

fidelidade em relação aos dados originais. O ideal é obtê-la o mais compatível possível com os objetivos que se deseja alcançar, sem nunca perder de vista a fonte original de consulta, ou seja, os registros das situações. Afinal, “editar materiais orais não é uma tarefa simples, à vista das especificidades da língua escrita e da língua oral”⁴¹.

Há, pois, uma série de problemas relativos à transcrição. O texto oral é muito diferente do texto escrito e a tradição gramatical é construída sobre a língua escrita. Ao se empregar um termo já existente, quando se lida com a língua falada, tem-se de observar cuidadosamente até que ponto os fenômenos se equivalem. É um trabalho que vai constantemente sendo reformulado, à medida que outras decisões vão sendo tomadas e que o próprio *corpus* vai mostrando caminhos.

Posto que as transcrições se constituam em objetos de estudo de grande valia para os analistas da linguagem, convém não perder de vista que elas são, na verdade, um artifício de representação visual indireto dos processos de linguagem oral. Apesar dos crescentes esforços dos analistas da linguagem, no sentido de construírem as representações mais completas e fiéis às situações originais, deve-se levar em conta os limites que se lhes impõem, notadamente o caráter estático das transcrições lingüísticas, em oposição ao caráter dinâmico e processual das narrativas orais.

Surge daí a necessidade de se recorrer, constantemente, ao material registrado em fita cassete, na tentativa de reconstruir, a cada passo, as diferentes dimensões das narrativas orais espontâneas. O que se quer, ao se transcreverem as narrativas, é que a transcrição, quando lida por aqueles que

⁴¹ CASTILHO, PRETI (orgs.), 1986, p. 9.

não tenham acesso à fita cassete gravada, possibilite uma reconstrução do texto oral, próxima do original.

Para essa etapa do trabalho - transcrição das narrativas – são utilizadas as sugestões do Projeto NURC/SP-1986, com algumas adaptações próprias, conforme já se disse, que venham atender a esta pesquisa em especial. Com isso, as convenções ortográficas utilizadas na transcrição têm o objetivo de alcançar um bom nível de fidelidade em relação aos dados originais, ou seja, os registros das narrativas orais. Seguem-se, na próxima página, os critérios utilizados.

Quadro VI Critérios para transcrição

SINAIS	OCORRÊNCIAS
()	Incompreensão de palavras ou segmentos.
(hipótese)	Hipótese do que se ouve.
/	Truncamento, corte de uma palavra ao meio.
Maiúsculas	Entoação enfática.
/MAIÚSCULAS/	Fala do documentador.
:	Prolongamento de vogal e consoante.
-	Silabação.
?	Interrogação.
...	Qualquer pausa.
((minúsculas))	Comentários descritivos do transcritor.
-- --	Comentários que quebram a seqüência temática da exposição.
{ }	Simultaneidade de vozes.
(...)	Indicação de que a fala é tomada ou interrompida em determinado ponto, exceto em seu início ou término.
=====	Indicação de que é feito um corte na seqüência da narrativa. Este sinal só é utilizado, com o objetivo de separar os trechos de interesse dessa pesquisa, ou seja, aqueles em que ocorrem as formas “ <i>você, ocê e cê</i> ”. Procede-se assim, pelo fato de as narrativas apresentadas no Anexo não serem transcritas na íntegra, mas apenas com os trechos, conforme já se disse, em que ocorrem as formas pronominais.
“ “	Palavra ou expressão de língua estrangeira.

3.6 Sociolingüística Variacionista

São apresentados, a seguir, os procedimentos adotados, dentro da perspectiva da Sociolingüística Variacionista, em relação ao tratamento quantitativo dos dados e às variáveis consideradas (dependente e independentes) desta pesquisa.

3.6.1 Tratamento quantitativo dos dados

Um dos atrativos – e um dos desafios – da pesquisa dialetal, na opinião de Guy (1993), é ter a visão do deus Jano⁴² sobre os problemas da linguagem humana, simultaneamente olhando, de um lado, para a organização das formas lingüísticas, e, de outro, para a sua significância social. Essa dualidade de foco é um dos encantos da pesquisa dialetal para muitos de seus profissionais, mas é também a fonte de certos problemas metodológicos fundamentais para a área.

Toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa. Tanto é que a Sociolingüística Quantitativa, assim conhecida, faz combinações entre fatores lingüísticos, sociais e, mais recentemente, discursivo-pragmáticos, com base num modelo logístico-matemático, que mede os efeitos do *quantum* de cada fator sobre a variação.

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação lingüística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento lingüístico e social e sua eventual relação com a mudança lingüística. A variação lingüística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos lingüísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos.

O aparato teórico-metodológico da sociolingüística laboviana requer um trabalho meticuloso que envolve a análise de grandes massas de dados

⁴² Deus romano a quem era atribuída a faculdade de ver, ao mesmo tempo, o futuro e o passado; por isso as suas estátuas o mostram com duas caras, olhando em direções opostas.

produzidos em circunstâncias reais de uso. Esse tipo de análise envolve necessariamente a utilização de instrumentos estatísticos. O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras.

Como suporte estatístico, para uma parte desta pesquisa, é utilizado o Pacote de Programas Estatísticos de Regras Variáveis – Varbrul, versão 2001: GoldVarb. É o antigo Varbrul para ambiente *Windows*, composto de dois arquivos: um executável, o programa propriamente dito e um de texto, o manual. Com esses programas é possível dar um tratamento estatístico adequado aos dados lingüísticos variáveis, possibilitando avaliar o efeito de atuação de cada fator que na fala – no dado real – ocorre de forma simultânea. É um programa computacional que permite isolar e medir separadamente o efeito de um fator, além de avaliar a interação entre vários grupos de fatores e determinar a frequência e o peso relativo de cada um deles, bem como a sua relevância estatística.

O Varbrul , explicam Guy e Zilles:

é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolingüística. A análise se chama “multivariada” porque permite investigar situações em que a variável lingüística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. O resultado da análise inclui, principalmente, medidas dos efeitos das variáveis independentes e, também, outros elementos, como uma medida do nível geral de uso de uma variante dependente e medidas de significância e ajuste (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

É uma ferramenta especificamente estruturada para facilitar tal atividade teórica do lingüista, e é por isso que o Varbrul tem tido tanto sucesso no campo da lingüística variacionista. Embora seja bem verdade que nada saia de uma análise estatística que:

[...] não esteja nos próprios dados codificados, mas mesmo assim a estatística é uma ferramenta valiosíssima, que nos permite resumir, quantificar e manipular grandes massas de dados que, de outra forma, ficariam fora das nossas possibilidades reais de trabalho. Ela nos abre novos horizontes de entendimento porque aumenta nossas capacidades de analisar o uso lingüístico (SCHERRE e NARO, 2003, p. 176).

Para que se possa usufruir dessa ferramenta com a certeza de haver validade e confiabilidade, é preciso seguir, rigorosamente, alguns passos da análise no Varbrul, recomendados por Guy & Zilles (2007, p 108), a saber:

- a) constituição da amostra;
- b) cuidados relacionados com a validade e a confiabilidade;
- c) planejamento do sistema analítico mediante a definição das variáveis, o que inclui a definição dos grupos de fatores;
- d) seleção dos dados;
- e) eliminação dos casos que não se enquadram nos critérios estabelecidos;
- f) preparação do arquivo de ocorrências.

O Varbrul é um programa computacional que calcula a porcentagem e o peso relativo (doravante, PR) de cada fator, em relação à variável dependente considerada. O programa projeta uma média global corrigida de

aplicação da regra (*input*) e, depois, em nível de *stepup*, calcula os PRs dos fatores de cada variável em relação à média (ou *input*), de modo a selecionar a variável estatisticamente mais significativa.

Em termos de PR, os resultados são interpretados da seguinte maneira: numa análise de duas variantes se o valor atribuído a um fator em relação ao uso de uma variante é igual a .50, esse fator é neutro, isto é, não favorece nem desfavorece a ocorrência dessa variante; se o valor atribuído a um fator em relação ao uso de uma variante é maior que .50, significa que esse fator favorece a ocorrência dessa variante; se o valor atribuído a um fator em relação ao uso de variante é menor que .50, significa que esse fator desfavorece essa variante. Entretanto, numa análise de três variantes o ponto de referência é .33 e, se a análise for de quatro variantes, ela será de .25, e de cinco variantes será .20.

Desse modo, depois de já transcritas todas as narrativas, codificados os dados e submetidos ao programa computacional, que é o suporte estatístico deste estudo, gera-se a frequência de ocorrência de cada forma (*você/ocê* e *cê*), bem como seus pesos relativos, selecionando, por fim, as variáveis estatisticamente significativas no condicionamento da variação *você, ocê e dê*.

A ferramenta utilizada é capaz de organizar um grande número de dados, a fim de tornar manejável a tarefa de análise e compreensão dos mesmos, e, assim, permitir a identificação de tendências e padrões gerais. No entanto, é preciso destacar que o suporte não substitui o *feeling* do lingüista. A leitura, compreensão e interpretação dos dados dependem do bom pesquisador.

3.6.2 Variáveis consideradas

3.6.2.1 Variável dependente

O quadro dos pronomes de tratamento da gramática tradicional (GT), em Bechara (1999), inclui a forma *você*. Essa forma, tida como padrão, hoje ocorre ao lado de outras formas, que vêm sendo usadas pelos falantes do português coloquial com grande frequência. Essas formas serão tratadas, na atual pesquisa, como variantes que constituem uma variável linguística: *[você]*, *[ocê]*, *[cê]*⁴³.

A variável dependente contém três variantes, a saber:

Quadro VII
Objeto de análise

VARIÁVEL	VARIANTES
VOCÊ	Você
	Ocê
	Cê

Cada uma das variantes aparece exemplificada abaixo:

(27) (...) como **você** vai avisar lá? (...)

(28) (...) onde que **ocê** FOI fulano? (...)

⁴³ Registra-se, aqui, o fato de que a forma **[ancê]** é citada como ocorrência no norte de Minas Gerais, cf. COELHO, 1999. No entanto, no *corpus* desta pesquisa, não foi encontrada essa variante.

(29) (...) quê que cê qué cumê? (...)

Com base no fato de que o falante convive com a alternância dessas formas e, também, com base em estudos anteriormente mencionados, assume-se que essa variável é dependente de fatores, agrupados de modo a constituírem as variáveis independentes.

Vale a pena ressaltar, conforme se descreve no capítulo anterior, que Nascentes (1956, pp. 119-121) relaciona dezoito registros de formas simplificadas de *vossa mercê*, além do item *você*, podendo haver mais: *cê*, *mecê*, *mincê*, *ocê*, *oncê*, *sucê*, *suncê*, *vainicê*, *vancê*, *vacê*, *vansmincê*, *vassuncê*, *voncê*, *vosmecê*, *vossemecê*, *vosmincê*, *vossuncê*, *ucê*.

Apesar de algumas dessas formas ainda existirem, especialmente nos dialetos rurais do Brasil (AMARAL, 1955; SAID ALI, 1976; COELHO, 1999) e de Portugal (OLIVEIRA, 1996; BASTO, 1931; COOK, 1997), é a forma *você* que se fixa na língua portuguesa, transformando-se em pronome de tratamento. O primeiro registro da forma *você* aparece em texto do Padre Francisco Manuel de Melo, publicado em 1644⁴⁴ (RAMOS E OLIVEIRA, 2002), e vai aos poucos ganhando espaço.

3.6.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes – ou Grupos de Fatores – são explicitadas a seguir.

⁴⁴ FARACO (1996, p. 63) cita uma outra data para o surgimento de *você*: 1666.

A) Grupos de fatores lingüísticos

São estabelecidos quatro possíveis grupos de fatores que regem o uso da variável dependente *você, ocê, cê*.

Considerando a análise de Ilari et alii (1996), segundo a qual o pronome *você* nem sempre pode ser interpretado como fazendo referência ao locutor e que há uma alta frequência do seu uso como indeterminado, e, também, a proposta de Ramos (1997) de que está havendo uma especialização do uso do pronome *você*, é estabelecido o primeiro Grupo de Fatores que supostamente influencia o uso da variável: Tipo de contexto de interpretação. Esse Grupo inclui, então, dois subfatores – contexto de interpretação definida e contexto de interpretação indefinida, exemplificados através do exemplo (30) a seguir:

30 Tipo de contexto de interpretação da forma pronominal:

a) Contexto de interpretação definida:

(...) pra verificar a água pra ver se ela tinha qualidade realmente de poder beBER...
aí o pessoal falou assim pra mim... olha... **você** tem que jogar cloro... tudo na caixa...
(...)

b) Contexto de interpretação indefinida:

(...) as críticas sempre HÁ como tinha uma Kombi lá de Camacho... a gente queria saber se ela podia rodar ou não a gente sabe que *você* pode rodar o mundo inteiro...
(...) mas como era transporte escolar a gente queria sabê se ele tinha uma licitação ou não... (...)

Uma vez que o sistema silábico do português tem como sílaba canônica Consoante + Vogal (CV) e, das variantes aqui mencionadas, duas se iniciam

com consoante (*você* e *cê*) e a outra se inicia com vogal (*ocê*) pode-se supor que, no PB, o ambiente fonológico que precede as formas pronominais de tratamento constitui fator condicionador do uso, ou não, de cada uma das variantes em estudo. Em vista disso, é estabelecido como um segundo Grupo de fatores: Ambiente Fonológico que precede a forma. Esse Grupo inclui três subfatores, que podem ser identificados em a, b, c do exemplo (31):

31 Ambiente fonológico que precede a forma pronominal:

a) Vogal:

(...) se **você**: for... a um julgamento (...)

(...) se **ocês** quisé compra um? (...)

(...) o que **cê** vai tê que gastá (...)

b) Consoante:

(não há ocorrência com *você*)

(...) QUE É PR' **OCÊ** FICAR AQUI NA PORTEIRA (...)

(...) até acho melhor **cê** fazê isso (...)

c) Pausa:

(...) eles vendeu para os franCEses.... **você** sabe disso né ? (...)

(...) AÍ... **OCÊ** veste (...)

(...) NÃO... **cê** num pode ir lá (...)

Ainda a partir da pesquisa de Ramos (1997), na qual a função de sujeito é a única que favorece o uso das três variantes e a sentença interrogativa do tipo 'que que' favorece mais a variante inovadora '*cê*' (ex.: 'que que *cê*...?') e, com isso, está servindo de porta de entrada para essa variante no sistema, são estabelecidos, como possíveis condicionadores da variável a ser analisada na

presente pesquisa, mais dois Grupos de Fatores: Função sintática da forma (incluindo quatro subfatores), conforme mostram os exemplos contidos em (32) e Tipo de frase em que a forma ocorre (incluindo três subfatores), como mostram os exemplos de (33):

32 Função sintática da forma:

a) Posição de sujeito:

(...) como **você** vai avisar lá? (...)

(...) onde que **ocê** FOI fulano? (...)

(...) quê que **cê** qué cumê? (...)

b) Posição de complemento sem preposição

(...) não conseguimos mais encontrar... **vocês** aqui... (...)

(...) é a PUTA QUE PARIU **OCÊS** TUDO (...)

(não há ocorrências com a forma **cê**)

c) Posição de complemento com preposição

(...) eu vô contá pra **voCÊ** (...)

(...) posso contar uma historia pr' **oCÊS**... (...)

(...) ... **NÃO**... eu falei com **cê** (...)

d) Posição de complemento de nome

(...) tá fazendo efeito em **você**? (...)

(...) esta história foi boa **pr' ocês** (...)

(...) num vai tê jeito com **cê** não (...)

33 Tipo de frase em que a forma ocorre:

a) Frase afirmativa:

(...) **você** consegue (...)

(...) divertido... **ocê** escutá de manhã... o:::gado o gado beRRAN:::do (...)

(...) **cê**... olha aí... as vaca... (...)

b) Frase negativa

(...) só que **você** não ... não pode apavorar (...)

(...) não sabe[riso] **ocê** não sabe (...)

(...) **cê** num pode ir não papai (...)

c) Frase interrogativa

(...) pra que que **você** tomou isso? (...)

(...) que isso cara **ocê** tá ficando doido? (...)

(...) **cê** é mineira...? (...)

B) Grupos de fatores sociais

Em função das hipóteses a serem testadas nesta pesquisa, cinco Grupos de Fatores Sociais são estabelecidos.

Para testar a primeira hipótese, baseada nos estudos de Faraco (1996) e Biderman (1972), de que a evolução da forma de tratamento *vossa mercê* ocorre em duas direções, é estabelecido o Grupo Procedência Geográfica, incluindo dois fatores: área urbana e área rural.

Com o objetivo de verificar se o fenômeno de variação em estudo é caracterizado como um caso de mudança em progresso ou uma variável estável – nos termos de Labov, 1972 – são estabelecidos dois Grupos de Fatores Classe Social e Faixa Etária.

Os critérios, descritos a seguir, são para definir a classe social e a faixa etária dos informantes. São os mesmos critérios adotados por Coelho (1999),

quando realiza uma pesquisa com falantes da região sanfranciscana do norte mineiro.

No grupo Classe Social, são incluídos dois subfatores: classe socialmente privilegiada e classe socialmente não-privilegiada. Para distinguir esses dois fatores são observadas as seguintes características dos informantes: o tipo de moradia, a ocupação, a faixa salarial, o tamanho da família, o grau de escolaridade e o acesso a bens e serviços, como casa própria, terrenos, fazendas, carro, telefone, internet etc.

O grupo socialmente privilegiado da área urbana é caracterizado por: morar em casa de alvenaria, grande e bem construída; ter escolaridade igual ou acima do ensino médio; exercer as profissões de professor, bancário e comerciante, possuir carro e telefone. O grupo socialmente privilegiado da área rural é caracterizado por: morar em casa grande, de adobe ou enchimento, com telhado em cerâmica, janelas e portas em madeira de lei, rede de esgoto e acabamento (chuveiro, torneiras, lâmpadas); ter escolaridade igual ou acima de 4ª série do ensino fundamental; ser proprietário (de terras e animais) e produtor, que, em função da produção, ou emprega pessoas ou arrenda terrenos; possuir fogão a gás, geladeira, móveis etc.

Os grupos socialmente não-privilegiados – da área urbana e da área rural – são considerados aqueles que moram em casas humildes e, no primeiro caso, os que vivem de baixos salários por serem funcionários municipais, comerciantes, prestadores de serviços gerais; no segundo caso, os que vivem de recursos obtidos por meio de venda de produtos agropecuários, ou de prestação de serviço aos proprietários de terras (o que não significa ter vínculo empregatício). Os integrantes desses dois grupos devem possuir baixo (ou nenhum) grau de escolaridade.

No grupo de fatores faixa etária, a primeira faixa etária engloba falantes da idade entre 15 a 30 anos (geração 1) – ou seja, adolescentes e adultos, estudantes e iniciantes no campo de trabalho; a segunda faixa etária vai de 31 a 59 anos (geração 2) e está composta de adultos maduros, trabalhadores; a terceira faixa etária, de 60 anos ou mais (geração 3), ou seja, aposentados ou em final de carreira, conhecedores e testemunhas da história local do campo de pesquisa em estudo.

Com o objetivo de se verificar se, conforme sugere Ramos (1997), há estigmatização no uso da variável *ocê*, é estabelecido um quarto Grupo de Fatores: Escolaridade. Esse Grupo inclui três subfatores: Baixa escolaridade (de zero a quatro anos de escolaridade, considerando o fato de que, até a bem pouco tempo (1971), o sistema de ensino do Brasil incluía o Curso Primário, com duração de quatro anos); Média escolaridade (de cinco a 11 anos de escolaridade, o que significa ter cursado o antigo segundo grau, hoje Ensino Médio); Alto nível de escolaridade (acima de 11 anos de escolaridade, o que significa ter ingressado em curso superior, que pode ter sido concluído, ou não).

Além dos quatro Grupos de Fatores acima mencionados, um outro é considerado – o Grupo de Fatores: Gênero -, incluído na presente pesquisa pelas razões expostas a seguir. A maioria dos estudos sociolinguísticos já realizados e que incluem o fator gênero (masculino e feminino) concluem que as mulheres empregam menos a linguagem estigmatizada e variáveis fora do padrão do que os homens do mesmo grupo social, nas mesmas circunstâncias. Romaine (1988, p. 156) explica que a preferência das mulheres por formas padrão (prestigiosas) é porque o gênero feminino mostra-se mais inquieto com a pressão exercida pelas normas locais e busca defender o seu *status*

utilizando as formas tidas como prestigiosas. Labov (1972, p. 243) diz que as mulheres usam menos a forma estigmatizada do que os homens e são mais sensíveis ao padrão.

Oliveira (1982), ao estudar o papel do grupo social e do gênero (sexo) na determinação das mudanças na sociedade brasileira, revelou que mudanças podem originar de grupos sociais mais baixos e que a sociedade brasileira não possui a mesma estrutura da sociedade americana observada por Labov. O autor mostra a necessidade de pesquisas em contextos sociais semelhantes ao de Belo Horizonte (MG), dentro e fora do Brasil, a fim de que se possa entender melhor os aspectos sociais da teoria da mudança lingüística.

Em síntese, esta pesquisa parte dos pressupostos de que, no dialeto mineiro, na comunidade de Arcos/MG, a variável *você*, *ocê* e *cê* é condicionada por nove Grupos de Fatores: quatro lingüísticos e cinco sociais.

A seguir, apresenta-se um quadro geral das variáveis consideradas nesta pesquisa.

Quadro VIII Codificação das variáveis

VARIÁVEL		VARIANTES	
Você		Você	
		Ocê	
		CE	
VARIÁVEIS INDEPENDENTES			
Tipo de Contexto de Interpretação da Forma	A	Contexto de interpretação definida	
	B	Contexto de interpretação indefinida	

Ambiente Fonológico que precede a Forma	C	Consoante
	D	Vogal
	E	Pausa
Função Sintática da Forma	F	Sujeito
	G	Complemento de verbo sem preposição
	H	Complemento de verbo com preposição
	I	Complemento de nome
Tipo de Frase em que a Forma ocorre	J	Afirmativa
	K	Negativa
	L	Interrogativa
Procedência Geográfica	M	Área urbana
	N	Área rural
Classe Social	O	Classe mais privilegiada socialmente
	P	Classe menos privilegiada socialmente
Idade	Q	Geração 1: 15 a 30 anos
	R	Geração 2: 31 a 59 anos
	S	Geração 3: 60 anos ou mais
Gênero	T	Masculino
	U	Feminino
Escolaridade	V	Baixa escolaridade – 0 a 4 anos
	X	Média escolaridade – 5 a 11 anos
	Z	Alto nível de escolaridade – acima de 11 anos

3.7 Sociolingüística Interacional

São apresentados, a seguir, os procedimentos adotados, neste trabalho, de acordo com a abordagem da Sociolingüística Interacional.

Este estudo opta por priorizar os seguintes aspectos da interação social: o quadro, a imagem, o ritual de tratamento e as relações de poder e solidariedade.

A amostra selecionada (cf. a seção 3.3) é constituída por gravações de narrativas orais espontâneas com falantes da área urbana e da área rural da cidade mineira de Arcos. É a mesma amostra selecionada por este estudo, para se fazer a análise dos dados, segundo a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, na seção 4.1.

3.7.1 Quadro, imagem e ritual de tratamento

Este estudo, ao propor uma investigação da função interacional das formas pronominais *você* (padrão), *ocê* e *cê* (não-padrão), analisa as relações de interação ora do informante e o documentador, ora das personagens das narrativas construídas pelo informante.

3.7.2 Poder e Solidariedade

Para se estudarem as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* no português oral é, praticamente, necessário abordar as competências de natureza pragmática, como as relações interacionais dos participantes.

Assim sendo, este trabalho verifica se as formas em estudo *você* (padrão) e *ocê* e *cê* (não-padrão) podem ser consideradas, respectivamente, Pronome de Poder e Pronomes de Solidariedade, conforme a proposta de BROWN & GILMAN (1960, 1978).

Depois de se apresentar o Método e os Procedimentos adotados por esta pesquisa, ou seja, expor o panorama histórico-geográfico de Arcos (MG), caracterizar o perfil dos informantes, mostrar a constituição do *corpus* e da amostra, discriminar o grupo de fatores lingüísticos e sociais, de se explicar o tratamento quantitativo dos dados adotado, descrever os aspectos da interação social, passa-se, a seguir, no próximo capítulo, à análise dos dados.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS DADOS

Pretende-se, neste capítulo, examinar as ocorrências das formas pronominais *você* (padrão), *ocê* e *cê* (não-padrão) nas narrativas orais espontâneas de falantes arcoenses, buscando-se, a partir dos estudos já realizados sobre o uso da forma *você* e suas variantes, investigar os fatores lingüísticos e sociais que condicionam a variação e a função interacional das formas pronominais *você* (padrão), *ocê* e *cê* (não-padrão), numa perspectiva da sociolingüística interacional.

E, além disso, (i) descrever o comportamento lingüístico e o uso das três formas pronominais em estudo e, a partir daí, fazer uma comparação dos resultados deste estudo com os resultados obtidos por Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006); (ii) descrever as estratégias discursivas utilizadas pelo falante ao usar o pronome *você* e suas variantes, no processo de interação não-focalizada⁴⁵; (iii) verificar se o uso das formas em estudo *você* (padrão) e *ocê* e *cê* (não-padrão) podem ser consideradas, respectivamente, “pronome de poder” e “pronome de solidariedade”, conforme Brown e Gilman (1960, 1972).

Este capítulo se organiza em duas seções: na primeira, se faz uma análise quantitativa dos dados, numa abordagem da sociolingüística variacionista e, na segunda, numa abordagem da sociolingüística interacional, se faz uma análise qualitativa do uso da forma pronominal em estudo.

⁴⁵ De acordo com Goffman (1961, p. 7), conforme já se disse anteriormente, pode-se denominar a interação pela simples co-presença, de **não-focalizada**; e a que se inclui a conversação face a face de **focalizada**.

4.1 Sociolingüística Variacionista

Labov concebe a língua como um corpo mutante, moldado por situações concretas de fala, uma língua real, heterogênea e social, sujeita às transformações no tempo. A Sociolingüística Laboviana apresenta os estudos da língua configurados em um modelo de natureza comprometido com os aspectos não só lingüísticos, mas também sociais.

O foco de estudo da língua no contexto social vem aumentando nos últimos anos e novas referências teóricas, conseqüentemente, têm surgido, como é o caso de pesquisas sobre pronomes pessoais e pronomes de tratamento.

A amostra selecionada para esse estudo, conforme já se disse, é constituída de 510 dados retirados de 40 narrativas orais espontâneas com um total aproximado de 12 horas de gravação. A análise quantitativa foi realizada conforme os pressupostos teórico-metodológicos de Labov (1972), utilizando-se o programa estatístico GoldVarb (versão 2001) para a tabulação dos dados.

A análise inicial se faz de maneira quantitativa sobre o comportamento das três variantes registradas: *você*, *ocê* e *cê*, consideradas uma variável lingüística dependente destes oito grupos de fatores: contexto de interpretação da forma, ambiente fonológico que precede a forma, função sintática da forma, tipo de frase, procedência geográfica, classe social, faixa etária e gênero.

Quando se procedeu ao teste de significância, o programa GoldVarb indicou o seguinte fator como não sendo significativo para análise: classe social. Devido ao nocaute detectado, os resultados relativos a esse fator foram obtidos só em termos percentuais.

Os resultados da análise quantitativa são apresentados a seguir, para que se possa, posteriormente, fazer reflexões de natureza qualitativa sobre o comportamento lingüístico das formas *você*, *ocê* e *cê*.

Assim sendo, constam, a seguir, os resultados totais encontrados para as formas *você*, *ocê* e *cê*, no Gráfico I.

A distribuição das variantes no *corpus* analisado destaca a alta frequência da variante *cê*, correspondendo a 277 do total de 510 ocorrências, confirmando-se a hipótese (4) deste estudo:

[4] a forma *cê* já está implementada na língua, conforme sugere Ramos (1997).

Este resultado corrobora o que afirma Ramos (1998) sobre o item *cê*, que, segundo ela, já se encontra implementado no sistema. Tais resultados são surpreendentes, porque a variante que, diacronicamente, é inovadora se distribui de maneira uniforme pelas três faixas etárias. Ramos (1997, p. 49), com isso, defende que “a forma *cê* já está implementada na língua”.

Os resultados apresentados no Gráfico I confirmam, também, os de Coelho (1999) e Peres (2006), que mostram que a variante *cê* também apresenta frequência alta, destacando-se das outras duas.

Os resultados, focalizando, em termos percentuais, a variável dependente, aparecem na Tabela I, de maneira sintetizada, a seguir.

TABELA I
Distribuição das variantes inicialmente consideradas

VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
OC	%	OC	%	OC	%	
113	22	120	24	277	54	510

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

De acordo com os resultados da Tabela I, em termos percentuais, as variantes *você* e *ocê* apresentam frequências relativamente baixas e bastante próximas, a conferir: 22% e 24%, respectivamente.

Como se pode ver, os resultados encontrados neste estudo confirmam os de Coelho (1999), com 50% de frequência da variante *cê* e, também, em Peres (2006), com o item *cê* marcando 72,6%.

4.1.1 Comportamento das variantes: fatores lingüísticos

Esta seção se propõe a apresentar os dados dos fatores lingüísticos, ou fatores internos, condicionantes: Tipo de Contexto da Interpretação da Forma, Ambiente Fonológico que precede a Forma, Função Sintática da Forma e Tipo de Frase que contém a Forma.

Por uma questão metodológica, optou-se por seguir a ordem dos Grupos de Fatores, apresentada no Quadro VI - Constituição e caracterização da amostra - para se analisarem os dados. Assim sendo, a hipótese [5], a saber:

[5] Poderá estar havendo certa especialização no uso das variantes, sendo a forma *cê* usada preferencialmente com referência definida e a forma *você* com referência indefinida, nos termos de Ramos (1998).

é testada a seguir.

Para se avaliar a distribuição das variantes, segundo os dois tipos de Contexto de Interpretação (definida e indefinida), vejam-se os resultados abaixo, na Tabela II.

TABELA II
Distribuição das variantes segundo o contexto de interpretação

CONTEXTO DE INTERPRETAÇÃO	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
Definido	55	14	97	26	226	60	378
Indefinido	58	44	23	17	51	39	132

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

Chama a atenção, no resultado geral, a preferência pelas formas com interpretação definida, usadas em 378 dos 510 casos de *você*, *ocê* e *cê*. No entanto, fazendo-se uma análise isolada do item *você*, constata-se praticamente um empate, pois são 55 casos de interpretação definida e 58 de interpretação indefinida.

Apesar de se poder considerar (quase) um empate, há indícios de que a variante *você* estaria passando a ser usada nos contextos de interpretação indefinida, cedendo à variante *cê* nos contextos de interpretação definida. Isso é o que se constata, também, em Coelho (1999) e se confirma a hipótese (5) deste estudo.

Conforme se vê na Tabela II, a variante *cê* é a mais usada como interpretação definida, 60 %; confirmando-se, conforme já se disse, a hipótese (5) deste trabalho. Os estudos que estão sendo objeto de comparação por esta pesquisa também constataam que o item *cê* é mais usado que os outros dois (*você* e *ocê*), como interpretação definida, a saber: Ramos (1999) constatou 54% de frequência, Coelho (1999), 55% e Peres (2006), 79,8%.

Peres (2006, p.131) defendeu que o item *ocê* é favorecido para expressar referência definida, o que se confirma aqui também com 97 das 120 ocorrências de *ocê*. Ainda sobre o comportamento da forma *ocê*, é possível verificar, na Tabela II, que *ocê* é desfavorecido para expressar referência indefinida. Isso se constata também em Ramos (1997, p.4), Coelho (1999, p. 64) e Peres (2006, p. 131).

Selecionou-se o Grupo de Fatores Ambiente Fonológico, para que este estudo pudesse ter condições para comparar os resultados obtidos aqui com os obtidos por Coelho (1999), já que Ramos (1997) e Peres (2006) não se ocuparam desse grupo.

Assim sendo, atente-se, agora, para a Tabela III, a seguir, para se verificar a atuação das variantes, segundo o Grupo de Fatores Ambiente Fonológico que precede a forma.

TABELA III
Distribuição das variantes segundo o ambiente fonológico que precede a forma

AMBIENTE FONOLÓGICO	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
Consoante	00	00	41	85	07	15	48
Vogal	76	34	50	22	98	44	224
Pausa	37	16	29	12	172	72	238
TOTAL	113		120		277		510

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

A forma *você* é totalmente desfavorecida pelo subfator fonológico “consoante”, com ocorrência “zero” no *corpus* em análise, conforme se verifica na Tabela III. Este resultado de desfavorecimento se dá também em Coelho (1999), com a constatação de apenas 1 ocorrência, no *corpus* da região sanfranciscana de Minas Gerais.

Por sua vez, o item *cê* é bastante favorecido pelo subfator fonológico “pausa” neste estudo e, também, em Coelho (1999). Quanto à totalidade de ocorrências, são registrados 238 dos 510 casos no ambiente “pausa” e, isso também se verifica em Coelho (1999), que teve 310 das 622 ocorrências, em seu trabalho.

Na seção 2.3., foram apresentados vários dos mais importantes trabalhos, adotando-se enfoques teóricos variados sobre o uso das formas

pronominais *você*, *ocê* e *cê*, em Belo Horizonte, Ouro Preto (MG), São Francisco (MG), Uberlândia (MG), Imperatriz (MA), São João da Ponte (MG), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ) etc. Há uma unanimidade em apontar uma distribuição diferenciada para as três formas do fator Função Sintática e os resultados deste estudo corroboram para essa questão.

Vejam-se os resultados abaixo, na Tabela IV, para se avaliar este item:

TABELA IV
Distribuição das variantes segundo a função sintática

FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
Sujeito	94	21	88	19	269	60	451
Complemento de verbo sem preposição	01	12	07	88	00	00	08
Complemento de verbo com preposição	14	35	20	50	06	15	40
Complemento de nome	04	36	05	46	02	18	11

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

Conforme se vê, a função de sujeito favorece as três formas, registrando-se 451 das 510 ocorrências do *corpus*, 88,5%, em termos percentuais. Confirmando-se, assim a seguinte hipótese:

[2] A função de sujeito é a única que favorece o uso das três variantes.

Este resultado também se verifica nos estudos de Ramos (1997) com 322 dos 342 dados, em Coelho (1999) com 569 dos 622 dados e em Peres (2006) com 1396 dos 1453 dados. Esta constatação leva a concordar com

Peres (2006, p. 120) que concluíra que a função originária, “natural”, das formas é a de sujeito.

Merece uma atenção especial a situação do item *cê* na função sintática de complemento:

- Neste estudo, o item *cê* é desfavorecido na função de complemento de verbo sem preposição, pois há um registro de “zero” ocorrência. Verifica-se, ainda, uma ocorrência baixa na função de complemento de verbo com preposição, são 6 casos. Este estudo caminha para a mesma direção de Ramos (1997, p. 47), cujo estudo registra “zero” ocorrência para *cê* em função de complemento de verbo e complemento de preposição. Segundo a autora, com base na noção sintática de caso, *cê* possuiria a noção de nominativo.
- Em Coelho (1999, p. 56), registra-se a ocorrência de *cê* nas duas funções sintáticas – complemento de verbo sem preposição (1) e complemento de verbo com preposição (5). No entanto, é um número baixo de ocorrências, diante do número total de ocorrências de *cê* no *corpus*, 622 casos.
- Em Peres (2006, p. 119), o item *cê* aparece com 3 ocorrências como objeto de verbo e, também, com 3 ocorrências como objeto de preposição, num total de 1055 dados.

O comportamento de *cê*, neste *corpus*, e nos demais, que estão tendo seus resultados comparados aqui, apresentam um comportamento sintático muito peculiar. De acordo com Peres (2006, p. 124), há, nas cidades do Estado do Espírito Santo, como Vila Velha, Cachoeiro do Itapemirim e Vitória

(capital), registros de estruturas linguísticas em que *cê* ocorre como objeto de preposição, como:

(34) Eu olho ele **p'cê**. (Vila Velha - ES)

(35) Eu vou trocar **p'cê**. (Vitória - ES)

(36) Eu vou pegar um copinho **p'cê**. (Cachoeiro do Itapemirim - ES)

Verificou-se, então, que o uso do item *cê* como objeto de preposição não ocorre somente em Belo Horizonte (Peres, 2006), mas em São Francisco – MG (Coelho, 1999)⁴⁶ e neste *corpus* de Arcos (MG), embora não aconteça em Vitral (1996), em Ramos (1997, 2000) e Andrade (2004). Neste estudo, não há ocorrências de *cê* na posição de complemento de verbo sem preposição, corroborando com o trabalho de Ramos (1997), mas há na posição de objeto de preposição, divergindo de Ramos (1997).

Um quarto grupo de fatores a ser analisado quantitativamente é o Tipo de Frase. Para isso, se apresenta a Tabela V, a seguir.

TABELA V
Distribuição das variantes segundo o tipo de frase

TIPO DE FRASE	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
Afirmativa	90	80	84	70	154	56	328
Negativa	11	10	22	18	45	16	78
Interrogativa	12	10	14	12	78	28	104
TOTAL	113	100	120	100	277	100	510

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

⁴⁶ Barbosa (2005) também registrara *cê* como objeto de verbo e de preposição. Era de se esperar porque a linguista trabalhara com os mesmos dados de Coelho (1999), coletados na região sanfranciscana de Minas Gerais.

O que se verifica é que as orações afirmativas favorecem o uso das formas pronominais em estudo. *Você*, *ocê* e *cê* ocorrem com mais frequência nas orações afirmativas. Eis os resultados, em termos percentuais, respectivamente: 80%, 70% e 56%. É o mesmo que se verifica em Coelho (1999, p. 56). Peres (2006) não se ocupa deste fato e Ramos (1997) dá outro enfoque ao Grupo de Fatores Tipo frasal.

Esse Grupo de Fatores se une aos demais, com o objetivo de se verificar a hipótese:

[1] O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no PB falado na região arcoense de Minas Gerais constitui uma variável lingüística condicionada por fatores lingüísticos e sociais.

Pelo que se verificou, a hipótese [1] se confirma, parcialmente, até o presente momento da análise, ou seja, os fatores lingüísticos – tipo de contexto de interpretação da forma pronominal, ambiente fonológico que precede a forma pronominal, função sintática da forma pronominal e tipo de frase em que a forma pronominal ocorre – citados nesta seção, condicionam o uso de *você*, *ocê* e *cê* na fala mineira de Arcos (MG). A seguir, este estudo dá seqüência à análise de outros Grupos de Fatores para se verificar se os fatores sociais também condicionam o uso das variantes em estudo.

4.1.2 Comportamento das variantes: fatores sociais

Na certeza de que o tratamento quantitativo possibilita a interpretação dos dados, através da comparação entre os grupos de fatores, esta seção se propõe a apresentar os dados dos fatores sociais condicionantes ou, chamados por alguns lingüistas, de fatores externos: Procedência Geográfica, Classe Social, Faixa Etária e Gênero.

Este estudo se propôs a contribuir com o avanço dos estudos sobre o uso do pronome *você*, no PB, com uma mostra não exclusiva da área urbana, como fazem Ramos (1997), Andrade (2004), Peres (2006) etc., mas selecionando-se uma amostra com 20 narrativas rurais e 20 narrativas urbanas.

A distribuição das variantes, segundo a Procedência Geográfica, de acordo com a Tabela VI, a seguir, apresenta dados muito interessantes, a saber:

TABELA VI
Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica

Procedência geográfica	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
URBANA	87	77	32	26,5	108	40	227
RURAL	26	23	88	73,5	169	60	283
TOTAL	113	100	120	100	277	100	510

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

Ao se observar a Tabela VI, verifica-se que é grande a diferença entre o número de ocorrências da forma padrão (*você*), 26 dados e o número de ocorrências das formas não-padrão: *ocê*, com 88 dados e *cê*, com 169 dados,

na área rural. É significativo o resultado de *você* na área urbana: 77% dos dados, confirma-se a hipótese (6) deste estudo:

[6] A forma *você* é reconhecida como própria das pessoas da cidade e a forma *ocê* é reconhecida como própria das pessoas da zona rural.

Este resultado corrobora, mais uma vez, com Coelho (1999, p.56) que também encontra este dado. Não é possível aqui comparar com os *corpora* de Ramos (1997) e Peres (2006) uma vez que são constituídos por dados eminentemente urbanos, por isso, as lingüistas não se ocuparam deste fator.

Outro fato de destaque é que o número total de ocorrências das formas em estudo na área rural é maior que os da área urbana, 282 e 228, respectivamente. Isso significa, logicamente, que os informantes da área urbana usaram menos as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*. Em termos de porcentagem, 55,2% dos dados desta amostra (cf. Gráfico II) estão na área rural da cidade de Arcos (MG). Interessante porque é o primeiro resultado a ir contra os dados de Coelho (1999, p. 56), que encontra no seu estudo 62,3% dos dados na área urbana de São Francisco (MG).

Este Grupo de Fatores – Procedência Geográfica – apresenta resultados bem significativos. Segundo Ramos (2000, p. 183), “a forma *ocê* é reconhecida como própria das pessoas do interior”. E esta pesquisa mostra que a forma *você*, por sua vez, é própria das pessoas que moram na cidade (área urbana) e não na área rural⁴⁷. Essa afirmação se confirma pelos resultados deste estudo e, também, de Coelho (1999). A Tabela VI mostra que, na área

⁴⁷ Em relação ao item *cê*, já se discutiu sobre o seu comportamento, quando se verificou a confirmação da hipótese [4], a partir dos resultados do Gráfico I.

urbana de Arcos (MG), a forma *ocê* tem 16% do total das ocorrências; na área rural, essa porcentagem sobe para 36%. Os resultados de Coelho (1999, p.56) atestam que, na zona urbana de São Francisco, a forma *ocê* tem 16% do total das ocorrências; na zona rural, essa porcentagem sobe para 35%, o que realmente relaciona *ocê* à fala das pessoas do meio rural.

Para visualizar os mesmos resultados da Tabela VI, com um pouco mais de refinamento, veja-se a Tabela VII, abaixo:

TABELA VII
Distribuição de “*você versus ocê/cê*” segundo a procedência geográfica

	ÁREA URBANA		ÁREA RURAL	
	OC	%	OC	%
Forma padrão (<i>você</i>)	87	38	26	9
Forma não-padrão (<i>ocê/cê</i>)	140	62	257	91
TOTAL	227	100	283	100

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

A seguir, têm-se os Gráficos II e III com os mesmos resultados, só que com apenas os dados, em termos percentuais, da área urbana - Gráfico II, e da área rural - Gráfico III.

Gráfico II

Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica: área urbana

Os resultados do Gráfico II demonstram que a forma não-padrão *ocê* e *cê* é favorecida na área urbana, com 62%, enquanto que a forma padrão é menos usada, com 32%.

Gráfico III

Distribuição das variantes segundo a procedência geográfica: área rural

Conforme se demonstrou, anteriormente, a hipótese (6) se confirma neste estudo, quando os resultados acima demonstram que as formas não-padrão *ocê* e *cê* são muito favorecidas na área rural, pois são 91% dos dados. Por sua vez, a forma padrão (*você*) é timidamente usada, com apenas 9% dos dados. É uma diferença muito significativa.

Apresentam-se, a seguir, os resultados relativos à distribuição das variantes segundo a Classe Social. Para isso, atente-se à Tabela VIII, a seguir.

TABELA VIII
Distribuição das variantes segundo a classe social

classe social	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
+ Privilegiada	20	72	04	14	04	14	28
- Privilegiada	93	19	116	24	273	57	482
TOTAL	113		120		277		510

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

Quando se verifica, na Tabela VIII, que 72% das formas pronominais usadas pela classe mais privilegiada socialmente são o item padrão *você*, se confirma a hipótese (7) deste estudo em que se diz:

[7] A forma padrão *você* será a forma mais usada pela classe social mais privilegiada.

É importante relatar, ainda, que o uso da forma padrão *você* é pouco usada pela classe menos privilegiada socialmente.

A Tabela VIII ainda mostra que 482 dados dos 510 ou, em termos percentuais, 95% dos dados da amostra são usados pelos informantes da classe social menos privilegiada.

Explica-se tal dado pelo fato de o documentador ter um alto grau de intimidade com o informante, favorecendo assim o uso da língua pelo falante com maior naturalidade, ou seja, mais próximo do vernáculo, favorecendo o uso das formas não-padrão (*ocê/cê*) na classe social menos privilegiada.

E, por outro lado, o uso acentuado de forma padrão pela classe social mais privilegiada seria explicado pelo fato de o informante da classe social mais privilegiada estigmatizar o uso de formas não-padrão.

É preciso esclarecer que a amostra selecionada para este estudo apresenta apenas um informante de classe social mais privilegiada na área rural, o que, certamente, favoreceria o *nocaute* no programa GoldVarb. Com isso, o programa estatístico considerou insignificante tal fator para análise da amostra.

Comparando os resultados deste estudo com os de Coelho (1999, p. 56), verifica-se que a lingüista também constata que o maior número de dados foi favorecido pelos informantes da classe social menos privilegiada, ou seja, 60% dos dados. Ramos (1997) não se ocupam deste fator e para os estudos de Peres (2006) este fator não é relevante.

Observe-se, atentamente, a Tabela IX, a seguir.

TABELA IX
Distribuição de “você versus ocê/cê” segundo a classe social

	+ PRIVILEGIADA		- PRIVILEGIADA	
	OC	%	OC	%
Forma padrão (<i>você</i>)	20	72	93	19
Forma não-padrão (<i>ocê/cê</i>)	08	28	389	81
TOTAL	28	100	482	100

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

Os resultados da Tabela IX confirmam, conforme já se disse anteriormente, a hipótese (7). Observando-se, estatisticamente, a Tabela IX, percebe-se que é notória a diferença entre o uso da forma padrão e o uso das formas não-padrão pelos informantes das duas classes em análise.

Por sua vez, o fator faixa etária mostrou-se pouco relevante em termos estatísticos, nas rodadas do programa estatístico GoldVarb2001. No entanto, a Tabela X apresenta os resultados, em termos percentuais.

TABELA X
Distribuição das variantes segundo a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
15-30 Anos	36	32	12	10	72	26	120
31-59 Anos	69	61	83	69	156	56	308
60 anos ou mais	06	7	25	21	49	18	82
TOTAL	113	100	120	100	277	100	510

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

Depois de apresentados os resultados da distribuição das três variantes em relação às três faixas etárias, aqui consideradas como: jovens (15-30),

medianos (31-59) e idosos (60 ou mais), pode-se afirmar que a variante preferida pelos jovens, pelos medianos e pelos idosos foi *cê*, respectivamente, 72, 156 e 49 dados.

De acordo com a teoria laboviana, os informantes idosos usam mais a variante padrão (aqui, no caso, *você*) do que as variantes não-padrão (aqui, no caso, *ocê/cê*), e os jovens usam mais as variantes não-padrão. Os resultados da Tabela X mostram que os jovens usam mais as variantes não-padrão do que a padrão e os velhos também. Portanto, não se pode falar em mudança em progresso. Ou seja, não há confirmação da hipótese (3), a saber:

[3] o fenômeno de variação entre os itens *você*, *ocê* e *cê*, em estudo, é caracterizado como um caso de mudança em progresso, nos termos de Labov (1972); com isso, os mais velhos usam mais o item *você* e os mais jovens usam mais as formas inovadoras – *ocê* e *cê*.

Faz- necessário considerar, ainda, que os idosos usaram menos a forma padrão *você*, 8 dados; por sua vez, os jovens fizeram menos uso da forma *ocê*, 12 dados e, no entanto, se esperava que essa faixa etária usasse menos a forma padrão *você*. O fato de os idosos usarem menos o item *você* não era esperado, considerando-se a tendência ao conservadorismo dos adultos para com a inovação dos costumes. Da mesma forma, levando-se em conta a tendência dos jovens para com as inovações da língua, como novas formas, vocábulos, gírias etc., era esperado que o uso das formas não-padrão fosse mais elevado. E isso se constata, neste estudo, por meio dos resultados, podendo-se afirmar que o fator faixa etária, neste estudo, não favorece a ocorrência das três formas *você*, *ocê* e *cê*.

O último Grupo de Fatores – Gênero – é apresentado na Tabela XI, a seguir:

TABELA XI
Distribuição das variantes segundo o gênero

GÊNERO	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC	%	OC	%	OC	%	
MASCULINO	55	49	90	75	184	66	329
FEMININO	58	51	30	25	93	34	181
TOTAL	113	100	120	100	277	100	510

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/ forma não-padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

Os resultados da Tabela XI mostram que o gênero masculino tende a ser menos conservador, quando usa mais as formas inovadoras: *ocê* (75%) e *cê* (66%). No entanto, há praticamente um empate, no que se refere ao número total da forma padrão usada 49% e 51%, masculino e feminino, respectivamente. No caso deste estudo, os homens não fazem mais uso da forma padrão de tratamento em função da ocupação de pouco prestígio social que exercem (ajudante de pedreiro, faxineiro, lavrador, lixeiro etc.).

Assim sendo, atente-se para a Tabela XII, a seguir.

TABELA XII
Distribuição de “*você versus ocê/cê*” segundo gênero

	MASCULINO		FEMININO	
	OC	%	OC	%
Forma padrão (<i>você</i>)	55	17	58	32
Formas não-padrão (<i>ocê/cê</i>)	274	83	123	68
TOTAL	329	100	181	100

Legenda: OC – ocorrências; % - porcentagem

Fica mais claro, agora, quando se contrapõem a forma padrão e a forma não-padrão. Vê-se que para ambos os gêneros a forma não-padrão é a eleita. No entanto, é interessante observar que qualquer explicação das diferenças lingüísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social considerado.

É importante observar, também, que outros indícios de diferenças entre homens e mulheres podem ser depreendidos, por meio do controle de outras variáveis como mercado ocupacional, influência da mídia ou grau de escolarização, como mostram Oliveira e Silva & Paiva (1996). Acredita-se que a variável mercado ocupacional atua de forma mais relevante entre homens do que entre as mulheres. Eis algo a ser analisado em outro trabalho, no futuro, com uma atenção a este tipo de análise.

Vale a pena ressaltar um aspecto da amostra deste estudo: a ocupação profissional dos informantes selecionados – lixeiro, fazendeiro, ajudante de pedreiro, lavrador, aposentada, doceira, costureira, dona de casa, doméstica – sobretudo na área rural, não exige um uso da língua de maior prestígio. Além disso, os informantes não ocupam um lugar de *status* na sociedade arcoense, devido às características sociais que têm. Sem contar que a maioria dos informantes tinha um alto grau de intimidade com os documentadores, o que,

talvez, favorecesse a escolha em frequência maior pelas formas não-padrão – *ocê* e *cê*.

Finalmente, pode-se afirmar que a hipótese [1] se confirma, totalmente, neste estudo, pois se verificou na seção 4.1.1 que os fatores lingüísticos condicionam o uso das variantes em estudo. E, aqui, seção 4.1.2, se confirma que os fatores sociais – procedência geográfica, classe social, faixa etária e gênero – também condicionam o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*.

4.1.3 O comportamento da variável: forma padrão (*você*) versus formas não-padrão (*ocê/cê*)

Nesta seção, serão apresentados os resultados da rodada que foi feita no GoldVarb (2001) com as seguintes variáveis: *você* (forma padrão) em oposição aos itens *ocê* e *cê* (formas não-padrão). O resultado obtido encontra-se na Tabela XIII, a seguir.

TABELA XIII

Uso das formas não-padrão *versus* uso da forma padrão

GRUPO DE FATORES	FATORES	VOCÊ		OCÊ/CÊ		
		OC	%	OC	%	PR
Ambiente Fonológico que precede a forma	Consoante	----	00	48	100	.97
	Vogal	76	34	148	66	.31
	Pausa	37	16	201	84	.49
Procedência Geográfica	Urbano	87	38	140	62	.23
	Rural	26	09	257	91	.72
Função Sintática da Forma	Sujeito	94	21	357	79	.56
	Compl. de verbo sem preposição	01	12	07	88	.58
	Compl. de verbo com preposição	14	35	26	65	.10
	Complemento de nome	04	36	07	64	.05
Classe Social	+ Privilegiada socialmente	93	19	376	81	.10
	- Privilegiada socialmente	20	48	21	52	.54

Legenda: OC: ocorrências; PR: peso relativo; % - porcentagem

É preciso esclarecer ainda que esta seção prioriza os resultados, em termos de peso relativo (PR). Uma vez que na seção anterior, os resultados foram analisados em termos percentuais. Entenda-se peso relativo⁴⁸,

[...] como o peso de um fator que é calculado pelo (Gold)Varbrul, com base em um conjunto de dados que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é ‘relativo’ ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo input. [...] Os valores dos pesos recaem no mesmo intervalo entre 0 e 1 que as probabilidades, e representam tendências probabilísticas, mas não são tecnicamente equivalentes a probabilidades *stricto sensu*. O valor de um peso entra na equação logística (junto com outros pesos e o input) para modelar a frequência de uso da variante investigada quando o fator associado estiver presente no contexto da fala (GUY & ZILLES, 2007, p. 239).

O resultado dessa rodada mostrou que, dos oito Grupo de Fatores estabelecidos, quatro têm significância na variação dos pronomes *você versus ocê/cê*. São eles Ambiente Fonológico, Procedência Geográfica, Função Sintática e Classe Social. Verificou-se, em seguida, através dos pesos relativos, o comportamento da variável *você versus ocê/cê* nos quatros grupos apontados como significativos.

De acordo com a Tabela XIII, as formas *ocê/cê*, em termos de PR, no Grupo de Fatores Ambiente Fonológico, são altamente favorecidas pela

⁴⁸ “Por exemplo, se no total dos dados, a variante tem frequência de 70% e os homens na amostra a usam com frequência de 80%, enquanto as mulheres a usam numa taxa de 60%, então, relativamente ao uso geral, os homens favorecem (porque estão acima de 70%) e as mulheres desfavorecem (porque estão abaixo de 70%). Portanto, um fator para falante masculino vai receber um peso relativo acima de 0,50 – digamos, algo como 0,54, enquanto o fator para falante feminino vai ser abaixo de 0,50 – por exemplo, talvez 0,46” (GUY & ZILLES, 2007, p. 239).

consoante. De maneira contrária aos resultados anteriores, em termos de PR, as formas *ocê* e *cê* não são favorecidas pela vogal.

No Grupo de Fatores Procedência Geográfica, verificou-se que as formas *ocê* e *cê* são mais favorecidas na área rural (.72). As formas inovadoras são mais usadas na área rural. Este estudo faz questão de integrar aos estudos que já se fizeram sobre o uso de pronome de tratamento *você* no PB, os resultados desse fenômeno lingüístico em um *corpus* com informantes da área urbana e da área rural, uma vez que os estudos brasileiros, na sua maioria, vêm privilegiando apenas a área urbana, como Bezerra (1994), Corradello (1997), Ramos (1997), Alves (1998), Mendes (1998), Menon (2000), Leão (2002), Santos (2003), Andrade (2005), Lucca (2005), Herênio (2006), Modesto (2006), Peres (2006), Mota (2008), Sousa (2008), entre outros.

Quanto ao Grupo de Fatores Função Sintática, em termos de PR, as formas inovadoras não são totalmente favorecidas com a função sintática complemento de verbo. Lembrando-se que os resultados da forma *ocê* e *cê* são “camuflados”, pois o item *cê*, isolado, em termos percentuais, registrou 0% de ocorrência. Ou seja, o que há de ocorrência em *ocê/cê*, todos são de *ocê*. Finalmente, é interessante observar que as formas inovadoras são pouco favorecidas pelo complemento de nome (.05).

Quanto ao Grupo de Fatores Classe Social, as formas *ocê/cê* são desfavorecidas pela classe mais privilegiada socialmente.

4.2 Sociolingüística Interacional

Esta segunda parte da Análise dos Dados se propõe a fazer, depois da análise quantitativa e interpretativa dos dados apresentada na seção anterior, a

análise qualitativa, contemplando os seguintes aspectos: na perspectiva da Sociolingüística Interacional, focalizar o quadro, a imagem e o ritual de tratamento nas narrativas orais espontâneas; ainda na mesma perspectiva, verificar se se realiza a hipótese (8), levantada por este estudo na introdução.

Faz-se necessário explicar que os exemplos retirados do *corpus* contemplam ora a interação entre informante e documentador, ora entre as personagens da narrativa oral construída pelo informante.

4.2.1 Situação interacional: quadro, imagem e ritual de tratamento

Em consonância com o arcabouço teórico da Sociolingüística Interacional, a análise a ser desenvolvida é de natureza qualitativa e interpretativa, no sentido de que focaliza as interações construídas pelo informante e o documentador em todos os seus aspectos, observando-se o lingüístico e o não-lingüístico e levando em conta as circunstâncias em que as interações ocorrem. A análise busca a coerência, considerando-se o quadro interacional que se instala para que a interação entre os participantes se estabeleça.

Além disso, os movimentos de realinhamento dos informantes, ao operar o *footing* nas interações, conduzem o pesquisador, a partir de pistas na fala (e no silêncio), a caracterizar mudanças de enquadres. Essas pistas de contextualização, buscadas no modo de atuar, vão definir em que enquadre os personagens estão atuando e que mensagem, por meio deles, o autor quer veicular. Algumas estratégias de polidez, para causar envolvimento na interação e a organização da conversação, freqüentemente demonstrando

assimetria nos diálogos, representam pistas que auxiliam na descoberta da definição dos enquadres.

A significação dos rituais só é completamente perceptível quando se tomam em linha de conta os objetivos da interação. Cada participante procura, no encontro, dar uma imagem valorizada de si mesmo; vai esforçar-se por organizar uma representação do seu “eu” que responda a isso. Tal questão é ilustrada nos exemplos seguintes:

(37) ... eu não preciso disso... que eu sou muito rico... **cê** entendeu? sou muito rico...

(38) ... **cê** sabe que eu amadureci foi agora...

Nas interações em geral, os participantes transitam dentro dos enquadres projetados, operando realinhamentos (*footing*, GOFFMAN, 1981), e estabelecendo re-enquadramentos que vão definir o jogo interacional que está sendo executado. Isso vai determinar que seja necessário se adequar o discurso, de acordo com o que está se falando, para quem está se falando e quando está se falando de modo a gerar cooperatividade na interação. Vejam-se os exemplos a seguir:

(39) ... e depois que eles vendeu para os franCEses... **você** sabe disso né? /NÃO/ vendeu a parte de/de/de ciMENTo... para os franCEses agora o nome desses franceses... eu não sei ...

(40) ...eu gostava muito de rodeio também... rodeio eu go/ gosto até hoje... mas antigamente era mais um tiquim... e... de forma que... é só isso... já dá pr'**ocê** não dá? ...

(41) ... ia pro pasto... de madrugada... buscar boi... agora **cê** vê como é as coisas... o frio tava TANto... que eu endureci...

Nas narrativas orais espontâneas analisadas, o jogo interacional se estabelece porque o documentador, antes de iniciar a gravação estabelece algumas regras do jogo interacional com o informante. Isto é, os dois – documentador e informante – situam e circunscrevem o encontro no espaço e no tempo. Ou seja, designam as estruturas espaciais, nas quais se inscreve a interação. O quadro espaço-temporal não é simplesmente o meio ambiente, espécie de pano de fundo com efeitos relativamente neutros. Estruturado pela cultura, tem um efeito estruturante sobre as relações sociais. Este contexto não é somente um quadro onde a interação decorre, é antes uma matriz que fornece à relação um código, representações, normas de desempenhos e rituais que permitem a relação e lhe dão características significativas.

Eis, algumas das regras estabelecidas, no início das gravações, a fim de se montar o quadro:

- a) Não há preocupação com o tempo, o informante pode narrar espontaneamente a estória, utilizando-se do tempo que julgar necessário;
- b) o informante tem total liberdade em escolher o tema sobre o qual quer falar;
- c) o documentador exige que o informante faça a narrativa de um fato em que ele esteja emocionalmente envolvido ou narre filmes a que tenha assistido e de que tenha gostado muito (e, conforme já se disse, do qual o documentador ainda não tenha conhecimento algum), passeios, viagens ou situações de risco de vida, alegres, tristes e/ou cômicas, em que o informante tenha se envolvido emocionalmente;

- d) a relação documentador-informante é de média para alta intimidade;
- e) o local escolhido para gravação sempre foi a casa do informante ou um outro sugerido por ele, para que o mesmo pudesse sempre estar o mais à vontade possível, ao construir as narrativas;
- f) o informante e os documentadores sabem que não terão suas faces ameaçadas, pois, respectivamente, há acordos e interesses mútuos nesse jogo, como: o documentador precisa que o informante colabore, o informante se sente lisonjeado pelo convite e se sente “importante” por estar sendo entrevistado (visão do informante) por um estudante universitário da PUC Minas que faz Jornalismo. Ou seja, os papéis e a imagem sociais se (re)definem nesse jogo.

Como já se disse, anteriormente, para se analisar o uso de *você/ocê* e *cê*, é necessário que se considerem os contextos que influenciam esse uso. E, ao se analisar um contexto, precisa-se atentar para aspectos sociais e lingüísticos envolvidos, já que o contexto envolve também toda a interação social e lingüística que marca seus participantes.

O comportamento social de um falante exige que se esteja atento ao contexto, onde será produzido o enunciado, a fim de se adequar a ele. No caso específico da amostra deste estudo, todos os informantes eram previamente conhecidos dos documentadores. A relação se deu entre amigos(as), parentes, colegas de trabalho, vizinhos(as), namorados(as), conhecidos(as) etc.

Além disso, o local de gravação, sempre sugerido pelo informante, conforme já se disse, foi sempre considerado e respeitado pelo documentador. Quem sempre se deslocou foi o documentador (quase sempre sozinho ou, às vezes, com algum colega), para que o informante não ficasse inibido e se

sentisse sempre “em casa”, mesmo quando o local não fosse a sua própria casa.

Segundo Scollon & Scollon (2001), a palavra “registro”, criada pelos sociolinguistas, é usada para associar-se a vários contextos, estilos comunicativos e seus participantes. Se uma pessoa encontra seu melhor amigo na rua, ou quando está participando de uma reunião, as saudações vão variar em registro devido aos diferentes contextos. Os autores preferem usar o termo *communicative style* por acreditarem englobar os termos polidez e poder interpessoal.

Se, para Halliday (1989), o sucesso da comunicação pode ser explicado pela previsão inconsciente que o falante faz, a partir do contexto de uso, essa previsão é, também, umas das formas de se reduzir a ambigüidade do evento comunicativo, fazendo previsões acerca das pessoas com quem estamos interagindo. Assim, o estudo da face na Sociolinguística Interacional ajuda-nos a compreender como os participantes decidem o *status* e que língua eles usam para decodificar pressuposições sobre as muitas diferenças hierárquicas, bem como suas pressuposições sobre a face apresentada pelos participantes durante a interação.

A face é a imagem pública negociada, mutuamente permitida por cada participante em um evento comunicativo, segundo Scollon & Scollon (2001, p. 45). Para os sociolinguistas a combinação das pressuposições não marcadas sobre os participantes e seus relacionamentos negociados, a partir dessas pressuposições, é chamada o estudo da face, ou teoria da polidez⁴⁹.

“Manter a face” ou, pelo menos, não a perder é um objetivo importante da interação social. Os informantes não fizeram diferente aqui, na amostra

⁴⁹ Cf. seção 1.2, deste estudo.

selecionada. Uma das funções fundamentais do ritual é a de salvaguardar a face dos participantes. Uma maneira de atingir estes objetivos é deixar a cada um a escolha do que quer manifestar e do que quer manter escondido. Neste sentido, a noção de reserva é particularmente importante; é simultaneamente uma capacidade concreta (e designa o território que cada um reivindica, tal como se viu como “território do eu”) e um valor simbólico (e remete à esfera interior da intimidade que cada um procura preservar).

Os exemplos, a seguir, mostram de que maneira as formas *você*, *ocê* e *cê* são usadas pelos informantes no contexto de preservação da face, na amostra selecionada:

(42) ... eu não preciso disso... que eu sou muito rico... **cê** entendeu? sou muito rico...⁵⁰

(43) ... **voCÊ** que é uma moça MUIto inteligente... batalhadora... estudante de:: jornalismo... e/e eu quero te fazer um pedido... QUANdo **você** for jornalista... se Deus quiser muito em BREve... que **você** tiver uma oportunidade de fazer alguma coisa... junto aos políticos... pra esse tipo de peSSOa... faça esse meu desejo...

Em (42), o informante se refere a si mesmo como muito rico. Essa necessidade de auto-afirmação é, também, uma necessidade de impressionar o documentador. O informante ao usar a forma *cê* para se referir ao documentador, é uma demarcação de território para mostrar que quem tem poder ali é ele próprio e não o documentador. Além, é claro, como citado anteriormente, é uma tentativa de organizar uma representação do “eu”.

⁵⁰ Este exemplo é também citado neste trabalho como número (37).

Em (43), cheio de segundas intenções, o informante faz um elogio ao documentador, preservando-lhe a face, embora tenha, em seguida, ameaçado a face, ao lhe fazer um pedido.

Atente-se para os seis exemplos a seguir:

(44) ... bobona... eles tão falando que **você** não pode andar com a gente:: porque aqui é preto com preto... e branco com branco...

(45) ... pra quê que **você** tomou isso?... pra cólica... ele é pra cólica né?... minha queri::da... **você** sabe que isso é droga?

(46) ... vai lá... tira aquele moço perto daquela moça lá... sai dançano com ele... vão vê se ele sai dançano c'**ocê** ...

(47) ... aí eu fazia chantagem... eu falava... se **ocês** não buscarem a água... eu não faço a comida...

(48) ... tem paciência... **cê** ta antiga... antiquada... **cê** é véia...

(49) ... NÃ::o NaTÁlia como **CÊ** é BURra Ô CA-PE-TA... Ô DES-GRA-MA...

São trechos em que o informante usa as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* em contexto de interação. Os exemplos são de falas das personagens das narrativas construídas pelos informantes. Na amostra selecionada para esta pesquisa verificou-se que as formas pronominais ocorreram com bem mais frequência nos contextos de ameaça à face, como os citados em (44) a (49).

A concepção da face é afetada por valores culturais e estilos comunicativos, podendo influenciar diretamente as pressuposições sobre o *self* que está envolvido na interação.

Há, também, normas sociais que constroem as condutas de interação e, muito particularmente, as trocas verbais. Assim, as regras de delicadeza implicam que se abordem certos assuntos e se evitem outros, que uma petição

seja precedida por pedido de desculpas, que se atenua o que poderia ser tomado como uma crítica etc. Isso faz parte do Rito da Interação. Há toda uma série de constrangimentos que têm origem em pressupostos sobre as condutas “normais” de interação e que comandam a interpretação de uma conversa, sem ser de natureza lingüística, como em:

(50) ...véio... é a PUta que paRIU oCÊS TUdo...

Para Scollon & Scollon (op. cit.), qualquer forma de comunicação entre falantes pode ser interpretada como um envolvimento. Quando um falante produz um enunciado e seu ouvinte é capaz de responder, o que caracteriza esta interação são os diferentes graus de envolvimento. No entanto, quando não há resposta e sim um silêncio, a interação é caracterizada como independente.

Quando um dos participantes põe em risco a face do outro participante com quem está interagindo, um caminho para solucionar esse problema está no que afirmam Mehan et alii :

Um contexto se constitui pelo que as pessoas estão fazendo a cada instante e por onde e quando elas fazem o que fazem. Conforme coloca sucintamente McDermott (1976), os indivíduos em interação se tornam ambientes uns para os outros. Em última instância, um contexto social consiste, a princípio, na definição, mutuamente compartilhada e ratificada, que os participantes constroem quanto à natureza da situação em que se encontram e, a seguir, nas ações sociais que as

peças executam baseadas nestas definições (MEHAN et alii, 1976, p. 143 apud ERICSON & SCHULTZ, 2002, p. 217).

O exemplo seguinte confirma isso, ou seja, além de se demonstrar a representação do “eu”, por meio do contexto rural em que vive o informante, há uma valorização do cotidiano da vida e do ambiente em que se vive:

(51) ... eu ado/adoro a zona rural viu?... eu... eu adoro a zo/zona rural viu?... é melhor coisa que tem... é a gente peGAR... é::: **ocê... ocê se/sentir... ocê sentir... o praZER... cê sentir o prazer de peGAR** () levantar de manhã... tinha que levantar de manhã::: assistir aque/aquele CHEIro do/do mato verde... escutar os pássaros canTAR::: a maior alegria que tem...

Sendo assim, o próprio falante pode criar um contexto de proximidade ou de distanciamento com seu ouvinte. Lembrando-se, mais uma vez, que o contexto de uso é, também, influenciado pelo contexto cultural.

Por fim, pode-se concluir, afirmando que as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*, nesta amostra, no processo interacional da linguagem, são usados pelo informante ou pelas personagens das narrativas de maneira bem complexa. O contexto de proximidade ou de distanciamento, será melhor analisado na seção seguinte, a partir das noções de Brown e Gilman (1960). “Manter a face” ou pelo menos, não a perder foi um objetivo importante na interação estabelecida entre documentador e informante e vice-versa. A “ameaça à face” se deu na interação entre as personagens das narrativas orais espontâneas construídas pelo informante. Foi um recurso discursivo utilizado pelo informante para alimentar a narrativa, ou seja, dar vida ao fato narrado.

4.2.2 Poder e solidariedade na interação social

Para se estudar as formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* no português oral, conforme já se disse, é praticamente necessário abordar as competências de natureza sociolingüística (nomeadamente as influências dos fatores lingüísticos e dos fatores sociais) e de natureza pragmática (como as relações interacionais dos participantes).

De acordo com Brown e Gilman (1960, 1972), nos artigos sobre “os pronomes de poder e solidariedade”, o tipo de relação social existente entre os interlocutores implica diferentes graus de poder e solidariedade ou estatutos inerentes aos mesmos. Os autores apresentam uma visão da sociedade polarizada entre duas forças: o poder e a solidariedade. Na verdade, atravessasse uma época repleta de oscilações e indecisões quanto ao uso da forma de tratamento a utilizar em contexto social.

Para eles o poder foi a força dominante das formas de relações sociais no passado. Atualmente essa força estaria se enfraquecendo, substituída por um novo ideal: a solidariedade. Eles estudaram os pronomes de tratamento em algumas línguas das sociedades modernas ocidentais (inglês, francês, italiano, espanhol e alemão), bem como outras línguas da Europa, África e Índia.

A filosofia base do modelo proposto pelos autores é a idéia de que os falantes pertencem a classes sociais e que ficam sujeitos às forças de poder e solidariedade, conforme a posição que ocupam na hierarquia. É um modelo limitado, muito fechado, ou seja, as dimensões de poder e solidariedade existem dentro de um universo social.

Diante disso, mais tarde, Brown e Levinson (1987) refinam o modelo e apresentam estratégias de cortesia que também começam pela formas (mais

especificamente, pela análise da interação). Neste modelo as formas de tratamento não estão focadas senão no sentido de cortesia.

O novo modelo divide as estratégias em duas: cortesia positiva e negativa. A cortesia positiva depende da cooperação entre os interlocutores e toma por certo que o falante partilha dos desejos do ouvinte. Por outro lado, a cortesia negativa relaciona-se com o interesse do falante em reconhecer a necessidade e o desejo do ouvinte de não ser impedido de atuar, diz-se que a interação social reflete formalidade e deferência.

Brown e Levinson (1987) identificam três fatores que determinam se um falante vai manter ou ameaçar a face do outro, e se decidir ameaçá-la, com o grau de força. Os fatores são poder, distância social (que, por definição, representa a solidariedade), e o grau de imposição. Os autores reconhecem a existência de fatores situacionais que poderão alterar temporariamente a posição social relativa dos dois falantes, mas ainda mantêm a noção que o Poder reflete o papel ou posição social relativos dos falantes. A implicação é que as estratégias de cortesia são o resultado de relações sociais estáveis, e que a variação na aplicação dessas estratégias deve-se à primazia, num determinado momento, de um tipo de Poder em relação aos outros.

Ao se examinar o *corpus* em estudo e considerando-se o perfil dos informantes selecionados, é possível considerar que se confirma, neste estudo a posição que, atualmente, a força de Poder estaria se enfraquecendo, substituída por um novo ideal: a Solidariedade.

Cada vez mais, se torna muito comum, ouvir construções do tipo:

(52) Senhora, não! Senhora tá no céu. Pode me chamar de **você**.

É inegável que o fator formalidade/poder cada vez mais desaparece das interações. E isso acaba se refletindo nas escolhas que o falante faz das formas pronominais. É o que Mendes (1998, p.138) também defende ao afirmar que: “A minha hipótese é a de que existe na cultura brasileira essa tendência crescente para a informalidade, o que está se refletindo na língua, especialmente no uso das formas de tratamento”.

Na mesma direção, caminha a posição de Chaika, ao afirmar que:

Analizando as formas de tratamento em inglês americano considera que esta tendência à informalidade é reflexo de uma cultura global que quer ser sempre jovem e objetiva e, por isso, difundir certa casualidade nos relacionamentos: no inglês americano isso se evidencia na preferência que se tem dado ao uso do primeiro nome e também no uso de apelidos (CHAIKA, 1982, p. 50).

Atente-se para o exemplo, a seguir:

(53) ... **ocê** que é a cabeça da comarca... **você** é a chefe lá...

É interessante verificar como o falante se refere ao mesmo interlocutor, utilizando-se de fatores distintos para ameaçar a face do outro. Utiliza-se da forma não-padrão *ocê*, em um primeiro momento e quando se (re) estabelece uma relação de Poder: “**você** é a chefe lá”, a forma-padrão indica fator interacional de Poder, nos dizeres de Brown e Gilman (1960, 1972).

Os exemplos a seguir:

(54) Ô irmão... tanto tempo cô num te VÊ:::jo... (...) meu coração ficava choRA::no... parecia que eu via **voCÊ** perto de mim chega... ((ruído))... mais Como? **você** foi mais feliz du que EU...

(55) É:: eu vou contar uma história pra voCÊ:::

No exemplo (54), o tempo fez com que os irmãos ficassem distantes por um período longo. Perdeu-se a intimidade na relação fraternal. Fato motivador para se utilizar a forma padrão, indicando-se distanciamento, ou seja, não há solidariedade.

No exemplo (55), o interlocutor se comporta de maneira semelhante. No início da narrativa não há ainda uma intimidade (re)estabelecida com o documentador. O uso da forma padrão se dá em função do distanciamento que está presente no início da gravação da narrativa.

Os três exemplos a seguir, confirmam o que se verifica em (38), ou seja, o informante ainda inibido ou, talvez, não muito à vontade com o gravador e a situação, no início da gravação, se refere ao documentador, utilizando-se a forma padrão *você*, um pronome Poder, nos dizeres de Brown e Gilman (op. cit.).

(56) ... o que me LEM::bro assim::: que me ocorre agora pra... dizer pra **vocês** é que... (...)

(57) ... eu quero contar pra **vocês**.. em encon::tro que eu tive na MI::nha vida... (...)

(58) Pronto::.... é::.... vamu lá então né? eu vou conta pra voCÊ... uma viagem MUIto LOUca... que eu fiz .. era carnaval do ano de noventa e oito (...)

Ao longo da narrativa, esse ritual se modifica. Estabelece-se um novo quadro, e o informante passa a usar a forma não-padrão. Verifica-se que não há mais distanciamento, então:

(59) ... **cê** acredita que eu vendi um gado... um gado pro Nélcio...

Verifica-se, também, no exemplo a seguir, que a forma não-padrão tem sido usada nos momentos de interação em que os interlocutores têm ou estabelecem Solidariedade, como;

(60) ... e gritou assim... meu pai... **cê** ta me veno aQUI?

As relações de amizade entre os participantes do ritual de interação demonstram intimidade e o uso da forma não-padrão está diretamente ligado ao fator Solidariedade. Isso se confirma nos três exemplos seguintes:

(61) ... ele foi lá na casa do compadre... compadre... o que... não sei o nome mais compadre... **cê** vai aí nesta mata... compra aroeira...

(62) ... cumpadi...tem um lito de pinga aqui pr'**ocê**...

(63) ... aí o PeREIra... passou lá em casa... ô cumpadre... **ocê** vive neste mundo aí...

(64) ... tinha um vizinho lá que era o Tonzinho... fui... cheguei lá... Tonzinho... **cê** podia:::

Conforme se vê, nos dois primeiros exemplos acima, a relação de intimidade com o compadre é íntima. Um frequenta a casa do outro, costume muito comum no interior de Minas Gerais. Um dos participantes no terceiro exemplo não é um vizinho qualquer e distante, mas alguém muito próximo. “Tonzinho”, destaque para o diminutivo utilizado, não é alguém distante, mas próximo do outro.

É preciso, também, observar os três exemplos, a seguir:

(65) Eu tinha vontade que **ocê**.. um dia... **cê** fosse... fosse passar ao menos uns três dias na roça pra **ocê** vê o tanto que é bão...

(66) oh... essa aí é minha conhecida () **cê** é filha de quem?

(67) véio... é a PUta que paRIU **oCÊS** TUdo (...)⁵¹

No exemplo (65), um participante tenta convencer o outro de como é bom estar na roça. Convidar alguém para passar três dias na roça revela proximidade, por isso justifica-se o uso do pronome de Solidariedade, ou seja, um pronome na forma não-padrão, **ocê**.

O mesmo acontece em (66). Os interlocutores já se (re)conhecem, por isso o uso da forma não-padrão.

No exemplo seguinte, a intimidade do vocativo “véio” e as palavras de baixo-calão demonstram que não há fator de Poder, mas proximidade, com isso o uso do pronome de Solidariedade. É num momento de desabafo que há ameaça à face do outro.

Os pronomes de poder e solidariedade, nomenclatura sugerida por Brown e Gilman, se manifestam neste estudo da seguinte forma:

⁵¹ Este exemplo é também citado neste trabalho como número (50).

Quadro IX

Pronomes de poder e solidariedade

Pronomes	Forma	Variáveis
Pronome de Poder	Padrão	você
Pronome de Solidariedade	Não-padrão	ocê e cê

A partir dos estudos de Brown e Gilman (1960), é possível verificar que se confirma a hipótese :

[8] A forma padrão *você* e as formas não-padrão *ocê* e *cê* correspondem, respectivamente, a Pronome de Poder e a Pronome de Solidariedade, nos dizeres de Brown e Gilman (1960, 1972).

Depois de se analisarem os resultados da amostra selecionada, fica comprovada a variação das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* na fala dos moradores da área rural e da área urbana da cidade mineira de Arcos. É evidente a influência de fatores sociais e lingüísticos na variação das formas estudadas. Além disso, é possível afirmar, ainda, que os participantes do processo de interação da linguagem tendem a escolher, no fator Poder, a forma pronominal padrão (*você*); enquanto que, no fator Solidariedade, as formas não-padrão (*ocê* e *cê*).

A seguir, serão apresentadas as conclusões deste trabalho.

CAPÍTULO V: CONCLUSÃO

A prática lingüística, individual e coletiva, está sujeita a regras ou a convenções de natureza institucional que atuam fortemente sobre aquilo que é possível dizer. Daí, as escolhas de que o falante dispõe – *você*, *ocê* e *cê*, no caso deste estudo –, para atuar são, necessariamente, condicionadas pelos fatores institucionais que constituem e dão corpo a ordens discursivas específicas. Assim, a competência comunicativa do sujeito falante implica o conhecimento e a interiorização não apenas de fatores contextuais e situacionais, mas dos componentes institucionais que sancionam uma determinada atuação. Os usos lingüísticos possíveis resultam, pois, não apenas de um conhecimento abstrato das formas lingüísticas e de uma inserção geral numa sociedade abstratamente considerada, mas da capacidade de atuar pertinentemente em espaços e tempos institucionalmente condicionados, inseridos em ordens discursivas e convencionais particulares.

A diversidade de formas de tratamento no PE e no PB e a complexidade de que se reveste o tema em questão têm dado origem a diversos estudos, no PE e no PB.

De acordo com Cunha e Cintra (2002), na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário. Acrescentam que, embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade do PB.

Por sua vez, Silva Neto (1986) ressalta que é preciso que se tenha em conta que a unidade não quer dizer igualdade e que, no tecido lingüístico brasileiro, há gradações de cores e que um estudo minucioso determinaria, com segurança, várias áreas. Afirma, ainda, que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da unidade na diversidade e da diversidade na unidade.

Sendo assim, serão apresentados, neste capítulo, os resultados e algumas questões, ainda, em aberto, da pesquisa desenvolvida a respeito da variação das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*, no português falado.

A mudança de *você* para *cê* originou-se, há muito tempo, exatamente no século XIV, com a introdução, na língua portuguesa, de expressões do tipo *vossa* + nome, mais especificamente, neste caso, *vossa mercê*. Essa locução nominal, que inicialmente era de uso exclusivo ao rei, passa a se generalizar, servindo, posteriormente, para o tratamento aos nobres e, por fim, a pessoas de qualquer classe social a quem se quisesse tratar com deferência ou simplesmente com respeito.

Aliado à expansão e à variação de *vossa mercê* está o fato de que o pronome *vós* caiu em desuso, o que abriu espaço para a entrada na língua da variante *vocês*.

Essa era a situação lingüística que foi trazida da metrópole para o Brasil, à época da colonização. Aqui, o uso de *você* ocorre concomitantemente ao de *vossa mercê*, *vós* e *tu*. Entretanto, aos poucos as formas *vossa mercê* e *vós* caem completamente em desuso. Quanto à forma *você*, na primeira metade do século XX, suplanta o uso de *tu* em grande parte do país. Assim, *você*, se originou nas classes sociais menos privilegiadas, em Portugal, e passou a ser de uso geral no Brasil.

A entrada de *você* na língua portuguesa trouxe como consequência uma série de rearranjos em sua estrutura: o processo de gramaticalização de *vossa mercê* para *você* restringiu o contexto de atuação desta forma, que ocupava, inicialmente, somente a função de sujeito pré-verbal, ao contrário de *vossa mercê*, que tinha maior mobilidade na frase. Além disso, sendo *você* uma forma originada de uma expressão nominal, a qual, em realidade, era uma exaltação às qualidades do rei, essa forma herdou de *vossa mercê* a correspondência à segunda pessoa, mas a concordância com terceira.

O resultado do quadro acima é que, numa língua de sujeito nulo, como era o PB, formas como “amava”, “partia” etc. serviam tanto à primeira pessoa quanto à segunda. Por fim, para desfazer essa ambigüidade, o falante sentiu a necessidade de preencher o sujeito de suas frases (FARACO, 1996, p. 68). Tem-se aí o quadro onde se insere a mudança de *vossa mercê* para *você*.

O processo de gramaticalização pelo qual passou *você*, que o transformou em pronome – uma palavra funcional, mais susceptível às mudanças sonoras, conforme apontou Philips (2001, pp. 128-129) – e acrescente obrigatoriedade de preenchimento do sujeito culminaram no aumento do uso da forma *você*, e essa frequência levou-a a continuar seu processo de redução fonética, originando a forma *cê*.

A partir dos estudos já realizados sobre o uso da forma *você* e suas variantes, este trabalho teve como objetivo geral investigar os fatores lingüísticos e sociais, que condicionam a variação e a função interacional das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*.

A partir daí, foram levantadas e testadas oito hipóteses, a saber:

- [1] o uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no PB falado na região arcoense de Minas Gerais constitui uma variável lingüística condicionada por fatores lingüísticos e sociais;
- [2] a função de sujeito é a única que favorece o uso das três variantes;
- [3] o fenômeno de variação entre os itens *você*, *ocê* e *cê*, em estudo, é caracterizado como um caso de mudança em progresso, nos termos de Labov (1972); com isso, os mais velhos usam mais o item *você* e os mais jovens usam mais as formas inovadoras – *ocê* e *cê*;
- [4] a forma *cê* já está implementada na língua, conforme sugere Ramos (1997);
- [5] poderá estar havendo certa especialização no uso das variantes, sendo a forma *cê* usada preferencialmente com referência definida e a forma *você* com referência indefinida, nos termos de Ramos (1997);
- [6] a forma *você* é reconhecida como própria das pessoas da cidade e a forma *ocê* é reconhecida como própria das pessoas da zona rural;
- [7] a forma padrão *você* é a forma mais usada pela classe social mais privilegiada;
- [8] a forma padrão *você* e as formas não-padrão *ocê* e *cê* correspondem, respectivamente, a Pronome de Poder e a Pronome de Solidariedade, nos dizeres de Brown e Gilman (1960, 1972).

Apenas a hipótese (3) não se confirmou, pelo fato de o Grupo de Fatores da Faixa etária não ter sido considerado significativo para o *corpus* selecionado. Registrou-se nocaute na rodada dos dados no Programa GoldVarb (2001).

Por meio do aparato metodológico da Teoria da Variação Lingüística, foi possível lidar com a variação *você ocê* e *cê*, apresentando condições de saber em que medida essas formas pronominais variam e que fatores condicionam essa variação. Este estudo permitiu-nos refletir sobre a variação e a mudança lingüística na perspectiva da sociolingüística variacionista, proposta e desenvolvida por William Labov, seus colaboradores e um imenso número de pesquisadores espalhados por diversas instituições de diversos países.

Este estudo permitiu, ainda, perceber que

[...] os grupos de fatores são, portanto, peça importante em estudos pautados pelo método laboviano, uma vez que é através deles que se pode analisar o fenômeno lingüístico observado e definir que limites serão estabelecidos para a pesquisa. Ou seja, é no cotejo de fatores lingüísticos e sociais que se pode observar de que forma se dá o fenômeno da variação que integra o objeto de estudo (LOREGIAN-PENKAL, 2005, p. 364).

A língua pode ser concebida sob diferentes enfoques teóricos. A Sociolingüística, sob a perspectiva da Teoria Variacionista, desenvolvida a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), assume o componente social e a relação língua/heterogeneidade. Incorpora a idéia de variação sistemática motivada por pressões sociais que “continuamente operam sobre a língua, não devendo, pois, ser estudada fora do contexto social” (LABOV, 1972, p. 3).

A descoberta de que vários dialetos são diferenciados entre si não só por conjuntos discretos de traços, mas também pelas variações de frequências com que certos traços ocorrem foi uma das mais importantes e significativas

contribuições dos estudos sociolingüísticos. Pôde-se verificar isso neste estudo.

Esta pesquisa se desenvolveu com base no arcabouço teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista. Assim, preocupou-se em fazer um levantamento criterioso dos dados de língua falada, descreveu-se a variável (*você*) e traçou-se um perfil das variantes (*você*, *ocê* e *cê*), fez-se uma análise dos fatores lingüísticos e sociais condicionantes, verificou-se o encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade arcoense, e, por último, fez-se uma avaliação da variável, confirmando-se um caso de variação estável.

Considerando que, conforme já se disse anteriormente na seção 1.1, nem tudo que varia implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, é importante dizer que a análise sociolingüística das variantes em estudo indicou uma variação estável (coexistência mútua no sistema lingüístico) e não uma mudança em progresso (disputa entre as variantes até que apenas uma delas permaneça no sistema).

A Sociolingüística Variacionista forneceu para este estudo, conforme já se disse, o aparato metodológico para lidar com a variação *você/ocê/cê*, possibilitou saber em que medida essas formas variam e que fatores condicionam essa variação, além de fornecer o embasamento teórico que permitiu selecionar os fatores que atuam sobre o fenômeno pesquisado.

Como se vê, a Sociolingüística Variacionista exige que se considere a língua em uso. Fora do dinamismo discursivo, que envolve falante, ouvinte e contexto, ela se torna mera abstração, impossibilitando análises que levem a resultados capazes de explicar as relações entre ela e seus usos sociais.

Com isso, para se fazer um estudo do pronome *você* e as formas *ocê* e *cê*, num contexto de interação social foi necessário destacar alguns conceitos teóricos referentes ao processo de interação. Com este objetivo, esta pesquisa adotou, também, o arcabouço teórico da Sociolinguística Interacional, que teve sua origem em estudos iniciados, concomitantemente, com os estudos sociolinguísticos variacionistas e desenvolveu-se paralelamente a estes sem, contudo, ter havido um ponto de encontro nas primeiras décadas.

Falar em formas de tratamento é falar em comunicação e em interação e a Sociolinguística Interacional forneceu a esta pesquisa meios de buscar explicações em campos distintos do conhecimento: lingüístico, social e cultural; o uso da língua e a construção social da interação.

Ao se descrever o uso das formas pronominais em estudo, foi necessário considerar os contextos que influenciam esse uso, considerando-se que os contextos envolvem toda uma interação social e lingüística, enquadramentos, práticas rituais, polidez, preocupação com a imagem social, preservação e ameaça à face entre outros.

Apresentam-se, a seguir, os resultados alcançados, considerando-se que o objetivo deste estudo foi investigar os fatores lingüísticos e sociais que condicionam a variação e a função interacional das formas pronominais *você* (padrão), *ocê* e *cê* (não-padrão).

Primeiramente, os resultados deste estudo são comparados com outros três, realizados em Minas Gerais, que analisam o comportamento das formas *você*, *ocê* e *cê* na fala mineira, a saber:

- a) A distribuição das variantes no *corpus* analisado destaca alta frequência do item *cê* - 60% - como em Ramos (1997), 55%; Coelho (1999), 50%

e Peres (2006), 72,6%. Estes resultados demonstram que a forma *cê* já está implementada no português falado na cidade de Arcos (MG) e confirma a hipótese [4], deste estudo.

- b) A forma *cê* é mais usada em contexto de interpretação definida - 60% - como em Ramos (1997), 54%; Coelho (1999), 55% e Peres (2006), 79,8%.
- c) A forma *você* é totalmente desfavorecida no subfator fonológico “consoante” com ocorrência zero neste estudo, como em Coelho (1999), com apenas uma ocorrência, confirmando-se a hipótese [5]. Por outro lado, o item *cê* é favorecido pelo subfator “pausa”, com 72% dos dados, como em Coelho (1999), com 47%.
- d) A posição de sujeito é favorecida em todas as formas, como em Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006), confirmando-se a hipótese [2] deste estudo.
- e) O item *cê* na posição de complemento de verbo não ocorre, como em Ramos (1997), divergindo de Coelho (1999), com 1 (uma) ocorrência e de Peres (2006), com 3 (três) ocorrências.
- f) As orações afirmativas favorecem o uso das três formas, como em Coelho (1999).
- g) A forma *você* ocorre com menos frequência na área rural, como em Coelho (1999).
- h) O item *ocê* se apresenta com 73,5% dos casos na área rural, o que demonstra que é a forma pronominal reconhecida como própria das pessoas da zona rural, confirmando-se a hipótese [6] desta pesquisa.
- i) A forma *você* se apresenta com 72% dos resultados na classe mais privilegiada, confirmando-se as hipóteses [7].

- j) O fato de 60% do uso de *cê* se registrar entre os jovens e adultos não se confirma a hipótese [3], mas com o que defende Ramos (1997, p. 46), ao afirmar que “a forma *cê* já está implementada na língua”. Como em Peres (2006), o Grupo de Fatores – Faixa Etária – apresenta um comportamento peculiar. Neste estudo, os jovens, medianos e idosos, com unanimidade, fizeram o menor uso da forma *você*. Esses resultados se diferem de Ramos (1997) e de Coelho (1999), pois nesses estudos o item *você* não é menos usado em todas as faixas.
- k) As formas não-padrão – *ocê* e *cê* – são preferidas pelos homens e mulheres, como em Coelho (1999).

Apresentar esses resultados tem por objetivo demonstrar a complexidade da análise das formas *você*, *ocê* e *cê* no PB atualmente. E, de fato os trabalhos listados até aqui sobre essas formas apresentam algumas divergências, como:

- a) O fato de o item *cê* não ocorrer como complemento de verbo sem preposição neste estudo, em Vitral (1996), em Ramos (1997, 2000) e em Andrade (2004), mas ocorrer em Coelho (1999), Barbosa (2005), Peres (2006).
- b) O *status* de *cê* como clítico (Vitral, 1996; Ramos, 1997 e 2000), como forma fraca ainda ou em processo de cliticização (Andrade, 2004; Ciríaco, Vitral e Reis, 2004) ou como palavra plena (Barbosa, 2005).
- c) A expressão da referência, havendo preferência pela forma *cê* para expressar referência indefinida neste estudo, em Ramos (1997) e em

Coelho (1999) ou a preferência pela forma *você* para expressar essa referência em Alves (1998) e em Peres (2006).

Dentro da perspectiva da Sociolinguística Interacional, conclui-se que:

a) As formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*, nesta amostra, no processo interacional da linguagem, são usadas pelo informante ou pelas personagens das narrativas de maneira bem complexa. “Manter a face” ou pelo menos, não a perder foi um objetivo importante na interação estabelecida entre documentador e informante e vice-versa. A “ameaça à face” se deu na interação entre as personagens das narrativas orais espontâneas construídas pelo informante. Foi um recurso discursivo utilizado pelo informante para alimentar a narrativa, ou seja, dar vida ao fato narrado.

b) Os participantes do processo de interação da linguagem tendem a escolher, no fator Poder, a forma pronominal padrão (*você*); enquanto que, no fator Solidariedade, as formas não-padrão (*ocê* e *cê*). Podendo-se dizer que há equivalência entre Pronome de Poder = *você* e Pronome de Solidariedade = *ocê* e *cê*.

A escolha linguística que o falante faz, em uma dada situação interacional, depende do tipo de relacionamento social que esse falante estabelece com o seu interlocutor. As relações de poder, solidariedade, intimidade, polidez, distanciamento e respeito podem indicar as formas pronominais a serem usadas, conforme o tipo de situação interacional estabelecido entre os interlocutores.

Um outro aspecto deste estudo é o desempenho lingüístico do falante no PE em relação à forma pronominal de tratamento no dia-a-dia, em diversas cidades portuguesas e situações concretas de interação, o que está descrito neste estudo, em 2.4, e sintetizado aqui, a seguir. Fizeram-se, também, pensando-se no caráter científico da descrição e das considerações feitas sobre o uso do *você* em tempos atuais do PE, estudos e análises no *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL).

A partir da investigação que se fez, descrita acima, e consideradas as observações e as descrições sobre o uso da forma pronominal *você* por falantes portugueses, feitas em 2.4, apresentam-se algumas considerações, que, naturalmente, precisam ser mais bem investigadas. As observações são aqui citadas, com o propósito, também, de se motivar pesquisas futuras. Elas:

- a) A forma *você*, no PE contemporâneo vem ocorrendo em situações: i) de desigualdade social ou de desconhecimento; ii) de idade superior para idade inferior; iii) de idade inferior para idade superior; iv) entre familiares/amigos.
- b) O PE tem apresentado evolução nos últimos tempos, indicando que a posição de alguns pesquisadores, como Cintra (1972), Cuesta e Luz (1971), apresentada aqui na seção 2.2, não revela o verdadeiro comportamento da forma pronominal *você* no PE contemporâneo. São ultrapassadas as informações de que “no português de Portugal não é ainda possível utilizar a forma *você* de inferior para superior em idade, classe social ou hierarquia” (CINTRA, 1972), como

também que “o *tu*, tratamento íntimo entre iguais, mal sai do âmbito familiar” (CUESTA e LUZ, 1971). As afirmações acima apresentadas não são fidedignas ao real estágio do PE contemporâneo, pois, em Portugal, não se verificam, hoje em dia, somente as situações descritas; tais afirmações ainda são contrariadas, pelo CRPC que apresenta registros da forma *você e tu* em contextos contrários aos descritos pelos autores aqui citados.⁵²

- c) Dependendo da situação de formalidade ou informalidade, a escolha entre os pronomes *tu* e *você* e entre *tu* e *senhor (a)* é motivada por um sentido de familiaridade pessoal *versus* distância social.
- d) É comum verificar-se que o item *você* não é usualmente bem aceito pelos falantes do PE⁵³, visto que a sua ocorrência está fortemente condicionada por fatores sociais e pragmáticos, de entre os quais se destaca a intimidade existente entre os falantes.
- e) O uso da forma pronominal *você* em Portugal hoje, afirmam diversos lingüistas atuais, se deve ao fato da influência⁵⁴ das novelas brasileiras que são retransmitidas por diversas emissoras portuguesas, em horários nobres, manhã, tarde e noite, inclusive aos domingos (o que não ocorre no Brasil). É fato que a influência que os meios de comunicação social exercem nos hábitos lingüísticos de uma sociedade é forte e o conflito generalização e estabilização é evidente.⁵⁵

⁵² “Escolho o *tu* para te escrever, porque assim me tratam no Meco. Assim, como a todos os que escolhem de coração esta praia e esta aldeia. Aqui, as pessoas são todas iguais, são todas descontraídas, cada um pode ser o que é desde que respeite o outro. E, por isso, podemos tratar-nos por *tu*. Sentes a diferença?” (MACEDO, 2007).

⁵³ É o que defende também, conforme já se disse, Saraiva (2002, p. 14).

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

⁵⁵ Cf. HAMMERMÜLLER (1993) e SARAIVA (2002, p.129).

- f) A forma pronominal *você* para alguns falantes portugueses, de maneira bem preconceituosa, só serve como forma de tratamento dirigida a pessoas de condição humilde. Em certas partes de Portugal, mais ao norte, a forma ainda indica respeito, prendendo-se, semanticamente, à locução nominal *Vossa Mercê* originário, como já se deu no Brasil.
- g) O tratamento mais freqüente em Portugal entre os indivíduos da mesma idade e categoria social, entre os quais existe certa amizade e confiança, é a terceira pessoa do singular acompanhada pelo nome ou apelido do interessado, motivo pelo qual se registrou uma baixíssima ocorrência da forma *você* no *corpus* eletrônico português analisado, o CRPC.
- h) O item *você* está ganhando terreno pela sua maior simplicidade no dia-a-dia. Todavia, em alguns “sítios mais arcaizantes”, como dizem os portugueses, a forma *você* é considerada pelo povo como, de certo modo, depreciativa, utilizando-se a forma antiga *vossemecê* com as pessoas a que se deve um pouco de respeito.
- i) O pronome *você* no PE é menos empregado que no PB, muitas vezes devido à utilização dos pronomes reflexivos “si” e “consigo”.

Finalmente, apresentam-se as conclusões desta pesquisa, deixando, inevitavelmente, algumas questões em aberto, passíveis de desdobramentos específicos desta pesquisa e/ou de estudos científicos futuros. Uma vez que não tivemos a pretensão de exaurir a discussão acerca do tema, mas de propor questões que pudessem contribuir para melhor compreender o estatuto, o comportamento e o uso do fenômeno lingüístico em questão.

Um estudo científico não tem seu valor reconhecido se não instigar outras investigações e/ou não levantar questões em aberto para pesquisas futuras. Por isso, novos estudos poderão ampliar as explicações para a variação aqui pesquisada, usando, por exemplo, uma amostra mais ampla que incluísse outros níveis de escolaridade de informantes de Arcos, considerando-se a ocupação profissional dos falantes, presente só na área rural e/ou urbana, como fez Mota (2008), ao pesquisar sobre a variação dos pronomes *tu* e *você* no português oral de São João da Ponte (MG).

Outro desdobramento seria a aplicação de testes de reação subjetiva para se ter uma avaliação real da comunidade de Arcos e para verificar a força das informações veiculadas nos depoimentos sobre a percepção social da variação em análise.

E, por último, o Grupo de Fator – Faixa Etária – precisa ser novamente demarcado, em um futuro trabalho, de forma que se delimite uma outra faixa etária que compreenda o período de 25-45 anos, especificamente. Talvez, assim se consiga esclarecer a questão da mudança estável ou em progresso, já que neste estudo este Grupo de Fator - faixa etária, nas rodadas do GoldVarb (2001), não foi considerado significativo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Teresa dos S. **Formas de tratamento no dialeto oral urbano de Curitiba**. UFSC, 1987, 123f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- _____, VEIGA, J. L. O tratamento em Curitiba: o pronome zero. In: **Ilha do Desterro**. Florianópolis: UFSC, 1988.
- Academia das Ciências de Lisboa. **Dicionário da língua portuguesa contemporânea**. Lisboa: Verbo, v. I e II, 2001.
- ALMEIDA, Maria Jussara A. de. **Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro**: causas e conseqüências. UFMG, 1991. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ALVES, Nilton A. **As formas você e cê e a indeterminação do sujeito no português brasileiro**. UFMG, 1998, 93 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- AMADO, J. **Interacção pedagógica e indisciplina na escola**: suportes teórico-práticos. Porto: ASA, 2001.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1955.
- ASSIS VEADO, Rosa M. **Comportamento lingüístico do dialeto rural**. UFMG, 1980. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ANDRADE, Adriana L. V. S. **A variação de você, cê e ocê no português brasileiro falado**. UFMG, 2004, 136 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ARAÚJO CARREIRA, Maria Helena. **Modalisation linguistique**. Paris: Paris VIII, 1996. (Thèse de Doctorat d'Etat).

_____. **Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais**.

Bibliothèque del information grammaticale. Louvain: Editions Peeters, 1997.

ARCOS. Disponível em: < <http://www.arcos.mg.gov.br/arcos.asp?id=9> > Acesso em 30 out. 2006.

AZEVEDO, Milton M. Sobre o emprego de você no português brasileiro atual. In: **Hispania**. vol. 64, nº 2, may, 1981, pp. 273-278.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. O *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo e os projetos de investigação do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa sobre variedades do português falado e escrito. In: GÄRTNER, E. et alii (eds). **Estudos de Gramática Portuguesa (I)**, Biblioteca Luso-Brasileira, Centro do Livro e do Disco de Língua Portuguesa, Frankfurt am Main, 2000, pp.185-227.

BARBOSA, Liliane P. **Estatuto da forma cê**: clítico ou palavra? UFMG, 2005, 137 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BAYLON, C., FABRE, P. **Iniciação à lingüística**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

BASTO, Cláudio. Formas de tratamento em português. In: **Revista Lusitana**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1931, v. 29, pp. 183-202.

BASTOS, Liliana C. **Da gramática ao discurso**: uma análise das funções do adjetivo no português falado. PUC/RJ. 1993. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BATESON, G. **Vers une écologie de l'esprit**. Paris: Seuil, 1972.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, 669p.

BEIRA BAIXA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/beira_alta> Acesso em 20 out 2006.

BELINE, Ronald. A variação lingüística. In: FIORIN, José L. (org.). **Introdução à lingüística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002, pp. 121-140.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 3 ed. Campinas (SP): Pontes, 1991

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Uso de tu/você em interações infantis. **Revista Letras**. Campinas (SP): PUCCAMP, n. 13 (1/2), pp. 96-118, dez., 1994.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. In: **Alfa**: Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972-1973, n. 18-19, pp. 339-381.

_____. **Teoria lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIRDWHISTELL, R. Kinesics. In.: SILLS, D. L. (org.) **International encyclopedia of the social sciences**. New York: Macmillan/The Free Press, v. 8, 379, 1968.

_____. **Kinesics and context**: essay on body motion communication. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.

BOLÉO, Manuel de Paiva. **Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa**. Lisboa: FLUL, 1946.

BOTELHO RAMOS, Myriam P. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. UFSC, 1989. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BRAGA, Maria L., NARO, Anthony J. **Quantos falantes preciso ou a questão do tamanho da amostra**. Rio de Janeiro: UFF, s. d., 8p.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1983, pp. 214-244.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas (SP): UNICAMP, 2004.

BRANDÃO, S. (org.). **Pesquisa e ensino da língua**: contribuições da sociolingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Vernáculos, 1996.

BRIGHT, William. As dimensões da Sociolingüística. In: FONSECA, Maria Stella, NEVES, Moema (org.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.

BRITO, Onilda Regina Marcchioni de. **Faça o mundo te ouvir**: a uniformidade de tratamento na história do português brasileiro. 2001. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.

BROPHY, J., GOOD, T. L. **Teacher-child dyadic interaction**: a manual for coding classroom behavior. Austin: University of Texas ,1970.

BROWN, Roger W., GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, Thomas (ed.). **Style in Language**. Cambridge, MA: Massachussetts Institute of Tecnology Press, 1960, pp. 253-276.

_____. The pronouns of power and solidarity. In: GIGLIOLI, P. P. (ed.). **Language and social context**. New York: Penguin Books, 1972, pp. 252-282.

BROWN, Penélope, LEVINSON, Stephen. C. Universals in language usage: politeness phenomena. In: GODOY, E. (ed.) **Questions and politeness**. Cambridge: University Press, 1978, pp. 56-310.

_____. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. UFRJ, 1979. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CAMARA JÚNIOR, J. M. **História da lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975,195p.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976, 265p.

_____. **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977, 323p.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979, 265p.

_____. **Dicionário da lingüística e gramática**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981, 266p.

_____. O sistema de pronomes em português. In: **Estrutura da língua portuguesa**. 13 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1983.

CASTILHO, Ataliba T. de, PRETI, Dino (orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986, v. 1.

_____. **A gramaticalização**. São Paulo: USP, 1995.

CARRICABURO, Norma. **Las fórmulas de tratamiento en la español actual**. Madrid: Arco Libros, 1997, 93p.

CASTRO, Ivo. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991, 275 p.

CASTRO, R. **Aspectos da interação verbal em contexto pedagógico: objetivos, ilocutórios, estruturas da interação e tomada da palavra**, v. I e II. Dissertação de Mestrado em Lingüística Portuguesa. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1987.

CEDERGREN, Henrietta, SANKOFF, David. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language** 50: 1974, pp. 333-355.

CENSO DEMOGRÁFICO DO IBGE. Resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

CEZÁRIO, Maria Maura, VOTRE, Sebastião. Sociolingüística. IN: MARTELOTTA, Mário E. et alii. **Sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 141 – 155.

CHAIKA, Eliane. **Language, the social mirror**. Rowley Massachusetts, Newbury House Publishers Inc., 1982.

CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford: Blackwell, 1995, 275p.

CHAVES, Elaine. **Implementação do pronome você: a contribuição das pistas gráficas.** Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG).

CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa.** Lisboa: Livros Horizonte, 1972, 139 p.

_____. **Sobre as formas de tratamento na língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Horizonte, 1986, 138p.

Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto-crpc.php> Acesso em: 8 dez. 2007.

COSTA, Joaquim Ribeiro. **Toponímia de Minas Gerais:** com estudo histórico da divisão territorial e administrativa. 2.ed. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997, 476 p.

CIRÍACO, Larissa, VITRAL, Lorenzo, REIS, César. Intensidade e duração de formas reduzidas no português brasileiro. IN: **Revista de Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte: UFMG, 2004, v. 12, n. 2, pp. 143-147.

COELHO, Maria do S. V. **Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas.** UFMG, 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

COHEN, M., Ramos, Jânia (orgs.). **Dialeto mineiro e outras falas.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

COOK, Manuela. **Uma teoria de interpretação das formas de tratamento na língua português.** Hispania, n. 80, pp. 451-464, set., 1997.

CORRADELO, Elaine de Fátima Alcará. **Quem é você?:** análise de um pronome pessoal. UNICAMP, 1997. 102f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (MG).

CORRÊA, Lucas. T. **A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro:** uma variante sociolingüística. UFMG, 1998, 89f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CRUZ, Angélica S. Nobre como Camões. **Revista Veja.** São Paulo: Abril, ed. 1506, ano 32, n. 18, 1999, pp. 78-79.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CYRINO, Sônia M. L., BRITO, Onilda R. M. de. **Perda (do uso do tu/te) e aquisição (de você/te).** Marília (SP): Fundação Eurípedes, [199].

_____, DUARTE, Maria Eugênia L., KATO, Mary A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary, NEGRÃO, Esmeralda. **Brazilian portuguese and the null subject parameter.** Frankfurt: Vervuert, Iberoamericana, pp. 55-73, 2000.

CUESTA, Pilar Vasquez, LUZ, Maria Albertina Mendes da. **Gramática da língua portuguesa.** Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. São Paulo: Edições 70, 1971, pp.481-502.

_____. **Gramática da língua portuguesa.** Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 17 ed. Lisboa: João Sá da Costa, 2002, pp. 292-298.

DELAMONT, S. **Interacção na sala de aula**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

Dicionário de língua portuguesa. 6ª ed. Porto: Porto editora, s.d.

Dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. Porto: Porto editora, 1999.

Dicionário. Disponível em: <<http://www.puberam.pt/lpo/resultados.aspx>>
Acesso em 21 out 2006.

DIAS, Ângela Monteiro Gonçalves Dias. **Interacção professor/aluno numa escola multicultural**. Dissertação de Mestrado em Educação Intercultural. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, 2005, 232 p.

DELAMONT, S. **Interacção na sala de aula**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

DICKEY, Eleanor. **Latin forms of address: from Plautus to address: from Plautus to Apuleius**. Oxford Press, 2002, 414 p.

DOMINGOS, Tânia R. E. **Pronomes de tratamento do português do século XVI: uma gramática de uso**. São Paulo: Annablume; Rondônia : UNIR, 2000, 84p.

DUARTE, Maria Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Y., KATO, M. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas (SP): UNICAMP, 1993.

_____. A perda do princípio ‘evite pronome’ no português brasileiro. UNICAMP, 1995. Tese. Doutorado em Lingüística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

- DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- DUTRA, R. **A gramática do português oral**: folha de exemplos. Belo Horizonte: UFMG, 1991. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ELIA, S. **A unidade lingüística no Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979, 259p.
- ERICKSON, F., SCHULTZ, J. O ‘quando’ de um contexto: questões e métodos na análise de competência social. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). **Sociolingüística Interacional**. 2 ed. Porto Alegre: Loyola, pp. 215-234, 2002.
- ERVIN-TRIPPS, S. Sociolinguistic rules of adress. In PRIDE, J. B., HOLMES, J. (orgs). **Sociolinguistics**: selected readings. Harmonds worth: Penguin Books, 1972.
- FARACO, Carlos A. **O tratamento você em português**: uma abordagem histórica. 13ª ed. Curitiba: UFPR, 1996, p. 51-82.
- _____. **Lingüística histórica**. São Paulo, Ática, 1998, 136p.
- _____. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo das histórias das línguas. São Paulo: Parábola, 2006, 216p.
- FARIA, Isabel Hub. **Para a análise da variação sócio-semântica**: estrato socioprofissional, sexo e local de produção enquanto factores reguladores, em português contemporâneo, das formas de auto-referência e de orientação para o significado. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983.
- _____ et alii.(orgs). **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, pp. 449-475.

FERGUSON, C. The structure and use of politeness formulas. In: **Language in society**. London, 5:137-151, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, 2122p.

FERREIRA, Márcia de Assis. **O item você em perspectiva funcional**. Disponível em: <<file:///E:/htm/comunica/CiII4b.htm>> Acesso em 30 abr. 2005.

FERREIRA NETO, Antônio J. **Estratégias discursivas em negociações comerciais: abordagem sócio-interacional**. UFMG, 2005, 145f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FIGUEIREDO, Cândido de. **O problema da colocação dos pronomes**. Lisboa: Ed. Lisboa, 1994, pp. 56-60.

FISCHER, John L. Social influences on the choice of a linguistic variant. In: **Word 14**: 1958, pp. 47-56.

FLORES, Maria Antonieta de Sousa. **Compilação e breve história de algumas fórmulas de tratamento no português, do séc. XII à actualidade**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1946, 124 f.

FONTANA, J. N. **Phrase structure and the syntax of clitics in the history of spanish**. Philadelphia: University Philadelphia Press, 1993.

FONSECA, Maria Stella Vieira da, NEVES, Moema Facure. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.

FRAKE, C. O. Plying frames can be dangerous: some reflections on methodology in cognitive anthropology. **The quarterly newsletter of the Institute for Comparative Human Cognition**, 1:1-7, 1977.

FREIRE, Gilson C. **Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana.** UFRJ, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREITAS, Judith. **Os pronomes pessoais sujeito no ensino fundamental: teoria gramatical e orientação do professor.** Salvador: EDUFBA, 1997.

GALVES, Charlotte C. **Agreement and subjects in brazilian portuguese.** 1991. (Palestra).

_____. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: Robert, I, Kato, M. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas (SP): UNICAMP, 1993.

GARCEZ, Pedro M. **Brazilian manufacturers and U. S. importers doing business: the co-construction of arguing sequences in negotiation.** 1996. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology.** New Jersey, Englewoods Cliffs: Prentice-Hall Inc, 1967.

GERALDI, João W. **Linguagem e interação.** UNICAMP, 1990. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

GIDDENS, A. **The constitution of society.** Berkeley: University of California Press, 1984.

GILBERT, Nigel. **Simulation for the social scientist.** Buckingham: open university press, 1999, 273 p.

GIVÓN, T. **Toward a discourse definition of syntax x.** MS, University of California, 1974.

_____. Serial verbs and the mental reality of 'event' Grammatical vs. Cognitive packaging. In: TRAUGOTT, E.C., HEINE, B. (eds.) **Approaches a to Grammaticalization**: focus on theoretical and methodological issues Amsterdam: Benjamins, 1991, v. 1, pp. 81-127.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. New York: Doubleday, 1959

_____. **Encounters**: two studies in the sociology of interaction. Indianapolis: Bob-Merril, 1961.

_____. **Interactional ritual essays on face to face behavior**. New York: Panteon, 1967.

_____. **Asiles**. Paris: Minuit, 1968.

_____. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970a, 237p.

_____. **Strategic interacción**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970b.

_____. **La mise en scène de la vie quotidienne**. Paris: Éditions Minuit, 1973.

_____. **Les rites d'interaction**. Paris: Éditions Minuit, 1974a.

_____. **Frame analysis**: an essay on the organization of experience. New York: Harper & Row, 1974b.

_____. Replies and responses. In: **Language in Society**. 5:257-313, 1976.

_____. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981a, pp. 76-114.

_____. **Forms of talk**. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1981b.

_____. **Reply to review of frame analysis by Norma Denzin**. Contemporary sociology, 1981c, v.10, pp. 60-68.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, 158 p.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, 233p.

_____. **Façons de parler**. Paris: Minuit, 1987.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **A apresentação do eu na vida de todos os dias**. Lisboa: Antropos, 1993, 296 p.

_____. **Os momentos e os seus homens**. Lisboa. Relógio d'água, 1999, 251 p.

_____ et alii. **Sociologias de la situación**. S. L.: 2000, 171 p.

GOLDVARB 2001. Disponível em:
<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>

Acesso em 02 nov 2006.

GOMES, Christina A., MOLLICA, Maria C. M. Prestígio, mudança e escola. In: **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

_____, PAIVA, Maria da C. A. Sociolingüística: um paradigma de explicação sobre o uso da língua. In: LINS, Maria da Penha P., SILVA, Alacir de A. **Recortes lingüísticos**. Vitória: Saberes Instituto de Ensino, 2000, v. 1.

_____. A importância da constituição de um banco de dados de língua falada e os estudos de variação e mudança. In: LINS, Maria da Penha P., SILVA, Alacir de A. **Recortes lingüísticos**. Vitória: Saberes Instituto de Ensino, 2000, v. 1.

GONÇALVES, Carlos A. V. G. Confluência no estudo da mudança lingüística. In: **Anais do I congresso de filologia e lingüística**. São Gonçalo (RJ): UERJ, 1998.

GONÇALVES, Clézio Roberto. Você, ocê e cê na fala mineira. IN: HORA, Demerval da (org). **Anais do ABRALIN em Cena Piauí**. Teresina: Idéia, 2008, pp. 82-91.

GONÇALVES, V. **Aspectos da gramaticalização no português**. UFMG, 1987. (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In COLE, P., MORGAN, J. L. (eds.). **Syntax and semantics**. New York: Academic Press, 1975, pp. 41-58.

GUIMARAES, Ana Joaquina Teixeira da Cunha. **Ensaio sobre falares luandenses**. Luanda: Chá de Caxinde, 2004, p. 23.

GUIMARÃES, Ana M. M. **A ocorrência de 2ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita**. 1979. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GUMPERZ, J. J. Discourse strategies. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolingüística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 45-84.

_____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolingüística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 149-182.

GUY, Gregory Riordan. The quantitative analysis of linguistic variation. In: PRESTON, Dennis R. (org.) **American dialect research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1983, pp. 223-249.

_____. **On the nature and origins of popular brazilian portuguese**: estudios sobre español de america y lingüística afroamericana. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989.

_____. The quantitative analysis of linguistic variation. In: Preston, D. R. (org.). **American dialect research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, pp. 223- 249.

_____. **Towards a social science of language**: papers in honor of William Labov: variation and change in language and society. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

_____, Zilles, Ana. **Sociolingüística quantitativa**: instrumental e análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239p.

HALLIDAY, M. A. K., McINTOSH, Angus, STREVEENS, Peter. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1989.

HAMMERMÜLLER, Gunther. Formas e convenções de tratamento do português. In: **Actas do 1º Encontro Nacional para a Investugação e**

Ensino do Português. Lisboa: CLUL-Lisboa, CLUP-Porto, CLUC-Coimbra, Núcleos de Lingüística de Aveiro e Braga, 1977, pp. 55-60.

_____. Die anrede im portugiesischen: eine soziolinguistische untersuchung zu anredekonventionedes des gegenwartigen europaischen portugiesisch. Chemnitz: Nov Never Verlag, 1993.

HARRIS, A C., CAMPBELL, L. **Historical syntax in cross-linguistic perspective.** Cambridge Studies in Linguistics 74. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HEAD, Brian F. Social factors in the use of pronouns for the addressee in brasilian portuguese. IN: SCHIMIDT-RADEFELDT, Jürgen (ed.). **Readings in portuguese linguistics.** Amsterdam, New York, Oxford: North-Holland, 1976, pp. 289-348.

HEINE, B., REH, M. **Grammaticalization and Reanalysis in African Language.** Hamburg: Helmut Booke Verlag, 1984.

_____, HÜNNEMEYER, B., CLAUDI, U. **Grammaticalization: a conceptual framework.** Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HERÊNIO, Kelly P. **Tu e você em uma perspectiva intra-lingüística.** UFU, 2006, 113f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG).

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In. TRAUGOTT, E. C., HEINE, Bernard (eds.). **Approaches to grammaticalizations.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 1991, v.1.

_____, TRAUGOTT, E. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993, 256p.

HORA, Demerval da. **Teoria da variação: uma retrospectiva lingüística.** In: Diversidade lingüística no Brasil. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____. CHRISTIANO, E. (orgs.). **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Idéia, 1999.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 2022 p.

HUDSON, R. A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

HYMES, Dell. **On communicative competence**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.

_____. An communicative competence. In: PRIDE, J. B., HOLMES, J. (eds.). **Sociolinguistics**. Penguin: Harmonds Worth, 1974.

ILARI, Rodolfo et alii. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, A. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas/SP: UNICAMP, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades/default.php>> Acesso em: 02 mai. 2008.

ISENSEE, D. M. **O falar de Mato Grosso (Bahia): fonêmica – aspectos da morfossintaxe e do léxico**. UnB, 1964. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S. (org.) **Psicologia social II, pensamiento y vida social, psicología social y problemas sociales**. Barcelona: Paidós, 1988.

JOTA, Z.S. **Dicionário de lingüística**. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

KATO, M. A. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança Lingüística. In: **Actas do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa: Colibri APL, 1993, v. 2, pp. 209-38.

LABOV, William. **The social motivation of a sound change.** Word 19, 1963, pp. 273-303.

_____. **The social stratification of English in New York city.** Washington: Center for applied linguistics, 1966.

_____. The reflection of social processes in linguistic structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). **Readings in the sociology of language.** The Hague, Mouton , 1970, pp. 240-251.

_____. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Empirical foundations of linguistic theory: the scope of american linguistics.** R. Austerlitz (ed.) Lisse: The Peter de Ridde Press, 1975a.

_____. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. (ed.). **Proceedings of the 11th International Congress of Linguistics.** Bologna: Il Mulino, 1975b, pp. 825-851.

_____. Building on empirical foundations. In: W. Lehmann e Y. Malkiel (eds.) **Perspectives on historical linguistics.** Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 79-92.

_____. The child as linguistic historian. **Language variation and change**, p. 85-97, 1989.

_____. **Negations in syntax: on the nature of functional categories and projections.** 1990. Ph. D. Dissertation. Massachusetts Institute of Technology.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: **Language variation and change.** Cambridge: Mouton, 1991.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors.** Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistics change: external factors.** Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 2000.

_____. The anatomy of stye-shifting. In: ECKERT, Penelope, RICKFORD, John. (org.). **Style and sociolinguistic variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 85-108.

L'analyses des interaccions verbales, la dame de Caluire: actes du colloque tenu à l'úuniversité Lyon 2. Berne: Pierre Lang, 1987, 402 p.

LAPA, Manuel R. **Estilística da língua portuguesa.** 3ª ed. São Paulo: Fontes, 1897-1991.

LAVANDERA, Beatriz R. **Variación y significado.** Buenos Aires: Hachette, 1984.

LEÃO, Paula Biegelmeier, ALTENHOFEN, Cléo Vilson, KLASSMANN, Mário. Variação de tu e você no português falado no sul do Brasil. In: **Jovens pesquisadores do XIV Salão de Iniciação Científica.** Porto Alegre: UFRGS, 2002, 9p. Disponível em: <http://ww.ufrgs/propesq/livro2/index_paula.htm> Acesso em 19 mai 2008.

_____. Formas de tratamento no sul do Brasil: contribuições da geolingüística, da sociolingüística e da pragmática. Porto Alegre: UFRGS, 2004. (monografia).

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization:** a programmatic sketch. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien – Projektes, v. 1, ms, 1982.

_____. **Grammaticalization:** synchronic variation and diachronic change. *Langue e Stile.* v. 2, n. 3, 1985.

LIGHTFOOT, D. **Principles of diachronic syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. **How to set parameters:** arguments from language change. Cambridge, Mass: MIT Press, 1991, 214 p.

_____. Degree-0 learnability. In: B.Lust, G. Hermon and J. Kornfilt (eds.). Syntactic theory and first language acquisition: cross linguistic perspectives. In: **Binding dependency and learnability**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1994, v. 2.

_____. **The development of language:** acquisition, change, and evolution. Blackwell Publishers, 1999, 287p.

LIMA, Marinús Pires de. **Inquérito sociológico**. 5.ed. Lisboa: Presença, 2000.

LOBO, T. C. **A colocação dos clíticos em português:** duas sincronias em confronto. Lisboa: Faculdade de Letras, 1992.

LOPES, Célia R. S., DUARTE, Maria Eugênia L. O processo evolutivo vossa mercê > você (português) e vuestra merced > usted (espanhol). In: ABRALIN, 26, 2001. **Boletim ABRALIN**, 2001, pp. 106-109.

_____. **O quadro dos pronomes pessoais**. Rio de Janeiro, manuscrito. 2003a.

_____. **Vossa mercê > você e vuestra merced > usted:** o percurso evolutivo ibérico. *Linguística*, ALFAL, v. 14, 2003b.

_____. De vossa mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Sílvia F., MOTA, Maria Antônia (orgs.). **Análise contrastiva de variedades do português:** primeiros estudos. Rio de Janeiro: in-fólio, 2003c, pp. 61-76.

_____. **Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX.** Comunicação apresentada no V Seminário do PHPB. Ouro Preto (MG): UFOP/UFMG, 2004.

LORENGIAN-PENKAL, Loremi. Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil. 1996. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. In: **Estudos Lingüísticos XXXIV.** Campinas: UNICAMP, 2005, pp. 362-367.

LORENZ, Konrad. **L'agression:** une histoire naturelle du mal. Paris: Flammarion, 1969, 314 p.

LUCCA, Neiva N. G. **Da transição tu/você em Minas Gerais.** Comunicação apresentada no XIV SEVFALE. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000. (manuscrito).

_____. **A variação tu/você na fala brasiliense.** UnB, 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

LUFT, Celso P. Tratamento depreciativo. In: **Revista Brasileira de Filologia.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, s.d., v. 3, tomo II, 1957, pp. 193-207.

LUZ, Marilina dos Santos. Fórmulas de tratamento do português. In.: **Revista Portuguesa de Filologia.** Coimbra, v. II, T. I, II, 1956, pp. 256-363.

_____. **Fórmulas de tratamento no português arcaico:** subsídios para o seu estudo. Coimbra: Casa do Castelo, 1958, 281 p.

MAÇÃS, Delmira. **Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno coloquial.** Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1976.

MACEDO, A T. de; RONCARATI, C. & MOLLICA, M. C. (orgs.) **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MACEDO, Carla. Meco: sol de inverno. In: **Global**. 29 nov. 2007, p. 12.

MAISONNEUVE, J. **La dynamique des groupes**. Paris: PUF, 1968.

MARC, Edmond, PICARD, Dominique. **A interacção social**. Porto: Rés, s.d., 237 p.

MARCELLESI, Jean-Baptista. **Introdução à sociolinguística social**. Lisboa: Editorial Áster, 1975.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Linguagem e classes sociais**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O tratamento da oralidade no ensino da língua**. Recife, UFPE, 1993, 150f. (manuscrito)

MARQUES, Maria Emília Ricardo. **Sociolinguística**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, 331p.

MARTELOTTA, Mário E., VOTRE, Sebastião J., CEZÁRIO, Maria M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 277-291.

_____ et alii. **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008, 254 p.

MATTHEWS, P. H. Morphology. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

McDERMOTT, R. P. **Kids make sense: an ethnographic account of the interaction management of success and failure in one first-grade classroom**. Tese de Doutorado. Palo Alto, Califórnia: Stanford University, 1976.

MEAD, G. **L'esprit le soi et la société.** Paris: PUF, 1963.

_____. **Espíritu, persona y personalidad.** Buenos Aires: Paidós, s.d.

MEHAN, H. et alii. **The social organization in the classroom lessons.** Relatório de pesquisa submetido à Fundação Ford., 1976.

MEIER, Harri. Die syntax des anrede in portugiesischen. In: Romanische forschungen, LXIII, 1951, pp. 122-124 apud CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa.** Lisboa: Livros Horizonte, 1972, p. 9.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale.** Reed. Paris: Klincksieck VI, 1926.

_____. Sur les effets des changement de langue. Scientia 51: 91-98, 1931.

_____. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale.** Paris: Champion, 1958, pp. 130-148.

MENDES, Eliana A. de M. Você, o senhor, ou o quê? In: **Linguagem & Ensino.** Pelotas (RS), 1998, v. 1, nº 1, pp. 135, 150.

MENON, Odete P. S. **Analyse sociolinguistique de l'indetermination de sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP.** 1994. Thèse (Doctorat), Université Paris VII, Paris.

_____. O sistema pronominal no português do Brasil. In: **Revista Letras.** Curitiba: 1995, nº 44, pp. 91-106.

_____. O sistema pronominal na região sul. **Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL.** João Pessoa: ANPOLL, 1996a, pp. 510-512.

Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. **Anais do II Simpósio _____**. Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996b, pp. 101-116.

_____. Seu, de vocês: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, Demerval (org.) **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu / você / o senhor em Vinhas da Ira. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre: PUCRS, 2000, v. 35, nº 1, pp. 121-164.

_____. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade, MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (orgs.). **Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas**. Araraquara (SP): UNESP, 2006, pp. 99-160.

MESTHRIE, Rajend. **Concise encyclopedia of sociolinguistics**. Amsterdam: Elsevier Science, 2001, 1031 p.

MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. Unicamp, 1982. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

MILROY, L. **Observing and analysing natural language: a critical account of sociolinguistic method**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MIRAMATEUS, Maria Helena et alii. **Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual**. Coimbra: Almedina, pp. 160-183.

MODESTO, Artarxerxes T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP**. USP, 2006, 140f..

Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: Cadernos didáticos/UFRJ, 1992.

_____, MOITA LOPES, L. P. **Linguagem, interação e cognição**. Rio de Janeiro: Revista Tempo Brasileiro, 1994, 117, abr/jul.

_____. Língua falada e variacionismo: escrita padrão In: MOURA, Denilda. **Os múltiplos usos da língua**. Salvador: UFAL/CNPq, 1999.

_____, RONCARATI, Cláudia N. Questões teórico-descriptivas em sociolinguística e em sociolinguística aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. In: **DELTA**. São Paulo: PUCSP, 2001, v. 17: especial, pp. 45-55.

_____. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003a.

_____, BRAGA, Maria L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003b, 200 p.

MONTEIRO, José L. **Os pronomes pessoais no português do Brasil**. UFRJ, 1991. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: UFC, 1994.

_____. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTMOLLIN, G. de. **L'influence sociale**. Paris: PUF, 1977.

- MOTA, Maria Alice. **A variação tu e você no português oral de São João da Ponte (MG)**. UFMG, 2008, 125 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005, 404 p.
- NASCENTES, Antenor. Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX. **Revista Portuguesa de Filologia**. Coimbra: Casa do Castelo, 1950, v. III, Tomo I e II, 21 p.
- _____. O tratamento de você no Brasil. In: **Letras**. Curitiba: UFPR, v. 6, n. 05, pp. 114-122, 1956.
- NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do. Aplicação de resultados de análises lingüísticas sobre corpora ao ensino de português, LE. **Anais o 3º Congresso Internacional do ensino do Português como Língua Estrangeira**. México: UNAM, 1996, pp. 104-120.
- NESPOR, M & VOGEL, I (1986). **Prosodic phonology**: foris Publications, USA, 1986.
- NEVES, Maria H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. Gramática do português falado: os pronomes pessoais. In: **Anais do VII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística**. Porto Alegre: ANPOLL, 1992, pp. 547-556.
- _____. **Uma visão geral da gramática funcional**. São Paulo: Alfa, 1994, v. 38, pp.109-127.
- _____. **A gramática de usos é uma gramática funcional**. São Paulo: *Alfa*, 1997, n. 41 (nº especial), pp. 15-24.

- NETO, Félix. **Psicologia Social**. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.
- NEWMeyer, F. J. Deconstructing grammaticalization. In: **Language Sciences** 2001, v. 23. pp. 187-229.
- NICOLAU, Eunice M. D. Sobre a caracterização do sistema flexional do português brasileiro. In: GONÇALVES, G., GRACIELA, R. (orgs.) **Lugares críticos: línguas, culturas, literaturas**. Belo Horizonte: Orobó, 1998.
- NÚÑEZ, Quintín Alvarez. **A pragmática da comunicación e a interacción profesor-alumno na aula: análise de evolución do control relacional**. Tese de Doutoramento em Ciencias da Educación. Santiago de Compostela: Faculdade de Ciencias da Educación da Universidade de São Tiago de Compostela, 1998.
- OLIVEIRA, Marco A. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. In: **Ensaio de Lingüística**. Belo Horizonte: UFMG, 1982, n. 7, pp. 71-89.
- OLIVEIRA, Marilza, RAMOS, Jânia. **O estatuto de você no preenchimento do sujeito**. Costa Rica: Revista ALFAL, 2002.
- OLIVEIRA e SILVA, G. M., SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- OLIVEIRA, Sândi Michele de. **Para além de poder e solidariedade: uma retrospectiva sobre formas de tratamento em Portugal**. 2002 (manuscrito inédito).
- _____. Contribuição para um estudo comparativo de formas de tratamento em Espanha e Portugal. In: **Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y cultura em la frontera**. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1996, pp. 123-139.

_____. Reflexões sobre poder e solidariedade. In: **Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Évora: Associação Portuguesa de Lingüística, 1994, pp. 407-418.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria L. **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 117-133.

_____, Paiva, Maria da C. Conclusão: visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M., SCHERRE, Maria Marta P. **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 335-378.

OLIVEIRA MEDEIROS, Sandi Michele de. Contribuição para um estudo comparativo de formas de tratamento em Espanha e Portugal. In: **Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera**. Cáceres: Universidade de Extremadura, 1996, pp. 123-139 p.

_____. Um modelo psico-sociolingüístico de formas de tratamento. **Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística**. Lisboa, 1992.

_____. **A model of address form negotiation**: a sociolinguistic study of continental portuguese. Tese de Doutoramento. Austin: Universidade do Texas, 1985, 320f.

_____. **Sociolinguistic and pedagogical implications of a study of address forms in portuguese for research in Portugal**. Austin: Universidade do Texas, 1980, VII, 83p.

PAGOTO, E. Clítico, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, I & KATO, M. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. São Paulo: UNICAMP, 1993.

PAIVA, M. C. de, SCHERRE, M. M. P. **Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. D.E. L.T.A.**, 1999, 15 (especial), pp. 201-232.

_____, GOMES, Christina A. Pressões sociais da variação e mudança. In: **Anais do XIII encontro nacional da ANPOLL**. Campinas (SP): 2000, v. 1.

PALMA FERREIRA, J. **Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII**. Lisboa: INCM, 1981.

PAREDES SILVA, Vera L. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de segunda pessoa do singular no português carioca. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, v. 7, n. 2, pp. 121-138.

PEDRO, Emília R. Interação verbal. In: FARIA, Isabel Hub et alii (orgs.). **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, pp. 449-475.

PEREIRA, G. **Documentos históricos da cidade de Évora**. Lisboa: INCM, 1998. (Edição fac-similada de 1885-1891, cota C961, da Biblioteca da Évora).

PERES, Edenize P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estatuto em tempo aparente e tempo real**. UFMG, 2006, 234 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

PHILLIPS, Betty. Lexical diffusion, lexical frequency and lexical analysis. In: Bybee, J., HOPPER, P. **Frequency and the emergence of linguistic structures**. Amsterdam: Benjamins, 2001, pp. 123-36.

PINTO, Priscila L. **Análise de atitudes com respeito à variação “tu/você” e sua importância na reavaliação de práticas pedagógicas**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PINTZUK, Suzan. **VARBRUL programs**. Michigan: University of Michigan, 1988.

PLA CÁRCERES, José. La evolución del tratamiento “vuestra merced”. In: **Revista de Filología Española**. Madrid, 1923, v. X, pp. 245-280; 402-403.

PONTES, Eunice. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Petrópolis: Vozes, 1972.

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis de fala**. 6ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

_____. **Estudos da língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

_____. Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI (org). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002, pp. 45-66.

_____. **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, 375 p.

RAMOS, Jânia M. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Demerval (org.) **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997, pp. 43-60.

_____. História social do português brasileiro: perspectivas. In: CASTILHO, Ataliba T. **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 1998, v. 1.

_____. **Variação ou especialização?** Belo Horizonte: UFMG, 1999 (mimeo.).

_____. O surgimento de um novo clítico no português brasileiro: análise quantitativa e qualitativa da forma *cê*. In: GÄRTNER, Eberhard, HUNDT, Christine, SCHÖNBERGER, Axel (eds.). **Revista de Estudos de Sociolingüística Brasileira e Portuguesa**. Frankfurt am Main: TFM, 2000, v. 15, pp. 181-189.

_____, OLIVEIRA, Marilza. **Pronomes de segunda pessoa:** uma abordagem diacrônica. Comunicação apresentada na Reunião da ANPOLL, Gramado (RS), 2002.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1989.

RIBEIRO, Branca T., Garcez, Pedro M. (orgs.). **Sociolingüística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, 271p.

RICHARDS et alii. **Dictionary of language teaching & applied linguistics**. England: Longman, 1995.

ROBERTS, I., KATO, M. **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. São Paulo: UNICAMP, 1993.

ROBINSON, W. Peter. **Linguagem e comportamento social**. São Paulo: Cultrix, 1977.

ROCHA, Ângela de F. **Clíticos reflexivos:** uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto. UFMG, 1999, 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. USP, 1987, 259 f. Tese (Doutorado em

Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, Isabel Maria Galhano. **O corpo e a fala:** comunicação verbal e não-verbal na interacção face a face. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2007, 827 p.

RODRIGUES, Sônia Maria Cordeiro Valente. **Polêmica em torno de Rumor Branco de Almeida Faria:** discurso e contra discurso. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1998, 190 p.

ROMAINE, Suzanne. Contributions from sociolinguistics to historical linguistics. In: JOLY, A. (ed.). **La linguistique génétique:** histoire et theories. Presses Universitaires de Lille, 1988.

RONCARATI, Cláudia. **Metodologia sociolingüística:** workshop. Belo Horizonte: ABRALIN/UFGM, 2007, 32f. (V Congresso Internacional da ABRALIN). Mimeo

RONCARATI, Cláudia, MOLLICA, M. C. (orgs.). **Variação e aquisição.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

RUNCIMAN, W. E. **O animal social.** Lisboa: temas e debates, 2001, 217 p.

SAID ALI, Manuel. De “eu” e “tu” a majestade: tratamento de familiaridade e reverência. In: **Revista da Cultura**, 129. Rio de Janeiro, 1937, v. 5, p. 275.

_____. **Dificuldades da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1950.

_____. Os pronomes: espécies, formas e significação. In: **Gramática histórica da língua portuguesa.** 7 ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

_____. De eu e tu a majestade: tratamentos de familiaridade e reverência. In: **Investigações filológicas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

SALLES, Miguel. **Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro:** um estudo de pragmática histórica. USP, 2001, 246f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. **Language:** the socio-cultural context. v. IV, 1988, pp. 140-161.

SANTOS, Armindo dos. O tratamento por você e por tu nas relações de parentesco: o exemplo da Beira Baixa. In: **Jornal de Letras, Artes e Idéias**. Ano V(168). Lisboa: Publicação ProJornal, 1985.

SANTOS, Jane Cristina Duarte dos. **Tu ou você?:** uma questão de identidade cultural. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003, 156f.

SANTOS LUZ, Marina dos. **Fórmulas de tratamento no português arcaico:** subsídios para o seu estudo. Revista portuguesa de Filologia (Coimbra), 1956, VII-1/2, pp. 251-362; 1957, VIII-1/2, pp. 187-252; 1958, IX, pp. 55-144.

SAPIR, E. *Language*. New York: Harcourt Brace, 1921.

SARAIVA, Maria da Conceição Pereira. **Estudo de formas de tratamento no português europeu contemporâneo:** contributos para um manual didático. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002, 140 f.

SCHERRE, Maria Marta P., NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. IN: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria L. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, 200 p, pp. 147-177.

SCHERRE, Maria M. P., CARDOSO, Caroline R., LUCCA, Nívia N. G. **Goldvarb 2001**: uma ferramenta de análise variacionista para ambiente Windows. Brasília: UnB, 2006, 56f. (manuscrito).

SCOLLON, R., SCOLLON, S. W. **Intercultural communication**: a discourse approach. Oxford, Uk: Blackwell Publishers, 2001.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística**: teoria y análisis. Madrid: Alhambra, 1989.

_____. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 2001.

SILVA, Luiz Antônio. **Interação no discurso de sala de aula**. 1997. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Polidez na interação professor/aluno. In: PRETI, Dino (org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998, pp. 109-130.

_____. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002, pp. 179-203.

_____. Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. In: PRETI, Dino. **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003, pp.169-194.

_____(org.). **Português**: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005, 296p.

_____. Cortesia e formas de tratamento. In: PRETI, Dino (org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, pp. 157- 192.

SILVA NETO, S. **História da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1952, 673p.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986, 237p.

SILVEIRA, Elizabeth. **O aluno entende o que se diz na escola?** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997, 138p.

SOARES, Isabel Cristina R., LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. **Moara:** Revista do Curso de Mestrado. Belém: UFPA, 1993, mar/set, nº 1, pp. 27-64.

SILVEIRA, Elisabeth. **O aluno entende o que se diz na escola?** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997.

SIMMEL, Georg. **Sociologia:** estúdios sobre las formas de socialización. Buenos Aires: Espasa-calpe Argentina, 1939.

SOUSA, Eduardo Monteiro et alii. **Análise dos dados do inquérito sobre formas de tratamento de âmbito familiar no português actual.** Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1972.

SOUSA, Valéria Viana. **Os (des) caminhos do você:** uma análise sobre variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SOUSA, Valéria Viana. **O uso do pronome você na atualidade e o ensino:** como estabelecer uma ponte? In: HORA, Demerval (org.). **ABRALIN em cena Piauí:** anais. Teresina (PI): Idéia, 2008, pp. 545-554.

SPENCER, Andrew. **Morphological theory.** Oxford: Blackwell, 1993.

TANNEN, Deborah. What's in a frame? In: TANNEN, D. (ed.) **Framing in discourse**. New York: Oxford University Press, 1979.

_____. Interactional sociolinguistics. In: BRIGHT, W. (org.) **International encyclopedia of linguistics**. New York: Oxford University Press, 1992, v. 4, pp. 9-12.

_____, WALLAT, Cynthia. Interactive frames and Knowledge schemas in interaction. In: TANNEN, D. (ed.) **Framing in discourse**. New York: Oxford University Press, 1986.

_____. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro. M. **Sociolingüística interacional**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 183-214.:

TARALLO, Fernando. **Relativization strategies in brasilian portuguese**. Pensilvânia: Universidade da Pensilvânia, 1983.

_____. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas (SP): Pontes, 1989.

_____. **Tempos lingüísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português de d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Y. e KATO, M.A (org.) **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. São Paulo:UNICAMP, 1993, p. 69-105.

TEIXEIRA, Eliana Sandra Pitombo. **Era uma vez você**. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 41-66.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and lexicalization. In: Asher, R. E. (ed.) **The encyclopedia of language and linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994, pp. 1481-1486.

_____. & HEINE, B. (eds.) **Approaches at grammaticalization**. V1 e V2 Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics: an introduction. Harmondsworth: Penguin Books, 1972, 189 p.

_____. **The social differentiation of english in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

_____. **A glossary of sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2003, 148 p.

VIARO, Mário E. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, Luiz Antônio da (org.) **Português**: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005, pp. 211-247.

VION, Robert. **La communication verbale**: analyse des interactions. Paris: Hachette, 1992.

VITRAL, Lorenzo. A forma cê e a noção de gramaticalização. In: **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, n.. 5, v. 1, pp. 115-124.

_____. Sintaxe formal e gramaticalização: roteiro de pesquisa. In: NICOLAU, Eunice (org.). **Estudos sobre a estrutura gramatical da linguagem**. Belo Horizonte: FALE: 2001, pp. 59-86.

_____. A interpolação de se e suas conseqüências para a teoria da cliticização. In: **Revista da ABRALIN**. Rio de Janeiro: ABRALIN, v. 1, nº. 2, 2002.

_____, Ramos, Jânia M. Gramaticalização de você: um processo de perda de informação semântica? In: **Filologia e Lingüística Portuguesa**. São Paulo: Humanitas, 1999, n. 3, pp. 55-64.

_____. **Gramaticalização: uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006, 191 p.

VOTRE, Sebastião J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria L. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 50-66.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William, HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W., MALKIEL, Y. (org.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 97-195.

_____. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. Trad. Marcos Bagno e revisão Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

WILHELM, Eberhard Axel. **Pronomes de distância do português atual em Portugal e no Brasil**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1979, 205 p.

ZÁGARI, Mário Roberto et alii. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1977.

_____. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998, pp. 31-55.

ZWICKY, A., Pullum, G. Cliticization vs. inflection: english n't. **Language**. 1983, 59:502-513.

ANEXOS

Encontram-se, aqui, o termo de consentimento, o modelo de ficha informativa dos sujeitos, os trechos das narrativas orais espontâneas em que ocorrem os itens *você*, *ocê* e *cê*, algumas fotos da cidade de Arcos (MG) e um mapa da localização geográfica de Belo Horizonte e Arcos (MG).

A transcrição completa das narrativas encontra-se arquivada para outros estudos posteriores e/ou desdobramentos futuros deste trabalho. Julgou-se não ser necessário apresentar a íntegra do *corpus* examinado.

Em relação ao Termo de Consentimento, adotado nesta pesquisa, vale a pena ressaltar que, pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Item IV do CNS 196/96, todo projeto de pesquisa que envolva ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou parte dele, incluindo o manejo de informações ou materiais, deve apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do indivíduo-alvo, de acordo com a legislação brasileira vigente.

Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deve sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade, considerando-se os aspectos legais e éticos de uma pesquisa científica.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,.....,
RG nº....., dou o meu consentimento para que a gravação da minha fala possa ser utilizada em trabalhos de pesquisa, orientados pelo Prof. Ms. Clézio Roberto Gonçalves – Coordenador do Núcleo de Estudos da Linguagem – do Curso de Comunicação Social, da PUC Minas Arcos. Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento, antes de assinar este Termo de Consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando, também, que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar desta pesquisa.

Local:

Data:

Documentador:

Assinatura do Pesquisador:

Assinatura do Informante ou Representante Legal:

FICHA INFORMATIVA

I. NARRATIVA:

1. Tema:
2. Área:
3. Número:
4. Duração:

II. DOCUMENTADOR:

1. Nome:
2. Data:
3. Local do inquérito:

III. INFORMANTE:

1. Nome:
2. Sexo:
3. Idade:
4. Naturalidade:
5. Endereço:
6. Viagens:
7. Formação Escolar:
8. Outros cursos:
9. Conhecimentos de línguas estrangeiras:
10. Grau de utilização da língua estrangeira:
11. Ocupação:
12. Estado civil:
13. Nível sócio-cultural:
14. Naturalidade do pai:
15. Naturalidade da mãe:
16. Naturalidade do cônjuge:
17. Ocupação do pai:
18. Ocupação da mãe:
19. Ocupação do cônjuge:
20. Filhos:

IV. Grau de intimidade entre informante e documentador:

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

TRECHOS DAS NARRATIVAS ORAIS

A amostra para este estudo foi selecionada, conforme já se disse anteriormente, com 40 (quarenta) narrativas orais espontâneas, num total aproximado de 12 horas de gravação, sendo 20 (quarenta) narrativas da zona urbana e 20 (quarenta) narrativas da zona rural. Fez-se um levantamento do uso das formas do pronome *você* e foram registradas 282 (duzentos e oitenta e duas) ocorrências na zona rural e 228 (duzentas e vinte e oito) na zona urbana, num total de 510 (quinhentas e dez) ocorrências.

Esta parte dos anexos é composta por:

- 1 Trechos das narrativas urbanas de 10 informantes masculinos**
- 2 Trechos das narrativas urbanas de 10 informantes femininos**
- 3 Trechos das narrativas rurais de 10 informantes masculinos**
- 4 Trechos das narrativas rurais de 10 informantes femininos**

A seguir, apresentam-se os trechos das narrativas examinadas:

1 Trechos das narrativas urbanas (10 informantes masculinos):

(...) eles quebraram vários de nossos direitos... nós não tivemos direito a telefoNEma ... e não tiraram nossos BENS... fomos pra:: cela com nossos bens... é::... os policias incitaram::... os polícias incitaram os presos contra nós... porque assim que nós chegamos na/na/na cela fomos colocados na CEla... o policial virou pro::... pros presos e falaram aí **oh::: carne frescas pra vocês... eles gostam...** ou seja... o policial quis dizer que nós éramos

homossexuais... e que a gente tava lá para satisfazê-los... e todo esse clima tenso que a gente tava... uma situação completamente nova pra gente (...)

(...) ela perguntou é::... é de quem que era... de quem que era essa () que foram encontradas... é a maneira que a gente fala... () cigarro de maconha... aí::: aí::: aí... ela falou... de quem que é... de quem que é essa/essa... esse negócio aqui... eu falei assim... uai meu... num é... foi encontrado comigo... não foi encontrado comigo isso... a senhora já deve saber... não é meu... ela... mas é de alguém... eu falei assim... oh concordo com a senhora... é de alguém... ela... ah:: então tá bom então... aí ela... eh:: **cê já fumou mais alguma vez com::: com essas pessoas?** eu falei assim... já... a gente... nós somos amigos... normalmente a gente fuma junto... e::: e ela... ah:: e com quem que... de quem que era... eu falei... ah:: não sei de quem que era... mas quem que... chamou pra fumar? aí eu falei o nome do meu amigo... que tinha chamado a gente pra fumar... aí ela... ah então foi então ele que... então... **ele que pa:::ssa pra vocês né?** querendo dizer que ele era traficante (...)

(...) agora que/que também eu queria deixar bem claro... que... a maconha... como qualquer outra coisa... te prejudica de/desde o momento **que você não tenha responsabilidade...** () **que você deixa envolver pela... pela maconha** ou pela bebida... seja o que for até/até uma namorada pode ser prejudicial () **esquecer que cê tem outras coisa a fazer e pensar que cê vai só namorar o dia inteiro e esquecer que ocê tem casa... que cê tem escola... que cê tem família...** e outras coisas mais... eu acho que... é o discurso sobre isso tá muito voltado pelo lado assim da bandagem... tá entendendo? () eu acho que... aque/aquele jargão de existe... que quem fuma...

quem é maconheiro... é vagabundo pilantra sem vergonha... isso é uma idéia ultrapassada de pessoas ignorantes que não quer enxergar (...)

(...) e eu fui adentrano na caverna e:: como ela era:: assim de:: de:: de:: de:: forMA::to... formação labiRÍntica... eh:: eu (com) eu perdi... fiquei perdido lá dentro... e:: despreocupado da hora fui... a/adentrAno... adentrAno e o pessoal já saiu né e... já tava me esperano no carro... aí foi aquele desesPEro... a Hora qu'eu... qu'eu... vi... que eu me achei... completamente perDido né... e **cê me procura na saída...** vai aQUI... vai daLI... num acha... volta no mesmo luGAR... grita e ninguém OUve... ninguém resPONde e é aquele desesPEro (gritos) né? (...)

(...) tava MUIto es::Curo... de vez em quando é que vinha alguns farol dos carro que passava e clareA::va.... e esse homem gri::TANdo... e gente gritando e correndo tamém.... e os raPAIZ tava fumano... e eu falei... joga esse cigarro no chão... **senão... cê não dá conta de co:RRÊ não...** que o homem invém atrás.... e a gente coRRE::mo... coRRE::mo e NA::da... e nada e nada(...)

(...) QUAN::do a gente volto... que a gente tava tudo sujo de mato... e en :trô no carro... a gente... enTRÔ no carro e o carro começou a saÍ::... foi que apareceu esse homem... e ele apareceu... e perguntou... Ô:: LiBÉ::rio... **cês num viu dois marginal passano aqui... com uma arma na mão não?** E nós escondeu atrás do BAN::co... com ME::do... e ês falô:: não.... num tô sabendo nada disso não... não é porque um cara tentou me assaltar ali na minha CA::as... e corri atrás deles... dois bandI::do... e eu tô tentando pegá Eles... **cês toma cuidado** que eles deve tá aí no asfalto (...)

(...) inclusive só pomos o macaco lá no carro... o resto ninguém deu conta de fazer mais nada... foi só soltar as calotas... mas eles só descobriram isso... depois que parou um motoRISta.. e falô:: pra eles... **ocês tem que soltar isso** aqui e o motorista cedeu a chave pra Eles (...)

(...) é ficou preocupada... né?... **porQUE::: cê sabe... mulher é/é::** ... tem me:::do... e:: preocupa... **cê pára num lugar pra ela desCER...** pedir carona pessoa esTRAnha ... igual... nós tivemos que ficar lá no asfalto lá... era quase... quatro e meia... cinco horas da manhã.... pegar carona num lugar daquele lá... **cê sabe que é perigoso né?** então ela... mulher é/é/é/é... ela ficou com ME::do... mas aí:: eu... falei com ela que não tinha problema nenhum... passou um cara que inclusive era até conhecido Dela... deu carona... levou a gente até na porta da casa dela (...)

(...) aí o Broinha virô... Dudu... me leva lá em Arcos pelo aMOR de Deus... que eu quero conhecê essa muié que eu não conheço... ela não... que num sei o quê uai levo... uai... vamo melhorá um pouquinho depois a gente vai lá... vamo... que hora que a gente vai pra lá? assim não... vão pra lá... lá pra... pras três hora... a gente vai a gen/... a gente descansa... agora um pouquinho... e vai pra lá... aí a gente continuô... a ficá na casa do Samuel... fazeno baGUNça... o Samuel numa trava LÔ::ca... **que cê... que cês... rachava o estado se ocês visse...** começô a pula:: dança:: aquela coiserada... ligamo pro JR Leão da rádio... que até então... era colega nosso.. aí começo... **aGOra com vocês** aí... uma SUpEr música na casa do Samuel na Lajinha e tá rolano uma super festa lá e eu... já estou indo pra lá agora mesmo... **cê entende?**... bom... rolou aquela

música mais::: doida né? aquele trem mais corête... como a gente sempre é:: corê::te... né? (...)

(...) Dudu me leva lá em CAsa... que se a gente for no carro do meu pai lá pra ARcos...() documentos não vai roLAR... PEga o seu... falei... pegou... aí:: eu levei ela LÁ... o Broinha me trouxe de moto... eu peguei o meu... peg/peguei o meu né? e foi lá... passou no POSto... encheu o tanque... encheu o tanque... foi lá... pegou o::: alguns cds que tavam lá na casa do SamuEL... na casa do Samuel... pôs no som e fomos embora pra Arcos... aí eles tavam arrumando a estrada de Arcos... on/on/onde então () hoje... **um descidão mais gostoso d'ocê... descer... cê sobre aquilo ali::... de cento e oitenta... e vai embora (...)**

(...) QUANdo eu olho pra trás... invém um MAC... caminhão MAC dos Estados Unidos... o trem num tem freio de jeito nenhum... GEN::te... por inCRÍvel que pareça... o caminhão vem... () olha pra trás... eu virei pra ela... falei assim... Janaína () esse caminhão não tem freio... o caminhão veio cheGANdo... veio cheGANdo... veio cheGANdo... ele parou... exatamente a dez centímetros do meu pára-choque... a Janaína olha... que ela olhou... ela ta/() eu olhei pra ela ela tava branQUI::nhá... o Samuel tava geLAdo... eu des:::ci no caminhão e... **quê IS::so Cara... ocê tá ficando DOIdo?** não... sob controle... veio muito pirado... o cara tava numa doiDEIra... **que cês num imagina não ... tava ruim... mas tava ruim deMAIS da conta... todo... tanto... que cês pensa que ele tava ruim?** ele tava mais... pasSÔ... aí pasSOU né?... a gente foi embora pra ARcos né? (...)

(...) aí::... a menina ligou de novo pro celular do Broinha... () não... já tô aqui em Arcos já... a gente vai aí na sua casa POde? Ela... POde... onde que é sua casa? ela... é dentro da trincheira... **cê vai contornar a trincheira...** e vai chegar assim... eu vou te esperar na porta... não... então tá beleza... chegou lá aí o Broinha foi lá né? conheceu a menina né? COmo ele já tinha agarrado a (...) DeNIse... tinha ficado com a Denise... aí ele ficou com a::: como é que ela chamava GENte? ah... esqueci o nome da menina já... foi lá... e ficou com essa menina também... quando pensa que não... chegou uns colega dela... uns cara mais doidão... num chevette... chevette CHEio de cerVE::ja atrás... **cês num imagina não** GEN::te... nós baixô nessas cerveja desse CAara... começô a ficar doido... ta/ta/ta...quando pensa que não... era umas era umas::: era mais ou menos... umas sete horas da noite... tinha baile do cowboy em ForMIga... a gente tava doidinho pra ir no baile (...)

(...) aí nós começô lá... hora que nós olhou... lá pras bebidas do pai Dela... que ele é delegado... é moralZUdo né? cheI:::nho de uísque... nós pegô o uísque... vão beber uísque GEN::te? vão... () um litro de uísque... gente eu fiquei numa trava... **que cês num imagina não...** comecei a ficar ruim... bebendo bebendo... bebendo... bebendo... aí:: a Janaina virou... vamo pro baile então... vão...a Marcela falou que é pra passar na casa dela... a gente pasSOU na casa da Marcela... a Marcela tem uma prima GA::ta demais gente do céu ... **cês nem imagina...** a gente passou na casa da Marcela... foi o Broinha... o Samuel () pro baile né?... o baile tava sendo no Clube Centenário... lá na/na sede campestre... armaram uma tenda lá... tava sendo lá... a gente foi pra lá... hora que a gente chegou LÁ... tava aquele povão... hora que eu olho pro lado... meu pai mais minha mãe... encaretado de TUdo que eu n/tinha ficado um minuto

em casa né?... bom eu já tava pra LÁ:: de Bagdá né? comecei a ficar ruim... aí bom... aí:: a gente encontrou... lá com outros colegas nosso... o Demétrio... o:: () né? aí começou... eu e a Janaína começou a dançar forró... nós dançô forró a NOIt e inteira... **gente... cês num imagina não...** chaPÉU::... e::ra chapéu prum lado era () pro outro (...)

(...) bom... aí quando foi mais ou menos umas::: quatro horas da manhã... parei meu carro... () tem uma escada na frente... a turma TO::da assim... na frente do CARro... TO::do mundo começô chorar... **gente... cês num imagina não...** a Marcela começô a choRAR... por causa do namorado dela... que tinha ficado com outra () o Lopes... a Janaína... começô a chorar... por causa que eu tinha brigado com ela... **cês num imagina...** porque... o Samuel começô a chorar... porque viu EU chorando por causa da Janaína... a Janaina chorando por causa de mim... a prima da Marcela começô a chorar... porque ela tava querendo ficar comigo... mas não Ía ter jeito dela ficar comigo... porque eu já tava ficando com a Denise... com a Laila... e:: a::: (risos) a:: e a::: Marcela também tava chorando... aí começô aquela choradeira toTAL né? aí:: eu cheguei lá... eu já tava meio tonto... né? já tinha tomado os dois litros de rum... **CÊS num vai parar de chorar não GENte? porque que cês vai chorar?** porque que nós tá chorando?... vão fazer farra... VÃO... nós voltou lá pra baixo... e Ó... farra de novo... só farra....f arra farra farra... na hora de ir embora... juntou T Odo mundo de dentro desse carro... oito pessoa... eu... a Laila... a Denise... o Samuel ...o Broinha... a Janaína... a Marcela e a prima dela... aí bom... né? aí montamo no carro... viemo embora... a hora que eu fui deixar a prima () na casa dela ... tchau... **amanhã cê me liga... viu?** me deu aquele beijo MA:::is irado... () fiquei DOIdo né? (...)

(...) fomo lá... num armaZÉM... já tava fechado... arranjamo umas caixetas de papelão... MUI::TO jornal e fomo cubrindo a urna com caixeta aqui... jornal ali... () como diz os mais antigo... aquela penDENga daNAda... isso já era umas sete horas da noite e nós arrumando difunto... quando saímo de lá... era mais ou menos umas oito horas... ele falo... ó... toma cuidado que... **se os guarda pega... ocês vai tudo preso... vai o difunto preso porque ocês não tem documento do difunto... vai ocês preso...** vai... prende o car::ro... mais nós resolvemo arriscar (...)

(...) e eles mostraram para a gente ond/ onde era a borracharia... aí:: nós chegamo lá... perguntamo um caboclo... se ele arrumava os pneu pra nós... ele foi... pegou o pneu... falou... ó::: num tem conserto... eu falei... então vamo comprar um pneu Novo... porque eu tava com dinheiro... não... mais não tem pneu novo agora aqui na borracharia... tem uns pneu veio... aí:::... **se ocês quiser comprar um?** eu falei... se tiver mais ou menos... nós compra... aí... eu olhei os pneu e compramo dois pneu véio... () esse troço ainda vai estourar... mais aí tinha uns curioso lá e chegou perto da/da ... variante e falou... **o quê que ocês tá levano aí?** eu falei... uai... isso ai é uns papel... umas caixetas... aí... ele falou... ah::: num tem só isso aí não... tem outra coisa aí não tem não?... eu falei NÃO::: arruma os pneu... que **agora mesmo eu conto pr'ocês** o quê que tá aí dentro... hora que ele acabou de arrumar os pneu... baixou o macaco tudo... eu falei... **agora cês qué vê o quê tá aí dentro?** ele falô quero... cheguei... abri a tampa traseira da variante saiu nego correndo pra tudo quanto era lado... aí o borracheiro... Ô moço... **cê num divia ter feito isso** comigo não... se soubesse que defunto que tava aí... **num tinha**

arrumado pneu pr'ocê de jeito nenhum () **eu sabia que cê num ia arrumar...** . **cê também não vai ficar a noite inteira acordado** pensando nesse defunto () esse difunto não vai te pegar não... isso é uma véia atoa que tá aí ()... chegamo em Campo Belo... a/a porcaria fura mais um pneu... lá vai nós trocá pneu travês (...)

(...) pra CÁ de Campo Belo... tinha um posto na estrada... um posto bem arrumadinho... fomo janTAR... e aquilo... toda hora que a gente dava uma freiada () batia na nuca da gente... aí:: quando chegou em Campo Belo... nós jantou... falou assim... **agora cê vai guiando...** que eu tô cansado... eu falei... assim num vai agüentar **esse defunto na sua NUca... cutucando ocê daqui até** () não... vai sim... pode tocar... toquei... quando andei/anDEI:: um cinqüenta quilômetros... aí pode parar que eu num dô conta disso não... lá vai eu traveis ficar com o defunto na nuca () ... chegamo lá em Bambuí... era mais ou menos... era.../era/era meia noite e meia... Uma hora da manhã... aí... fomo prepara a VÉia... tá TUdo na igreja isperando () cadê a ambulância... eu falei ambulância?... os home queria cobrar um preço abSURdo por defunto... naquela época... era oitocentos e cinqüenta mil cruZEIro... que a ambulância queria pra trazer... a/a () prometi à veia que ia trazer ela de volta... taí **agora cês pode enterrar...** hora que acabou de enterrar () era uma e meia... duas hora da madrugada... aí:: então... isso é uma história verdadeira... acontecida comigo e meu cunhado.

(...) a divisão A do campeonato mineiro... já está... aí:: somente com onze times participando... doze no máximo... e negócio VEM ::... não vem sendo assimilando muito bem... rendas baixa... estádios vaZIOS... e o futebol

meDÍocre... agora SE na série A do campeonato mineiro... o futebol está meDÍocre... o futebol tá baixo... **imagine vocês... o futebol da segunda divisão...** ciDAdes e mais ciDAdes estão deixando de participar... com seus times de futebol... o município NÃO aPÓia o futebol... da segunda divisão (...)

(...) então já está na hora de se analisar... está na hora de sentar-se à mesa... e verificar o QUÊ que tá acontecendo... e realmente... o que a gente dá pra nota nesses ANOS insanos seGUindo... ou seguidamente... a gente seGUindo o futebol de Minas Gerais acontece isso... não há o apoio financeiro... e isso vem DO QUÊ... do futebol o MAu futebol que vem sendo mostrado... e hoje em dia o lavrense ou us outros municípios né existe aí uma variedade de de recreaÇÃO... divertimentos... **você hoje SAi...** pra fazer uma viagem com a família ... **você hoje SAi pra jogar um VÔlei...** **você hoje SAi pra nadar...** **você hoje SAi...** e vai fazer o seu futebol de areia... e **você não tá abrino** não também de:: ficar com sua família um final de semana... **que se você vai assistir um jogo da segunda divisão** e a gente tá falano especificamente... aqui do futebol de lavras... é:: o futebol tá RUim... os times tão fraco... porque financeiramente **não tem condição de/de você... botar grandes jogadores** e ao mesmo tempo não VEM se revelando novos jogadores né... não tem revelações nas equipes de base e aquelas que surgem de repente... com quin/dezesseis anos estão indo imBOra pros times grandes... os empresário vem... levam então o futebol (...)

(...) existe a diária do juiz que nós não colocamos aqui... dos banderinha... do representante... **então veja bem você:::...** de que maNEira... uma equipe vai

sobreviVER... se ela tem que colocar ONze jogadores em campo... **e::: você::**
se... se fizer um levantamento financeiro disso aí... um time pra coloCAR
onze jogadores em campo... sem contar despesa... federação... ele vai gastar
no mínimo aí... de mil::: a mil e quinhentos reais no Mínimo... jogando por
baixo... contano com a federação mineira de futebol que (rom)... dois mil e
quinhentos... já seria quase cinco mil reais... **você é/é porquê você é: pru**
jogo de futebol... cê tem que colocar seguRANça... e por falar em
segurança... nós temos a... a GRANde polícia militar que não vai ao campo...
se você NÃO... é::: arrecadar até na QUINta-feira a tarde... aquele valor
espeCÍfico.. há... um número de: é::: militares que vão ao estádio... se o jogo
for (um é)... for assim um pouco mais forte... é... é::: um nível mais alto...
aí:::... mais militares estarão indo... aí:::... a dispesa aumenta... se fô um jogo
baranga... de repente vão menos soldados... isso aí tem que se recolher
também... **você tem que pôr... NÃO SÓ...** esses militares dentro do estádio...
como você tem que coloca gente pra vendê bilhete... recebê bilhete... vigias...
pra que não haja invaSÃO né?... nos muros... então no fundo... no fundo... um
jogo à toa... um jogo... é: sem nível nenhum da segunda divisão do futebol
mineiro... fica em cinco mil reais num domingo... **aí você me pergunta...** mais
dá renda? dá renda... o último jogo do Fabril deu duzentos e cinco... duzentos
e cinco pagantes... de que maneira uma equipe de futeBOL... com a RENda a
cinco reais vai dá mil e pouco (...)

(...) o CAra ganha... pra ele fazê aquilo... como nós ganhamos pra fazê o
futebol... **como você ganha pra tá no seu escritório...** e o seu funcionário não
ganha bicho... não... ele ganha o saLÁ::rio pra entrar na segunda-feira e até
sexta ou até sábado meio dia... **você não dá bicho pro seu funcionário..**

jogador... ele ganha bicho... bicho que a gente diz aqui... é uma aJUda de custo... aí::: é um auXÍlio.. é pru cara corrê Mais... pru cara... um incentIvo para qu'ele faça seu GOL... abSUR:::do... também no futebol... tem que acabar com isso... o cara GAnha... o jogadô GAnha pra ele jogá bola... prá toda semana... tá que dia a dia... de manhã e à tarde... ele tá ganhando bem é prá isso (ou tal)... tá ganhando mal é pra isso... depende do nível dele... depende do acerto das negociações com ele... e com a equipe de futebol... são os absurdos aí do futebol... e pelo outro lado... como eu disse... a Federação Mineira de Futebol... ela::: é/é ela tá sempre imPONdo as coisas... **se você vai inscrever** um jogador... ele custa em média... se for... se ele estiver vinculado a futebol miNEIro... mais ou meno duzentos e oitenta reais acima... se ele tiver vinculado a um futebol de outros estado... então seria uma média de setecentos reais a oitocentos reais POR jogador... é uma coisa MUItto complicada... **não TEM com'ocê acabá com isso...** porque... a CBF e as federaÇÕES de futebol de todos estados... em comum acordo estão fechado... eles fecharam e::: ali num... num tem... Como... num tem... **se você for... a um julgamento e você for brigar** pelo esse julgamento... **você vai tê que gastá** com advoGAdo... que a Federação Mineira de Futebol não aceita que eu... que seja um qualqué... que vai lá... tem que ser um advogado... tem que ser um profissional da área... é... **você vai gastá com advoGAdo...** e no CAso... **você vai tê que recolhê Uma TAxa... pra você entrá nesse julgamento...** coisas abSURdas que acontece... futebol... bastidores que acontece dentro... futebol e que num é divulgado é... e::: que a imprensa infelizmente não divulga isso aí... com ISso... a Federação Mineira de Futebol... espeCIficamente a Federação Mineira de Futebol... elas vem acabano com a série B... acabô com a serie C... do campeonato... que ninguém agüenta porque a despesa é a MESma... a

despesa é a mesma... **se você estiver na série C...** na série B... **você vai a/a o que cê vai ter que gasTÁ** vai ser como se estivesse na série A... a primeira divisão de profissionais... a segunda divisão e a terceira divisão os gastos são os mesmo... é um abSURdoé outro absurdo... mais existe () a despesa... outro absurdo que acontece que a Federação Mineira de Futebol...ela ainda não/não meDIU ou não quer né? aliás RE-GI-O-NA-LI-ZAR os campeonatos... **imagine você que um América de Alfenas** ou um Fabril de Lavras ou um tuPI...vai jogar na cidade de Montes Claros ou vai jogar ...em Araguari ou vai jogar em Uberlândia... enquanto... se regionalizasse as despesa iam cair e MUIto ...jogaria aqui Lavras... Juiz de Fora... Alfenas... Lavras... e::: Alfenas... Boa Esperança... Alfenas... Varginha... quer dizer... É complicado... **agora você imagina... a Esportiva de Guaxupé sair...** ir::: até Belo Horizonte e ainda andar mais quatrocentos... quinhentos quilômetros pra frente... pra jogar em Montes Claros... jogar... jogar... em Unaí... jogar em... Manhuaçu... no norte de Minas... viajar assim DOis dias... né? (...)

(...) **você acha que Federação Mineira de Futebol...** entidade que representa...é::: onze equipes da::: divisão A e mais... nove ou dez equipes da divisão B... ela Ia em frente... ela não iRIa () ela VIVE exclusivamente... de RENDas e de dinheiro desses times de futebol... então... **você tem que se impor...**() tem que ter união... mas aí entra o fator poLÍtico porque alGUNS times... recebem por debaixo do PAño... ajudas fiNANceiras... é::: aJUda com os jogadores de futebol de/de equipes maiores... aí... que mandam seus jogadores de júnior pra aquela equipe... sem coBRAR NA:::da... simplesmente... os jogadores vão... tá comendo e bebendo... e com um salário que/que... não ganhavam num time grande (...)

(...) eu tenho que deslocar daqui de Bambuí pra Belo Horizonte... para poder assistir um jogo do Atlético... eu sou atleticano... é duzentos e oitenta quilômetros... isso não é fácil... a gente tem que paGAR::: é:::... o ingresso no estádio... tem que pagar o ônibus... que geralmente é um espeCIAL... é periGOso ainda mais... assistir lá em Belo Horizonte... **cê sai do interior** assisti um Cruzeiro e Atlético lá... quase que ultimamente tá sendo pedir pra morrer... porque... lá::: existe as gangues riVAL... torcida Galoucura... mais a Máfia Azul... a rivalidade treMEN:::da... não só dentro do estádio... e:::sai fora do estádio tem arrasTÃO... **cê pra ir assistir um jogo lá...** princi/ se for para assistir Cruzeiro e Atlético... **cê tem que ir...** só mesmo com a roupa do CORpo... com ingresso já comprado pra não levar Nada... e... de preferência... não ir com a camisa do clube... porque se eu for do contrário... se eu for com a camisa do clube.... e outra camisa por cima... porque **cê sair do estádio lá...** e se eu sair com a camisa do Atlético... der um azar de pa:::ssar num lugar... que tá o reduto da torcida do CruZEIro... eu aPANho até falar chega (...)

(...) VAmo LÁ... o que eu me LEM:::bro assim:::... que me ocorre agora... **pra... dizer pra vocês...** é que... em mil novecen:::tos e seten:::ta... e oi:::to... eu... trabalha::: eu estudava meCÂNica na Universidade de São Paulo... e precisava de uma graninha pra sobreviver... estudante ... precisa de grana ...pra sobreviver (...)

(...)então... eu saía da Metalúrgica Alfa com eles... e chega:::va... enquanto eu num entrava no ônibus e o ônibus não saía ... eles não iam embora e despidiam de mim... até manhã... professor... até manhã professor... e foi

NESsa época qu'eu descoBRI ... o que que é SER professor... quer dizê...
nessa época qu'eu senti que o magistério... **é cê tá JUNto do povo... mais do
que cê tá junto do povo... ser professor... é você PERceber que cê também
É POvo...** quer dizer... eu era um sujeito huMILde... na verdade... eu era um
cara que não tinha dinheiro pra... pra comprar cigarro (...)

(...) TOda NOIta... eu dava um cigarro... chegava em casa sem um cigarro no
maço... quer dizer... no fim da história... eu dava aula e num ganhava nada... e
aí::: descobri que ser professor é vocação... ser PO:::vo é vocação... e ser e
acho que::: essa é uma mensagem **qu'eu poderia deixar pr'ocês** que
Jornalis:::mo... não é profissão... Jornalismo é vocação... **porque::: vocês não
batem ponto né? cês não tem cartão de ponto... cês tem que tá... com
radarzinho ligado 24 horas** por dia... quem tá com radarzinho ligado 24
horas por dia... é só quem leva FERro na vida... que fica 24 horas ligado...
quem leva ferro na vida? jornalista leva ferro na vida... professor leva ferro na
vida... e povo leva ferro na vida... o resto ... o resto é essa elite que taí:::....
sugando o sangue da gente ... era isso qu'eu queria contar... podia ter outras
coisas pra contar... mas acho que essa aqui dá... tá/tá bom assim?... posso ir
toma o meu café? /RAMIRO... BRIGADO/ **um abraço pr'ocês** /VALEU...
BRIGADÃO/

(...) VÁrios mastro que a gente usa... e depois vem as:: prinCEsa que
priMEIro luGAR... a prinCEsa IsaBEL que é dentu tamBÉM da hierarQUIA
do conGAdo... dento da:: da hierarQUIA do/do:: da festa:: a prinCEsa
IsaBEL... essa sim... essa tamBÉM é importante... aí::: a:: vem as OUtras
princesas que **AÍ... oCÊ veste VÁrias prinCEsas...** paga proMEssa... AH...

eu quero que a minha meNina veste de princezinha... TU:::do SÃO das proMEssa que JÁ TÁ TUdo marCAdo com... com o capiTÃO MOR... aí:: Ele distriBUi Ó:: o terno **fuLAno... ocê busca o/o/o/ REI fulano... cê BUSca... a prinCEsa... fuLÂnu... cê BUSca... a RAIInha CONga... qui:: AÍ PASsa... pra QUARta eTapa... qui É a :: a reuniÃO da::... da::... da::... da turma TÔ::da para o alMÔço aí:: já vem o alMÔço JÁ aQUE::la... aQUEla recepÇÃO de cheGAda de terno (...)**

(...) Hoje... tenho certeza... que alguma coisa de mal teria acontecido... pois... o bandido... de hoje... está muito mais atento... as suas... a() sua agressividade e :: o que ele faz... é matar primeiro... prá depois saber... **se você tem dinheiro** ou não... naquela Época o banDIdo... era apenas... um escremento da sociedade... HOje...a SO-CI-E-DA-DE é o próprio escremento (...)

(...) os pinto saIU minha fia... saiu pra porta de trás... ele correndo atrás... saí de trás... um entra debaixo do CARro... outro () e ele... NÓ:::... MEu PINto fiCOU deBAIXo do CARro... não... pode deixar que **eu vou pegar meus/seus pintos pr'ocê...** e foi... aí... bom... aí... nós chegamos lá em Petrolina né? (...)

(...) e aí pegou:: eles pegou... no dia em que nós pediu o homem lá duZENTos CONtos naquela/naquela época... era duzentos conto pra pagar... uns aÇUcar LEIte só... né?... que ficou atrasada né?... aí:: eles me arruma uma mudança pra vim emBOra... minha fia... nós tava saindo de madrugada lá... escondido... aí o homem chegô lá... falou... NÃO:::... **cês tão PRE:::so... cês vão me pagar primei:::ro...** aí... meu irmão falou... então nós vamo

deixar o Osvaldo aqui... pra pagar (risos) pra pagar esses duzentos conto... ele falou... NÃO:: não quero OsVALdo aqui NÃO::... o que que eu vou fazer aqui com esse menino aqui? NÃO:: pode levar esse menino emBO::ra... eu quero o dinheiro... ou **então cês vai preso**... não... então eu vou te prometer... nós vamos morar em Anápolis... vou te dar o endereço... tal... nós vamos morar em ANÁpolis... e/e eu venho cá te pagar... entramo naquela camionete e oh né... fomo embora... chegamo lá... nós fomo pra casa de um colega nosso lá... nós foi direto LÁ... e:: despachou as coisas lá... que ia pra Campo Belo... as () um tanto de coisa da gente né? ...e aí nós tinha um colega lá que pegou... que:: a mulher do Zé mulato matou uma galinha lá... e falou... **oh:: isso aqui é pr'ocês... comer dentro do trem né?** (...)

(...) não minha família nunca me apoiou em nada... nunca () minha familia em nada... sempre... eu sozinho mesmo... sem ter ajuda de ninguém... as única pessoa que me ajudAram... **eu já disse pra você**... foi as duas senhora lá que foi a D.Terezinha e a D.Isaura... SÓ... e as duas pessoa aí... que me de::ram a cesta básica... uma vez ()... tive um problema assim de úlcera () mas dei um pouco de sorte também que foi logo na Época da poLítica...né?... aí tinha uma ajuda BOa... recuperei bem... depois disso aí::... eu tive... peguei o mosquito da/dengue...() fiquei uma tempoRAda...() ISso... aconteceu coisa difícil... peguei nada fácil aqui... tem o problema da () também que essa aí ...() **cê num bibia... cê num comia não**... isso aí quem TEM... tem... não tem saída mesmo... pode parar de comer... mas um dia vem () pode parar um A::no () mas ela volta...() num sara... sei não... não sara mesmo... mas HOje não... **cê tá bem em AR::cos... cê tem muita amiZA:::de** ... com pesso::a num tem nada a falar daqui... passa::do foi passado... o que aconteCEU...

aconteceu... hoje... eu () tá meio... mas também num tô na pior... igual eu tava... né? quanto a isso muito obrigado.

(...) e EU... tava aprendendo a lê... de... Du... Du... q u/ q u e ... Duque... de Caxias... entrando em Assunção... e meu pai estava perto fazendo uma esCRIta na sua escrivaninha... e ele tira o óculos e me perguntou... **uai... você deu conta de ler Duque de Caxias entrano em Assunção...** eu falei... cla::ro meu pai... dei conta sim... ele falou... mas vem cá... ele puxou uma cadeira... me sentô na sua perna... no seu colo... e disse... parabéns... **e você sabe que que é AssunÇÃO?**... eu falei... sei meu pai... sei sim... ah::: mas não é possível... aí... ele inda empurrou o óculos pra lá... ele todo entusiasMADO... achando que seu Filho tava sabendo alguma coisa (...)

(...) mas que era TANto BARro... que o barro ficava acima da virilha da vaca... eu... eu estava de lado... e eu falei... ô seu Antônio... mas cumé que o senhor ia tirar o leite... onde que o senhor ía por o balde pra tirar esse leite... **uai menino... ocê sabe que cê tem razão...** num é mesmo que eu tô falano errado (...)

(...) ele pôs... UM litro d'água... fria... e um litro quente... só na bacia... e Ele... coitado num reclamô... tomou aquele banho naquele pouquinho d'água sem saber o que aconteceu... num tomô banho direito... a toalha que ele enxugô ficou toda suja... né... e a mamãe chamou ô MoRÍcio... MoRÍcio... mas **num é possível que ocê põe esse pouQUInho d'água na bacia..** pro Morício tomar ban... pro Dr. Luis tomar banho... ele falou dona ...dona Calina... a água tá verde... né (...)

(...) me chamou e eu sentei lá... aí ela pediu meu endereço... lá de Campo Belo né? ... queria me mandar uma carta... queria que eu ficasse lá em Três Rancho... que ISSO minha filha... tô doido pra sair desse Goiás QUENte... aqui **cê qué que eu fico aqui?** pelo amor de Deus... NÃO... então vamo descer do trem... aí o trem paROU desci LÁ... fui LÁ né ? peguei na mão DEla... dei um beiJInho TAL::: depois ela... pegou passou uma semana ela me escreveu uma carta... mandou uma carta pra mim lá em Campo Belo... (...)

(...) eu só consertava fugão... paNEla de preSSÃO... tanquinho... isso é o que eu arrumo... conssertei... mais acontece que... aqui em Arcos... **enquanto cê num fazê amizade ()** aqui é difícil a vida... se num tivé amizade cum pessoal aqui... **cê num arruma nada aqui não...**foi uns...um ano mais ou meno ...pra fazê amizade com o povo... pro povo para... passa a te conhecê... **pr'ocê ganhá alguma coisa aqui....** MUItas pessoas... () num tô falano TO:::das né?... **mais de cem por cento... trinta cê tira né?**

2 Trechos das narrativas urbanas (10 informantes femininos):

(...) quando pensa que não... eu to... minha garganta começou a seCAR ... minha perna peSAda... eu tava achando que não tinha alguma coisa normal comigo... perguntei pra minha amiga... tá faz/ **tá fazendo efeito em você?** NÃO::: daí... eu... pois é ... cara tá fazendo em mim... eu acho que eu não sei se é coisa da minha cabe:::ça... mais eu não tô legal (...)

(...) tava consciente de que não tava normal... com certeza não estava normal... dava umas horas assim que... **POUca luciDEZ e umas horas assim de... que você entra numa paranóia tão grande... que você acha** que tá acontecendo aquilo **só que você não... não pode apavorar...** e foi o que aconteceu comigo... eu estava sozinha em casa... eu apavorei **MUito...** o remédio começou a me dar alergia... eu... **inCHAN:::do...** vomitei... a minha sorte que eu vomitei (...)

(...) e daí me levaram pro **QUAR:::to...** me deitaram... nu/ numa cama tipo uma ma:::ca... ficou lá... até então... eu::: e eu olhava pro meu braço... meu braço todo manchado... minha mão vermelha... eu não para:::va de passar mal... e então... o médico chegou no quarto... a enfermeira foi igual louca atrás do médico... ele tava atendendo outro paciente... chegou lá no quar:::to... olhou pra mim... **o que você tomou?** Ah... eu tomei chá de beladona... é ? **.pra quê que você tomou isso?...** pra cólica... ele é::: pra cólica né?... **minha queri:::da... você sabe que isso é droga?** ... eu **NÃO...** ah fiquei sem graça de falar de chá de beladona... porque teve uma experiência com um amigo meu... por causa de um baseado... ele quase morreu dentro da cadeia... eu fiquei com medo... eu fiquei com medo de falar que eu tinha tomado um chá () **MIL** vezes... mais forte ... **que/que o chá de beladona (...)**

(...) aí::: eu virei pra velha cara... **PARA DE GRITAR ((RISOS)) PARA DE GRITAR** ... aí... não... até parar de gritar... não era normal... só que a família dela tinha deixado um travesseiro e um lençol pra ela se cobrir... então eu levantei... e tomei o lençol da véia ... ((risos)) e o travesseiro ... e cobri e fiquei **LÁ::: ()** a mulher gemendo de dor... e ela tá assim pra mim... **o que você**

tem? e eu... ah::: usei drogas (risos) e ela pegô e falo... ah... e você? eu tô com dor na coluna... até então () meu telefone toCOU::: não lembro direito... quem era que falou comigo... não LEMbro do meu telefone tocando... porque o MAL deste chá é esse... **você faz COIsas... que você não lembra...** depois ele te deixa COM-PLÉ-TA-MEN-TE alucinada... FO-RA-DE-SI... enTÃO... a minha sorte... um amigo descobriu... que eu estava no/no hospital... eu saí fugida do hospital né? (...)

(...) **eu vô contá pr'ocês...** a história do meu naMOro... foi aSSIM... tem uns DOIS anos mais ou Menos... eu SEMpre... eu tava sozinha... a minha meLHOR amiga tava viaJANdo... e eu não tinha NAda pra fazê... chegô um dia de doMIN:::go... eu resolvi ir à missa... sozinha... cheguei lá na Igre:::ja... normal né? assistindo à MISsa... o padre lá falano lá e eu nem prestano atenção em nada (...)

(...) ... na área de Jornalismo na área de produção... eu tinha uma professora te / () qui até HOje eu vejo o nome dela nos caracteres ela era a DIretora principal responsável pelo Castelo RA-TIM-BUM que é um suCEsso um programa SUpér premiAdo... então a gente teve contato com uma SÉ:rie... de professores que são da Área mesmo... isso qu'eu achava muito importante... tanto na Metodista... quanto na FAAPI **era importante você tê contato** com pessoas que tavam DENtro do merCAdo... que te davam suporte teórico... mas... saBIam exatamente como funcioNava o merCAdo de trabalho e esses professores inclusive... ((tosse)) nos... colocavam... dentro do merca:::do né? (...)

(...) o jornalista ou mesmo o radialista ele tem que saber um pouquinho de tudo... se ele não Sabe... ele TEM que se informar... sobre um pouquinho de tudo... para poder trabalhar nessa área... então era isso que eu queria dizer... eu vim parar nessa área de jornalismo meio por acaso... mas to MUIto feliz... acho MA-RA-VI-LHO-SO... acho SU::per interessante... e sei que... sei que é uma área que/que **dá margem para você fazer o que você quiser...** quem trabalhar nesta área de jornalismo pode trabalhar com qualquer coisa... **porque você aprende a descobrir... se você tem que fazer algum tipo de trabalho** que não conhece absolutamente nada... **você dá um jeito de descobrir... você dá um jeito de saber como é que aquilo funciona...** pra que que serve... e vai em frente então... é NISso que eu gosto... isto que eu acho que ela se aproxima da Física... **você chegar ali no ponto...** uma coisa completamente desconhecida... **você vai ali no ponto...** e fica sabendo... então... é isso aí... obrigada.

(...) e o motorista foi só descendo passageiro para a estrada afora... um descia numa ciDAde... outro descia noutra e nós éramos CINco... enTÃO... só nós seguimos viagem até o Mato GROSso... na fritada dos ovos... o motorista também que já tava cansado é::: falou... **o jeito que tem é beber com cês...** aí o motorista começou a beber Martine junto com a gente também... quando nós chegamos em Cuiabá... até o motorista já estava TONto (...)

(...) aí eu voltava correndo com o balde... com medo... né? da cobra me pegar... fazer alguma coisa comigo... aí eu fazia chantagem... **eu falava... se ocês não buscarem a água...** eu não faço a comida... aí eles tinham que ir lá buscar a água... pra eu fazer a comida pra eles (...)

(...) o pantanal é maraviLHOso... a natureza é LIN::da LIN::da... então:: a gente às vezes tocava a noite inTEIra... tava todo mundo morto de cansaço... mas a gente queria anDAR durante o dia... pra gente VER né?... no pantanal aquelas árvores SEcas... com pássaros LIN::dos.. tinha Árvore que a gente olhava assim os tuiuiuis... de/de cabeça seca... LINdo... mas LINdo MESmo... a coisa mais LIN::da que eu já vi na MINha vida... é a natureza lá... à noite a gente olha assim... oh na beirada do rio... **cê olha assim no/no/no outro leito do rio... cê vê igual lanterninhas**... parecem milhões de lanterninhas... parece que um MONte... milhões de lanterninhas... os Olhos do jacaré... à noite são que nem lanterninhas do outro lado () na outra margem do rio... então é TUDO muito LINdo... Tudo... MUIto... boNIto (...)

(...) eu acho que vale a pena a pessoa conhecer... que... às vezes... a gente acha que a vida da gente é ruim... então agente conhecendo uma vida dessa... a gente aprende a dar mais valor... então Geisy... **VOCÊ que é uma moça MUIto inteligente**... batalhaDOra... estudante de::: jornalismo... e /e eu quero te fazer um pedido... **QUANDO você for jornalista**... se Deus quiser... muito em BREve... **que você tiver uma oportuniDAde** de fazer alguma COIsa... junto aos políticos... pra esse tipo de peSSOa... faça esse meu desejo... ajude esse nosso irmão em Cristo... porque ajudando uma pessoa DESSa é::: o futuro de nossas famílias... que nós estamos ajudando... acabando com o pessoal de Rua... a gente tá dando dignidade às pessoas de viVER... e tá fazendo um campo LIVre pra nossas famílias não serem agredidas tamBÉM ... faça TUDO na sua vida... na SUA profissão... e na sua vida... pra ajudar a quem precisa de ajuda... o meu conselho pra TODAS as pessoas... é o seguinte... ande

prepara:::do com um real... um trocadinho na mão... porque eles TOmam MESmo... **se você abri a bolsa... cê vai se dar MUIto mal...** e quando pedir::... não hesite... entregue... enTREgue o MÁximo **que você puder tamBÉM...** uma quantia que dê:: pelo menos pra comprar um pão... pra matar a fome... porque IN-FE-LIZ-MEN-TE... a gente não tem... como muDAR a situação... a gente que eu DIgo... EU... por exemplo... se eu fosse político... eu teria COmo ajudar essa gente... COM certeza... porque eu teria (...) uma peSSOa ... é:: sem diNHEIro... sem MEIos... sem reCURsos... eu custo a ajudar a mim MESma... quem sou eu pra ajudar essas pessoas? MAS::... do FUNdo do meu coraÇÃO ...é o que eu mais gostaria... eu até agrade::ço... esse tempo que () tá me ouvindo essa história... **talvez você vá ficar igual meus filhos...** horrorizada... porque nem sabia dessa história... e eu tô te contano... muito obrigada por me ouVIR e:: **MUIto sucesso pra você na sua escola (...)**

(...) já/já tem:: cinco anos que eu tirei carteira... esqueCI... aí:: e/e/eu fi:z... o primero que é escri::to passei...fiquei muito feliz... a::Í... marcou o dia pra fazê o de rua... o exame de rua... passei: na casa do meu pai... meu pai falo... oh:: minha filha... **cê num vai dÁ conta... cê... mais cê TENTa... cê vai preciSÁ fazê pelo me:nos umas oito vezes** (...) falei... eh mais eu VÔ faZÊ pelo me:nos... pra saBÊ como que é... né?... num TÔ muito entusiasmada:: não mas deixa eu fazê... aí fui... mas e todas as pessoas me desanimaram (...)

(...) aí... com muito custo... achei o caminho da fazenda de volta... voltei... aí o pessoal de::... lá dos meus amigos... vieram e me mostraram... vieram pra me mostrar... falo... não Eliana... então... **eu vô com cê... já que cê num qué**

fica... eu vô te mosTRÁ a estrada certinha... falei... ah::: tão fico muito satisfeita... **só tô dano amolação pr'ocês hoje...** mas eu quero embora... quero dormi na minha cama... AÍ... só que o/o meu amigo FOI.. e tava de KOMbi e foi na minha frente... e/e suMIU num/num quando... eu vi... já tinha perdido ele também (risos) e eu tava muito TEM:::sa... com tanta coisa erRAda no mesmo DIa (...)

(...) /CONTA UM POUCO DO HORÓSCOPO/ Era assim... por exemplo... é:::... vamo lá virgem... né?... **você tá espe/ é:::...cê tá/ cê tá guardando pra quem... hein?... (pois é) () quês... eu (/ei) falei pr'ocês um dia...** escorpião... **cê vive dano rabo... pra quê?... né... (pó dá)... ((fala com risos))** gêmeos... né... sua mãe te veste... igual o panaca do seu irmão... **e cê acha que tá...** que... ((risos)) saindo na rua... né... é aquele... o:::... o capricórnio... né... tem q o dos chifre... quer dizê... eu sempre escrevia... de duplo sentido (...)

(...)... a Rejane... a Rejane que mora nos Estados Unidos... irmã do doutor Roberto... ela era a nossa assinante... aí o Quinha... era nosso assinante... tão ela lê/ ela LLa... pra eles lá... sabe... eles morriam de rir... e falavam com ela... traz ela aQUI... inclusive num dos jornal () ela era professora de português... ela colocou uma crônicazinha... do... do Pirata... aproveitou um homem segundo a contabilidade... aquela que eu tenho... né... /EU VI ELA/ e:::... **cê vê... um jorNAL... cuma folha só... ((fala com muitos risos))** tinha tanto mais valor do que... hoje que... que só isso que eles (vivem)... eu não queria... eu não aceitava... que o jornal vive de propraganda... João... **cê sabe disso... -- é João Henrique que cê chama... nué? -- /É/ é:::... el/ eles vive de propaganda... e eu num gostava... porque cê vê... eu tinha assunto demais...**

pra colocar... que porque só saía uma vez por mês... e ainda por cima... é::... se eu fosse por a popaganda... então todo mundo... era assinante do jornal... todos... pelo prazer de LER (...)

(...) moro no fundo da casa da minha mãe... fiz uma casa pra MIM no fundo da casa dela... e todos os dias... a Jéssica tem que ir lá de manhã e vê ela/ela já é uma velhinha de oitenta e três anos mas LÚcida... faz seus/faz suas coisas sozinha... lava... passa... cozinha... aRRUma:::... faz de tudo sozinha e ainda me ajuda a olhar a Jéssica com/com toda a curiosidade que ela é... ela me ajuda a olhar a Jéssica **cê vê as duas brigando...** parece duas crianças brigando... uma velha de oitenta e três... e uma menina de seis anos... elas brigam de... igual por igual MESmo... minha mãe briga com ela de igual para igual... quem VÊ::... acha que tem duas mininhas brigando... olha quando vô vê a Jéssica e a avó dela... briGANdo igual duas criança... elas briga até por causa de bala... uma quer uma bala a outra /a outra diz... num vai chupar essa bala... **eu vou chupar e cê num vai...** e ali elas briga por causa de ...coisa de cume... sim **cê num me manda...** aí::... elas briga por pequeninas coisas... a roupa... a Jéssica gosta de andar muito com a roupa da car/Carla Perez... e a minha mãe já é assim mais de idade... que num gosta dessa roupa... e começa a brigar... eu não vô te dá dinheiro mais... vai vê o dia que eu receber... eu num te dou dinheiro mais... e começa a brigar... eu não vô te dá dinheiro mais... num te dou batatinha frita.... **porque cê tá usando** essa roupa... ah num vô... eu gosto::: tem paciência... **cê tá anTiga... antiQUAda... cê é VÉia... e cê vai vê o que é véia....** quando eu receber... **cê vai vê o que é VEIA...** as duas... **cê precisa de vê...** é um barato uma/uma quer vestir ropa de CARla outra quer que ela vesti ropa de manga cumPRIda e golinha mais oh vô eu

num sô veia eu num vô usar ropa de gola porque eu não sô veia...as duas brigam igualzinho criança o tempo todo mais a Jéssica...as duas tem QUE tem que vê...que barato que é...a Jéssica fala pra dona Alzira ah vó quando eu crescer eu vô namorar...a vó muito que isso miNIna e ela gosta muito de implicar ela...ela num pode vê um meNIno perto da vó dela corre pra lá pra conserSAR com o menino...e a vó dela olha aí essa assanhada num pode vê miNIno... ah não vó... **cê qué que eu converse com muié** eu conversar é com homem Moço MESmoas briga mesmo...elas brigam de igual pra/pra igual.

(...) **eu que:::ro:: contar pra vocês...** um encon:::tro... que eu tive na MINha vida... que::: me marcou proFUNdamente e mudou... o rumo da minha história (...)

(...) MESmo nas dificulDAdes... MESmo nos momentos de PRO:::va porque eu tenho passado por momentos de PROvas... e COmo são difíceis... mas... essa peSSOA... me trás um alento... me trás uma PAZ... me trás uma seguRANça... e de tal maneira... que **eu vô contá pra vocês...** eu não conSIgo... mais... ficar longe (...)

(...) TUdo me satisfaz... tudo me preenche... porque é Ele MESmo... é Ele mesmo... a raZÃO... da minha vida... e o que eu gostaria PRO-FUN-DA-MEN-TE... principalmente os JOvens... eu gostaria profundamente... é que dessem... uma CHAN:::ce... uma chance maior... para Jesus fazer parte da sua vida... **você vai ver...** eu tenho certeza... --vocês jovens--... **verão... QUANta paz... QUE VI:::da** maravilhosa... porque às vezes... a gente pensa que a vida... é/é... verdadeira... a aleGRia... a paz... é/é aproveiTAR... é/é no mundo

mesmo... é participar de TU::do... estar é/é... vivendo a aleGRI::A do mundo... mas não é só isso... não é só isso... a aleGRIA da gente experimentar DEus... FORte... podeROso... que cuida de NÓS... que está sempre presente junto de nós... ESsa é a alegria verdadeira... e essa aleGRIa... o mais LINdo... é que ela nasce... de DENTro de... ela está em nós... ela vem de DENTro...e:: as circunstâncias da vida... NÃO... embaçam a alegria da presença de Deus... e:: é ESsa **a/a peQUE::na experiência que eu quero passar pra vocês...** e eu gostaria TAN::to... **gostaria TAN::to... que vocês... fizessem tamBÉM essa experiência... que eu fiz...** deiXAR Deus te amar:::... porque vale a pena... dê uma chance pra Deus na sua vida... dei:::xe que ele te a:::me... **e você vai ver o que É::: vida...** o que é felicidade... o que é PAZ... o que é alegria.

(...) hora que chego no Rio de Janero... eu descoBRI qui a minha amiga tinha medo de:: aviÃO... então::: assim... foi muito divertido... porque ela começou a querer passar MAL e:::... pra conTAR o nervosismo dela... que eu TIve que falar com ela... olha... então vamo fazer o seguinte... **cê:: fica aí...** que eu VÔ sozinha... aÍ... a hora que ela viu que eu tava deciDida:: né::? (...)

(...) a gente não sabia pra quê que era né?... e nós furamos a fila e fomos... e saÍmu... e fomu direto embora... então qué dizê:: não tivemos a entrada né? não tivemos o/o carimbo de entrada... no paÍS... então ai dePOIS::: qui nós saimo é que a irmã dela comentô **cês passaram LÁ::** pra/pa... fazê pra/pa... dá o visto de enTRAda... aí... foi MAis uma seção de riso porque... né? ninguém sabia que a gente tinha entrado... a gente tinha saído de/ do Brasil e a gente não havia chegado la né? (...)

(...) de repente apareceu uma senhora com um... um:: um conjunto né? uma CA::pa... uma COR um VERde beRRante:: né? e ela tava com um chaPÉU::... então ela tava TÃO:: extravagante... assim... pra gente que é do Brasil que gosta de MO::da... que anda tudo cerTI::nho... combinado né?... nós olhamo aquilo ali... e::: ela começô a rir... aí ela começo... o/olhou pra mim e falô assim... HIL::da do céu... que legal... **olha pr'ocê vê** aquela seNHOrA... ela tá TÃO estranha com aquela ROUpa... e aí nós descubrimo que podia comenta... e ninguém... aí inda falei com ela assim... Ô::... fala BAI::xo... aí ela falô bem mais alto... **pra QUÊ meNIna... cê tá doida?** ninguém nem sabe que a gente tá faLA::no... é... pra quê falá mais baixo né? (...)

(...) eu sabia que ela tava zanGA::da... que ela tava falando ALto e eu não sabia o motivo né?... aí:: as duas... as minhas colegas tava LÁ:: ao lado assim e rindo:: né?... as duas... bem:: tirando sarro da minha cara... porquê a ora que eu cheguei... gen::te... o que que é qui aquela senhora tá faLANdo? aí... as duas rindo... falaro... bobona... elas tão falando... **que você não pode anda com a gente::...** porque aqui é preto com PREto e branco com BRANco... porque eu sô CLArA né? sou LOÍra... e... enTÃO... que eu não podia anDÁ... então a senhora tava falando comigo... que eu não podia andá com ela... com as duas (...)

(...) e nós decidimos vir emBOra... porque a neve era TANta... não tinha sol:: é::: a noite chegava... as quatro horas da TAR::de né? e::: nos decidimos vir embora... aí nós fomos descobrir que tínhamos que pagar uma multa... pra voltar pra casa mais cedo... e quando a gente viaja pro exterior... **se você quizé**

ficar aLÉM... dos dias que você né ? o dia que compra a passagem... cê fala minha estadia vai ser tantos dias... se ocê quizé MAIS ou menos você tem que paGÁ... né?... enTÃO foi mais... foi interessante tamBÉM... porque nós não temos que ir embora... temo que ir imbora... eu não agüento mais ficar aqui... entao TÁ (...)

(...) aÍ... com muito custo né? no desesPEros.. a gente choRano né? desespeRAda... porque tinha feito COMpra pra trazer preSEnte pros Filhos... a gentE tinha comprado bastante coisa... então... a gente queria né? NÓ::: perDEU aí SoCORro ?... e aé nós fomos atrás... um cara ajudou a GEN:::te... aí nós fomos reclaMAR e aí... a moça explicou direitinho... NÃO::: **cês pode seguir viAgem... porque a bagagem d'oCÊS... cês deixam o endereço aqui direitinho...** que nós vamos manDAR pra São Paulo... né?... mas e/e/eu assim... eu acreditei... mas nem TAN:::to... entrei no avião chateA:::da né? meio choraminGANdo... porque eu tinha comprado presente pras minhas Filhas... então eu tava chateada... e ...viEmos embora... né? e chegou em São PAU:::lo tudo bem... aí::: quando foi no OUtro dia... nós fomos lá... pegar a bagagem.. né? ... e::: volTAmo pra casa.... não foi interessante? (...)

(...) 30 anos que eu moro aqui em ARcos... e::: então acho que já não tenho muita lemBRANça SAbe? assim::: dos/dos detalhes direiTInho... porque tive uma temporada em Belo Horizonte com Benzinha... sabe? passei umas /umas épocas lá né ? e::: agora depois que eu vim::: de Belo Horizonte pra CÁ... então o ritmo foi esse aqui em Arcos... e:::ra... tinha muito / muito mato e a... eh não tinha muitas ru:::a... a luz era... **cê sabe** era um tomaTInho né? Era... QUA:::se apaGA:::da não é igual antigamente que é HOje né? (...)

(...) a dona Carmem era uma amigona que nós tinha... aqui na berada do córgo sa/? ela cheGA::va... ela fazia nós RI... ela jogava a roupa dela lá e falava assim... agora aqui eu vou ficar... uai dona carmem... mas a senhora num pode uai... pois a minha roupa tá aqui não.... FI::a... nós vai ficar junto aqui... nós fica... nós fica junto aqui... () ela era boa demais sabe? MUIto amiga de todo mundo e::: o negócio é::: esse Hamilton agora e depois de uns tempo pra cá... acabou o córrego né? **que câ vê:::...** era uma... era um... um divertiMENTo (...)

(...) mais tudo entrava aqui em casa mesmo entrou... e::: aí::: aquela/ aquela peleja né? esse minino da Sônia da ViTÓria... ele hoje... eu não sei quantos anos ele TEM... mais é a idade dele que a Sônia tava de/de sete dias de resguardo... foi preciso de carregar o menino noVInho... na enchente e pôr alí na Vitória do Zaial alí... porque não teve jeito dela ficar dentro de casa... porque ela tava de resguardo sete dias... e aGOra eh::: como diz o caso... tudo vai acabando né?... TUdo acaba...**câ vê** diminuiu... eh::: modificou muita coisa que hoje a gente/ a gente fica até boba... que a gente NEM sabe contar os ca:::sos de antigamente né? (...)

(...) corria aquela beleza que nós lavava roupa... e até tomar água dêS/do corgo... aí... nós tomô uai... nós tomô dessa água...toMAva... nós tomava... nós lavava roupa e tomava dela... agora ho::je né?... nin:::guém é::: passa ali e tampa o nariz né... Hamilton... **câ vê que coisa** né?... é MUIto triste né... uma coisa dessa () eu passei ali ... tava oiando... ta um mau CHEIro (...)

(...) eu tenho... tenho saudade... teve uma vez... Hamilton... sabe? ... nós... ((tosse)) era tudo de arame de/desses arame... era de espinho que eles fala né? de um lado e outro... pra nós estender a roupa... **cê num há de acreditar...** que o João XaXÁ... ia antes dele/ia... antes dele moRRER... ele fez essa arte... ele mandô os DOis menino dele passar piche no arame... pá nós estendê roupa... é... Hamilton... mas nós deu uma tristeza... sabe?... nós falo... foi a Ú::nica... foi a única decepção que nós teve... na beirada do rio foi essa ((risos)) foi essa... foi uai... porque:: GEN::te do céu mais aONde que nós vai estender roupa aGOra? foi o Pedro... foi o PE::dro e o Vicente não o Pe::dro e acho que o João que fez isso... mas foi a manDado do pai sabe? **cê há de crediTAR que ele fez isso com nós?...** porque nós era aquela beleza... nós... tomô CONta do rio né? antigamente nós/nós tomava conta do rio... né? antigamente nós/nós tomava conta do rio... e ele achou ruim.. que a CERca de arame... **que passava aLI cê num LEMbra?...** mas seu pai:: sua mãe:: deve que lembra disso... de uma cerca de arame... que tinha aí... nós estendia a roupa que era divisa desse ali na varge... agora hoje... num tem dono né? ninguém () como diz o/o outro traçô tu::do () né? a máquina passou... e não tem dono... num tem ninguém... num tem nada... né?... /DONA FIA/ e ele passô piche ? /BRIGADO FICOU MUITO BOM/ NOH... eu tô falano () agora já num tô nem ((risos)) /BRIGADO/ já num... nem mais... e... preocupano não () tá o CERto... tá o eRRAdo... eu num tô nem aí não... ((risos)) credo Hamilton **se ocê num tivesse me pegado assim... saía melhor... cê falasse assim...** leva o gravador e manda sua mãe falar LÁ... aí... eu falava melhor... porque a gente não... fica assim:: a gente fica com vergonha... né? () ah não... Hamirton.

(...) LÁ em Japaraíba.... eu trabalha:::va também como professora da PREfeitura recebendo pela prefeitura... mais um final de Ano em cinquenta e Oito... ao pegar ô ô impresso do quadro de crasse de classe... eu peDI ao secretário da prefeitura que era na época o seu Rubens Frias dois impressos... e ele olhando pra mim: me criticando falô:: **cê já tá pensano em errá um?** falei NÃO... estou pensan:do em estadualizá a minha escola... ele falô NUN:::ca ... Japaraíba num vai estadualizá NUN:::ca (...)

(...) foi uma vitória muito GRANde... porque era FOME demais::: que todo mundo passava lá sabe?... mais livro... num tinha um... eu peguei a escola assim... sala de aula... vinte quatro carTEIras de maDEIra... tudo corTAda de caniVEte um pote... **cê sabe que que é pote... esse de barro?**... com o caNEco... e:: mais nada... num tinha arQUIvo num tinha nada (...)

(...) eu levei jorNAL... eu levei várias figuras geoMÉtricas... eu levei teSOUra... eu levei figura reDONda... figura trianguLAR... figura quaDRAda... e enquanto eu expliCAva os menino... recorTAVA aquilo... no jornal... pra eles entende... melhor... por exemplo... isto aqui é uma uniDAde... é um inTEIro... recortava um inTEIro depois... partia no MEio... separando... aqui... **o que é que cês tão vendo?** tão vendo meTA:::de... né? do inTEI:::ro... e assim que eu tava dando a aula... tava MUIto bem preparada(...)

(...) e eu subi no camelo... agora a coisa mais esquiSita... é subir num camêlo... porque ele está assenTAdo... e as as pernas traseiras dele... são maiores que as dianteiras... então... a hora que ele te le/levanta... **cê quase**

que focinha... bom levantei... a hora que eu estava em CI::ma do caMÊlo... né... já dando os primeiros passinhos (...)

(...) Marcinho falô... Margarida e aGOra? ô cumpade... apagô ele é muito grande (riso)... não tem jeito de dormi... aonde que a gente vai pô ele?... aqui nessa casa?... falei... ô Marcinho... **eu vô dá uma idéia pr'ocê...** tem que pô DOIS colchão... porque ele é muito GRAN::nde... ai ele falo... mais ô cumpade... tá durMIIno... ele não acorda... como nós vai faze?... aconTEce que o Marcinho falô assim... oh... abre bem a SALa () era sala... cozinha e quarto... a gente vai deixar a porta da sala aBERta e põe dois colCHÃO (...)

(...) o cumpade gostava muito de PINga... e aconTEce que o Marcinho ficou muito aperTA::do... e esse cumpade não acordava... num acordava... aí... eu dei uma idéia pra ele... chegar perto dele e falar no ouvido dele... e BEM alto cumPAdi... **tem um lito de pinga aqui pr'ocê...** isso foi uma coisa MA:: is interessante... quando o Marcinho chegô no ouVido do cumpade... que tinha um LIto de pinga pra ele... o cumpade deu um PUlo e sentou na cama (...)

(...) daí a pouco... apareceram umas crianças... e eu estava com um chapeuzinho com uma bandeira do Brasil... e elas me perguntaram em inglês e eu achei interessante... são meninos... é de uns dez... doze anos... né? *where are you from?*... então... nós começamos a conversar e::: perguntaram se o Brasil estava para disputar uma copa... e::: então... elas perguntando e querendo saber TUdo e::: MUIto... muito interessante...

muito alegres.... daí a pouquinho... chegou a professora delas preocupada....
o que vocês estão fazendo aí? enTÃO... logo começamos a conversar
também... eu acho interessante... lá no centro da TurQUIA... um grupo de
meniNinhos turcas... conversando com uma professora do Brasil... (...)

(...) depois... nós fomos visitar o famoso bazar de Stamburgo... esse... nem sei
se vou conseguir discrever... é um verdadeiro labiRINTo de correDOres... o
primeiro que a gente entra... ele cinTila de longe... porque são MESmo... e
aquilo eu ia bifurcando a espécie de leque... **você vai num grande assim... e
de repente... cê vira um a direita...** aí vai um pra lá... vai um pra cá... vai um
pra cá... **você entra aqui... ocê vai....** vai sempre bifurcando... para onde a
gente vai... e a guia nos avisou... **se vocês se perDErem...** procurem a porta
TAL... porque nós **não conseguimos mais encontrar... vocês aqui... de lá cês
procuram hotel...** de fato... é um verdadeiro labirinto... mais vale a pena...
porque é MUI::to bunito... muito... muito faMOso esse bazar do Cairo (...)

(...) bom... é::: isso... é o que eu queria narrar... a respeito da/ dessa
viagem... é... ficamos lá cerca de uns quinze dias e::: e não sei se atingiu o
objetivo... mas... **espero ter passado pra vocês...** agora o interessante... eu
guardo TODos os ingressos de TDo o lugar que a gente vai... eu gosto de
guardar os ingressos... o tíquete.... o pedacinho guardo tu/ TU:::do... o que
eu puder guardar de souvenir da viagem eu guardo.... **obrigado a vocês...**
/EU QUE AGRADEÇO A SENHORA/.

3 Trechos das narrativas rurais (10 informantes masculinos):

(...) ele... ninguém sabia que ele era vivo... se era morto... não tinha contato com ele mais... e eu... mais o Totonho... meu irMÃO... que é abaixo de mim... nois são dez irmão... e::: **nois tinha uma vontade de possuí uma bicicleta que cê nem imagina...** nois pensava assim... nó gente... aquele tio da mãe que sumiu... podia parecê um DIA... pra dá uma bicicleta pra mim e outra pro Totonho (...)

(...) a gente pensava assim... uma pessoa dessa deve sofrê MUIto pra morrê porque... foi muito ruim ... e louco... mas que isso não ((risos)) seja... não sirva de pena pra alma dele não coitado... que onde aquele tivé... **que ele mereceu ta... cê entendeu? (...)**

(...) Ô patrão... a Mimosa adoeceu... a Mimosa era uma vaca de estima que eles Tinha... que dava o leite pra criá a família inte:::ra... **que sempre cê tem uma vaca no curral... que cê gosta muito dela... () cê tira ela pra tirá leite...** pa/pa dentro de casa... pra/pro povo tomá né?... e ele assim NÃO::: num tem pobrema não... meu fio... agora é veteriNÁRIO... a mimosa () ele salva ela... agora... aí resultado o/o chamou o fio dele pra () que num tinha formado coisa neNHUma... ía querer jogar () no meu fio... a Mimosa **que criou ocêis não vão lá uai... vão lá ...** eu num sei merda neNHUma que eu vou sabê agora... e chegá lá... salvá essa vaca a... e... o/o/o () então... vão lá então DEItá essa vaca aí... aí... chegô lá deitô a VA:::ca () iscorNÁ.. a vaca... aí::: falô só assim... meu PAI... óia aqui... na/na ... eu vô oiá aqui na

BOca DEla ... eu vou oiá aqui na boca DEla ... abriu a boca da vaca... mandô o empregado abri a boca da vaca... oiÔ... e mandô o pai dele ir lá no/no botão da vaca... **e oiá... abrir tamém... e oiá... cê entendeu né?... e gritô assim... meu pai::... cê tá me veno aQUI::?... aí::** ele falô... o pai dele assim... não:: num tô veno não... então pode matá então... que tá é nó nas tripas... que que um num tá veno o outro dum/dum/dum lado pro otro... e acabô a história... eu num sabia coisa nenhuma... ele num tinha formado coisa nenhuma (...)

(...) e era longe né... dev/ que era uns... uns... oito quilômetros... de distância ou mais... é mais... ah não... dez kilômetro... aí nós... nós foi... mas aquilo é.. moiô de suor... e eu chegano o REi nele... e nós fomo... chegô lá... eu só cheguei e falei assim... ô se puder **cês se tiver pronto... cês arruma pra mim...** porque o cavalo ta () num posso deixá ele descansá não... porque ele pula (...)

(...) ... eu/eu/eu... ado/adoro a zona rural... viu?... eu... eu adoro a zo/zona rural... viu?... é a melhor COI::sa que tem... **é a gente peGÁ... é::: ocê... ocê se/sentir... ocê sentir... o praZER... cê sentir o prazer de pegá** () levantar de maNHÃ... tinha que levantá de maNHÃ:: assistir aque/aquele CHEIro do/do mato verde... escutar os pássaros canTÁ::... a maior aleGRIa que tem... que aqui... **aqui na cidade hoje... cê não escuta nada... cê só escuta é BRIGA...** é tiroTEIo... es/es/essa bobajada TO::da... que o crime não compensa... é uma... é uma coisa muito... muito boa... viu?... EU... eu adoro... eu adoro pegá e... voltar pra roça de novo... se algum dia eu pegar eh... eu tê uma condição de comprar... comprar uma fazenda pra mim... comprar uma fazenda pra mim... então... eu qui/ eu quero... eu quero entregar meus ossos lá

no... lá na... no coisa... **porque ocê pra/ ocê vai mexer com as planta... ocê vai mexer tudo o que é bom...** é a mio... é a mió coisa que tem viu?... o::: pegá outro... outro... outro caso que eu falo com cê... oh ... a min/ a minha família foi tu/eh:::... meu avô... meu avô... minha avó... foi tu/ foi... nasCEU e criOU... e morreu lá na/na/na... den/den/dentro da/do só na roça... meu avô veio embo/ veio embora pra cá... pra podê morrer... depois que ele/que ele... veio embora pra cá... ele du/ ele durou cinco mese só... e isso aí... é uma coisa que eu fi/ eu fico preocupado... porque muita gente não quer... não não gosta... não quer ir pra roça... fala ah... numque/num/num... quer ir pra roça () é o mió lugar que tem pra gente sobreviver **é na roça... que ali ocê tem tudo ali sô...** aquela comida... foGÃO de le:::nha... a/a melhor coisa que tem viu? óia... tem tamém um/um uma marafazinha... um cafezinho toRRAdo nué... não... e essa foia que nós bebe hoje... que hoje nós num... hoje... hoje nós num tomamo café... cê sabe que a maior parte hoje é...é/é foia de caFÉ:::... é casca de arroz torrado no meio do café... e lá não... cê pega o trem lá diREto... do produTOR... ao consumiDOR ((risos))... é uma coisa mui:::to... muito bacana... eu tinha vontade... **eu tinha vontade que ocê... um dia cê fosse ... fosse passar ao menos uns três dias na roça lá... pro cê vê o TAN:::to que é bão... cê... o tanto que é divertido... ocê escutá de manhã... o::: gado o gado beRRAN:::do... cê... andando... andando a cavalo... o galo canTAN:::do... aquel/aquela... aquela coisa boa sô... () a gente trabalha aLEgre... agora aqui... aqui não... aqui... cê num ... aqui... cê trabalha contrariado... todo jeito que cê faz aqui... cê trabalha contrariado... porque... o/o/ocê num... ocê num... ocê num... ocê num tem chancha aqui... aqui... de nada aqui... aqui ninguém... aqui ninguém te dá::: ninguém te dá apoio ()... eu adoro rapaiz... a melhor coi/ a melhor coisa que tem viu? a**

melhor coisa que tem é... cê ir... pra roça... porque... dá uma coisa muito bacana viu? (...)

(...) MaRIa::: vô lá no outro lado (do corgo)... no PASto... pra podê pegá o caVAlo... faiz um titijum pra mim:::... ela falava... Hilaro::... ela muito SUR::da Hilaro... **quê que cê qué cumê?...** ô MA::ria num preoCUpa NÃO (...)

(...) o galo sumiu da paNEla foi preciso deu::matá outra galinha... o tio HiLAro... **CÊ tá tonto... DeLIIno?...** não... num tô NÃO... lá cuzinhano... vão bora... entraram no carro de boi lá... vai eles pra esTRA::da afora... cantano disafio (...)

(...) eu começava a trabalha... às vezes ía até sete horas da noite... trabalhando... purquê... purquê... tinha as obrigação... **depois que cê terminava uma obrigação...** tinha outras pra eu cuidá... e aí a gente imenDAva... e aí a gente tinha uma força... uma força de Deus... uma força... que a gente era FORte (...)

(...) vamo supô assim... eu querer exaltar das coisa da minha vida... não... eu/eu sô pobre... eu sou pobre... agora do ponto de... () eu até sou rico... () eu tô... às veze muita gente... às veze falá assim... ah... e tal... **ocê... ocê tá morando sozinho e tal ... né... tudo é da vida... cê num tem nada com isso...** () porque o meu filho graças ao bom Deus... me considera muito...eles tudo me dá valor... e eu... eu sinto BEM (...)

(...) no... outro ano... torNEI... torta a boca pra cá... paralisei esse óio... uai CRE::do... esse trem tá ficano ruim demais... no OUtro ano.. outra vez TORnei a paraliZÁ... intorTÔ TUdo assim... e ía pá Divinópolis trinta dia seguido... fazê fisioterapia... tomá aqueles choque... duzentos e vi:nte... intão Deus ajudô... que na (intera) das três... o médico falô comigo... oh **cê não pode tomá sol e nem friage ocê vai saí da roça... e vem pra cidade p' ocê podê::...** tocá trabaia na sombra... conversa aí (...)

(...) eu gostava muito de rodeio também... rodeio... eu go/ gosto até hoje... mas antigamente era mais um tiquim... e... de forma que... é só isso... **já dá pr'ocê não dá?** (...)

(...) passava no trio e ele não queria que passasse no trio o pai do Bié não queria qui ele passasse no trio...ele vai lá... **pra nós aqui né?... cê sabe que conversá muito... dá bom dia a cavalo né?...** ele falô... o Bié...o pai do/do/do BiÉ::: chamava Bié também... foi lá com a vara de ferrão ((gesto)) pa batê no sujeito... e ele tacô nele o/um chumbo (...)

(...) oh **essa aí é minha conhecida () cê é filha de quem?... ()** eh nem eh... () comecemo a namorar... depois apareceu um meNIño sem eu... sem eu casá priMEro né? depois casei... me casei... esse que me casaro... eu tava na lua... né? eh... () **tem hora que cê tá contrariado... cê pita o trem vai embora... () cê... cê... cê... lembra num sei... se ele inda é vivo até hoje... o:::..Brasil ViLEla? cê lembra dele?** ainda é vivo?... Brasil Vilela... nós tava... numa exposição lá em Dores... em Dores do Indaiá... e tinha um:::um

galPÃO... cumprido... e... o avião fez piruleta lá... pra ver o movimento o/ o a exposição né? exposição lá em Dores é... e lá só tinha uma porta... só uma porta de entrada... e pra sair então... o trem tava loTAdo... o avião bateu na/na ponta da na ponta do/do/do galPÃO... e **cê sabe... quando acontece isso...** cada qual quer sair primero né?... e foi aquel/ aquele estrabulhão... aquela coisa... quando começô a acalmá:::... veio a diretoria... machucô alguém machucô alguém? e o lado virou assim... não... paSSAro por cima daquele veio lá... óia se machucô... ele viro... veio... **é a PUta que paRIU ocês TUDO** (...)

(...) e fiz uma redaÇÃO... sobre as FÉ:::rias e tali/... e foi pra Belo Horizonte... a minha redação serviu... agora que eu me alembrei desse caso... que Ribeiro só sabe bebê leite e andá a cavalo...**é sim cê pode saber** ribeiro só sabe bebê leite e andá a cavalo...**já que cês tão** () já que () sabe onde que o Henrique mora? o Henrique Teixeira? pra cima mora um/um meu TIO... irMÃO do meu pai... ele tava com agora pra semana... ele vai fazê noventa e seis ano... ele é bom pra contá aque/esses caso antigo... vai lá... **mas esse já passô da idade... cê num qué não... cê qué é gente novo igual eu... né?** ...() eu já fui a Goiás três vezes... já fui à praia Cabo Frio uma vez... e Aparecida do Nor:::te... de vez em quando... fui duas vezes... e:::... mais é aqui nos Arco... /QUAL QUE É A FORMAÇÃO ESCOLAR DO SENHOR?/... que/que eu estudei?... ah eu/eu... segunda série... quando eu passei pra segunda série... de primero era segunda série... quando eu estudava né? se/s/segunda série... o primário e segunda série... /CÊ JÁ FEZ OUTROS CURSOS NÃO NÉ? OUTROS CURSOS?/ não.... (...)... mata-boi... ((risos))... é.... né? num tô brincano não () chama mata-boi ? /É MESMO?/... é::: **cê... cê num tá acriditano nim mim**

não... eu num vô falá mais nada não... eu num gosto que duvide de mim
(...)

(...) esse Getúlio.... quando cresceu foi para São João/Juiz de Fora... entrou em uma fábrica lá... do Jorge Grande... e el/ Jorge Grande.... tinha uma Filha....quando precisava de::::e... falou com ela... **quando você precisar de choFER... tem um menino aí dos Arcos chama Getúlio.... você procura Getúlio () seu choFER... acabou casando com esta filha/menina ((risos))... o que que cê quer que eu falo mais ?** (...)... em mil novecentos e trinta e oito... o governador era Benedito Valadares.... meu pai... Zeca Ribeiro... gostava muito de poLítica... de poLítica.... pegou dados todos daqui da... da... RENDa da cidade.... do arraiá.... levou para o Benedito Valadares... lá pra coisa.... chegou LÁ.... ((tosse)).... ele viu os dados... passou usar para a cidade.... e::: e conversa lá e tal... agradô do sistema de véio... da/da:: turma da política dele... ((tosse))... falou... **seu Zeca Ribeiro... ocê vai para sua terra... cê leva... leva esse papel aqui....** meu pai tinha um terno azul marinho minha mãe contava....enfioi aquela/e.... paPEL no BOLso... não ligou para aquilo não... **e ocê chega lá... e cê convoca uma reunião.... de vinte companheiros... escolhe o prefeito lá....** e chegou... aí reuniu seus companheiros.... mais cheGAdos ... para escolher o preFEItO.... o Jarbas Pires.... Jarbas Pires que era o.... escriturário... nomeia um... nomeia outro... outros... uns tinha defeito... outro não podia... não sei o que tal.... meu pai foi... ((tosse))... Jarbas... o governador me deu um papel aqui.... tirou o papel mostrou o Jarbas... o Jarbas... Jarbas escrivão... homem muito inteliGENTe... tem que falar isso?... PÔ::: sô Zé... as duas horas estamos pelejando aqui... **por que cê não mostrou esse papel...** ele está lhe nomeando o priMEIro prefeito aqui dos Arcos (...)

(...).... ele tinha um... compadre morava perto de lá.... numa fazen/chácara PERto.... que era peDREIro....caraPIna... marceNEIro... e aquela coisa toda.... sujeito de utilidades... ele foi lá na casa do/do/do compadre.... compadre... o que... não sei o nome mais... compadre... **cê vai aí nesta mata.... compra aroeira** de... faz aquelas duas pontes (...)

(...) eu sei que na hora de por o nome... ele falou com o Zé... põe o nome do João... João Vaz.... ele que precisa... eu não tenho... preciso de nome mais.... ele amolece demais... meu pai.... ma/ se fosse outro... o passe era DEle é:::.... era dois alqueires de terra que ele tinha lá... até naquele... **você sabe a parte que é ? (...)**

(...) foi lá para o Sadica dá comida para esses meninos... meninos... meninos está mal alimenta:::do... lá tem TUdo... **depois vota em quem cês quisé (...)**

(...) o Pereira saiu com um... um... secretário lá da prefeitu/da prefeitura e tal... não sei o... como se chamava... mas não... por lado do Capoeirão Farinha Podre ali... pedindo voto para um deputado lá do:::.... Curvelo.... chegou os cobres nele... aquele povo lá.... dado a amizade que eles tinha coMigo.... **vocês trazem um... um cartão do véio Cornélio... que dou/arranjo votos pr'ocês... aí o PeREIra... passou lá em casa... ô cumpadre... ocê vive neste mundo aí... não sabe... ((risos)) ocê não sabe... o::: capoe/fomo lá na Farinha Podre... Capoeirão Terra Amarela... após todo lado... aí ocê não calcula... o compadre não sei por que... eu adquiri essa amizade desse POvo...**

eu sei por que... ocê toda vida foi uma coisa só... mas mesmo assim... eu vou arranjar uns noventas votos... deputado larga doutor João... por um lado né?... aí eu falei com o compadre Augusto... **compadre... cê não acha justo que esse povo nos ajuda...** num pagar oito vezes de noventa ((tosse))... **ele falou... compadre... isso p'ocê não vale nada...** noutro dia... último da eleição... falou compadre... vamos acertar... quatrocentos de transPORtes oitocentos de... boi... deu um conto e duzentos... e aí eu paguei sozinho... eu não tive companheiro não (...)

(...) eu mesmo ajudei a passar ações... ((risos))... eu mesmo ajudei passar ações lá... na/na/na... Juca Maneca ficou pacífico... e dePOIS que eles vendeu para os franCEses... **você sabe disso né ?/NÃO/** vendeu a parte de/de/de ciMENTo... para os franCEses... aGO::ra o nome desses franceses... eu não sei não (...)

(...) a Dolorita comprou um terreno dele... por DO::ze conto lá... na/na/na... próximas lá dos Pains... vendeu... comprou lá um terreno... dividiu em LOtes... vendeu para os irmãos cada um ()... a Dolorita não tinha dinheiro para pagar a minha senhora... e chequei lá um dia... ele falo... o coronel é possível pagar os dozes contos da Dolô... **cê vendeu para ela** cobra dela uai... **ocê que a cabeça da comarca ...você é a chefe lá...** todo já me pagou **ocê não me paga....** falei Padrinho Juca.... eu lhe ensino como que o senhor recebe...o senhor gosta MUItO.... daquelas ações dos/dos Arcos do cimento lá...ela tem duzentas ações... já tem... três contos pagos ()... **cê compra as ações....** dela e volta o resto... era DOze apólices né?... tinha... ele falou assim... Ô coronel... vamos fazer uma coisa... **se ocê quiSER... dá uma coisa por outra...** eu fico

com as duzentas lá... com os três contos lá... por doze contos ()... perder em tempo é ganhar dinheiro (...)

(...) Suj/ o sujeito me ofereceu uma biciCREta ... aí ele falô comigo assim...
Ó... essa bicicleta é muito maNHOsa... ocê num convém comprá ela não...
mas sabe... Nada.... esse negócio de/de manhosa e... eu... e... eu tirô... a/a/a
manhosa dela... aí cê pode... () aí eu comprei a bicicleta... aí eu fui
exprimentá ElA... numa esTRAda amontei nela... aí ele falô **Ó:::** essa bicicleta
é daNA::da pa/...pa/... pa impaCÁ:::... falei assim... não... num tem
importância não... eu tiro eu desimPA::co ela (...)

(...) peGUEI ela assim... quando eu peguei lá na garupa de/... é juGÔ a bunda
pra cima... e juGÔ lá na frente sabe?... de/... de... /dela... aí... eu levantei ela...
daNÔ gramá de novo... e... eu quebrava é pra ali... e num entendia... quebrava
pra cá... e falava... oh... **num adianta cê queBRÁ e eu... porquê num
adianta ((risos)) qu' ocê num dá conta...** ah DÔ:::... aí... amontei nela
traveis... lavai... quanda é FÉ... numa vorta lá... invém um caminhão...
inv/cam/ PROnto... ago/agora esse caminhão::: vai acabá essa bicicleta... vô
ficá sem ela... quando chegô no caminhão é... trufiô debaixo do caminhão
sabe?... ela me jugô:: de BANda assim... quando eu vi... PRONto... acabô a
mi/... a minha bicicleta... aí... quando eu oiei... ela lá ía lá na frente correno...
aí... lá vai... lá vai... eu coleí em cima dela de novo... amontava nela é...
queBRAva de lado... pra me derrubá de cima Dela... e eu/e... eu ficava firme...
não... cê vai é pra aqui... que num adianta... eu vô é pra cá... lá vai... lá vai...
lá vai... lá vai... aí... eu falei... sim **Ó... num vai tê jeito com cê não...** ela falô
assim... TEM uai... **cê tem que dá um jeito ni mim...** porquê... ninguém

nunca deu conta de.../de me domiNÁ assim... uai TEM... aí sabe... e eu montei nela... lá vai... lá vai... lá vai... é... dava de bunda de vez em quando... é... dava de bunda... JUgava eu no chão.... eu tornava a muntá de novo... lá vai... lá vai... lá vai... AÍ... aí... entrei den/du::á/Cid/uai... sô... qui/qui... bicicleta engraçada essa sua?... essa/essa/essa bicicleta... é uma coisa DOI::da... de/de/de bonita... à vez... **cê... cê... ocê qué me vendê ela? VENdo... aí... falei assim UAI... só que tem uma COIsa.... essa bicicleta é... num/é num... é brinquedo... não... ocê num vai dá conta de domina... é... não... ele falo... DÔ:: ÓIA... eu te compro ela... eu tô achano mui... muita graça nessa bicicleta... mas eu te vendo ela... só que tem uma coisa... se fô () fazê um negócio () nó::.... num desmancha NÃO... tá... e/ele amontô na bicicleta e a bicicleta danô:: cuele.... lá pro meio da rua... passá por cima do povo... **Sô cê ta doido? cê tá doido sô? NÃO::** essa bicicleta ela é mesma doida mes::mo ((risos))... aÍ... aí... ela pe::go... fale/sim é ieu... ieu... tem que devorvê... essa bicicleta... pro sujeito traveis... aí... eu falei sim... NÃO... **eu falei com cê... eu vindi a bicicleta pr'ocê... eu falei com cê... qui cê num ía agüentá na... não me/me compra compra é de novo... uai... COMpro uai... aí... eu comprei a bicicleta ent/... ago... /agora.... eu tem que dá jeito nessa bicicleta (...)****

(...) quando chegô na beira dum rio... chegô na beira dum rio... ago/... agora nós cai tudo lá den/do rio... aí... aí num vai tê jeito não... aí falei NÃO... Deus é que é... que vai oiá por nós... aí ela viro... e falô assim... D/...n/... **num há Deus nada não sô... cê... tá... ocê... ainda se fia em Deus ainda?...** deixa de ser bobo sô... nós caiu lá... lá... é caiu lá den/... do rio... aí eu fiquei oiano... oiano... tinha uma canoa... em cima assim né? (...)

(...) antigamente... o trem era custoso... andava descalço... aquelas precatas de couro... caminhava e o cascalho batendo na nuca da gente... ((risos)) ia pro pasto... de madrugada... busca boi... **agora cê vê como é as coisas...** o frio tava TANto... que eu endureci... que meu pai me jogou na caCUN::da... e ia tocando os bois... chegava no curral pegava a paia e rasgava... tinha dia... durmi... debaixo do carro... que soltava os bois... encostava eles num canto... () e aí dormia debaixo do carro... meu pai no mijo alegre... porque tinha que ficar zoiando os bois... senão sumia né... ((risos)) aí... ele pegava no outro dia cedo e rasgava (...)

(...) QUAN-TAS-VE-ZES... quantas...quant/quantas vezes... vinha outro... meu pai era mau de mais pra NÓIS... meu pai... **primeiro falava com cê.. chega pra cá... tá bão... tudo bem... depois chegava... fala... chega o boi pra cá... () enrolava aquele trem na minha perna... ele ía lá e... côro... é a criação... o que eu falo pro meu povo aqui... () a criação era outra... criação se meu pai fosse vivo ou minha mãe... se ele tivesse prosando com cê aqui... e eu tivesse sentado aqui qualquer outro lugar ele só oiava... e nós cascava no mundo... ((risos)) criação mudou ... agora hoje tem isso? **ocê vai corrigir um fio... ocê num pode bater neles... cê vai preso... ah:::... ah:::... tem jeito NÃO... uai né? ... ((risos))** é... o que eu tenho... é só.**

(...) Ô irmão... tanto tempo que num te VE:::jo... nós nasCE:::mo... naquela casinha huMILde... lá na bêra do rio né?... feita de aDRÔbo... de têias coMUM... o piso nosso... pisuzinho né? era de terra... **e ocê lembra?... quando nós dois... já gostava... de saí lá pr BREjo... né? fazê nossas arapuQUIInha... pegá os passaRI:::nho... pegava os anZÓL... dava uma pescaDInha... né?... aí**

nóis passava muita necessiDAde... né?... nóis costumava sartá... assartá os:::os ovo dos vizinho... né? quando dava vontade de cumê uma carNInha... nóis num tinha pá cuMÊ... aí então:::.... quê que nóis fazia? nóis ia nus viZI:::inho... e robava um franguinho... né? pá nóis cuMÊ... intão foi uma vida muito peSAda... e desse/dessa hora em diante... parece que:::.... eu num sei se foi o disTI:::no... ô se foi a SORte... que te ajudô mais du que eu... intão quê qui conteceu?... **aí cê partiu... pá capitar né?...** e eu fiquei nessa casinha huMILde ... triste chorá... aí meus pai faleCÊro... **eu num tinha cum quem ficá... mas sempre a saudade no peito... e a de voCÊ...** quando nóis dois... costumava cantá... as tardiZInha... sempre eu ficava lembra:::no... né?... meu coração ficava choRA:::no... **paricia que eu via voCÊ** perto de mim chegá... ((ruídos))... mais COmo? **você foi mais feliz do que EU...** eu num tinha como mudá pá capitar... aí que que eu fiz?... eu fala... ah:::eu suzim tamém eu posso cantá né?... purquê?... se eu tenho boas vóiz... se eu tenho bãos pensamento... mas só tem.... qui eu num sabia na:::da ...né?... eu num sabia nem o A... pá contá uma estória... aí eu te cumpunha as musga... cumpunha as musga... mais gravá tudo na cabeça... né? intão... puRÉM... é isso aí... queu FIço cum praZÊ... cum aMOr::: e... e cum caRInho... quê aconteceu::: né?... passado VÁ:::rios a:::no... quando pensa que não... eu vi meu irmão chegá... **Ô::: sô... mais cê ainda encontra nessa casinha huMIRde?... cê ainda encontra aqui... nesse ranchinho de têia?... e nossos pai? aonde qui tá? ...falei NÃ:::o** ês já acabaro TUdo... mais eu ainda ainda gosto de cantá... só que tem qui eu fiquei soZInho... mais... a minha fé... tem um carinho... porquê que sei onde é que meus pensamento tá... intão... depois cê partiu... eu comecei meditá... então... eu vô cantá uma musguinha que eu fiço... certo? purquê cê partiu... eu fiquei sozinho... eu num arranjei ôtro cumpaNHIEiro... intão... mais eu memo

cumpuz... eu memo puiz as letra... eu num sabia lê... eu gravei és na caBEça... e eu canto... eu emoCIO::no... eu CHO::ro... **escuta aí irmão p' ocê vê... o quê que esse... que esse cumpaNHEIro... que ocê dexô pá tráis?... porquê... s' ocê me levá pá capitale... nós dois era dois arTISta... mas fazê o quê?... ocê achô cô num/cô num miricia... mas eu tenho condição de comPÔ::... certo? de canTÁ::... e... tem boas vóiz... certo?... cê qué que eu canto pr' ocê vê companheiro?... então lá vai lá... tu és meu sonho minha queRI::da... és a mais linda flor do meu jardim... dou minha vida pela tua vi::da... para viver juntinho de mim... hoje distante do teu lindos olhos... que namorava os meus olhos também... lembro que um dia fiz um juramento... jamais trocaria me por outro alguém... saibas... queridas que eu não te esqueço... **só amo a você:: e mais:: ninguém:: tenho comi::go... minha queri::da... aquele retrato que me ofertou:: servi:: para consolar:: consolar minhas hora de dor... hoje... distante dos teus lindos o::lhos... que namorava os meus olhos também... lembro que um dia fez um juramento... jamais trocaria me por outro alguém... saibas queridas que eu não te esqueço... só a::mo a você... e mais:: ninguém::... o meu desejo era levar:: de véu e grinalda aos pés do altar... desmoronano esse sofrimento... () felicidade nos olhos brindar... então:: seguire::mos só:: uma caminho... somente a você eu:: irei:: amar::... é isso aí companheiro (...)****

(...) que eu ainda gosto de cantar... exclusivamente... () de Liu e Leu... essa não é minha é de Liu e Léu... não exatamente... eu sinto muita emoção... **talvez... eu nem guento... cantar aí pra você... mode... essa toada... tão perfeita... porque... ela mexe muito dentro de mim... mexe muito meu**

espírito... e com meu corpo... () **faço ao meno um poQUInho... meu irmão... pro cê vê::: se ocê tivesse perto de mim...** nós dois cantano junTInho... talvez () cantano tudo mas... hoje como eu tô cantano suZInho... () nós distrenô né?... **hoje cê num tá do meu lado MAIS...** prá nós cantá JUNto...intão:::nóis distrenô tenho que cantá sozinho...() vamo vê...se farta um pedacinho **se eu num fizer ocê me perdoa...** ((canta outra música)).

(...) aÍ... meu pai tinha... trabaiava cum quinze... cumpanhero na fazenda SAbe?... aí::... o Chico Barbino chegô lá pá arrumá um cumpanhero pá ajudá ele... que ele tinha pouco cumpanhero na fazenda... aí::... chegô pru meu irmão assim... **Ô Zé... cê quê í pro Chico Barbino?** não num cunheço esse HOme... meu irmão... mas VÉIO... outro chegô pro Geraldo.. tamém meu irmão mais véio tamém... falô não tamém num vô não... tinha o BRUno que trabaiava direto e reto pu pai né? ... **aô BRUno... cê que Í pru sirviço lá... pá judá seu Chico?** NÃ:::o se fô pá mi trabai/se FÔ pá mim trabaiá prus outro... eu vô embora... **e ficá atoa... se num fô pr' ocê...** aí ele perguntô e eu era meio... meio sem juízo ((risos)) **ocê quê í trabaiá cum Seu Chico Antoin?** uai vô uai... aí passei a mão na inchada... no ôto dia e fui cedo (...)

(...) aí fomo lá pro reti:::ro... () amarrá as vaca e tirá o leite... aí tinha no retiro uma lata de trinta litro e uma de quinze... aí eu enchi as duas latas e sobrô cinco vaca ... falei assim... pó buscá outra vaSilha.... que essas num::: deu não... eu vô pô o leite dessas num barde **e ocê busca lá uma vasilha...** ele foi lá e buscou uma lata... dessas lata que pega querosena né?... de vinte litro... aí eu tirei o leite das otas cinco vaca... deu mais... deZOItro litro... aí fomo lá pru sirviço né?... o Dorado ficava desmatando ((leira quelas tadera de munheca))

)... **cê num lembra disso não?** ((risos))... aí chegô lá o Dorado... falô assim e o LEIte hoje Seu Chico?... ele tornô a pô água no leite... o leite hoje deu muito mais leite do que ontem... NÃ::o num deu não... porque eu ajudei ele a tirar hoje das vaca tudo... é porquê ele é FOra de SÉrie pra tirá leite memo... aí passou né?... aí quan... foi quando foi de tarde (...)

(...) na sexta feira... ele falo... manhã nós num vai trabaiá não... **cê te/ cê cê é pião?** Falei... eu munto numas eguinha lá da Cafua ((risos))... aí que que acontece? tinha um cavalo ()... dessa largura ((gesto)) cavalo gor::do bonito... ele ti/tinha dirruBado... o Chico BARbino que era dono do cavalo e o piÃO que era o pião do cavalo também (...)

(...) aí trusse o cavalo pu esteio... aí o Dorado veio pra ajuda... falei não pode embora... **num quero que cê me ajuda não...** () tropa do curral... aí ficava só eu e o cavalo lá dentro né?... aí o caVAlo num quis andá cumigo... eu taquei as espora nos peito do caVAlo... num tirei as espora não... e o cavalo pu/ o cavalo era ruzio de preto... aí o cavalo pulo... ca/ paRÔ de puLÁ... é mais ou menos... tava BRANquinho de espuma ((risos)) aí eu saí né?... eu inté falei com o::: Chico () vô lá na minha casa nele... saí e fui... vortei desariei o cavalo ô... () cê pó mandá lavá o sangue... aí na pata do cavalo... e foi... aí né?... cabô a parte do caVAlo... agora tem uma... ess/ essa capaiz de num dá conta de contá ela tudo porue ela é muito antiga... é do... do meu aVÔ... o meu aVÔ... nós era tudo pequeno e meu pai era retireiro de faZENda...né? aí meu pai falo... **ó... se océis () num capiNarem... fazê as COI:::as...** eu num tenho prazo não... nós era três... era mesmo desse tamanho ((gesto)) e o oto era maior... aí meu vô foi né? (...)

(...) ele tinha uma Bíblia... a Bíblia dele era mais ou menos assim ((gesto))... umas Bíblia anTI:::ga né?... ele falou... **vem cá vô explicar pr'ocêis uma coisa... que ocêis...** eu num VÔ arcanÇÁ não... que eu já tô véio... **ocêis vai vê um caxote falá...** uai... vô... mas quê isso? **ocêis vão vê gente passá por cima d'ocêis avuanu...** num é pussive... ele falo... **ocêis vai vê MUI:::ta peSSO:::a dento dum caxote... cunversano... é televiSÃO é o RÁdio... é o avião quele falava... e... cumé que ele sabia qui ia sê ISso? né? iss/ isso é do meu avô... se tivesse aqui... ía tá com cento e vinte ano.**

(...) quando o dia clariou... ele correu lá pra vê ela no morão da porteira... tinha corrido uma bôrra preta no cordão da porteira abaixo... ele correu na casa do meu avô... e falô **vem cá pr'ocê vê...** matei um caria... quer vê?... aí nós dois ficô lá examinando aquela borra... e falando... óia... mas matô memo... **é o capeta me:::mo que cê mato... ta veno?** óia a bosta dele... óia o sangue dele aqui pro morão da porteira abaixo... é mais... os dois até () junto e falô... **oh cê matô memo?** o capeta... um caria... há mais essa raça de capeta... deve ser MUIto grande... mais ou menos desses... nós tá livre... esse capeta num vem mais aqui atentá mais ninguém... e os dois ficô naquela alegria me:::mo de tê matado o capeta (risos).

(...) mas o caso:::... o caso é o seguinte... () soNHOU... e ele sonhou que... foi pra pescada... e::: ele lá ia pro céu... aí foi subiu... subiu... subiu... () chegou na porta... São Pedro tava lá do lado assim... ele foi... chegô e pergunto... São Pedro... ô::: Pedro aqui é o céu... ele falo... é... e::: o que que a gente faz aqui?... **não... aqui ocê entra...** mas aqui nós só REza... aqui é só REza... aqui

é a ca/casa de DEus... ele foi e falo... escuta... mas onde que é o caminho do inferno?... **falô... o caminho do inferno... ocê torce aqui a esquerda... vai descendo... vai descendo (...)**

(...) e o bicho custou me sortá da minha perna... mais ele não me estragou a perna demais... porque ele era muito grande... os braços dele não dava pra ele fincá as unha muito grande ... e eu escapuli dele... e desci pra **BAIxo... tinha um vizinho lá que era o Tonzinho... fui... cheguei lá... Tonzinho... cê podia::: ele tinha lá três cachorro grande... GORdo deitado lá com as perna pra cima... cê podia me ajudá matá esse bicho (...)**

(...) aí... quando eu cheguei lá... o Joaquim Sirva... era nosso cumpanheiro... tava lá... o Joaquim Sirva pegô:::... pegô pinta cumigo... **ocê tá querendo fazer com essa porcari::a aqui? ()** isso não vale NAda... marrada de arame... o CiCInho tá dano tiro em capivara aqui de carabina... a capivara vai embora... **agora ocê com essa porcaria... não () ocê vai ver Joaquim...** a capivara vai apontá pra mim... e... eu vô dá nela um tiro... **cê vai vê uma coisa** e:: e:: é um tiro SÓ... aí eles riro... caçuarô... MUIto... tal... tal... (...)

(...) e a capiVArA pendeu rio abaixo... nós lá vai pra baixo... a capiVArA virô pra trás e apontô no meio... o Cicinho com a carabina deu nela um TI:::ro... e::: mais () ele erro... ela sumiu... eu falei pô cumpade Ricardo... Ô cumpade Ricardo nós tá bancando os bobo... a capiVArA apontô pus de CIma () pus do me::io... **eu mais ocê... tamô cá na ponta...** ela num aponta pra nois:... Ô::: cumPAde... carma... que essa capiVArA vai aponTÁ pra nós aqui ... tenha fé

nessa HOra... falei... ô cumpade... a hora que essa capiVAra a:::ponTÁ... **ocê vai pará essa () remo em PÉ e pára essa caNOa...** que eu vô mostrá o Joaquim Sirva... que... que... é uma espingarda marrada de arame (...)

(...) dei um tiro e:: rastei os dois tiro... dei dois tiro de uma veiz... e gritei... deu aquele grito... re::tumbô a berada do rio tudo... aí:: os cumpanheiro desceu... aí veio desceno... desceno... chegô o (Carlos) Ô::... aqui Sirva... eu pergunto... gritô de lá... ÔH::... Ricardo quem deu o tiro? ... **se FOi oCÊ... matô...** mas se for o RolDÃO... a capivara foi embora... falei... JoaQUIM... a capivara tá aqui no fundo (...)

(...) meu nome é Már:cio... eu nasci na roça... **e vô contá pr'oceis o que aconteceu** numa certa ocasião lá na roça (...)

(...) e o povo levô o negócio né... na mardade... na hora que a menina falô assim... uma ave-maria pá pombinha da Maria encabelá... es pensaro noutra coisa... **oi p'ôcê vê como é que é ... a mardade do povo né?** (...)

(...) é::... **eu vou contar uma história pra voCÊ:::** de um:: ((pigarro)) um:: DI::a qui nós fo::mos nós tinha um grupinho de oração... há... um oito quilômetro de CA::sas (...)

(...) aí... eu:: vim... vim embora... aí... só tava eu e um colega meu até::... rapaz já mais de ida::de... aí::... um dia... e falô assim comigo falo... **oh... cê quisé eu te levo ocê em casa...** falei assim NÃ::o... TÁ DOIdo... tô com MEdo

NÃ:::o... tô cum MEdo nenhum não... pra que isso? me leva em casa e ele pego... falô assim.. ah... então TÁ (...)

(...) Oh:::.... engraçado sô... () **cê credita que eu vendi um gado... um gado pro Nélío... hã... o tal de Nélío não me pagô... cê entendeu?... mas tem muito dinheiro... tem... muito dinheiro...tem muito dinheiro... tem muito dinheiro:::.... mas tá fazendo de bobo... cê entendeu?... espera aí que tá gravano... cê entendeu? o homem... o homem... vigarista malandro... é ... se eu dei ele a chance... mas e aí (...) é boa pessoa e tudo... cê entendeu?... é o Neião dentista... é ... () é agora... que eu não tô comprano... cê entendeu?... que eu vô partir pra copa e:::.... hã... vou partir pra copa e não tô () de gado... vou disputar mais uma e:::aquela bagunça... tô indo daqui a trinta dia... é ... e tem outro caso também... cê tendeu?... é::: o Né ... o Nélío é muito meu amigo... cê entendeu? mas... eu quebrei o galho dele... aquela bagunça danada mais... num tá dando... num tá dano pra mexer... o trem tá bravo... tá escarsado... num tá dano infelizmente... num tá dano... é... num vai dá não... é... vamu dá um prazo pra vê... e outro caso que eu tenho pra te contar... cê entendeu?... é ... é outro caso... é que teve uma vez é que es é... abriu a siderúrgica... cê entendeu?... abriu a siderúrgica... e eu tive lá procurando um serviço... na época que ela abriu quela brincadeira... aquela brincadeira... cê entendeu?... e o cara falou como é que é?... Caniggião... cê tem serviço... mas o que que é? tem... mas é pesado... e eu falei tem de quê?... o XL vereador... cê conhece ?... me explicou... tem na roda e tem de quebra ferro... eu falei não tem problema é pro Pedro meu irmão não é pra mim... cê entendeu?.... é... e não brincano lá... aquela brincaDEIra... então... eu é o Nélío me roubou o gado... cê entendeu? não... não... cê não**

tá entendendo... o Neião me roubou o gado ... robô sim... numa brincadeira...
 eu esperei ele... que ele até tem dinheiro... **não... não... mas isso num tem**
nada a ver... eu até eu... eu... cê entendeu? eu até pego algum serviço... é
não... é mas... é um serviço assim... eu não gosto de trabaia... cê tá
entendeno?... eu não gosto muito de trabaia... eu trabaio... mas é escondido...
 é::: porque::: eu acho que não paga bem entendeu?... **eu tenho vergonha...**
e::: ... não... não... num tem jeito não... cê entendeu? e... o... é... minha vi/
 ()... minha... eu tô até com um dinheiro aqui na Caixa EcoNômica... **é... eu**
tô com um dinheiro aqui na Caixa Econômica... é duzentos e vinte e seis...
pa/ vê se eu tiro... vê se eu tiro o dinheiro... e::: cê entendeu?... tiro esse
diNHEIro... NÃO... cê entendeu? ês tá catimbano... **cê chega não tem**
bloqueio ()... aquela bagunça danada... não tem bloqueio... eu tô
 gravando... aí num tem bloqueio e é tá difícil ... sei cume qui é:... vamu dá
 uma pausa pra vê então mais... agora eu num... eu até num tô comprando...
que eu vou disputar outra copa do mundo... cê entendeu? NÃ:::o... num
posso mais não... cê entendeu?... não... num posso mais não... num posso
 mais... não... num posso... num posso... tô fazendo um trem aqui:::... assim
 gravando... eu tô conversando com uma turma aqui na casa Dudu:::... Du..
 como é que chama o homem do patinho? é... ês tá aqui... a turma... eu cheguei
 aqui... **tô pruziano... são meus amigo... cê entendeu?** não mais... deixa eu te
 explicar o negócio né... assim não... mais foi isso mesmo que eu falei... porque
 ele falou que só tinha pesado... **eu falei que era pro meu irmão... cê**
entendeu?... () não... cê num tá me entendendo... o que eu quero falar...
cê num tá me entendendo... () cê pediu pra eu fazer um gravamento de
dez hora... cê entendeu?... eu num preciso disso... que eu sou muito rico...
cê entendeu?... sô muito rico... eu tô é disfarçando... porque eu tenho de

ladrão... () aquela bagunça entendeu? **e::: num dá não... eu nunca maiei...
cê me conhece (...)**

4 Trechos das narrativas rurais (10 informantes femininos):

(...) bom... eu acho que o mais importante é uma comunidade rural TER... a união... porque senão... nunca vai pra frente... NA:::da certo... e::: tenta trabalhar sempre em conjunto... acho que as críticas sempre HÁ como tinha uma Kombi lá de Camacho... a gente queria saber se ela podia rodar ou não... **a gente sabe que você pode rodar o mundo inteiro aonde você quiser...** mas como era transporte escolar... a gente queria sabe... se ele tinha uma licitação ou não... conseguimos acabá com... Camacho... assim no bom sentido e colocá Formiga (...)

(...) agora o segundo... eles escolheram um telefone público... porque o telefone público? porque LÁ... **se acontece alguma coisa aqui... como você vai avisar lá?... num TEM::: como você avisar?** num tem teleFO:::ne... num tem nada... então é uma área mais... restrita uma área que num::: tem comunicação nenhuma... somente o Ô:::nibus mesmo que vai uma vez por dia... só lá (...)

(...) que nem eu falei da FOS:::as... às vezes vai no Cór:::rego... eles jogam lixo no córrego... então o pessoal tá beBENdo daquela água... e essa água... ela é poluí:::da... uma vez até eu leVEI na/na... aqui acho que chama SAAD... pra:::pra verificar a água... pra ver se ela tinha qualidade realmente de poder

beBER... aí o pessoal falou assim pra mim... **olha... você tem que jogar cloro...** tudo na caixa... aí conversei... mobilizei e tô tentano fazer com que o povo enTENda isso... intenda que a água que a gente tem que beber é limpa (...)

(...) que nem falô agora da minha casa particular... a gente mora num pedacinho de terra... mas acho que **tudo que você faz... você tem que... mesmo sendo um pedacinho... cê tem que saber... como que você lida com ele...** então a gente tem lá um/um pedacinho que planta caFÉ:::... outro pedacinho do MI::lho... então acho que **se você plantar tudo direitinho...** tudo se encaixa... mesmo sendo pequeno... então a gente tá mobilizando isso... pras pessoas também... pra elas conseguirem fazer a... a/a/a/ as plantações... porque às vezes... muiita gente reclama... que num TEM... onde planTAR... mas será que num tem um cantinho... mas sempre tem um cantinho... eh::: outra coisa também que nem o do sindicato rural... ele ajuda MUIto... a populaÇÃÃO... por causa dos médicos... **então cê tano no sindicato rural... você consegue...** MÉdico... mais FÁcil... pra:::uma doENça... então... eles pagam o eXAmo muito mais fácil... e a gente vai lá pra ver se a gente consegue recursos também pra nossa comunidade...e ver o que que o sindicato pode fazer (...)

(...) pronto:::... é:::... vamu lá então... né?... **eu vô contá pra voCÊ...** uma viagem MUIto LO:::ca... que eu fiz... era carnaval do ano de noventa e oito (...)

(...) NUN:::ca mais eu volto... é MUIto ruim.... sair do sambódromo... as se:::te horas da manhã ... com:: fo:::me... vendo aquele povo passar dum lado pro outro disfilando... **e ocê sem tê o que fazer...** e ficá pulando igualzinho uma (abelha) tonta.... NO::ssa... não tá com nada (...)

(...) aí nois foi... muntô no cavalo... e saiu... levando o gado... aí... na estrada coRRI:::a... paRA:::va... passô um camiNHÃO... nois custô a fazer os gado encosta... nós deu CON:::ta... aí... depois nós foi andando... andando... andando... andando... LÁ::: na FRENte... tinha um gado nelore... aí meu vô foi... foi e falô assim... **NÃ:::o... Natália... cê vai ficá aí:::** e eu vou na frente pra tocar o gado nelore... **cê... olha aí... as vaca...** aí::: eu fui... toquei... deu tudo CERto... não deu nenhum problema... aí né? nós foi... e finalmente chegamo lá... aí tinha uma represa grandona lá... não ()... VÔ:::... eu quero nadar... aí né? nós foi... ()... aí meu vô falô assim... **NÃ:::o Natália... cê vai lá nadar...** que eu vou ficar segurando o gado aqui... **cê dá um pulinho lá... depois volta...** aí eu fui e voltei né?... aí eu fui lá... dei um pulo... naDEI:::... MUI:::to... fiquei queiMA:::da e meu vô tava lá com as vaca... aí... na hora de ir embora... é::: aí eu falei assim... não vô... então vamo guarda as vaca... vamo por elas no pasto... e na hora de ir embora () a vaca era muito encrenqueira né?... () num queria enTRAR na porteira de de jei:::to nenhum () aí meu vô foi... e falô assim... não eu vou lá e tocar elas... **cê fica aí na porteira...** não deixa ela saí não... aí... eu fui e falei assim... não... então ta... eu vou lá... eu vou ficar aqui... aí eu fiquei vigiando a porteira e a vaca veio com tudo pra cima de mim... aí eu fui... soltei a porteira e saí correndo... meu vô foi e falou assim... **NÃ:::O NaTÁlia... como CÊ É BURra... Ô CA-PE-TA... Ô DES-GRAMA...** que não sei o que lá... e começou a xingar:::... aí fui e falei assim...

aí... eu fui... e fiquei meia boba... aí... ele foi e falo assim... **É pr' oCÊ fiCAR aqui na porteira e cê LARga de ser devaVAGAR...** ta parecendo o Macarrão... **cê fica aqui na porTEIra** e não DEIxa a vaca sair NÃ::o... aí né?... ele foi lá pegá ela... eu não entendi nem mau... pensei assim... não deixa a vaca saí... quando ele passá pro pasto... ele vinha com a vaca... eu fui e fechei a porteira... ele falô assim... gente do céu... como tem pessoa que é BUR-RA DE-MAIS... NaTÁlia do céu... **eu mandei ocê feCHÁ a porteira** na hora que eu passá a vaca do lado de lá (...)

(...) foi um desespero... porque marido num tava em casa... só tinha caVAlO pra ir pra cidade... pra levar pra mode fazê operação nas perna do meu fio né? pra engessar né? aí:: e então... aí fui pros vizinho bati nos vizinho... deixei... esquici meu fio deitado lá na grama... esquici Dele... saí correno pra pedi ajuda... na hora que eu lembrei do meu fio falei... ah minha NOssa Senhora... a vaca tá sorta no pasto...vorTEI lá... aí... meu fiO... eu num dava conta de carregá meu FIO... porque meu Flo é GOR::do sabe... MUI::to gordo... aí... voltei lá... num tinha jeito mais... meu fio tava deitado... a VAcA sumiu... ela rebentou a cerca sumiu... aí falei... **ah... então cê fica aí...** que eu vô... vô prucurá os vizinho... pra vê se leva nós pro hospital... aí procuREI... procuREI... procuREI... achei um pra me levá (...)

(...) aÍ::: precisava dum/dum depósito pra interná meu fio... era quatrocentos reais... falei aí::: dona... tenha isso não... acho que o meu marido também tem não... ela falou... **ah... então... cê tá na área errada do hospitar...** que aqui é só particular... quando é... quando é de graça... é lá do outro lado... é SUS né? (...)

(...) a:::Í::: agora meu fio tem as perna torta... por causa do médico... eu nunca mais eu vi essa mé:::dico... porque::: num tenho dinheiro pra ficá indo na cida:::de né?.. **cê já viu como é que é né?** o salário num SO:::be... e o leite ta/ta/ta baRA:::to... meu... meu... meu marido tira LEI:::te né?... aí num teve jeito de nós vortá na cidade... mais tá bão né? que meu fio tá anDA:::no... num tá mui:::to ruim não né? (...)

(...) meu pai foi... falôo não... então daqui nós vai emBO:::ra... vão levá só seu vô... e sua vó lá... Natália... nós vai embora... porque nós tem que tá em ForMI:::ga... que amanhã cedo... **cê tem que::: levantá cedo... pr'ocê ir lá embaixo...** então ta... vou levar antes... aí meu vô... nós foi levá minha vó lá... no maior despidida... porque depois disso... eu num vo/é... muito difícil... eu voltar lá na roça do meu VÔ (...)

(...) **posso contar uma historia pr'oCÊS... de quando eu fui pra GuarapaRI?**... fui em Guaraparí... chego LÁ:::.... nós foi num *shopping* que tem lá... o *shopping* nem é GRAN:::de não... SAbe? (...)

(...)... eu falei ...ô moço... ajuda eu ... eu perdi do meu marido e tô DE-SES-PE-RA-DA... aí anunciaram meu nome... aí... pro... pra eu procurar meu marido num tal de balcão de informação... aonde que é IS:::so? Aí... o homem perguntou assim pra mim... **cê é mineira...?** falei SÔ uai... porquê?... () aqui dá muito mine:::ro né? eu falei é::: né... pois é... ele começô a conversá coMI:::go... meNI:::no... eu acho que ele tava era... sabe? é quereno é namorá eu... perguntô pra que que eu queria acha meu maRI:::do... **óia pr'ocê vê**

meNI:::no... aí eu peguei... Ô MOço... **cê num vai ajudá eu não?** eu tô precisando do meu marido... MUI:::to ME:::mo...eu tava quase chora:::no (...)

(...) eu falei... Ô Moço... tô precisano encontrar o balcão de informação... meu marido tá lá me espera:::no faz MUI:::to tempo... e eu tô com medo dele embora sem eu... que eu num sô daQUI:::.... aí... ele paro... falo... **cê é minei:::ra né?** falei SÔ::: sô miNEI:::ra... mas eu tô pricisano embora... já que eu tô ficano nervosa... aí ele pego... me levô no balcão de informaÇÃO... meu marido tinha saído de lá moço... ah::: meu Deus do céu... aí... eu pedi pra moça **ocês tava me chamano aqui:::.... que que é?**... meu marido tava me espera:::no? Falo... ah::: ele tava até agora minha senhora... agora ele já saiu daqui... **pois então cês anuncia...** que eu quero meu marido cumi:::go... eu tô com saudade de:::le... preciso de:::le... comecei chorá::: meni:::no desesPE:::ro... e a mocinha lá do balcão falô... NÃ:::o minha seNHOrá... precisa chorá não... vamo anunciar... anunciou... passou um pouqui:::nhô... chega meu mari:::do lá com aquela cara lava:::da... **aPOS:::to com cês...** que ele arruMÔ... um/a/uma pretinha naquele shopping... porque num PO:::de... o tanto que ele demorô... chegô briga:::no com eu:::.... falano que eu tinha suMI:::do (...)

(...) nós ía/ela ía descê um barranco da esco/ lá no trio aonde nós passava... pra chegá na cidade... lá em Iguatama... eu empuRRaVa ela lá embaixo... tanto estado nervo:::so... que ela numa moLEza... tava... DES:::ce Fabiana... esse barranco aí e ela aquela moleza... NOssa menina... **xô te pê/ ensiná ocê ser esperta...** empurrava ela lá embaixo no barranco... tadi:::nhá... quais matava ela... aí... ela ficô::: estudano nessa esCOLa... aí eu pedi a direTOra

porque tava mui diFÍ::cil... pra ela estudá assim todo dia... se ela num podia ir umas duas vez por seMAAna... pra vê () se ela aprendia só um pouco... a/aí a diretora falô nã::o mais tá mui difícil... **cê vai man/ () sexta-feira...** leva uns exercícios pra casa e na segunda-feira ela vem... e torna a levá... e os dia de PRO::va... ela::... ela vê::m durante a semana toda (...)

(...) nós ía na charre::te... eu levava o Fabinho pequenininho... enrolado nos Pano... porquê tanta poei::ra que ele chegava lá na... LÁ era... passava carro por nós no caminho assim... sujava ês tudo de poeira... ês tinha que ir enrolado... é lá pra escola pra num sujá a rou::pa e... e... quando tava choveno então mia fia... **cê precisa de vê...** enrolava nos pano e nos plástico ((risos)) era difícil demais (...)

(...) o Nê falava assim... **cê pra mim é DOIda(...)**

(...)quando eu invi::nha... tinha um/uns guarda no caminho... aí me parô... aí eu falei... ah moço... **cês faz duas murta pra mim...** uma de ida e outra de vorta porque num precisa de me pará na volta porque... eu vô só aqui no Pulo do Gato e vou vorTÁ... aí eu já num assino a outra que eu tenho que buscá meus menino (...)

(...) foi trem demais que aconteceu na minha infância... COIsa ruim demais hoj/... **cê sabe que eu amadureci foi aGOra...** eu depois dos meus trinta a::nos... se eu entrasse na escola... eu aprendia... quando eu tava na escola... quando... eu era criança... eu num aprendia... meus probrema foi TAN::to...

que eu não aprendi nada... sabe?... eu acho que **esta história foi boa pr' ocês** porque falô de infância né? (...)

(...) eu tenho DUAS irmã casada com dois irmão dele... ah:::... isso é que **eu quero contá pr' ocês...QUANdo** foi pra ele moRRER... ele sofreu de câncer... ficou uns::: cinco anos em cima da cama... CO:::mo o homem soFREU... co:::mo o homem soFREU... aí ele mandô chamá meu pai LÁ... meus irmão tudo falava... **NÃ:::o... cê num pode ir lá... cê num pode ir não... papai...** não... perdoa esse homem não... o que ele fez com o senhor... num vai lá não... torNAva a mandar chamar o papai lá... ele tava RUim demais... ele tava até com mau cheiro em cima da cama sabe?... aí meu pai foi lá... aí ele falô assim... oh seu Antônio... perdão do que eu fiz com o senhor... porque não tá deixando eu morrer e meu sofrimento é este... num tá deixando eu morrer... eu te peço perdão do que... do que aconteceu ... aí meu pai falô assim... se for isso o seu sofrimento... **você está perdoado... sabe? você está perdoado...** isso depois da faixa duns::: quin:::ze do:::ze anos depois que aconteceu isso sabe (...)

(...) então... nós não podia fumá na vista do irmão... do pai e da mãe... aí um dia... meu irmão falô assim... **se eu vê cê fuma... vô te chegá fogo den'da boca (...)**

(...) mas era uma moça até buNI:::ta pelo povo... falava... então falava assim... vai lá... tira aquele moço perto daquela moça lá... pra nós... nós num qué que eles dois namora... eu ia lá... tirava ele... chamava ele assim... ele saía

comigo... dançava aquilo... umas três valsa... largava ele de novo... ele tornava a sentá perto da namorada... tornava de novo... vai lá tira aquele moço perto daquela moça lá... sai dançano com ele... **vão vê se ele sai dançano c'ocê...** eu ía lá de novo... tornava a tirá... então falá uma pura verdade... eu era uma moça bonita to::do mundo... gostava de mim... (...)

(...) QUANdo fez seis meis... que eu tava namorando ele... meu pai tentô... pra mim casar com ele... então...eu cum muita cisma porque namorava há pouco tempo... **meu pai foi...conversô com ele...falô de famia BOa cê pode casá...inTÃO...continuemo o namoro...e caso (...)**

(...) OU... eu posso conta pr'ocês a história da... do dia... que eu fui no **SHOpping?** shopping né? shopping né? que fala... fui lá... com meu marido né?... (...)

(...) ama::rrô meu dinheiro lá dentro e.. PO::nho dentro do sutiã... porque põe dentro do sutiã... quem vai pegar dentro do meu sutiã?... () amarrei::: meu dinhei:::ro... chegô lá na loja... eu tirei... meu dinheiro... tava até quente... até quente... **eu falei oh... cê num arrepara não... porque eu guardo é...** assim memo... porque aqui... ninguém ME:::xe... ninguém rouba... meu dinheiro (...)

(...) Opa... bão né? BÃO... **óia a história que eu tenho conta pr'oCÊS:::...** pó contá a história da mia fia?... pois é... mia fia... cê num sabe o que aconteceu?... quans anos cê tem?... ah:::mia fia tinha dezesseis anos na época

sabe?... e:::la:::.... tinha um namoradinho... aí... ali pra cima... ali pra riba... namorado MUIto BÃO:: MUI::to jeiTA::do... eu fazia mó gosto... da miá fia namorá cum ele..... mas é um namo::ro... é um namoro muito saudá::vel sabe? (...)

(...) **miá/miá fia teve o neném... mas que graCI::nha... precisava vê... no mais... é... é a coisa MAis linda do mundo... o fio da minha fia... meu neto... ê chama José... mais::: o Zezi::nho é bunito demais... cê qué vê? depo/depois eu leva ocês lá pr'ocês vê... xô acabá de contá a história... mia fia teve neném/teve neném sem pai... o Zezinho (...)**

(...) nó... ele não tinha nem responsabilidade... né? coitado... num podia..... é num podia... num podia obrigá o menino não... né? oh:::.... foi eu que dei apoio pros dois:: ... os dois continuou namoRA::no... escundi::do... **e eu falei... ago:::ra cês namora direito... gora cês namora diREI::to** porque ó... mais um Zezinho a gente vai dá conta não.... passô uns tem:::po mia fia... num é que a mia fia aparece grávida de no::vo... ah... não:::.... num acreditei... ah::: eu num acreditei... eu falei... CO::mo que eu vô contá pro seu pai::: sua marDIta... CO::mo que eu vô falá pro seu pai que cê tá namora::no?... cum e:::le () aí::: fui contá pro pai dela... o pai dela virô::: uma onça... **aí falô ago:::ra cês casa... que eu num vô tê fia desonrada dentro de casa não... já foi desonrada uma veiz:::.... a segunda não (...)**

(...) mandou ele embo::ra... aí mia fia tamém foi embora...e tá nessa peleja... até ho::je... já faz... vai faze... para mais de dois a::no... que eu num vejo mia fia ...porue meu marido num qué deixá:: porque o marido dela é preguiçoso expis/expulsou ele daqui::... oh... mia fia... vê () cê num tem fio ainda não né?... pois é... cê cuidado... viu mia fia ? () e agora... eu descubri que tem uma tal de camiSInha né? que a gente Usa né? aí... a gente num fica grávida não... né?... é pois é... mia fia num conheceu isso não... aqui num deve ter chegado inda não né? porque eu vi na televisão... eles colocano na cabe::ça... aquilo lá deve ser MUI::to bão né? mai mió né?... pois é... agora mia fia pode namorá::... agora meu marido ficar de bem com a mia fia né? isso é um probrema... porque::...mia fia é muito boazinha tadinha... é muito inocente SA::be?... e os home passa ela pra trás:: passa memo... faz o que qué dela... eh::... coitada tenho muita dó dela ... () ficou de mal da mia fia até hoje ... () **cês vai lá na roça dela aGOra?... pois é... se ocês fô lá?...** fala pra ela que eu mandei um abraço pra ela... tá::? então é isso aí viu menino? Oh... e agora... esse tar de camisinha deve sê muito bão.... **quando cês for namoRÁ ...** usa essa tar de camisinha na cabeça porque parece que essa tar de camisinha é boa (...)

Ô:: Ana... Julião taí ... falei TÁ? fala pra ele pra vim cá... e esse Zé tinha pegado um::: negócio que eu tava venDEno... pegô e falô... vô vende:: **pr' ocê depois... cê pega** (até nois encontrá)... aí falô tá... vô lá fala com ele... eu pensei que era um Julião que morava lá em casa... que foi embora pra Santa Isabel... () aí nós começamo a conversar... e foi um ano que ti /lá é / rá/... dali a pouco... há uns quinze dias... havia semana santa... aqui... e depois da semana SANta a passagem de Nossa Senhora de FÁtima... essa aquela história

((tossiu)) e a passagem de Nossa Senhora de Fátima... aí ele começou a conversar comigo e eu falei assim... até hoje nois () **como cê vai de amor?** eu falei... vou bem... não era pra falá bem... era mar né ? aí eu fui (voltei) ((risos)) volTEI ele falou... **aí... cê vai bem?** eu falei... bem mal ...() bem mal... aí então tá bom... **cê vai na semana santa?** VÔ:::... depois vem a outra festa tamém... aí nos conversamo... conversamo... e eu saí junto com ele... aí todo mundo achô bão (...)

(...) o Totonho paRÔ e falo... Ô mãe... eu tô::: com... tô com muita dó da tia Dezi... () da tia Dezi ficá... só com aquele menino doENte... aquele menino tá ruinZInho... eu vô vortá lá... vô trazê ela... POde? ela falô assim... uai pode Totonho... é bom... **até acho melhor cê fazê isso...**é uma caridade... aí ele vorTÔ (...)

(...) fico durinho iguale um pau... dia de SEte dia... ele começô a bambiá os nervo... ainda precisava escorá o travisseiro até em cima assim... pra podê fazê o mingau pra e:::le... senão ele caía de costa... primeiro arrancou... que ele deu... caiu pra trás... até eu falei com ele assim... **JuveLI:::no... cê pensa qui/qui... tétano é só de constipação?** (...)

(...) Moro... aqui em Santana né?... éh:::... aqui::: houve um... um FAto aqui cumigo... eu invinha do serVI:::ço... quando eu passei debaixo du/du/ duma arve... duma arVI:::nha... assim quase escureCEno... éh... caiu... éh...caiu uma assombração... da () mau espírita... () um espírito MAU... caiu um niGRI:::nho... ele era nigrinho... pelaDI:::nho... éh... caiu em riba da minha cabeça... caiu em riba de mim... e me agaRRÔ... e me derruBÔ... e falô...

senhora sabe dançá boLE::ro?... falei... eu num sei não... **creio em Deus Pai d'ocê...** e vai e arremedô... **creio em Deus Pai d'ocê... cê sabe dançá peneira?**... eu num sei não... e/e/então eu vou te ensiná... eu tava na peneira... eu tava penerano... sacudi a cabeleira na balança da peneira... é a bossa nova... não qué que é? (...)

(...) é da quaresma.... escutou aquela baruLHAda... foi LÁ... tava a roupa do homem lá... e ele tinha sumido... mais tarde... à noite que ele chegou... fuLANO... **onde que ocê FOI fulano?**... ah fui dá uma volta por aí (...)

FOTOS DA CIDADE DE ARCOS (MG)

Foto I: Vista parcial da cidade

Foto II: Matriz de N. Sra. da Carmo

Foto III: PUC Minas Arcos

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA: BELO HORIZONTE/ARCOS (MG)⁵⁶

⁵⁶ QUATRO RODAS: guia de estradas. São Paulo, 2008, p. 41.